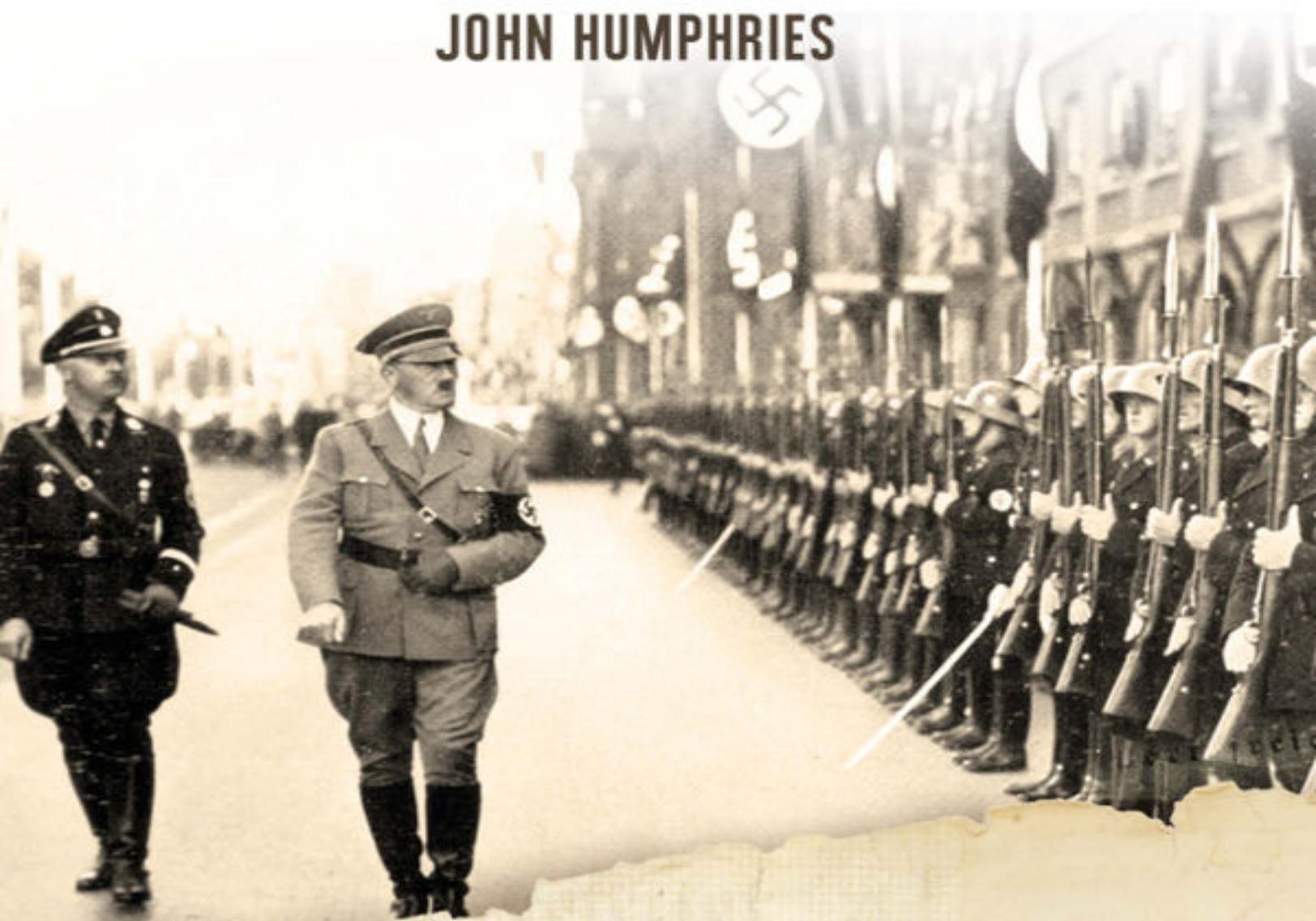


JOHN HUMPHRIES



**o espião de**  
**WITTLER**

Um *thriller* empolgante baseado em fatos reais

UNIVERSO DOS LIVROS

59615



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

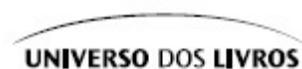
# **o espião de HITLER**

Universo dos Livros Editora Ltda.  
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606  
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP  
Telefone/Fax: (11) 3392-3336  
[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)  
e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)  
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

**JOHN HUMPHRIES**

**o espião de  
HITLER**

São Paulo  
2015

**UNIVERSO DOS LIVROS**

**Copyright** © 2012 by John Humphries. All rights reserved.

**Copyright** © 2015 by Universo dos Livros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça, Letícia Nakamura e Rodolfo Santana**

Tradução: **Mauricio Tamboni**

Preparação: **Luís Protásio**

Revisão: **Jonathan Busato e Raquel Siqueira**

Arte: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**

Capa: **Valdinei Gomes**

Foto de capa: **Photo12/UIG via Getty Images**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

H912e

Humphries, John

O espião de Hitler / John Humphries ; tradução de Mauricio Tamboni — São Paulo : Universo dos Livros, 2015.

352 p. : il.

Bibliografia

ISBN: 978-85-7930-857-4

Título original: *Spying for Hitler*

1. Guerra Mundial, 1939-1945 2. Serviço secreto 3. Alemanha – História 4. Espiões 5. Hitler, Adolf, 1889-1945 6. Nazismo I. Título II.

Tamboni, Mauricio

15-0540

CDD 940.54850941

---

# Sumário

	Prefácio
	Índice de pessoas na narrativa
	Introdução
<b>Um</b>	Operação Crowhurst
<b>Dois</b>	País de Gales preparado
<b>Três</b>	O interrogatório
<b>Quatro</b>	Se o invasor vier
<b>Cinco</b>	Double-Cross, Filatelia e submarinos
<b>Seis</b>	A ligação cubana
<b>Sete</b>	A chave da mala diplomática
<b>Oito</b>	A confissão
<b>Nove</b>	Dentro da rede de espionagem de Alcazar
<b>Dez</b>	O comboio de malta e o naufrágio do Ark Royal
<b>Onze</b>	O homem do Brasil
<b>Doze</b>	As conseqüências
	Conclusão
	Bibliografia selecionada

*A Eliana, por suportar minha curiosidade  
obsessiva*

# PREFÁCIO

**ESTE RELATO FOI COMPILADO**, em grande parte, com base na leitura atenta de arquivos liberados pelo Serviço de Segurança Britânico no Arquivo Nacional, em particular TNA, KV 2/468 (outubro de 1939 – agosto de 1942). Trata-se da narrativa do aliciamento, operado pelo MI5, de Gwilym Williams, um nacionalista galês fanático recrutado para se infiltrar no Serviço de Inteligência Militar Alemão (a *Abwehr*) durante a Segunda Guerra Mundial. Outras informações provêm dos diários operacionais do *Abwehr* capturados pelos americanos ao final da guerra. O autor agradece a James Muir pela ajuda com as traduções. Os West Glamorgan Archives ofereceram informações valiosas sobre a política de Williams até sua aposentadoria, em 1939. O *Western Mail* possui uma das poucas fotografias ainda existentes de Williams.

As histórias das atividades de espionagem de Owens, ocorridas tanto antes da guerra quanto durante os anos entre 1939 e 1942, são expostas nos arquivos TNA, KV2/444-453, em particular nos itens KV 2/446, KV 2/450, KV 2/451. “Snow” (codinome de Owens) também é mencionado em KV 4/283, arquivo que aborda, essencialmente, o uso de camuflagem para proteger instalações militares de sabotadores.

A viagem do *Josephine* e a chegada de três sabotadores cubanos ao País de Gales é descrita com detalhes em KV 2/546. Exemplos da suposta atividade da Quinta Coluna na Grã-Bretanha durante os anos da guerra aparecem em KV 6/50 e NF 1/257. As confissões de agentes alemães interrogados no Camp 020 são encontradas em KV 4/99; para questionamento detalhado do espião espanhol Luis Calvo, ver também KV 2/268.

Além de oferecer um excepcional *insight* diário da divisão de contraespionagem, os diários de Guy Liddell, Volumes 1 a 6, em TNA, KV 4/185 a KV 4/190, registram os movimentos de Williams e Snow por esse mundo clandestino. O que falta é a pasta contendo a identidade do outro agente do MI5 em Gales, cujo codinome era "WW". O fato de essa pessoa existir fica claro a partir de várias referências do arquivo de Williams.

Apesar de nem os arquivos de Owens nem os de Williams estarem completos, em grande parte eles não foram afetados pela censura, o que tem mais relação com a passagem do tempo do que com qualquer outro fator. Depois de quase setenta anos enterrados nos arquivos, não apenas a equipe morta, mas qualquer risco colateral à segurança já se desfez.

John Humphries  
*Tredunnoc, Gwent*  
*Março de 2012*

# ÍNDICE DE PESSOAS NA NARRATIVA

Anton, Natasha	Amante russa de Luis Calvo
Bade, Lily	Amante de Arthur Owens
Blunt,Anthony	Oficial do MI5 e espião soviético
Brugada	Diplomata, membro da rede de espionagem espanhola
Burton, Maurice	Operador de rádio de Owen no MI5
Burgess, Guy	Produtor da BBC e espião soviético
Brooman-White, Richard	Oficial do MI5 responsável pela seção de Movimentos Celtas
Biscuit	Agente duplo Sam MCarthy do MI5

Calvo, Luis	Jornalista falangista, membro da rede de espionagem da embaixada espanhola
Canaris, Wilhelm	Diretor da <i>Abwehr</i> , a Inteligência Militar Alemã
Caroli, Gosta	Agente da Double-Cross que recebeu o codinome "Summers" pelos britânicos
Celery	Agente Walter Dicketts da Double-Cross
Cottenham, Lorde	Setor de documentos e viagens do MI5
Christensen	Nome usado por Starziczny para entrar no Brasil
De Velasco, Alcazar	Membro da imprensa falangista da embaixada espanhola e líder de uma rede de espionagem
Del Pozo, Miguel	Jornalista falangista, membro da rede de espionagem espanhola
Daniel, J. E. Professor	Presidente do Plaid Cymru, 1940

Davies, Revd G. M. L	Desertor dos galeses presos
Duarte	Codínome de Dobbler, agente da <i>Abwehr</i> em Lisboa
Evertsen, Cornelius	Capitão holandês do <i>Josephine</i>
Ford, Major	Agente de ligação do MI5 em Gales do Sul
Frederico	Codínome do agente Madrid da <i>Abwehr</i>
GW	Codínome para o agente Gwilym Williams da Double-Cross
Gwyer, John	Oficial do MI5
Harris, Mrs.	Amante de Del Pozo
Hechevarria, Pedro	Sabotador cubano em Gales
Hinchley-Cooke, Edward	Oficial do MI5
Lewis, Saunders	Fundador e ex-presidente do Plaid Cymru

Liddell, Guy	Controlador da divisão B do MI5, contraespionagem
Lloyd George, David	Primeiro Ministro Britânico liberal durante a Primeira Guerra Mundial
Marriott, John	Oficial do MI5, secretário do Comitê dos Vinte
Masterman, John	Presidente do Comitê dos Vinte, Sistema Double-Cross
Owens, Arthur Graham	Agente "Snow" no Sistema Double-Cross, "Johnny" na <i>Abwehr</i>
Owens, Jessie Arthur	Primeira esposa de Owens
Owens, Patricia Arthur	Filha de Owens, estrela de cinema
Owens, Robert Arthur	Filho de Owens
Pablo	Codinome do agente Madrid da <i>Abwehr</i>
Pasoz-Dias,	Sabotador cubano em Gales

Nicholas	
Petrie, Sir David	Diretor Geral do MI5, 1940–1945
Philby, Kim	Agente responsável pelo MI6 na Península Ibérica e espião soviético
Dr. Rantzau	<i>ver</i> Ritter
Robertson, T.A.	Controlador, Sistema Double-Cross
Ritter, Nikolaus	Controlador da <i>Abwehr</i> , contraespionagem, Hamburgo
Robles, Silvio Ruiz	Sabotador cubano em Gales
Rothschild, Lorde	Diretor da seção de contrassabotagem do MI5
Samuel, Wynne	Organizador do Plaid Cymru em Gales do Sul
Segundo Porter	Embaixada espanhola
Snow	<i>ver</i> Arthur Owens
Starziczny, Josef	Agente no Rio de Janeiro

Abwehr	
Stephens, Robin, Lt-Col	Comandante do centro de interrogatório do Camp 020
Stewart, Samuel	Agente de linha de transporte, suspeito do MI5
Tate	Agente duplo Wulf Schmidt do MI5, Leonard da <i>Abwehr</i>
Trautmann, Werner	Controlador de rádio da Abwehr, Hamburgo
Tricycle	Codinome do MI5 para o agente Dusko Popov, da Double-Cross
White, Dick	Oficial do MI5, vice-controlador da Divisão B
White, Hilda	Segunda esposa de Arthur Owens
Williams, Gwilym	<i>ver</i> GW
WW	Codinome para um agente não identificado do MI5 em Swansea

# INTRODUÇÃO

**A SUSPEITA DE QUE ALGUNS NACIONALISTAS GALESES** colaboravam com os nazistas lança, no final da Segunda Guerra Mundial, uma sombra sobre um movimento político que caiu no ostracismo por declarar neutralidade e por defender uma oposição consciente. Ainda persistem rumores vagos a respeito de simpatizantes pró-Alemanha (um professor visitante de uma universidade em Cardiff e um gerente de fábrica alemão) que recrutavam nacionalistas descontentes para se tornarem agentes nazistas.<sup>1</sup>

“Poetas debaixo da cama” foi uma expressão cunhada por críticos cientes dos nove meses que Saunders Lewis, fundador e líder do partido político Plaid Cymru, e dois outros, o reverendo Lewis Valentine e D. J. Willians, passaram na prisão em 1936, após atarem fogo a prédios no local da Escola de Bombardeio da Força Aérea Real em Penyberth, na Península de Ll n. Porém, em vez de esse gesto dramático – em defesa de uma das “casas essenciais da cultura, do idioma e da literatura galeses” – tornar-se um modelo para outras ações diretas, o nacionalismo foi visto por alguns como tendo se fechado em sua concha cultural até um novo momento de definição, o Tryweryn, protesto contra a inundação, em 1966, da vila de Capel Celyn e cujo objetivo era construir uma represa para abastecer Liverpool. Embora ambos os eventos tivessem apoio público genuíno, eles revelavam a política estagnada – neutra ou pacifista – que o partido adotara quando a Grã-Bretanha declarou guerra, em setembro de 1939 – e que provocara condenações, especialmente nas partes mais anglicanas de Gales.<sup>2</sup>

A maioria dos nacionalistas escolheu lutar em 1939. Porém, aqueles como Lewis, que se posicionavam contra a “guerra inglesa”, viram-se criticados por se recusarem a resistir a Hitler e Mussolini, por tolerarem o antissemitismo e por apoiarem Franco. Os oponentes políticos consideravam que Lewis tinha um histórico. Afinal, não era ele apaixonado pela ideia de criar um “País de Gales galês”, no qual a língua seria o único meio de educação desde o ensino primário até a universidade? Não era ele quem defendia a desindustrialização de Gales do Sul e um retorno à terra, após uma década durante a qual meio milhão de pessoas deixaram Gales para escapar da economia desfavorável e da tensão social em escala, a ponto de convencer o governo a propor a transferência de toda a população de Merthy às mais prósperas Midlands?<sup>3</sup> Ao recusarem distinguir o nacionalismo cultural de Lewis e o nacionalismo racista do Partido Nacional Socialista de Hitler, seus mais fervorosos críticos buscavam rotulá-lo como fascista pelo fato de certa vez ter expressado admiração pelos esforços de Hitler no sentido de criar uma pátria alemã.

Os nacionalistas galeses pró-neutralidade defendiam, conforme exposto por Saunders Lewis, que a Segunda Guerra Mundial era uma guerra inglesa e uma extensão da Primeira Guerra Mundial. Ademais, o País de Gales, como nação, tinha o direito de decidir com independência sua atitude em relação ao conflito e rejeitar o recrutamento para as forças armadas de outro país. Lewis acreditava que a única forma de provar que Gales existia seria parte de seu povo agindo como se o país existisse.

A posição oficial do Plaid Cymru no iminente início das hostilidades foi explicitada por Lewis em seu último discurso como presidente, em um encontro público em Bangor, na véspera do National Eisteddfod de 1939, em Denbigh. Seu discurso acompanhou a Escola de Verão do Plaid, o que, declarou Lewis, “revelava uma unanimidade impressionante em todas as classes”. Em seu artigo, o *Western Mail* reportou que o presidente do Plaid Cymru teria afirmado que o nacionalismo galês conhecia suas ideias e seus princípios, e que não havia mais possibilidade de hesitar ou

permanecer indeciso. Ao concordar com uma doutrina revolucionária, dizia Lewis, o partido não estava apelando para a violência. Isso apenas significava que os nacionalistas galeses possuíam um corpo de princípios que alteraria fundamentalmente todo o caráter da vida social, política e econômica no País de Gales. De acordo com o *Western Mail*, as palavras finais de Saunders Lewis como presidente foram:

Hoje é nossa obrigação, como nacionalistas galeses, opormonos às demandas militaristas e totalitárias do Estado inglês sobre os direitos da Nação galesa. Isso requer coragem, requer que sofram, que coloquemos em risco nossa subsistência e que encaremos incertezas e pobreza. Requer que os jovens recrutados do País de Gales conscientemente recusem as demandas do militarismo inglês em suas vidas. O Governo Imperial de uma nação não tem o direito moral de tomar a juventude galesa e forçá-la a manter o poder do Estado inglês no continente europeu. É papel da Inglaterra decidir se isso é certo e justo, mas é papel do País de Gales dizer que as políticas de poder não têm qualquer papel na lealdade e serviço galeses.<sup>4</sup>

Embora o nacionalismo galês tenha inicialmente sido pensado como uma base válida para repudiar o serviço militar, apenas quatorze homens ofereceram essa justificativa como motivo para sua oposição. Desses quatorze, seis passaram um breve período na cadeia. A maioria dos nacionalistas usava, como justificativa, bases religiosas, incluindo Gwynfor Evans – que, depois da guerra, tornarse-ia o presidente do Plaid Cymru que passou mais tempo em atividade. Das 156 pessoas do País de Gales detidas como possíveis desconhecidos perigosos, a maioria era da Alemanha, Itália e Áustria, ou descendentes imediatos.<sup>5</sup>

A ansiedade do governo acerca do sentimento antiguerra no País de Gales era alimentada pela falha do Ministério da Guerra em reconhecer a posição particular de Gales como uma nação distinta e não como simplesmente parte de uma área geográfica maior que

estava em guerra. Isso, de acordo com Clement Attlee, o ex-Primeiro Ministro, oferecia “pólvora e balas para os nacionalistas galeses extremos, que são maliciosos e tendem a se posicionar contra os esforços de guerra”. A preocupação política era tamanha que, depois de receber os membros do parlamento escocês, Attlee pediu ao Ministério para emitir uma diretiva a todos os departamentos do governo afirmando que os galeses deveriam ser adequadamente representados em todos os comitês, conselhos consultivos e corpos similares. Os recrutas que falassem galês deveriam ser colocados em unidades galesas e, exceto no caso de excessões de segurança, deveriam receber o direito de trocar cartas em sua língua. Nessa época, todavia, os nacionalistas “maliciosos” já haviam sido taxados por suspeita e hostilidade, restringidos a se encontrarem em ambientes privados e escondidos.<sup>6</sup>

Ocasionalmente, a hostilidade pública surgia em lugares abertos. Um encontro do Plaid Cymru em Fishguard, no qual o reverendo Lewis Valentin repetiu a demanda do partido pelo Estado de Domínio dentro da Commonwealth britânica, foi abandonado quando confrontado por uma multidão hostil e gritos de “Sim, os Domínios estão ajudando o País-Mãe em sua hora de necessidade, mas vocês só estão tentando atrapalhar”. Estudantes favoráveis e contrários à guerra entraram em conflito na University College of Wales, Aberystwyth, sendo que os primeiros arrancaram e rasgaram pôsteres pacifistas. O professor J. E. Daniels, que sucedeu Saunders Lewis como presidente, foi forçado a defender a posição do partido no *Western Mail*, que acusara o Plaid de “proferir o mais pestilento lixo” e a seus membros de buscarem dispensa justificando que a guerra era totalmente estrangeira a Gales e não “quimicamente pura, cem por cento galesa”. Apesar desse ataque, Daniels permaneceu firme, reiterando que a guerra era um choque de imperialismos com o qual Gales e outras pequenas nações não tinham nada a ganhar, mas tudo a perder:

Ele [o partido] desde o início defendeu, e continua defendendo, uma paz negociada como a melhor solução para o dilema europeu. Não aceita a visão popular inglesa de que essa guerra

é uma cruzada da luz contra a escuridão; não admite o direito da Inglaterra de recrutar galeses para seu exército ou de enxergar em Gales a obrigação de ajudar Londres a derrotar Berlim.

Agora, porém, que a política inglesa colocou Gales na linha de fogo e nos expôs aos perigos tanto do ataque alemão quanto de um bloqueio e um ataque de pânico dos refugiados ingleses, que são milhões, nenhum partido que coloca em primeiro lugar os interesses e a proteção de Gales poderia permanecer passivo sem abandonar seus princípios.<sup>7</sup>

A posição de neutralidade causou profundas divisões dentro de um partido que, em 1939, tinha aproximadamente 2 mil membros e um apelo eleitoral mínimo. Em contraste, o Partido Trabalhista, com quase metade das cadeiras no parlamento e 45% dos votos, conquistava aspirações da classe trabalhista e alguns especulavam se uma vitória alemã poderia ser o melhor resultado para um país que ainda estava se recuperando da catástrofe imposta pela Grande Depressão. A resposta do governo à ausência do fervor patriota selvagem, que houve na convocação para a guerra em 1914, foi promover o conflito como "A Guerra do Povo".<sup>8</sup> Da forma como as coisas se deram, a guerra e a demanda por armamentos de fato mudariam a paisagem econômica de Gales.

Embora a influência do nacionalismo político fosse insignificante, a lealdade natural permanecia profundamente incorporada à alma galesa. Combinado com a dificuldade social e as conversas derrotistas, esse cenário era visto como potencialmente explosivo por aqueles que precisavam unir o país para um conflito que muitos ainda acreditavam ser necessário. O medo de que a Alemanha pudesse tentar explorar desafetos e recrutar colabores em meio à população alienada não era sem precedentes. Não havia sido este o caso entre as populações falantes do alemão na Áustria e na Sudetenland Tchecoslovaca antes da anexação? Não estaria a propaganda alemã direcionada no sentido de cultivar ligações com os nacionalistas bretões ao prometer autodeterminação e a

restauração de sua língua em troca de uma colaboração contra o governo francês que sistematicamente suprimia o bretão?<sup>9</sup>

Essas preocupações literalmente explodiram na porta da Grã-Bretanha à véspera da guerra, quando, entre janeiro e julho de 1939, sabotadores do IRA lançaram uma campanha de atentados em Londres, Birmingham e Manchester contra alvos civis, econômicos e militares. Um casal irlandês que visitava regularmente o País de Gales carregava uma pasta cheia de explosivos, detonadores e fusíveis quando foram presos em Goodrich, Pembrokeshire, enquanto a explicação de que Jim O'Donovan, arquiteto dos atentados a Londres, havia visitado a Alemanha naquele ano para comprar explosivos convencia nacionalistas irlandeses do MI5 a entrarem na guerra como quinto-colunistas. Porém, os irlandeses encontravam-se divididos – a maioria apoiava os aliados; os Garda aproximavam-se do IRA – antes mesmo de a guerra começar. E, quando ela foi declarada, o governo de Eamon de Valera arriscou colocar em jogo a neutralidade de seu país ao permitir uma grande medida de cooperação discreta, entre as inteligências irlandesa e britânica, para combater a espionagem alemã.<sup>10</sup>

O fato de a inteligência militar alemã (a *Abwehr*) tentar forjar ligações com grupos nacionalistas foi confirmado ao MI5 por seu agente duplo, o galês Arthur Graham Owens (codinome "Snow"), quando ele foi instruído pela *Abwehr* a identificar um nacionalista galês fanático para orientar a campanha de sabotagem na Grã-Bretanha.<sup>11</sup> A partir daquele momento, o serviço de segurança viu uma oportunidade de explorar a visão exagerada que os nazistas tinham do sentimento anti-inglês dos galeses. Afinal, o MI5 também via o nacionalismo como um campo fértil para possíveis colaboradores e, por esse motivo, havia plantado um agente no País de Gales já no início de 1938, para ficar de olho nos "maliciosos" galeses.<sup>12</sup> Em vez de permitir que a *Abwehr* encontrasse um traidor verdadeiro, o MI5 prepararia alguém para fazer o papel de nacionalista galês extremista, cuja missão seria abrir um canal para um desmantelamento estratégico ao transmitir informações

britânicas falsas e minar o esforço alemão. O homem escolhido para o papel foi o inspetor de polícia aposentado de Swansea, Gwilym Williams (codinome GW).<sup>13</sup> Seu controlador era o Major T. A. Robertson, chefe da B1A, ou Sistema Double-Cross, um setor recém-formado dentro da divisão de contraespionagem do MI5, concentrado em “converter espiões inimigos capturados, convidando-os a escolher entre tornarem-se agentes duplos britânicos ou serem executados”. Já tendo espionado para a Alemanha antes da guerra, Owens foi o primeiro recrutado pelo Sistema Double-Cross. Williams tornou-se o segundo.

Quais papéis, então, Williams e Owens tiveram exatamente na guerra da espionagem? Isso permaneceu em segredo por mais de sessenta anos, com a exceção de um ou outro vazamento ocasional por trás de relatos fantasiosos de supostas traições galesas. Ao final da guerra, a resposta automática dos serviços de segurança – sendo o MI5 responsável por contraespionagem em seu país natal e seu irmão mais novo, o MI6, por questões além do limite de dezenove quilômetros – foi trancafiar seus segredos para sempre, inibindo, desse modo, relatos da Segunda Guerra Mundial ao negar acesso a uma dimensão faltante.<sup>14</sup> Não restou, portanto, aos internos do MI5 e do MI6 outra forma de lograr a Lei dos Segredos Oficiais senão camuflar suas experiências na forma de ficção.

Os serviços de segurança foram incapazes de enterrar totalmente seus segredos – afinal, não tinham controle sobre o que os outros países faziam. Quando registros de arquivos da Alemanha e da Itália começaram a aparecer, uma comparação com as respostas britânicas simultâneas apontava para a existência de ligações faltantes, como os decifradores de códigos de Bletchley Park e o Sistema Double-Cross, os quais haviam permitido que a Grã-Bretanha permanecesse muito à frente do inimigo.<sup>15</sup>

Se o MI5 quisesse proteger as identidades dos agentes, assim como seu passado, presente e futuro, um plano cuidadoso se fazia necessário no sentido de afastar os interesses dos mais profundos segredos, como o Ultra – a inteligência obtida a partir da quebra de códigos criptografa-dos provenientes do rádio do inimigo. O engano

estratégico praticado pelo Sistema Double-Cross e pelos 120 agentes que seguiram Owens e Williams estava escudado naquele poço profundo de inteligência por serviços de segurança, quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim e a Guerra Fria começou a empregar as mesmas táticas.<sup>16</sup>

Muito embora o serviço secreto percebesse que suas salvaguardas estavam sendo corroídas pela pressão pública por maior escrutínio, várias décadas ainda viriam a se passar antes de documentos sobre a espionagem de guerra serem liberados – e isso só aconteceu com a condição de que métodos e recursos específicos fossem omitidos. A caneta do censor continuou a ofuscar o material mais sensível, às vezes a ponto de neutralizar o que finalmente surgiu e tornar os documentos quase inúteis.

A cortina foi inicialmente erguida não por um historiador, mas por um romancista chamado Duff Cooper, ex-Ministro da Informação no governo de Churchill. Seu romance *Operation Heartbreak*, de 1950, contava a história da Operação Mincemeat e a descoberta de um corpo em uma praia espanhola carregando documentos que sugeriam que a Grécia, e não a Sicília, era o local pretendido para a segunda frente dos Aliados. Isso abriu as portas para a história de Ewen Montagu, *O Homem que Nunca Existiu*, de 1953.

Jamais se poderia esperar que o homem que romperia o véu do sigilo fosse John Masterman, um fidalgo de Oxford e diretor do Comitê dos Vinte, árbitro final de quais informações os agentes da Double-Cross poderiam revelar para enganar os alemães. Ao final da guerra, Masterman retornou ao Christ College, Oxford, para lecionar história. Porém, antes de fazer isso, foi convidado a produzir um pequeno relato do Sistema Double-Cross estritamente para apreciação interna do MI5. O documento original permaneceu confidencial até 1999, mas tão logo Masterman retornou à academia, ele expandiu suas memórias em *The Double-Cross System*, publicado em 1972, apesar dos fortes esforços do MI5 para censurar a obra. Temendo que a publicação pudesse desencadear uma debandada de outros informantes para perto dos editores, o serviço de segurança pressionou para que Masterman fosse

condenado. A decisão final foi parar na mesa do então Secretário das Relações Exteriores, Sir Alec Douglas-Home, que fora aluno de história de Masterman no Christ College e que posteriormente recordou:

Deixe-me contar-lhes algo extraordinário sobre J. C. [Masterman]. [...] Vocês não vão acreditar, mas, quando eu era Secretário das Relações Exteriores, eles tentaram prendê-lo. Na verdade, tentaram me fazer prendê-lo. Por causa daquele seu livro. Tanto o MI5 quanto o MI6 estavam decididos a impedir que ele publicasse [a obra]. O MI5 levou o caso ao Ministro do Interior, que o repassou para mim. Recusei prontamente, devo dizer. Prender o melhor jogador de críquete amador da Inglaterra? Eles só podiam estar loucos!<sup>17</sup>

O livro de Masterman coincidiu com a publicação de uma obra nos Estados Unidos. Em *The Game of Foxes* (Bantam: Nova York, 1973), o escritor americano nascido na Hungria, Ladislas Farago, trabalha com o assunto muito mais amplo da espionagem na Segunda Guerra Mundial. Seu relato sobre os mistérios, em parte composto por reconstruções, apoiava-se fortemente em um tesouro oculto composto por documentos alemães encontrados em um armário de metal enferrujado no National Archives em Washington DC, em 1967, incluindo os supostos "diários" da *Abwehr*. Eles continham uma entrada de Nikolaus Ritter (codinome Dr. Rantzau), chefe da contraespionagem na Ast (estação) da *Abwehr* em Hamburgo, dizendo que ele pagara a "William, líder dos nacionalistas galeses", o equivalente a quase 100 mil libras (em valores equivalentes ao ano de 2011) em Reichsmarks para financiar uma campanha de sabotagem.

Diante da revelação liberada paulatinamente, os serviços de segurança buscaram uma solução para aquilo que alguns talvez enxergassem como a sabotagem final da Segunda Guerra Mundial – histórias oficiais escritas com a condição de que as informações mais sensíveis fossem omitidas!

Somente após a liberação dos arquivos ligados a Owens (codinome Snow) e Williams (codinome GW), tornou-se possível reunir um relato autêntico da contribuição do País de Gales às operações do MI5 durante a Segunda Guerra Mundial. Mais recentemente, os diários dos tempos de guerra de Guy Liddell, chefe da Divisão B responsável por contraespionagem, também entraram em domínio público. Compondo um registro intrigante das operações cotidianas do serviço secreto, esses diários também testemunham a desenvoltura e a coragem dos agentes galeses ao infiltrarem-se na inteligência militar alemã. Os rumores de colaborações nacionalistas eram quase certamente alimentados pelo enorme sigilo que cercava as atividades clandestinas desses dois homens.

David Kahn, *Hitler's Spies: German Military Intelligence in World War II* (Londres: Macmillan, 1978), p. 273.

John Davies, *A History of Wales* (Londres: Penguin, 1994), p. 592; R. Merfyn Jones, "Wales and British Politics 1900–1939", in Chris Wrigley (ed.), *A Companion to Early Twentieth Century Britain* (Londres: Blackwell Publishing, 2002), [Capítulo 6](#).

John Davies, *A History of Wales*, 1994, pp. 592–3, 598–9, 610–11.

Ibid, pp. 574, 581–2; *Western Mail*, Discurso de Saunders Lewis em Bangor, "Welsh 'Revolution' aims, defined by leader of Nationalists", 5 de agosto de 1939, p. 8.

The National Archives (TNA), HO 382, 396, 405 (alien Papers and index cards): P. Kershaw and M. Pearsall, *Immigrants and Aliens* (TNA: Second Edition, 2004); TNA, LAB6 (arquivos dos objetores de consciência).

TNA, CAB 66/23/3, folio 29, Memorando de Attlee ao Secretário de Estado para Questões de Domínio intitulado "War Cabinet: Welsh Representation", 14 de março de 1942.

*Western Mail*, 5 de agosto 1940, p. 5.

TNA, NF 1/257, C. H. Wilson a Sir Kenneth Clark, Ministro da Informação, 1º de abril de 1940.

A. Daniel, *Le Mouvement Breton*, pp. 303–6; Daniel Leach, "Bezen Perrot: The Breton Nationalist Unit of the SS, 1943–5", *Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*, p. 24.

*Western Mail*, 9 de agosto de 1939, p. 8; *Western Mail*, IRA round-up, 15 de agosto de 1939, p. 7; David O'Donoghue, *Hitler's Irish Voices: The Story of German Radio's Wartime Irish Service* (Belfast: Beyond the Pale Publications, 1998), pp. xi–xiv.  
TNA, KV 2/446, nota de Lorde Cottenham, 17 de outubro de 1939;  
TNA, KV 2/446, Snow a Robertson, 22 de dezembro de 1939.

## OPERAÇÃO CROWHURST

**QUANDO O INSPETOR GWILYM WILLIAMS** se aposentou logo após o início da Segunda Guerra Mundial, seu único momento de fama depois de 29 anos na polícia de Swansea veio quando ele foi elogiado por ter detido um cavalo fugitivo. Assim foi até setembro de 1939, quando a divisão de contraespionagem do MI5 o enviou para a Bélgica para se infiltrar na inteligência militar alemã, a *Abwehr*, colocando-o como um nacionalista galês fanático e líder de um grupo de extremistas preparados para colaborar com a sabotagem envolvida nos esforços de guerra ingleses. Williams evitava a política mesmo depois de se aposentar, pois temia que um envolvimento pudesse violar os termos e condições que regiam sua aposentadoria. No entanto, ele de fato concordou, com base nas instruções de seus controladores do MI5, em unir-se ao Plaid Cymru com o objetivo de reforçar uma estratégia que o colocaria na cabine de controle da espionagem de guerra entre Grã-Bretanha e Alemanha.<sup>1</sup>

Com a exceção da carreira como policial, Williams não tinha qualquer outra qualificação óbvia para seu novo papel de um dos fundadores do Sistema Double-Cross do MI5, o setor de contraespionagem dentro da Divisão B e que entregava espíões inimigos para agentes duplos britânicos. Antes de partir para sua missão, o único treinamento por Williams recebera dizia respeito a memorizar os nomes de membros proeminentes do partido nacionalista galês até ser capaz de recitá-los como uma oração. A oportunidade de oferecer seus serviços à *Abwehr* era boa demais para ser perdida; seus amigos nacionalistas galeses haviam esperado essa oportunidade por anos. Se questionado sobre quem o

teria enviado para lá, Williams deveria dizer que estava substituindo “WW”, o codinome de um agente que os alemães acreditavam ter colocado dentro do Plaid Cymru, sem saberem que, de fato, o homem era um oficial britânico do MI5. Deveria dizer aos interrogadores, ainda, que ninguém além de WW sabia de sua visita a Bruxelas. Se fosse confrontado com alguma pergunta estranha dos oficiais da *Abwehr*, o MI5 aconselhava Williams a ganhar tempo para pensar, lançando perguntas do tipo “Como?” ou “O que o senhor disse?”, para que a questão fosse repetida. Essas foram as únicas orientações que Williams recebera para o primeiro exercício da frustração estratégica realizada pelo MI5 depois do início da guerra.<sup>2</sup>

Após deixar a força policial, ele se tornou um investigador particular que investigava casos de divórcios – não muito diferentes de sua própria separação, ocasião em que sua primeira esposa fora pega por colegas oficiais fornicando com um soldado na porta de uma loja, tarde da noite. Isso acontecera durante a Primeira Guerra Mundial, e Williams estava servindo na França com a Military Foot Police, também conhecida como “Redcaps”, mais conhecidos com arma na mão e forçando soldados ingleses a voltarem para as trincheiras. Desmobilizado em 1919 e com o casamento em ruínas, Williams morou em diversos lugares antes de se casar em 1932 com a sra. Winifred Amelia Thomas, uma mulher divorciada, e se mudar para o número 43 da Mount Pleasant, uma casa elegante e geminada em uma daquelas ruas íngremes que partem da Baía de Swansea como os dedos em riste de uma mão. Sua primeira esposa, Catherine, passou o resto da vida como evangélica da Igreja Batista, vivendo com um grupo em uma escola.<sup>3</sup>

Nascido em Morriston, Swansea, em 1887, Williams, com seus 1,77 metros, não era um homem alto num lugar onde a maioria dos policiais facilmente atingia 1,82 metros. Sua maior paixão era a natação de longa distância e ele frequentemente era visto atravessando os quase dez quilômetros da baía, desde o píer até Mumbles Head, e voltando, antes de se apresentar para o dever.

Ocasionalmente, bebia demais e era reprimido por estar embriagado em serviço e abandonar a ronda. Duas vezes foi

acusado de assaltar habitantes da região. Um chefe de família se queixou que o P.C. 92 lhe dera um soco quando ele abriu a porta de casa, depois de Williams mexer na maçaneta durante sua ronda. O superintendente de Williams posteriormente o encontrou bêbado e dormindo de uniforme em um sofá na cozinha de casa. O chefe de família ofendido apresentou uma denúncia e, de repente, recebeu a informação de que seu rosto sangrando e inchado encontrava-se assim porque ele havia caído na sarjeta! Outra aparente mancha nos registros de Williams na polícia veio após um confronto com os funcionários de um café italiano tarde da noite. Ao agarrar a nuca de um deles, P.C. 92 o chamou de “bastardo italiano” antes de empurrá-lo em um lance de escadas. Uma denúncia formal foi aberta, mas nunca concluída.

Andar pelas ruas nas noites frias e úmidas teve um preço, e Williams se aposentou com problemas nos brônquios, mas não com salário integral – o chefe da polícia de Swansea se recusou a contar os dois anos de serviço de Williams na polícia de Salford antes de ele ser transferido para a cidade. Independentemente de lhe faltar ou não dinheiro, Williams, logo após deixar a força, deu início à nova carreira como detetive particular licenciado. Pelo menos ser recrutado pelo MI5 significava o fim das desagradáveis investigações de divórcios.<sup>4</sup>

A Operação Crowhurst, uma conspiração para infiltrar um agente britânico disfarçado de extremista galês na inteligência militar alemã, foi uma tentativa audaciosa do MI5 de manipular a convicção de Hitler de que o sentimento nacionalista no País de Gales, Escócia e Irlanda poderia ser utilizado como apoio para os planos de invasão alemã. O *Führer* havia encorajado seu serviço de Inteligência a cultivar ligações com os galeses como parte de um esquema para persuadir o ex-Primeiro Ministro liberal Lloyd George a pedir paz. Hitler havia se mostrado bastante impressionado pelo “Mago Galês” quando os dois se encontraram, três anos antes do início da guerra, no retiro do líder alemão nas montanhas de Berchtesgaden, em setembro de 1936. Os dois passaram várias horas juntos. Lloyd George posteriormente descreveu o líder nazista como o “George

Washington da Alemanha” e o elogiou pelo programa de serviços públicos que retirou a Alemanha da Grande Depressão. De acordo com alguns relatos, Hitler teria ficado impressionado com Lloyd George e não conseguira tirar os olhos do homem que recebera os créditos por vencer a Primeira Guerra Mundial. Eles conversavam muito sobre a ameaça Comunista, a qual Hitler considerava o principal motivo para o rearmamento alemão. Um Lloyd George exultante então descreveu Hitler como “de fato, um bom homem, [...] um líder nato”.<sup>5</sup> Ao retornar à Inglaterra, escreveu efusivamente no *Daily Express* sobre sua admiração pelo *Führer*, “uma personalidade magnética e dinâmica com um propósito único”, que não tinha desejo de atacar nenhum país da Europa. Naturalmente, esse endosso se mostrou inquietante para aqueles que viam Hitler como a maior ameaça à paz.<sup>6</sup> “Hitler havia feito coisas ótimas para o país”, Lloyd George contou a A.J. Cummings, editor do *News Chronicle*.

É, inquestionavelmente, um grande líder. Não há a menor dúvida de que os trabalhadores, e em particular a geração mais nova, são totalmente devotos a ele, que realizou uma perceptível melhora nas condições de trabalho tanto de homens quanto de mulheres. Quanto a isso, não resta qualquer sombra de dúvida. E eles apreciam essa nova realidade, vendo-o como um monarca.<sup>7</sup>

Lloyd George também criticou o governo britânico por “maltratar” Saunders Lewis e seus dois cúmplices, por colocá-los na cadeia após terem atado fogo na escola de bombardeio RAF, na Península de Llŷn, em 1936, reforçando a convicção de Hitler de que George era alguém com quem ele poderia negociar – e de que o nacionalismo galês era “algo a subverter”.<sup>8</sup>

No início de 1940, após infiltrar-se na equipe do almirante Wilhelm Canaris, chefe da inteligência alemã, um agente da inteligência americana ouviu uma conversa entre Hitler e o Dr. Robert Ley, chefe do Deutsche Arbeitsfront, movimento sindical nazista. Durante essa

conversa, o *Führer* falou sobre a necessidade de um acordo secreto com Lloyd George e estimulou pessoalmente a aceleração dos contatos com nacionalistas galeses que se opunham à guerra na esperança de desestabilizar o governo Churchill. O fato de Lloyd George possivelmente ser convencido a emprestar seu nome ao movimento de paz também foi mencionado pelo Ministro das Relações Exteriores Joachim von Ribbentrop nos *Documents on German Foreign Policy* capturados no fim da guerra.<sup>9</sup>

O homem acusado por Hitler de subverter o nacionalismo galês era o Major Nikolaus Ritter (codinome Dr. Rantzau), chefe da contraespionagem alemã na Ast da *Abwehr* em Hamburgo. Em troca, Rantzau recebera autorização para prometer o autogoverno ao País de Gales como parte de um tratado de paz alemão com a Inglaterra.<sup>10</sup>

Rantzau tornou-se a estrela em ascensão da *Abwehr* por conta de seu papel na rede de espionagem alemã que roubava projetos de aeronaves com dispositivos para bombas, o secretíssimo Visor Norden. Um dos mais bem guardados segredos da indústria de armamentos americana, o dispositivo de mira aérea, permitia aos bombardeiros mirarem seus alvos com mais precisão. Depois que um imigrante alemão trabalhando na fábrica em Manhattan obtivera cópias dos projetos, Rantzau as contrabandeara para fora dos Estados Unidos dentro de um guarda-chuva.<sup>11</sup> Com aproximadamente cinquenta anos, 1,82 metros e ombros largos, cabelos claros e olhos acinzentados em um rosto redondo e avermelhado, Rantzau era visto por alguns de seus próximos como “comum” por conta de seu gosto por contar histórias sujas. Fisicamente, seu traço mais peculiar era um dente superior de ouro ligeiramente saliente do lado direito da boca. Tendo passado grande parte da vida nos Estados Unidos, ele falava inglês perfeitamente, com um sotaque americano bem marcado. Usava vários pseudônimos, mas preferia “The Doctor [O Doutor]”, como era conhecido por seus agentes e adversários britânicos.

Nos Estados Unidos, Rantzau não foi bem-sucedido no ramo de manufatura de tecidos, mas casou-se com uma americana rica e

criou dois filhos antes de se divorciar e retornar à Europa para se filiar ao Partido Nazista. Em 1938, casou-se com sua secretária, uma mulher vinte anos mais jovem, e os dois passaram a viver em uma das regiões mais valorizadas de Hamburgo. Conhecida como “Baronesa” na Ópera de Hamburgo, onde ela tinha um camarote particular, Frau Rantzau falava inglês com perfeição, mas não era nada atraente – tinha o rosto fino e o nariz pontudo e era “extremamente firme com o dinheiro” ao pagar os agentes de seu marido, de acordo com o mais importante deles, Arthur Graham Owens.

Nascido em Pontardawe em 1899, mas naturalizado canadense, Owens começou espionando para os britânicos antes de passar para o lado dos alemães. Porém, com o início da guerra, voltou a ser um agente duplo depois que sua esposa o denunciou ao MI5. Sem saber da última deserção de Owens, Rantzau o havia instruído a entregar um possível colaborador nacionalista galês para a *Abwehr* interrogar em Bruxelas.<sup>12</sup>

Owens era “Snow” para o Serviço Secreto Britânico, para o qual ele começara a espionar durante viagens de negócios à Europa continental até o fim de 1936, quando Rantzau ofereceu a Johnny (seu codinome na *Abwehr*) uma melhor oportunidade. Um mercenário desavergonhado, Owens era, ainda assim, um profissional familiarizado com toda a parafernália de espionagem – códigos secretos, senhas (“Ginger” como “Operação Crowhurst”), segredos em tinteiros, canetas com explosivos e isqueiros com armadilhas.

Embora alegasse ter 42 anos, a julgar por todos os relatos, tinha a aparência de um homem dez anos mais velho – segundo um médico, isso seria resultado de uma vida de excessos de bebida e cigarro. Seu arquivo no MI5 é ainda menos lisonjeiro, descrevendo-o como um galês típico: “Do tipo subnutrido de Cardiff, muito baixo, rosto ossudo, orelhas com formato horrível, quase transparente, desproporcionalmente pequeno para o tamanho de um homem”. Ademais, tinha o hábito desconcertante de apenas usar a dentadura para comer. Falava um “inglês inculto” com sotaque forte, costumava

usar um chapéu de feltro marrom e tinha um aspecto de desonesto. Abaixo dos pesados cabelos castanhos repartidos para a esquerda estava um rosto pálido, perfeitamente barbeado, lábios finos e nariz curto e pontiagudo. De acordo com as inteligências, tanto britânica quanto alemã, era “muito parcial com as mulheres”. Agitada, sua mente tocava as excentricidades de um Walter Mitty; Owens preferia ser conhecido como “Heinrich Sorau” quando trabalhava e socializava com agentes da *Abwehr*.<sup>13</sup>

Porém, o que lhe faltava na aparência foi recompensado pela generosidade do MI5 britânico e, posteriormente, pela *Abwehr* alemã, de modo que ele desenvolveu um gosto por encontrar amantes nos clubes do Soho pré-guerra. Lily Bade, filha de pais alemães e nascida em West Ham, foi sua última paixão. Era uma jovem quinze centímetros mais alta do que “Uncle Arthur” – como apelidara-o, já que ele tinha apenas 1,59 metros de altura.<sup>14</sup>

Após um estágio de engenharia em uma empresa de Clydach, ele se casou com Jessie Ferrett em Briston, em setembro de 1919, e se mudou para Mubles, Swansea. Um ano após Robert, filho do casal, nascer, eles se mudaram para Toronto, onde Owens, com o dinheiro herdado do pai, abriu uma loja de baterias. Quando a experiência chegou ao fim, em 1934 (época em que Owens, de acordo com o MI5, já havia se naturalizado canadense), a família, que agora incluía outro membro, a filha Patricia, retornou à Grã-Bretanha.<sup>15</sup>

De volta a Londres e com o apoio de um rico financiador canadense, ele abriu a Owens Battery Equipment, com clientes na Alemanha, Holanda e Bélgica. Inicialmente, a transmissão de informações técnicas o levou a fazer viagens de negócios à Europa Continental. Ele, então, trabalhava de graça para o MI5 até decidir que era hora de receber por esse incômodo. As partes chegaram a um acordo e um oficial veterano da inteligência, o Coronel Peel, foi apontado como instrutor de Owens. Tendo passado por experiências desagradáveis com nacionalistas irlandeses, Peel instantaneamente desgostou do arrogante nacionalista galês. Como um jovem tenente da inteligência do exército, Peel era membro da “Gangue do Cairo”, um grupo de agentes da Inteligência britânica enviados a Dublin

durante a guerra anglo-irlandesa para espionar o IRA. Assim nomeado por se encontrar no Café Cairo, em Dublin, o grupo teve a maior parte de seus membros assassinados pelo IRA em 21 de novembro de 1920 em uma vingança pelo massacre do Croke Park, quando a Real Polícia Irlandesa atirou indiscriminadamente em uma multidão gaélica que jogava futebol. Peel, um dos poucos sobreviventes da “Gangue do Cairo”, via Owens com desdém, como um galês matreiro e sem um osso patriota no corpo.<sup>16</sup> Sua atitude condescendente somente alimentava o intenso desgosto pelo inglês, o que se manifestou em uma demonstração de nacionalismo galês enraizada na queixa duvidosa de que o inglês havia traído sua família ao roubar o modelo de uma bomba capaz de derrubar zepelins. Seu desgosto herdado por ingleses somado à persistente falta de dinheiro eram os motivos apresentados por Owens para transferir seus serviços aos alemães, após ele chegar à conclusão de que o pagamento do MI6 não era suficiente.<sup>17</sup>

A oportunidade de mudar de lado surgiu durante uma viagem de negócios à Bélgica e um encontro com o agente Conrad Pieper, da *Abwehr*, no impressionante Metropole Hotel, na Place de Brouckere, Bruxelas, o mais opulento da cidade e cujo lobby era todo feito de carvalho polido e decorado com lustres ornamentados, compondo o local de trabalho preferido de Owens.<sup>18</sup> Era o final do ano de 1936 e a Alemanha já havia reclamado a Renânia para solucionar um dos problemas crônicos das reparações germânicas, uma solução nem inesperada, nem particularmente desconcertante para aqueles que viam a Renânia como uma espécie de quintal natural da Alemanha. Um governo britânico obsequioso escolheu não fazer nada até Bélgica e França estarem ameaçadas. Mesmo depois que a próxima peça do dominó caiu – a ocupação e anexação da Áustria pela Alemanha em março de 1938 –, a perspectiva geral na Europa continuava positiva e quaisquer dificuldades pareciam negociáveis. O crescente desgosto público britânico pelo nazismo nem sempre acompanhava as convicções churchillianas de que o conflito era inevitável. Outros viam a ameaça, mas acreditavam que uma Alemanha forte e independente, livre das terríveis injustiças do

Tratado de Versalhes, continuava sendo a maior esperança para uma paz duradoura. A jornada pelo caminho do apaziguamento culminou na assinatura do Acordo de Munique em setembro de 1938, em que Chamberlain cedia à Alemanha a Sudetenland, território na Tchecoslováquia ocidental ocupado por pessoas de etnia alemã, sendo que a maioria delas estava dispostas a entregar sua autonomia para se reunir à pátria-mãe.

Quando Owens encontrou Pieper no Metropole Hotel, em Bruxelas, a consequência dessa série de acontecimentos ainda formava uma mancha no horizonte. Como era parte da natureza da espionagem pré-guerra procurar *freelancers* que estavam atrás de dinheiro, o galês aceitou fazer uma viagem, com todos os custos pagos, para outro opulente estabelecimento, o Hotel Vier Jahreszeiten, próximo ao Rio Alster, em Hamburgo, como convidado da *Abwehr*. O acordo que “Johnny” fechou com Rantzau era de 20 libras por informação (pouco mais de mil libras nos valores de 2011) e 50 libras no caso de informações especialmente valiosas. Não demorou muito e o Agente 3504 (a série 3500 denotava Ast de Hamburgo, 4 era número de série dele) estava ganhando tanto dinheiro que criou uma empresa subsidiária em Hamburgo como canal de lavagem de Reichsmarks.<sup>19</sup>

O maior valor de Owen para a *Abwehr* era o livre acesso que seus contratos no almirantado davam a informações sensíveis de estabelecimentos de aviação como Farnborough e Hendon. Foi “Johnny” quem supostamente alertara os alemães sobre o desenvolvimento do radar ao oferecer a localização de uma misteriosa linha de antenas erguidas ao longo da costa sul. Owens provavelmente não sabia para que aquelas antenas serviam, mas a informação confirmou os relatos alemães que reconheciam antenas e imagens pré-guerra feitas por zepelins. Entretanto, enquanto Hitler incrementava sua máquina de guerra, havia outros alvos, sobretudo os escândalos de Churchill e de Anthony Eden, Secretário das Relações Exteriores. Owens de fato ofereceu informações sobre membros pró-nazismo no Parlamento e sobre atividades do Partido Comunista Britânico.<sup>20</sup> Além de seus pagamentos por resultados, ele

também cobrava os altos custos de manutenção de uma rede de quatorze subagentes, a maioria dos quais existente apenas em sua imaginação.

As informações que Owens entregava eram consideradas por Rantzau como sendo “do maior valor para a Alemanha”, no mínimo porque, no início da guerra, o galês era considerado o agente número um da *Abwehr* na Grã-Bretanha.

Nem todos, porém, concordavam. Um agente do MI5 observou: “Se isso não for blefe, o que parece provável, então eles realmente estão em más condições”.<sup>21</sup> Rantzau havia tentado infiltrar outros espões na Grã-Bretanha, com instruções de entrarem em contato com Owens. Logo que chegavam, porém, a maioria deles desaparecia misteriosamente porque, a essa altura, o galês havia mudado de lado outra vez. Um dos primeiros a chegar foi Walter Simon, um marinheiro cujas instruções incluíam recrutar nacionalistas galeses como possíveis sabotadores, embora não exista evidência alguma de que ele em algum momento tenha feito isso.<sup>22</sup> Pelo menos três dos que vieram depois dele foram prontamente entregues por Owens ao MI5 para se reciclarem como agentes duplos britânicos, uma vez que o galês havia convencido tanto o MI5 quanto a *Abwehr* de que estava do seu lado. Um deles, que recebeu o codinome “Cato” por Rantzau, foi capturado e transformado no agente duplo britânico “Garbo”, que em 1944 alimentava a falsa inteligência do Alto Comando Alemão ao persuadir Hitler de que a localização planejada para o desembarque dos aliados era o Pas de Calais, e não a Normandia. Garbo também convenceu a *Abwehr* de que havia uma “rede” de agentes alemães controlada de Swansea por um marinheiro mercante aposentado.<sup>23</sup> Isso e as atividades posteriores de Williams em particular lançaram Swansea a um lugar proeminente no mundo da espionagem.

Owens não era nenhum James Bond; porém, assim como o personagem do cinema, gostava da companhia de mulheres. Antes de Lily aparecer, ele levou a esposa Jessie a Hamburgo para se sentir tentada a espionar para Rantzau. Depois de oferecer um jantar regado a vinho ao o casal, o espião alemão atribuiu sua falha

em converter a Sra. Owens à causa nazista a uma aparente “falta de afeição” entre marido e mulher.<sup>24</sup>

Embora a maioria dos subagentes de Owens fossem fictícios, ele dedicava grandes esforços ao recrutamento. Dois meses antes do início da guerra, ele e Lily levaram, durante uma visita a Hamburgo, um auxiliar de escritório desempregado de Glasgow. O escocês R. Myner, que vivia no número 12 da Parklands, Surbiton, Surrey, esperava uma viagem de negócios durante a qual faria alguns contatos úteis.<sup>25</sup>

Os três se encontraram na Estação Victoria, em Londres, em 16 de julho de 1939. Myner supôs que Lily era esposa do galês. Por motivos de segurança, Owens viajou sozinho, unindo-se aos dois em Bruxelas para seguirem caminho rumo a Hamburgo e a seus aposentos no Berliner Hof Hotel. Lá, ele deu a Lily uma nota de vinte Reichsmark e sugeriu que ela e Myner fossem “dar uma volta” enquanto ele conversava com vários alemães, nenhum dos quais tinha o menor interesse em comprar baterias. Ao retornar do passeio, eles encontraram Rantzau em um jardim para tomar chá; o Doutor recebeu o galês como se fossem irmãos. Durante os dois dias seguintes, Myner foi apresentado a vários possíveis “contatos profissionais” antes de ser mandado de balsa para casa via Flushing e Harwich, até finalmente chegar a Londres.<sup>26</sup>

O verdadeiro propósito da visita a Hamburgo era um treinamento de um transmissor de rádio que o chefe da seção de rádio da estação, o Major Werner Trautman, ofereceria a Owens. Antes do início da guerra, o principal canal de Owens com Rantzau era ou por contato pessoal, ou por cartas escritas com tinta invisível ou em códigos. Quase impossível de ser percebida pelo censor britânico, a carta era o meio mais seguro e mais barato de transmitir grandes volumes de informações. Notavelmente, duas das técnicas usadas por Owens e Gwilym Williams datavam dos tempos romanos, sendo que a primeira era um jargão em códigos criado para esconder a verdadeira mensagem dentro de uma troca de informações inócuas entre o remetente e o destinatário. A fórmula da segunda técnica, tinta invisível, foi inicialmente descrita por Plínio, o Velho, em

*História Natural.* A mais importante característica de uma tinta de qualidade era que ela suportasse calor, frio e a luz do sol, e que fosse indecifrável, exceto quanto tratada por um reagente químico igualmente secreto. As tintas eram distribuídas em cápsulas. O agente liberava o líquido perfurando a cápsula com um alfinete e, em seguida, escrevia em uma folha de papel em branco. Identificar correspondências suspeitas, incluindo cartas remetidas na Espanha, apoiadora reconhecida das potências do Eixo, era um grande problema para a segurança britânica. Em certa ocasião, o censor encontrou uma carta escrita por uma freira inglesa com tinta invisível para um padre na Irlanda, mas descobriu se tratar de uma carta de amor consideravelmente pornográfica. Os alemães tinham, ainda, uma tinta que usava sangue como ingrediente ativador; o agente só precisava furar o próprio dedo.

A *Abwehr* também desenvolveu um método tecnologicamente superior para se comunicar com agentes: o ponto.<sup>27</sup> Todavia, a redução de cem palavras de texto ao tamanho de um ponto final requeria um enorme e dispendioso equipamento de microfotografia disponível tanto para o remetente quanto para o destinatário. Por esse motivo, reduzir documentos ao tamanho de um selo postal continuava sendo o método mais amplamente utilizado.

Tecnicamente, a *Abwehr* era avançada, mas, como força de espionagem, encontrava-se em um estado ainda inferior ao do MI5 no início da guerra. Hitler estava na ofensiva e a reunião de informações da inteligência tinha prioridade mais baixa do que na Grã-Bretanha, onde ela era essencial para a defesa. Em vez disso, Hitler concentrava energia e dinheiro nos armamentos, de modo a impor sua vontade sobre outros países, levando a *Abwehr* a carecer de apoio para sérias campanhas de espionagem. O almirante Wilhelm Canaris, chefe de Rantzau, plantava agentes aqui e acolá, mas nunca nos círculos mais altos de governos estrangeiros. Como consequência, a *Abwehr* ficou preguiçosa e dependente de mercenários como Owens para preencher o vácuo deixado pela negligência.

A inteligência britânica reunida na década de 1930 tampouco era melhor, já que permanecia concentrada em observar a subversão comunista e a organização fascista de Sir Oswald Mosley. Sem uma avaliação adequada da ameaça nazista, o serviço secreto foi surpreendido pelos eventos em 1939. O recrutamento ainda era, principalmente, de linhas de ex-oficiais, com pouca investigação se o recruta tivesse um bom sobrenome.<sup>28</sup> Kim Philby, um dos espões soviéticos em Cambridge, foi recrutado pelo MI6 com base em um telefonema! Outro possível recruta, Richard Llewellyn (Lloyd), autor do best-seller *Como Era Verde o Meu Vale*, não foi muito bem-sucedido após oferecer seus serviços a Guy Liddell, chefe da Divisão B do MI5 e seu substituto, Dick White, durante um jantar no clube deles. O autor do livro que venceu um Oscar de Melhor Filme em Los Angeles em 1941 então servia na Guarda Galesa, em um posto que, dizia ele, requeria apenas duas horas de pensamento por dia. "Ele teve uma carreira extraordinária", escreveu Liddell, "e é o autor de um dos melhores romances escritos nos últimos três anos, [...] mas de vez em quando se pega na Guarda Galesa como um peixe fora da água. [...] Tanto Dick quanto eu gostamos dele, mas ele tem dificuldades para se adequar à organização".<sup>29</sup> White admitiu posteriormente que a maioria dos indivíduos empregados pelo MI5 no início da guerra eram "sonâmbulos". O que fazia a diferença entre a inteligência britânica e a alemã era o fato de a postura defensiva britânica forçar o MI5 e o MI6 a reunirem informações para avisarem dos projetos inimigos. Como exemplo, a criação de um Centro de Inteligência Operacional ajudou o almirantado a prever movimentos de submarino vitais para a proteção de comboios do Atlântico Norte. Durante algum tempo, um astrólogo foi empregado para traçar as informações dos horóscopos de Hitler e Mussolini na esperança de descobrir suas intenções.<sup>30</sup>

As operações da *Abwehr* na Grã-Bretanha, na Espanha, em Portugal e nas Américas eram comandadas da mansão de um antigo comerciante no número 45 da Kupferreder, no interior aberto a nordeste de Hamburgo. O controlador de rádio, Major Trautman, tinha antenas de recepção pela estrada em um campo, além de um

conjunto de transmissão a pouco mais de 1,5 quilômetro dali, operada por controle remoto. Seus homens trabalhavam em turnos de 24 horas, ouvindo atentamente em busca de sinais de agentes e também do código que funcionava como uma verificação de segurança contra uma possível interceptação do inimigo. Para Owens, esse código era "congratulations". Todos os agentes tinham horários específicos para transmissão, mas as circunstâncias podiam impedir que eles fizessem contatos durante semanas, às vezes meses. Além das operações com transmissor, em Hamburgo os agentes eram treinados para construir e reparar rádios, usar código Morse, tinta invisível, micropontos e microfotografia, reconhecimento de aeronaves e como se movimentar sem ser percebido em território inimigo.

Depois de um treinamento de uma semana, Owens levou Lily a Berlim para um passeio por *bierkellers* e refinados clubes noturnos. Eles foram acompanhados por Rantzau, que não apenas desfrutou da companhia do galês, mas também via como parte de seu papel construir uma forte ligação entre controlador e agente. Sem esse senso mútuo de responsabilidade e afeição, sempre havia o risco de o agente, uma vez fora da vista e com os bolsos cheios dos dólares e das libras esterlinas da *Abwehr*, ou desertar para o outro lado ou, na melhor das hipóteses, oferecer o mínimo de informações necessárias para permanecer ativo. Aconteceram abusos, incidências de agentes fugindo com o dinheiro ou desviando fundos para manter estilos de vida refinados. A ligação pessoal de Rantzau com Owens era especialmente forte desde que o galês se tornara seu primeiro agente, quando promovido à posição de diretor do braço de contraespionagem Ast em Hamburgo em 1º de janeiro de 1937. Todavia, mesmo ele pensava que Owens era obcecado por "álcool e mulheres", ao passo que Lily estava "do lado do dinheiro".<sup>32</sup>

A predisposição de Owens a conquistar mulheres durante seu período longe da libertinagem de Hamburgo e Berlim tornou-se um enorme fracasso quando a sra. Owens denunciou seu marido traidor. Em 18 de agosto de 1939, ela informou a Divisão Especial da Scotland Yard de que ele era um agente alemão. Não fizera isso

antes por causa dos filhos, mas agora ele estava envolvendo outros membros da família na espionagem. Como prova, a sra. Owens entregou aos detetives o recibo de um escudo antiaéreo que o marido havia comprado de um homem posteriormente condenado por ter comprado a peça do Woolwich Arsenal.<sup>33</sup>

Owens de fato estivera sob a vigilância da Divisão Especial há algum tempo, depois que o MI5 interceptara cartas enviadas por ele para "Correio Central, Caixa Postal 629, Hamburgo", um endereço camuflado da *Abwehr*. Quando questionado, ele convenceu o MI5 de que estava tentando penetrar na inteligência militar alemã em nome da organização e, com o governo de Chamberlain buscando uma política de conciliação e Hitler temporariamente proibindo a *Abwehr* de conduzir atividades de espionagem na Grã-Bretanha, nenhuma ação foi tomada contra ele.<sup>34</sup> Owens continuou suas viagens "de negócios" a Hamburgo sem nenhuma interferência além da Divisão Especial, que registrava seus movimentos entrando e saindo do terminal de balsa Dover. Aliás, a vigilância da Divisão Especial era tão frouxa que ele recebeu um transmissor de rádio deixado sem levantar suspeita por um portador da *Abwehr* em uma mala no departamento de bagagem da estação Victoria. Porém, com o início da guerra, o escrutínio tornou-se muito mais feroz, não apenas na análise de seus movimentos, mas também de sua vida amorosa. Sem um relacionamento estável, o conquistador habitual poderia retornar ao Soho à espreita, com todos os riscos inerentes. Os sinais de perigo eram inconfundíveis para o controlador da Divisão B, Guy Liddell, que, ao receber a informação de que Owens estava "novamente animado após um longo período de tranquilidade", ordenou que seu telefone fosse grampeado.<sup>35</sup>

A confiança de Rantzau no homenzinho não vacilou, muito embora ele imaginasse que o MI5 provavelmente suspeitava de Owens. Ele havia oferecido muitas informações valiosas à Alemanha: a localização das instalações de balões barragem britânicos, detalhes do sistema de aviso de ataques aéreos, táticas da Marinha Real para atacar submarinos e a localização dos depósitos da Força Aérea Real repletos de motores de aviões feitos pela Rolls Royce. Owens

também era bom ouvinte e bisbilhotava conversas entre oficiais da Força Aérea Real em St.Anthan, próximo a Cardiff. A concentração de tanques de armazenamento de óleo em Skewen, para a qual ele chamou a atenção da *Abwehr*, tornou-se um dos principais alvos da Luftwaffe durante a blitz de três noites em Swansea, em fevereiro de 1941.<sup>36</sup> No entanto, a espionagem nunca era uma via de mão única e Owens espalhava informações como se fossem confetes. O MI5 recebeu informações sobre a localização das principais bases de submarinos alemães em Cuxhaven e Miel e descobriu que os submarinos tinham um alcance de 14 mil quilômetros, cada um deles armado com 16 torpedos. Hitler estava fornecendo à Rússia armas e petróleo via Rotterdam. Especialmente importante para o MI5 era o fato de Owens oferecer detalhes da formação organizacional da *Abwehr*, sobre a qual o serviço de segurança tinha poucas informações quando a guerra tivera início.<sup>37</sup>

Expulso pela esposa da casa da família em Grosvenor Court, Morden, Surrey, ele desmontou seu transmissor e o levou, com Lily, para o quarto dos fundos de uma casa alugada pelo escocês Myner. Eles mal haviam se instalado no local quando, certa tarde, Lily voltou correndo para casa para avisar Myner: “Três homens levaram Arthur para Waterloo”. Owens havia deixado um pacote no banheiro. Ele o enterraria no jardim? Sim, ele o enterrou. Algumas horas mais tarde, a unidade especial desenterrou o transmissor.<sup>38</sup>

Conforme combinado, os oficiais haviam encontrado Owens na estação Waterloo para detê-lo sob na Norma 18B dos Regulamentos de Defesa. A data, 4 de setembro de 1939, era significativa. Caracteristicamente, o galês havia se rendido à polícia no dia em que a guerra foi declarada, mudando de lado mais uma vez ao oferecer seu trabalho exclusivamente à inteligência britânica. O policial que o prendeu pensou que o MI5 estava cometendo um enorme equívoco ao usar “um indivíduo extremamente desonesto, cujas atividades, com o início as hostilidades, deveriam ser imediatamente cerceadas”. O oficial declarou:

Esse indivíduo foi originalmente empregado por nossa Seção de Inteligência Estrangeira. Subsequentemente, descobriu-se que ele havia traído nossa confiança e passado a trabalhar para o serviço de espionagem alemão, operando contra este país, e que de fato está passando de um lado para o outro. Ele mesmo admitiu que ainda recebe dos alemães e que faz viagens frequentes à Alemanha, sem dúvida levando consigo qualquer informação que venha a obter.<sup>39</sup>

Assumindo o nome de Snow – semianagrama de Owens – o galês foi libertado na custódia do Major Robertson e o Sistema Double-Cross tinha planos de confiscar o transmissor de rádio. Todavia, primeiro ele precisava provar que era útil e deveria fazer isso entrando em contato com Rantzau por rádio da cela em Wandsworth. A primeira tentativa falhou por conta de um problema técnico. A segunda também foi fracassada, pois os alemães não responderam à mensagem codificada de Snow: “Tudo certo... Rádio reparado... Envie instruções... Agora esperando resposta”. Robertson retornou a Wandsworth no início da manhã seguinte, para que Snow tentasse outra vez, mas novamente nenhuma resposta veio de Hamburgo. Agora, Robertson suspeitava que Snow estivesse deliberadamente sabotando suas próprias transmissões, mas, depois de lembrá-lo do que a Grã-Bretanha fazia com os espiões que não cooperavam, Snow conseguiu contato com a *Abwehr*.<sup>40</sup>

Em outra ocasião, Snow estava sentado em sua cela em Wandsworth com o transmissor preparado e a porta entreaberta quando o carcereiro do lado do fora interrompeu. O Major Robertson se colocaria contrário à ideia de outro prisioneiro receber autorização para transmitir informações? Snow empalideceu e, tremendo de medo, sussurrou a Robertson: “Não deixe que me vejam. Independentemente do que acontecer, não deixe que me vejam”. Fechando imediatamente a porta da cela, Robertson perguntou por que ele estava com tanto medo. Naquela manhã, relatou Snow, ele havia sido encurralado por um homem que conhecera na Alemanha e aconselhado a não falar com “guardas da inteligência”. Snow era

capaz de produzir uma mentira para cada situação, mas, nessa especificamente a Divisão Especial pensou que o agressor se tratava de um homem recentemente detido ao chegar à Grã-Bretanha.<sup>41</sup>

Depois de provar que seria útil, Snow foi libertado da prisão e instalado, com Lily, em um apartamento oferecido pelo MI5 em Kingston-upon-Thames. As antenas de transmissão ficavam escondidas no espaço do telhado e o oficial de rádio do MI5 Maurice Burton estava lá quando necessário para imitar o estilo Morse de Snow, o chamado "punho", que é uma caligrafia distinta.

O Sistema Double-Cross ponderou que valeria a pena colocar um homem como Snow em contato direto com o inimigo, mesmo que ele fosse suspeito. Quanto mais a guerra durava, mais acurada a base de conhecimentos da agência se tornava e menos a desconfiança importava. Partindo do pressuposto de que a inteligência britânica era capaz de evitar que um agente entregasse informações vitais, Snow não estava em uma posição na qual era capaz de realmente causar problemas. Mesmo se tentasse enganá-los, ainda daria ao MI5 algo para cruzar com outras fontes. A inteligência envolvia perfis psicológicos, códigos secretos, tintas invisíveis e canetas tinteiro explosivas. Um agente desonesto, embora pudesse mentir sobre questões importantes, provavelmente diria a verdade sobre questões sem importância. E o que o agente considerava como não sendo importante poderia muito bem ser informação para o quebra-cabeça que os britânicos já estavam montando.<sup>42</sup>

Além de transmitir informações sobre o reforço militar na Grã-Bretanha, esperava-se que Snow também usasse seu rádio da *Abwehr* para enviar previsões do tempo, ajudando, assim, a Luftwaffe a bombardear Londres e outras grandes cidades. Quando a blitz começou a ter acesso ao rádio de Snow para transmitir informações falsas e confundir os pilotos alemães, isso se provou uma bênção. Uma execução experimental aconteceu na noite de 23 de setembro de 1939. Havia códigos separados para a altura das nuvens (H2, 1000 metros), céu totalmente encoberto (XTC), visibilidade (V1, 500 metros), velocidade do vento (29,

representando 80 km/h), chuva, neblina ou neve, temperatura em Fahrenheit, e não em Celsius. O sinal de chamada de Snow era "BRZ"; o de Hamburgo, "OEA". Se os alemães pedissem previsões mais detalhadas para uma cidade específica, então ele deveria responder: "O tempo não está bom". Snow ficou atrás do transmissor enquanto Burton monitorava sua transmissão. Depois de entrar com seu sinal de chamada, BRZ, Snow esperou duas horas até Hamburgo responder pedindo a direção do vento em Londres. Snow então digitou: "XVN.XHC.XWC.XFRT.XTC". Em inglês, isso queria dizer "vento sudeste"; na realidade, porém, o vento soprava no sentido noroeste.<sup>43</sup>

Sentado ao lado de Snow durante as transmissões estava o Coronel Edward Hinchley-Cooke, um oficial do MI5 que falava alemão e cujo papel era forçar Snow a oferecer informações. Hinchley-Cooke estava particularmente interessado em uma resposta de Hamburgo pedindo a Snow para apresentar "com urgência, notícias militares e gerais". Isso, disse Snow, referia-se a um plano de, com o uso de submarinos, colocar explosivos em algum ponto entre Penmaen e Oxwich Bay e Worm's Head em Rhossili com o objetivo de sabotar os depósitos de munições e as siderúrgicas de Briton Ferry. Se o plano falhasse, os explosivos chegariam à encosta em Linney Head, próximo a Castlemartin em Pembrokeshire e atacariam as instalações militares e os tanques de óleo nas áreas de Pembroke Dock e Milford Haven.

A conversa então voltou-se para a Operação Crowhurst. Quem quer que fosse com ele a Bruxelas deveria ser um ativista nacionalista e falante da língua galesa, insistia Snow. Também ajudaria se o indivíduo falasse alemão. Ele mesmo não falava essa língua e muita coisa ficaria para trás se eles não fossem capazes de bisbilhotar conversas dos alemães.

"Ele precisa parecer, falar e agir como um galês e pelo menos ter um pouco de conhecimento da língua", declarou Snow. "Os alemães não entendem a língua do País de Gales. Já fiz esse teste. Mas reconhecem a sonoridade e não serão facilmente enganados."

“Que tipo de informação militar os alemães querem?”, questionou Hinchley-Cooke.

“Todas as informações possíveis sobre o movimento das tropas, em especial perto da costa, mas também sobre as tropas sendo enviadas ao exterior.”

“Por que, especificamente, querem isso?”, insistiu Hinchley-Cook.

“Se o Doutor puder mostrar que a maioria das tropas deixou a Grã-Bretanha, então os alemães poderão lançar paraquedistas vestidos com uniformes britânicos. Ele não acredita que eles terão chances de sobreviver, mas o Doutor passou muito tempo nos Estados Unidos. É um *showman* e sabe que isso teria um efeito imenso no nosso moral.”

Era o final de setembro de 1939. A Força Expedicionária Britânica estava presa ao longo da Linha Marginalot, a centenas de quilômetros de casa e o medo de uma invasão era generalizado. A expectativa de que o inimigo cairia do céu foi reforçada por uma diretiva do Ministério do Interior aconselhando que qualquer pessoa que avistasse um paraquedista descendo permanecesse a pelo menos 230 metros de distância – o suposto alcance das armas inimigas. Quanto ao pedido de Hamburgo de “informações gerais”, Snow entendeu que se referia ao envenenamento de reservatórios.

“Há alguns meses, pediram para que eu identificasse as posições de todos os reservatórios do país, em especial aqueles nos arredores de Londres”, ele explicou.

“Mas por quê?”, questionou Hinchley-Cooke.

“Essa seria a última arma deles e, se todo o resto falhar, eles vão atacar nossos reservatórios com bombas repletas de bactérias”, foi a resposta de Snow.<sup>44</sup>

The National Archives (TNA), KV 2/468, “WW” recomenda Gwilym Williams como substituto para a missão de Bruxelas.

TNA, KV 2/468, folio 1f, Relato de Cottenham sobre as instruções de Williams para a Operação Crowhurst.

West Glamorgan Archives, registro dos serviços de Gwilym Williams na Polícia de Glamorgan.

*Ibid.*

A. J. Sylvester, *The Real Lloyd George* (London: 1947), p. 202; *ver também* Peter Rowland, *Lloyd George* (Londres: Barrie and Jenkins Ltd., 1975), pp. 735–7.

*Daily Express*, British Newspaper Library (BNL), 17 de setembro de 1936.

*News Chronicle*, BNL, 21 de setembro de 1936.

National Library of Wales (NLW), Lloyd George Papers, 20475C (3151).

Richard Deacon, *British Secret Service: the Classic History – Thoroughly Revised and Updated* (Londres: Grafton Books, 1991), pp. 273–6.

TNA, KV 2/468, relato de Gwilym Williams (GW) ao Major T. A. Robertson, 30 de outubro de 1939, sobre o encontro da Abwehr na Antuérpia.

Federal Bureau of Investigation, julgamento de “Frederick Joubert Duquesne *et al.*, Espionage”, Mira Norden, pp. 21–2, desclassificado em 5 de maio de 1953.

TNA, KV 2/451, folio 1472k, descrição não datada de Ritter e seus cúmplices entregue ao MI5 por Owens (Snow); TNA, KV 2/468, folio 365a, Instruções de Cottenham a Gwilym Williams, 19 de outubro de 1939.

TNA, KV 2/451, perfil de Snow esboçado pelo Capitão J. M. A. Gwyer, MI5 (B1), 10 de agosto de 1943; *ver também* TNA, KV 2/451, folio 1798a.

TNA, KV 2/451, folio 1798a; Ladislav Farago, *The Game of the Foxes* (Nova York: Bantam Books, 1973), p. 327.

TNA, KV 2/444 para descrição mais detalhada de Snow; *ver também* TNA, KV 2/451, folio 1798a, informação apresentada pelo agente britânico “PW” (Wichman) de dentro da Ast de Hamburgo.

Michael Hopkinson, *The Irish War of Independence* (Montreal, Quebec, Ontario: McGill-Queen’s University Press, 2004), p. 91.

TNA, KV 2/446, folio 275a; também Farago, *The Game of the Foxes*, p. 189, 195.

Farago, *The Game of the Foxes*, p. 190.

David Kahn, *Hitler’s Spies: German Military Intelligence in World War II* (Nova York: De Capo Press, 2000), pp. 296, 302, pp. 355–6.

Kahn, *Hitler's Spies*, p. 306.

TNA, KV 2/451, folio 13606, tradução, relato do Major Nikolaus Ritter sobre o caso Snow, Berlim, datado de 31 de julho de 1941; também TNA, KV 2/468, 28 de outubro de 1939.

Kahn, *Hitler's Spies*, p. 273, 304.

Kahn, *Hitler's Spies*, p. 357. Nota do autor: Kahn atribui suas alegações de que o agente alemão Cato (posteriormente "Garbo", quando "transformado" pelo MI5 em um agente duplo inglês) cuidou, para o Sistema Double-Cross de John Masterman, de uma célula de espionagem em Swansea liderada por um navegador mercante aposentado. Porém, Masterman, diretor do comitê que administrava os agentes duplos, diz claramente que, com a exceção de Cato/Garbo, todos os seus agentes eram fictícios. *Ver também* TNA, KV 2/451, folio 1472k para o relato das atividades do agente alemão Walter Simon.

TNA, KV 2/451, tradução, relato do Major Nikolaus Ritter sobre o caso Snow, Berlim, 31 de julho de 1941.

TNA, KV 2/446, Declaração de Myner à Divisão Especial, 6 de setembro de 1939, sobre a visita a Hamburgo com Snow, Lily.

*Ibid.*

TNA, KV 4/188, Volume 4, Parte 1, Guy Liddell Diaries, pp. 7, 13, 15–17, 19, 112, 119; também KV 4/191, GLD, tinta invisível, Volume 7, Parte 1, p. 17.

Deakin, *British Secret Service*, p. 256.

TNA, KV 4/188, Volume 4, Parte 1, p. 999.

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 2, p. 854.

Kahn, *Hitler's Spies*, pp. 293–5; também TNA, KV 2/468, folio 172b.

TNA, KV 2/451, tradução, relato do Major Nikolaus Ritter sobre o caso Snow, Berlim, 31 de julho de 1941.

TNA, KV 2/446, Declaração da Sra. Owens à Divisão Especial, 18, 24 de agosto de 1939, informando sobre Snow.

Kahn, *Hitler's Spies*, entrevista em 1970 com Hans Speidal, Chefe de Seção da Abwehr (Exércitos Estrangeiros), pp. 292–3.

TNA, KV 4/187, Guy Liddell Diaries, Volume 3, Parte 1, p. 643.

Farago, *The Game of the Foxes*, pp. 226–8.

*Ibid.*

TNA, KV 2/446, Declaração de Myner à Divisão Especial, 6 de setembro de 1939.

TNA, KV 2/446, relato da Divisão Especial, não datado, após a prisão de Snow.

TNA, KV 2/446, relato do Major Robertson sobre as transmissões de rádio de Snow na cela da Prisão Wandsworth, 8 de setembro de 1939.

*Ibid.*

TNA, KV 2/450, folios 1090a, 1103b e 1330c.

TNA, KV 2/446, registros (folio 335a) de mensagens enviadas por Snow, 7 de outubro 1939, usando cifra de substituição.

TNA, KV 2/466, relato de Hinchley-Cooke da conversa com Snow, 18 de outubro de 1939.

## PAÍS DE GALES PREPARADO

**SNOW FOI O PRIMEIRO A ALERTAR O MI5** sobre o fato de que a *Abwehr* estava tentando estabelecer ligações com nacionalistas galeses. Quando se viu diante de uma crescente pressão para entregar a Rantzau um colaborador em potencial no próximo encontro na Bélgica, o MI5 viu uma oportunidade de explorar a situação ao plantar um agente duplo britânico dentro do *Abwehr*. Como o Serviço Secreto não tinha um colaborador nacionalista, decidiu criar um. Porém, Gwilym Williams não era a primeira escolha do MI5 para a posição de “traidor” galês. Esse papel deveria ficar com WW, o agente do MI5 dentro do Plaid Cymru. Também empregado como oficial de imigração nos estaleiros de Swansea, o agente, que nos registros do Serviço Secreto é chamado apenas de WW ou de “o agente galês”, ficou responsável por fazer o embarque nos navios aportados no sul de Gales para desafogar as equipes nos controles de imigração.<sup>1</sup> Assim, WW foi idealmente colocado para avistar agentes inimigos tentando entrar na Grã-Bretanha disfarçados de marinheiros; embarcações da Espanha e de Portugal eram particularmente suspeitas. Embora a maioria dos agentes inimigos pousassem de paraquedas ou remassem até a encosta com a ajuda de um bote do submarino ou traineira de pesca, a vigilância do Serviço de Imigração levou à prisão de pelo menos um agente alemão chamado De Jaegar e que chegava a Newport vindo de Lisboa.<sup>2</sup>

WW teve uma relação profissional que se estendeu por anos com Gwilym Williams. Além de falar galês, Williams tinha aprendido o suficiente de francês e de alemão durante a Grande Guerra para

trabalhar nos tribunais como intérprete para magistrados de Swansea em casos envolvendo a deportação, por parte do Serviço de Imigração, de marinheiros estrangeiros que pulassem do barco ou ultrapassassem seu período de permanência no país.

No último instante, o Major T. A. Robertson, chefe do Sistema Double-Cross do MI5, afastou WW da Operação Crowhurst quando foi descoberto que ele provavelmente "não poderia viajar para o exterior, especialmente no momento atual".<sup>3</sup> Uma explicação possível seria que, como oficial da imigração lidando regularmente com cônsules estrangeiros, WW havia se tornado conhecido por fontes da inteligência alemã. WW também suspeitava que um agente inimigo disfarçado de vendedor de livros o teria procurado em sua casa em Swansea somente para verificar informações a seu respeito. Diante daquelas circunstâncias, recebeu ordens para manter a discrição e levar adiante seu trabalho como oficial da imigração "como se nada tivesse acontecido; ao mesmo tempo, deveria fazer contato com o Partido Nacionalista Galês".<sup>4</sup> Enquanto isso, Snow era enviado a Swansea para receber instruções de WW sobre o nacionalismo galês. Em seguida, ao retornar a Londres, ele enviou, do quarto dos fundos de seu apartamento em Kingston-upon-Thames, uma mensagem por rádio a Hamburgo: "Gales preparado". Esse era o sinal de que o sabotador nacionalista galês estava a caminho. Na ocasião, Snow acreditou se tratar de WW.

Robertson tinha pouquíssimo tempo para encontrar um substituto capaz de convencer Rantzau da existência de uma Quinta Coluna Galesa esperando para sabotar operações militares e fábricas de munições. Apenas seis semanas antes, a Grã-Bretanha havia declarado guerra após Hitler rasgar o documento do Primeiro Ministro Neville Chamberlain que prometia "paz em nossos tempos" e marchar rumo à Polônia. Abaixo das nuvens escuras, tanto Holanda quanto Bélgica esperavam sentir, a qualquer momento, o peso do exército alemão avançando por Ardenas para acabar com sua neutralidade frágil. Quem quer que substituísse WW estaria correndo contra o tempo para evitar ficar preso na capital belga por conta do rápido avanço do inimigo. O primeiro pensamento do MI5

foi enviar um oficial treinado e que “parecesse um galês”. Porém, a agência não tinha ninguém adequado e que, além disso, falasse galês – o que, de acordo com Snow, era essencial para o plano funcionar.

A solução veio do próprio WW. Ao escrever para Robertson em 11 de outubro de 1939, em folha de almoço com o cabeçalho “Serviço de Imigração, Victoria House, Swansea”, ele propunha que o amigo e inspetor de polícia aposentado Gwilym Williams preenchesse a vaga na Operação Crowhurst:

Referente à nossa conversa na noite de ontem, vi o sr. [Gwilym Williams] ainda ontem à noite. Ele é um ex-inspetor da Força de Polícia de Swansea, tem cinquenta anos de idade e, durante o último período de serviços, foi inspetor na Estação de Polícia Central de Swansea. Fala galês fluentemente e também era intérprete na Corte dos Magistrados de Swansea.

Conheço-o há mais de quinze anos e, durante esse período, ele trabalhou comigo em inúmeras ocasiões, estabelecendo contato com estrangeiros neste porto.

Não sei até que ponto ele tem conhecimento do assunto que é de seu interesse, mas posso lhe garantir que vai satisfazê-lo no que diz respeito à habilidade e técnica para abordar o problema do jeito que o sr. gostaria.

Anexo formulário de pedido de passaporte e as fotografias que me pediu.<sup>5</sup>

Menos de 48 horas após receber a carta, Robertson já entrevistava Gwilym Williams em seu clube londrino. Em seguida, anotou no arquivo:

Encontrei-o [o sr. Williams] hoje e lhe fiz uma proposta. No momento presente, ele não é membro do Partido Nacionalista Galês, [mas], após retornar a Swansea, passará a frequentar as

reuniões [do grupo] e ficará *au fait* com os costumes e tudo mais. Ele fala galês e me passou a impressão de ser o tipo de indivíduo extremamente determinado. Imagino que servirá de forma admirável a nosso propósito.

Também falei que, se por acaso ele tivesse alguma indicação de que os alemães já tivessem tentado penetrar o Partido Nacionalista Galês, para que me avisasse por meio do sr. [censurado]. Também disse-lhe que deveria tomar nota de quaisquer gastos que tivesse de cobrir e que me avisasse por meio de algum canal.<sup>6</sup>

O inspetor de polícia aposentado de Swansea seria, doravante, conhecido dentro do MI5 como "GW". Para ele, nada de nomes exóticos como Garbo, Tricycle, Tate, Sweet William ou Peppermint, codinomes que escondiam as identidades de alguns de seus associados no Sistema Double-Cross.

Porém, havia outro problema. Rantzau ainda esperava interrogar WW como o nacionalista galês descontente que administraria o "esquema de bombardeio aos nacionalistas galeses" da *Abwehr*.

"Entre em contato com um cavalheiro em Gales do Sul", falou Snow sobre o último encontro em Bruxelas. "Um homem do tipo comum, não muito abastado, que tem contato com o chefe da organização nacionalista galesa".

"De confiança?", questionou Rantzau.

"Sem dúvida... Não precisa se preocupar quanto a isso", respondeu Snow, passando ao alemão o nome e o endereço de WW.

"Ótimo", falou Rantzau. "Precisamos nos encontrar em Bruxelas em duas ou três semanas, no Savoy Hotel."<sup>7</sup>

Snow precisaria estar em um momento muito criativo para convencer Rantzau da credibilidade e confiança de seu novo companheiro – um inspetor de polícia aposentado! O fato de ele conseguir fazer isso é um testemunho da confiança que Rantzau continuava depositando em um homem que ele sabia ser um mentiroso exímio, mas que acreditava continuar sendo um agente alemão leal, mesmo depois das suspeitas de que estivesse pendendo

para o lado dos britânicos. O que ele nunca imaginaria era que Snow havia se tornado a pedra angular sobre a qual o MI5 estava criando o Sistema Double-Cross para frustração estratégica – e que logo Rantzau seria convencido a recrutar, como “colaborador galês”, Williams, outra peça fundamental dessa construção.

A instrução final da Operação Crowhurst envolvia Mark Everard Pepys, Sexto Conde de Cottenham. Lorde Cottenham era um entusiasta de motores que, no passado, fora membro do Sunbeam Racing Car Team, mas a guerra havia mudado tudo para ele. Cottenham agora fazia os preparativos para a viagem dos agentes do MI5 que embarcariam em missões. Snow, Williams e WW deveriam encontrá-lo juntamente com o Major Robertson no refinado apartamento do Conde em Dolphin Square, Pimlico, um oásis de tranquilidade no centro da capital. O fato de WW ter participado, mesmo sem estar diretamente envolvido na Operação Crowhurst, é uma medida da confiança que o MI5 depositava em um agente bem estabelecido do serviço de segurança em Gales. Para o substituto de 52 anos, essa não seria uma tarefa fácil. Com as ligações britânicas na Europa continental possivelmente prestes a serem cortadas a qualquer momento, um deslize poderia custar a Williams sua vida.

Ao chegar de trem de Swansea, Williams e WW encontraram Snow, conforme combinado, perto dos leões da Trafalgar Square pouco antes do encontro com Cottenham, às 10 horas da manhã. Um táxi os deixou na frente da opulenta entrada de três arcos de Dolphin Square. Abrigando as casas de cavalheiros, diplomatas e almirantes, Dolphin Square era uma cidade com milhares de apartamentos sob um único teto, agrupados em volta de um silencioso pátio de jardins e gramados. Uma vez ali dentro, somente o barulho abafado do trânsito e os ruídos ocasionais dos cortadores de grama perturbavam o ambiente. “Muito desejável”, era como os corretores descreviam o local de costas para a cidade e de frente para o rio. Os proprietários e inquilinos teimosamente chamavam as propriedades de “apartamentos”, mas algumas eram verdadeiras mansões – bem diferente dos aposentos com que Williams estava familiarizado.

O muro de Dolphin Square erguia-se como a Grande Muralha da China à direita enquanto os três galeses procuravam a entrada da Drake House, onde Cottenham vivia no número 912. Dolphin Square era composta por uma série de blocos residenciais individuais, cada um com um nome náutico e uma entrada separada. O líder fascista Oswald Mosly viveu em um desses blocos, de frente para o Tâmis, antes de ser internado com a esposa em Holloway durante a guerra.

O encontro em Bruxelas ocorreria em poucos dias quando o proprietário atendeu a porta. Enquanto os acompanhava para dentro da casa, Cottenham explicou que Robertson se uniria a eles mais tarde. Então, começou a expor exatamente o que havia sido dito a Williams sobre a Operação Crowhurst, assinalando os riscos envolvidos e perguntando novamente se ele estaria preparado para posar como um galês fanático e possível colaborador. Williams respondeu: "Sim, senhor. Farei o meu melhor". Quando Robertson chegou, teve início uma longa discussão sobre a ênfase a ser colocada em suas ambições nacionalistas relacionadas ao País de Gales e seu desencanto com relação aos ingleses, sem se esquecer de dizer a Rantzau que havia outros com interesses similares e ansiosos por ajudar, caso os alemães oferecessem as ferramentas.<sup>8</sup>

Após as instruções terem sido transmitidas, Robertson retornou a seu escritório, deixando a Cottenham a tarefa de providenciar os vistos belgas. Naquela tarde, encontrou Williams no Bonnington Hotel em Southampton Row e lhe entregou os documentos de viagem juntamente com três envelopes contendo vinte libras cada tanto para ele quanto para Owens, além de dez libras para WW. Questionado sobre aonde Owens fora após o encontro naquela manhã, Williams disse que ele havia desaparecido em uma pequena loja italiana para "fazer um telefonema para o Ministério da Guerra em busca de instruções". Cottenham ficou surpreso, mas não disse nada de imediato. Como os dois tinham se conhecido há poucos dias, o plano era Owens e Williams se conhecerem melhor, passando a última noite juntos em uma cervejaria em Kingston-upon--Thames. Porém, puxando Williams para perto, Cottenham pediu-lhe para relatar o comportamento de seu compatriota antes de eles partirem

para a Bélgica no dia seguinte. Owens jamais seria digno de total confiança por parte do MI5.<sup>9</sup>

Provavelmente para impressionar seus companheiros, Owens contratou um Daimler com chofer para levá-lo com Williams e WW a Kingston, onde sua amante loira de 27 anos, Lily, esperava-os. WW sentou-se na frente do Daimler, ao lado do chofer, separado por um vidro da parte traseira, onde seus companheiros conversavam em voz baixa sobre a tarefa em mãos.

“A primeira pessoa que você vai conhecer será o Doutor. Ele está no controle da organização de serviço secreto na região oeste, que vai desde a Inglaterra até a América”, sussurrou Owens. “Não se esqueça de mergulhar em suas convicções extremamente pró-galeses e de demonstrar-lhes que simpatiza com os alemães. Coloque bastante ênfase no fato de que, como detetive particular, você já viajou muito por Gales e viu as condições de trabalho do povo e como são explorados por medidas decididas em um parlamento amplamente composto por ingleses.”

Williams deveria esperar ser questionado sobre a localização das fábricas de munição, refinarias de petróleo, siderúrgicas e portos para onde esses materiais eram enviados.

“O que respondo com relação a isso?”, ele perguntou.

Não havia mal algum, respondeu Owens, em revelar detalhes de várias fábricas cuja existência era conhecimento comum, como a I.C.I em Landore e a nova fábrica de munição sendo construída em Bridgend.

Williams deveria sugerir Oxwich Bay como lugar adequado para um submarino instalar explosivos – afinal, os alemães já tinham isso em mente. Se a Operação Crowhurst fosse bem sucedida, ele deveria agradecer profundamente os alemães por se oferecerem para ajudar seus compatriotas na luta pela liberdade.<sup>10</sup>

Naquela noite, os três homens, acompanhados por Lily, foram primeiro ao Castle Hotel, em Richmond, para beber. Depois, seguiram para um segundo bar, onde encontraram outro casal. O grupo permaneceu horas ali, bebendo e dançando. Owens bebeu muito naquela noite – de acordo com Williams, uísque e cerveja.

Todavia, a bebida parecia não afetar seu julgamento. Quando Williams estava dançando com a amiga de Lily, a própria Lily inclinou o corpo sobre a mesa e sussurrou para WW: “O sr. Williams é um grande homem!”.

Depois disso, de volta ao apartamento, Owens transmitiu um relato falso do tempo para Hamburgo, sendo monitorado por Maurice Burton, oficial de rádio do MI5. Em seguida, mostrou como operar o transmissor sem baterias antes de ligar o aparelho rapidamente para receber um breve Morse chegando de Berlim.

“Você lê Morse?”, Williams lhe perguntou.

“Sim, mas, para minha sorte, eles enviam muito lentamente”, foi a resposta.<sup>11</sup>

A Operação Crowhurst começou na noite seguinte. Williams e Owens deveriam pegar o barco rumo a Fokestone enquanto WW retornava a Gales. Se questionado pela imigração belga, a história inventada era que eles estavam viajando para um encontro de negócios com um canadense que navegaria de Rotterdam a Toronto a bordo do *Nieuw Amsterdam*. Antes de deixar o hotel, Williams escreveu à esposa. Na carta, explicava que estava tratando de negócios em Londres, o que ela supôs se tratar de um trabalho no tribunal. Um agente do MI5 foi apontado para atender qualquer telefonema que a Sra. Williams fizesse ao Bonnington Hotel.<sup>12</sup>

TNA, KV 2/446, folio 311a, “The Welsh Agent: WW folder”, 22 de setembro de 1939.

TNA, KV 4/188, GLD, Volume 4, Parte 2, pp. 79–81, lista e modo de viagem dos agentes alemães (sabotadores sublinhados em vermelho).

TNA, KV 2/446, folio 311a, 22 de setembro de 1939.

TNA, KV 2/446, WW retirado da Operação Crowhurst, vendedor de livros suspeito, 28–30 de setembro de 1939.

TNA, KV 2/468, carta, 11 de outubro de 1939, WW recomenda GW como substituto para a missão em Bruxelas.

TNA, KV 2/446, Robertson a respeito da missão de GW/Snow, arquivo não datado.

TNA, KV 2/446, nota de Robertson, 26 de setembro de 1939, relacionada a Snow, WW.

TNA, KV 2/468, relato de Cottenham, 16 de outubro de 1939, sobre as instruções a GW/Snow para a Operação Crowhurst.

*Ibid.*

TNA, KV 2/446, relato de GW, 17 de outubro de 1939, a Cottenham/Robertson sobre a noite com Snow, WW e Lily na véspera da Operação Crowhurst.

*Ibid.*

TNA, KV 2/468, nota de Cottenham, 16 de outubro de 1939, sobre a história inventada para GW/Snow na Operação Crowhurst.

## O INTERROGATÓRIO

**NENHUM DOS DOIS HOMENS** que se encontraram debaixo do relógio na Estação Victoria, em Londres, na noite de 19 de outubro de 1939, emitiu qualquer sinal de reconhecimento até ambos estarem confortavelmente sentados no trem rumo a Fokestone, onde pegaram a balsa das 7 horas para Oostende com o objetivo de seguirem até Bruxelas. Os agentes da *Abwehr* estariam a espera para encontrá-los no Savoy Hotel da Rue Saint-Lazare, em Bruxelas, para uma série de perguntas referentes à alegação de GW de que era um nacionalista extremista galês e um possível colaborador. O inspetor de polícia aposentado prestes a ser lançado na linha de frente da guerra da espionagem talvez não tivesse corrido o risco se conhecesse melhor seu companheiro na Operação Crowhurst.<sup>1</sup>

Grande parte das verdades sobre Snow (codinome Johnny) e, em outras ocasiões, sobre Wilson, Graham e, por fim, White (nome que levou para o túmulo) continuará enterrada sob uma montanha de evasivas. Sua atividade consistia em frustrar planos e mentir; as ferramentas eram a sagacidade e a astúcia naturais para sustentar um complicado estilo de vida regado a álcool e mulheres. Em última instância leal apenas consigo mesmo, Snow nunca foi digno de confiança plena nem dos britânicos, nem dos alemães, o que deixava Gwilym Williams perigosamente exposto às aberrações de um indivíduo que alguns acreditavam ser, no mínimo, bastante instável psicologicamente.<sup>2</sup>

A travessia até Oostende foi tranquila, exceto pelo vendaval de outono que enterrou o barco abaixo das montanhas de espuma. De Oostende, o trem partiu praticamente vazio, mas, ao chegar a

Bruxelas, uma hora depois, foi tomado por refugiados que abriram as portas e entraram nos vagões para a viagem de volta. Muitos eram judeus desesperados por estarem um passo à frente do avanço alemão, sendo que alguns haviam fugido da Áustria em 1938, quando da chegada dos alemães. Ninguém acreditava que os holandeses ou belgas poderiam conter Hitler.

Parado em meio à massa movimentada de pessoas, GW viu pela primeira vez um nazista. Oficiais da SS andavam livremente pelas ruas da capital belga porque o governo e a monarquia haviam optado por uma política de “colaboração administrativa máxima”, com a elite governante adotando uma cultura antissemita que exigia que os judeus usassem estrelas amarelas – exceto em Bruxelas, onde as autoridades se recusavam a colocar em prática essa ordem. Para muitos belgas, colaborar era a única forma de salvaguardar a preciosa neutralidade de seu país.<sup>3</sup>

Era fim de tarde quando GW e Snow deram entrada no Hotel Savoy. Ninguém os esperava e não havia quaisquer mensagens. E as mensagens tampouco chegaram na manhã seguinte. Tudo que eles podiam fazer era esperar até Rantzau fazer contato.

GW encontrou o Doutor pela primeira vez naquela tarde de 21 de outubro de 1939. Ao retornar ao hotel após mais uma volta no quarteirão, Snow foi recebido por um homem sorridente que o esperava na recepção. Rantzau pediu ao grupo para acompanhá-lo até a Antuérpia, que ficava a menos de meia hora de trem, onde ele os deixou bebendo água em um bar da estação até que, alguns instantes mais tarde, um homem se aproximou, atravessando a fumaça de cigarro. Tão alto quanto Rantzau, mas com pele escura e ligeiramente forte, ele usava óculos de lentes grossas e falava um inglês duvidoso. O Major Brassler, chefe da Inteligência Aérea no quartel da *Abwehr* em Berlim, tinha um interesse particular pelo mais recente recruta do Doutor como uma possível fonte de informação para a Luftwaffe.<sup>4</sup>

Brassler guiou os galeses até a entrada da estação, onde havia uma mulher parada na calçada ao lado do ponto de táxi. Era Lisa Kruger, até o início da guerra uma agente moderadamente bem-

sucedida da *Abwehr* na Grã-Bretanha que extraía informações de oficiais não suspeitos da Royal Aircraft Experimental Establishment em Farnborough. Alta, com aproximadamente 38 anos e esposa de outro dos agentes de Rantzau, Kruger pediu a GW e Snow para entregarem uma mensagem a alguns “bons amigos” dela na União Britânica de Fascistas, de Oswald Mosley. Quando o táxi chegou, Frau Kruger havia desaparecido na noite, após analisar GW de perto em busca de futuras referências.<sup>5</sup>

O táxi seguiu seu caminho pelo labirinto das ruas irritantemente idênticas da Antuérpia até a margem do rio Escalda. Eles deram voltas e voltas de carro, passando por sobre linhas de trens e entrando em ruas com nomes de santos, conventos e monges, lembranças do legado Católico Romano da cidade. Por fim, alcançaram o distrito da luz vermelha – o Schipperskwartier ou Rosse Buurt, entre a Sint Paulusstraat e a Brouwersvliet. Mulheres jovens exibiam-se nas vitrines dos bordéis, a luz vermelha acima da entrada lateral piscava, a multidão andava desorganizada pela calçada enquanto observava as vitrines. Depois de passar pelas ruas na parte de trás, o táxi finalmente os deixou do lado de fora de um grande bloco de escritórios na orla em frente ao cais da Canadian Pacific Railway. GW tomou uma nota mental para marcar aquele local no mapa para o MI5. Em seguida, passou pela porta lateral para entrar rapidamente no prédio. Um elevador esperava para levá-los até o segundo andar, onde havia um enorme conjunto de escritórios com vista para o Escalda.<sup>6</sup>

Um bávaro do tipo rígido, de estatura mediana, recebeu GW na porta com um forte aperto de mão. O Kapitaenleutnant “Charley” Witzke falava um inglês excelente e, como chefe da seção de sabotagem na Ast da *Abwehr* em Hamburgo, seria controlador de GW se ele sobrevivesse ao interrogatório. Mas primeiro vieram sanduíches, cervejas e uma conversa educada, durante a qual tornou-se evidente que Witzke conhecia o Canal de Bristol porque havia servido no exterior, trabalhando em cargueiros comerciais entre Gales do Sul e Hamburgo. Apresentado como “Comandante”, Witzke realizaria o interrogatório que começou imediatamente após

Snow, Rantzau e Brassier deixaram a sala para irem a outra área do prédio, onde passariam grande parte dos próximos três dias. Sobre o que eles conversaram e o que estavam planejando, isso Snow se recusou a dizer. Ocasionalmente, Rantzau e Brassier reapareciam para fazer perguntas mais específicas sobre as ligações de GW com os líderes do movimento nacionalista galês, sobre os objetivos do partido e sobre como eles pretendiam alcançar aqueles objetivos. GW explicou:

Até agora, somente adotamos métodos pacíficos, como a distribuição de panfletos e a publicação de um livro apontando os vários recursos de Gales e indicando que o país é capaz de se autos-sustentar. Agora estamos ansiosos por obter a ajuda da Alemanha para alcançar nossos fins e, para isso, auxiliaremos de todas as formas possíveis. De nossa parte, esperamos uma oportunidade desse tipo há anos.<sup>7</sup>

A sondagem continuou, às vezes tão intensa a ponto de GW “perder completamente o rumo”. Como um mantra, ele repetia os nomes de nacionalistas proeminentes, com o objetivo de provar suas credenciais. E, sempre que uma questão desconfortável era lançada, tentava ganhar tempo para produzir uma resposta verossímil. Por mais estranho que possa parecer, em nenhum momento ele foi questionado sobre por que motivo um ex-policial estaria preparado para trair seu país! Aparentemente satisfeito com as credenciais nacionalistas de GW, Rantzau e Brassier deixaram Witzke discutindo o detalhado plano de uma campanha de sabotagem enquanto continuavam a conversa com Snow.

“Você pode oferecer ajuda à Alemanha destruindo estaleiros, navios, galpões usados para o armazenamento de reservas e algodão, estações geradoras de energia, aeródromos e fábricas de munição”, falou Witzke. O grupo de GW tampouco era composto por sabotadores para se limitarem aos alvos em Gales. Instalações militares e civis seriam atacadas em Briston, Manchester, Liverpool e Glasgow. Como recompensa pela colaboração, a independência de

Gales estaria garantida em qualquer tratado de paz que a Alemanha negociasse com a Inglaterra, prometeu o Comandante.<sup>8</sup>

“Sabotar? Com o quê?”, perguntou GW. “É impossível encontrar material para fazer tudo isso. É impossível, neste momento, envolver-se com algo assim sem a Inglaterra.”

“Isso não será problema. Nós ofereceremos tudo o que for necessário”, garantiu Witzke.

Em seguida, veio uma discussão sobre a melhor forma de transportar explosivos e detonadores ao País de Gales. As rotas geralmente preferidas eram por um submarino que seguiria rumo a Oxwich Bay, na Península de Gower, ou por um submarino que ficaria parado a dezesseis quilômetros da costa enquanto uma traineira descarregava os itens. A outra sugestão era por paraquedas, caso em que GW mostraria no mapa um ponto das Black Mountains como uma possível zona de pouso. A decisão acerca do local e do método por meio do qual os explosivos seriam entregues foi adiada até o mês seguinte, quando GW estava em Hamburgo para trabalhar com instruções do código Morse e recolher seu transmissor de rádio.<sup>9</sup>

Na manhã seguinte, Snow estava mais nervoso que de costume e insistiu em comprar um revólver antes de, naquela noite, eles encontrarem novamente os alemães na Antuérpia. Se a *Abwehr* fosse sábia, então eles poderiam precisar se defender, disse Snow a GW. Um fabricante concordou em vender-lhes uma arma se eles conseguissem uma licença. Então, Snow explicou ao Comissário de Polícia que a arma era para “atirar em ratos”. Nem mesmo com o revólver e 25 cartuchos de munição no bolso o homenzinho conseguiu relaxar. Havia outro problema, ele disse, por nenhum motivo aparente: as mulheres, em particular as agentes enviadas com o objetivo de encurralá-lo. “Nunca trabalhe com mulheres”, sussurrou o reconhecido mulherengo. “Perigoso demais!” Em seguida, ele planejou roubar um avião de caça Spitfire e levá-lo para a Alemanha. “Vale 50 mil libras e um emprego vitalício”, declarou. Como ele admirava “uma raça que faz o que tem de ser feito”!

“Quanto ao Doutor, ele está muito impressionado com você”, disse a GW enquanto eles esperavam no saguão do hotel pelo carro que os buscaria para o próximo estágio do interrogatório. “Mas seja cuidadoso. Quando voltarmos à Inglaterra, não fale com ninguém até eu entrar novamente em contato. Os telefones estão sendo grampeados e as cartas, abertas”, avisou.<sup>10</sup>

Witzke estava sentado atrás de uma mesa estudando uma folha de papel quando GW entrou no escritório na orla de Antuérpia naquela noite. As janelas estavam fechadas e, como agora era costume, Snow deixou a sala antes de o Comandante retomar o interrogatório cruzado. Witzke contou a GW que tinha uma lista de informações que eles esperavam receber de seus novos aliados nacionalistas galeses:

1. Tipos de holofotes usados.
2. Que tipo de proteção os balões barragem tinham contra raios.
3. O motivo para a suspensão de ataques aéreos a alvos alemães e, se esses ataques fossem retomados, quais seriam os principais alvos.
4. Detalhes dos motores usado nos novos caças Short Bros. Quantos haviam sido produzidos e onde eram armazenados?
5. A Fairey Engineering estava construindo o novo torpedeiro no rio Hamble? E onde eles estavam sendo usados?
6. A sede do 22º Grupo do Exército ficava em Farnborough ou Weybridge?
7. Quais grupos do exército estavam defendendo Jersey e Guernsey?
8. O 600º Esquadrão Auxiliar de Voo estava em Manston ou Hendon?
9. A localização dos centros de mobilização.
10. As frequências de navegação por rádio da Força Aérea Real e o aparato sendo utilizado.
11. Quais esquadrões de reconhecimento e perseguição e unidades antiaéreas da Força Aérea Real estavam posicionados na França?

12. Quais eram os principais portos que os britânicos usavam para enviar suprimentos a suas forças na França?
13. A eficácia de vários setores da Força Expedicionária Britânica.
14. Quais portos britânicos estavam sendo usados para descarregar suprimentos vindos dos Estados Unidos?
15. As localizações dos aeródromos e o número de aeronaves operando em cada um.
16. Informações sobre fábricas de munição em Speke, Liverpool e outros lugares.

“O movimento nacionalista galês conseguiria entregar essas informações?”, perguntou Witzke. Desde o início, GW insistia que seu grupo era pequeno e interessado principalmente em sabotagem, não em espionagem. “De imediato, existem entre 500 e 600 membros [nacionalistas] em Gales do Sul, e, desses, podemos contar que 20 ou 30 estejam dispostos a realizar quaisquer trabalhos necessários, contanto que o risco não seja grande demais”, disse a Witzke. “Não sei dizer com exatidão o número total do movimento, mas acredito que seja mais forte no norte do que no sul.”<sup>11</sup>

GW perguntou como ele esperava levar a cabo a sabotagem na Inglaterra quando os membros do grupo estavam restritos a Gales.

“Fazendo esses homens conseguirem emprego em outras cidades e realizarem o trabalho sempre que a uma oportunidade surgir”, foi a resposta de Witzke. “Assim que fizerem o que tem de ser feito, podem encontrar trabalho em outro lugar. Nós os compensaremos por tudo.”

“Estamos ansiosos para dar fim a essa guerra sem sentido”, continuou.

“Não queremos nada além de paz com a Inglaterra e a França. Apreciaríamos atos de sabotagem por parte dos galeses para dar um fim a essa guerra desnecessária, que não tem qualquer propósito útil para a Alemanha, Inglaterra ou França. E a forma de levá-la a uma conclusão rápida é alvejar a Inglaterra internamente, fazê-la ouvir o bom-senso e a razão sem abater os jovens desses países. O afundamento de um navio ocasional não vai conter a guerra. A Inglaterra tem meios de transporte abundantes disponíveis. Mas a

perturbação interna por meios de sabotagem em pontos de interesse vital será de imenso valor para nós no sentido de levar aqueles que são responsáveis, na Inglaterra, a um estado de espírito que os fará ouvir a razão.”

Com relação à Polônia – razão imediata para a declaração britânica de guerra –, a Grã-Bretanha pretendia, declarou Witzke, entregar à Rússia 518 mil quilômetros quadrados, 207 mil para os poloneses, 130 mil para os judeus e manter 260 mil para si.<sup>12</sup>

Após várias outras horas de interrogatório – e propaganda – o encontro chegou ao fim. Um táxi com o Major Brassler buscou Snow no hotel, deixando GW sozinho por toda a manhã. Ao retornar, Snow não mencionou nada sobre suas relações com os alemães, mas apenas informou a GW que seu interrogatório continuaria. Naquela noite, eles foram levados para longe do centro de Bruxelas, rumo a um bairro arborizado e uma grande construção de granito cinza – a casa do dono dos escritórios na Antuérpia.

O imóvel era opulentemente mobiliado, mas, até onde GW conseguia ver, a única ocupante era uma empregada alemã que os guiou até a sala de jantar no primeiro piso, onde Witzke esperava. GW passou mais uma hora discutindo várias formas de entregar explosivos à sua célula nacionalista galesa. Novamente, a decisão final foi adiada até eles se encontrarem em Hamburgo no mês seguinte. Enquanto isso, Witzke pediu-lhe que identificasse esconderijos seguros para os explosivos, para quando eles fossem entregues. Também mandou seu grupo aumentar o estoque, pilhando dinamite das áreas de carvão do País de Gales. “Nacionalistas” também deveriam ser usados para espalhar propaganda antiguerra.<sup>13</sup>

A tarefa final que o comandante da *Abwehr* definiu para GW era abordar direta e pessoalmente o líder liberal Lloyd George, buscando encorajá-lo a influenciar “os galeses contra a ideia de unir forças com a Inglaterra”. Fiel a seu verdadeiro caráter, GW respondeu à proposta de Lloyd George ao sugerir que a Alemanha correspondesse oferecendo tratamento diferencial aos prisioneiros de guerra galeses. “Isso vai ajudar com a propaganda em casa

porque os prisioneiros de guerra estão obrigados a mencionar o assunto em suas cartas”, ele explicou.<sup>14</sup>

Aparentemente convencida de que GW era um homem sincero e verdadeiro, a *Abwehr* lhe pediu para obter um visto para viajar à Holanda no mês seguinte. Lá, ele deveria receber um passaporte americano falso antes de cruzar a fronteira com a Alemanha para receber mais informações da Ast em Hamburgo. Enquanto isso, deveria posar de colecionador de selos – um de uma rede de filatelistas que transmitia informações a Hamburgo. Esses supostos filatelistas não passavam de uma fachada para enviar à *Abwehr* selos contendo cópias microfotográficas de documentos secretos. O contato de GW nessa rede era “Mme. de Ridder, No. 22 Avenue Helene, Antuérpia, Bélgica”. Até receber os códigos necessários para se tornar ele mesmo uma ligação dessa cadeia, GW deveria se comunicar com Mme. De Ridder, escondendo as informações que deveriam chegar a Rantzau no quinto parágrafo de suas cartas.<sup>15</sup>

Antes de deixar Bruxelas, Rantzau entregaria a Snow duas microcartas que, por sua vez, deveriam ser entregues a “Charlie”, um agente da *Abwehr* em Manchester. Charlie era um alemão nascido na Inglaterra e chamado Kiener, que tinha um irmão, Hans, e outros parentes vivendo em Nuremberg. Por conta de ameaças feitas à sua família, Charlie, um fotógrafo, foi forçado pela inteligência militar alemã a oferecer a expertise e o equipamento especializados necessários para reduzir fotograficamente documentos. Em novembro de 1939, porém, ele se rendera à polícia em Manchester e confessara seus feitos. Como de costume, a escolha apresentada pelo MI5 era: trabalhe para nós, ou entregaremos à SS uma cópia da sua confissão. Charlie tornou-se mais um agente da Double-Cross trabalhando sob o controle do MI5.<sup>16</sup>

Ao retornar a Londres, Snow contou a Robertson sobre as microcartas, mas, em vez de entregá-las a Charlie, conforme instruído pelo MI5, ele mandou seu amigo escocês Myner, acompanhado por Lily, a Manchester. Ao darem entrada no Queen’s Hotel como “Sr. e Sra. Thomas Graham”, os dois encontraram Charlie em um bar, conforme combinado, e entregaram-lhe as microcartas

contendo instruções para tirar fotos dos aeródromos de Liverpool e Speke. Após a miniaturização, as fotografias deveriam ser escondidas atrás de selos postais em uma carta endereçada a “Thomas Graham, c/o British Columbia House, Regent Street, Londres”, uma caixa postal secreta usada por Snow. O MI5 ficou furioso. Quando questionado sobre por que ele mesmo não tinha feito o trabalho, Snow respondeu despreocupadamente: “Eu não queria viajar”.<sup>17</sup>

No dia final do interrogatório na Bélgica, GW, Snow e Witzke tomaram um táxi até uma loja em uma praça próxima do hotel. Witzke tocou a campainha no final de um corredor estreito. O trinco foi destravado. Porém, quando a porta se abriu, não havia ninguém ali, apenas um elevador que os levaria a um apartamento no primeiro andar. A cozinha do apartamento havia sido emprestada a Witzke por um nacionalista flamenco com o propósito de fazer uma demonstração.

Tirando a jaqueta, Witzke, o especialista em sabotagem, aproximou-se da mesa da cozinha. “Você precisa tomar nota atentamente do que vou dizer”, instruiu. “Se não fizer isso, pode acabar se matando, embora esta ainda seja a forma mais segura e eficaz de se construir uma bomba. Existem outros métodos, e eles serão demonstrados em um laboratório quando você visitar a Alemanha dentro de três semanas”. GW tomou nota enquanto Witzke passava a lista de ingredientes como se estivesse lendo uma receita.

“Use três partes de clorato de potássio e uma de açúcar. Moa os dois separadamente, de modo a formar pó; então, misture-os totalmente sem causar fricção. Para isso, use ou uma garrafa grande ou um frasco de pedra”. Witzke pegou uma garrafa que estava sobre a mesa e misturou os dois ingredientes, sacudindo suavemente antes de colocar a mistura em uma caixa de sapato feita de papelão. De um armário da cozinha, o alemão retirou um frasco de remédio vazio e jogou a rolha em uma panela parcialmente preenchida com parafina; então, acendeu o fogo.

“Ferver a rolha na parafina retira todo o ar”, ele explicou. Enquanto esperava, Witzke colocou uma pequena quantidade de

ácido sulfúrico não diluído em outro frasco de remédio antes de colocar a rolha fervida na parafina, após perfurar o centro várias vezes com uma agulha de costura para permitir que o ácido entrasse ali.

“Agora vem a parte mais difícil”, falou, pegando uma pequena folha de papel manteiga e a prendendo na parte superior da rolha. “Isso pode matá-lo se não tomar cuidado”. O papel foi grudado, deixando uma pequena seção imediatamente acima do ponto no qual a agulha fora enfiada. “Experimente com papéis de diferentes espessuras”, aconselhou GW. A espessura controlava a velocidade com que o ácido escapava da garrafa pelos buracos na rolha, determinando o tempo que um sabotador dava a si mesmo para escapar depois que o gargalo do frasco de remédio era inserido na mistura explosiva na caixa de sapato.

Quando a demonstração chegou ao fim, eles seguiram para uma taverna local para beberem mais cerveja e se despedirem. Após inclinar o corpo por sobre a mesa, Witzke deu 50 libras a GW, dizendo: “Somente um fanático trabalha de graça. Isso é por seu trabalho. Se precisar de mais, procure nosso amigo [Snow]. Ele está autorizado a lhe repassar o que for necessário”. Para financiar as operações de sabotagem, os alemães estavam, de acordo com Snow, depositando uma grande quantidade de dinheiro em sua conta bancária canadense. Se isso era verdade, GW nunca viu um centavo.

O interrogatório havia chegado ao fim, embora GW tivesse recebido um aviso para esperar uma visita de um agente alemão que já operava na Grã-Bretanha. Esse agente o procuraria em sua casa em Mount Pleasant, Swansea, identificando-se com uma fotografia e perguntando: “O senhor é o Sr. Williams?”. A resposta deveria ser: “Sim. Você trabalha com fotos?”.

A forma como GW enfrentava as perguntas impressionava Snow, ou pelo menos foi o que pareceu num primeiro momento. Fossem lá quais armadilhas os alemães tivessem preparado, elas pareciam ser evitadas. O veemente desgosto e a desconfiança de GW pelos ingleses e sua determinação em alcançar um País de Gales autônomo pareciam ter surtido um enorme efeito. Se Hitler quisesse

que os nacionalistas preparassem o caminho para uma invasão, então GW seria seu trunfo.

Às 9 horas da noite de 24 de outubro de 1939, GW e Snow estavam em um trem rumo a Oostende. Chegaram a Folkestone à 1h30 da manhã. Como precaução, os dois se separaram antes da Estação Victoria, em Londres. GW havia chegado a Swansea às 11 da manhã do dia seguinte. Depois de uma semana de interrogatórios, o inspetor de polícia aposentado voltou para casa como o agente A.3551 da *Abwehr*, recrutado como sabotador e quinto-colunista e financiado por Snow, o agente A.3504.<sup>18</sup>

Guy Liddell, chefe da Divisão B do MI5, ficou contente com o sucesso da Operação Crowhurst e escreveu em seu diário:

Snow e seus amigos galeses parecem ter passado por momentos interessantes em Bruxelas, onde tiveram longas conversas com vários alemães. A ideia é que eles sejam usados na explosão de fábricas e em trabalhos de importância para este país, para os quais amplos financiamentos devem ser disponibilizados. Existe uma sugestão de que os explosivos sejam enviados por submarino e descarregados em algum ponto da costa galesa. A Snow foi oferecido 50 mil libras, a serem repassadas a qualquer um que levasse uma de nossas últimas aeronaves à Alemanha.<sup>19</sup>

Mas isso não era tudo. Snow havia retornado de Bruxelas com dois pequenos blocos de madeira, nos quais havia detonadores escondidos.<sup>20</sup> Rantzau também lhe entregara 470 libras e uma carta com carimbo de Bournemouth contendo seu "salário". O rastro do dinheiro levou à sra. Mathilde Kraft, tesoureira da *Abwehr* na Grã-Bretanha, que, por fim, acabou presa depois de trocar notas altas de libras na Selfridges de Londres por outras menores com as quais pagaria Snow.<sup>21</sup> Essas notas foram as primeiras falsificações alemãs a aparecerem na Grã-Bretanha.

Um ano *depois* do primeiro encontro de Rantzau com Williams, o chefe de contraespionagem da *Abwehr* anotou em seu Diário de

Contraineligência (Seção II) que havia autorizado o pagamento de 20 mil Reichsmark em moeda local a “Williams, o líder dos nacionalistas galeses”, para financiar uma campanha de sabotagem. O pagamento a Williams era entregue por um membro do IRA de codinome “Margarete”, empregada como mensageira da *Abwehr* entre Madri e Londres. O caderno da inteligência alemã intitulado “Operações contra a Inglaterra realizadas pela Seção em conjunto com membros do Exército Republicano Irlandês” estava em meio a um conjunto de documentos da inteligência alemã conhecidos como *Diários da Abwehr* e apreendidos pelos americanos ao fim da guerra. Outra entrada, cujo título era o codinome “Whale”, fazia referência a um plano, em novembro de 1940, de levar à encosta um operador de rádio, V-Mann Lehrer, com a ajuda de uma traineira, com o objetivo de formar alianças mais próximas com os nacionalistas galeses. Não se sabe se o operador de rádio da *Abwehr* chegou ao País de Gales, apenas que sua partida de Brest, em 11 de novembro de 1940, foi atrasada por causa das más condições do tempo.<sup>22</sup>

TNA, KV 2/468, relato de GW a Robertson, controlador do Sistema Double-Cross, após o encontro com Rantzau na Antuérpia, 28 de outubro de 1939; TNA, KV 2/446, Snow reporta-se a Robertson após o encontro na Antuérpia, 29 de outubro de 1939.

TNA, KV 2/450, folio 1097a, nota de J. Marriott sobre a saúde mental de Snow, 3 de abril de 1941, após o interrogatório de Snow seguindo sua “confissão” em Lisboa.

Rudi Van Doorslaer, *Docile Belgium* (Bruxelas: Centre for Historical Research and Documentation on War and Contemporary Society, 2007), encomendado pelo Senado Belga sobre a reunião, segregação e espoliação de judeus antes e depois da Segunda Guerra Mundial.

Farago, *The Game of the Foxes*, p. 225.

TNA, KV 2/468, relato de GW a Robertson após o encontro com Rantzau na Antuérpia, 28 de outubro de 1939; ver também KV 2/446, folio 492 para detalhes das atividades de Kruger em Farnborough.

*Idem.*

*Idem.*

*Idem.*

*Idem.*

TNA, KV 2/468, relato de GW a Robertson depois do encontro com Rantzau na Antuérpia, 28 de outubro de 1939.

*Ibid.*

*Ibid.*

*Ibid.*

*Ibid.*

TNA, KV 2/468, arquivo marcado como “Não deve ser aberto”, cópias fotográficas enviadas a GW por de Ridder.

TNA, KV 2/446, relato de “Charlie” do encontro com “Sr. e Sra. Graham”, 24 de novembro de 1939; ver também TNA, KV 2/446, folio 138<sup>a</sup> (também em PF 48283), 16 de novembro de 1939, para a declaração de Snow relacionada às instruções da Abwehr a Charlie.

*Ibid.*

TNA, KV 2/468, relato de GW a Robertson depois do encontro na Antuérpia, 28 de outubro de 1939.

TNA, KV 2/185, GLD, 31 de outubro de 1939, Volume 1, Parte 1, p. 129.

TNA, KV 4/185, GLD, 26 de outubro de 1939, Volume 1, Parte 1, pp. 118–19.

TNA, KV 2/450, folio 1264c, para detalhes do caso contra Mathilde Kraft; TNA, KV 4/465, 1942–5 para detalhes sobre as notas falsas de libras esterlinas pagas a agentes duplos pela *Abwehr*.

National Archives, Washington DC, Abwehr Diaries, extratos da página 12 do “Logbook of Counter-Intelligence (Section II) relating to operations against England undertaken by the Section in Association with members of the Irish Republican Army, the IRA”.

## SE O INVASOR VIER

**WILLIAMS E SNOW RETORNARAM A UM PAÍS** onde o espectro da invasão nunca estivera distante. Mesmo durante a Guerra de Mentira, entre setembro de 1939 e o Dia D, em junho de 1940, quando os ataques aéreos eram escassos e não havia inimigos nas praias, a nação permaneceu alerta à possibilidade de sabotagem por parte dos quinto-colunistas, especialmente após uma campanha de bombardeio do IRA em Londres e em outras grandes cidades inglesas nos meses que antecederam a declaração de guerra. A prioridade do MI5 era assegurar que os nacionalistas irlandeses não entrassem na guerra como quinto-colunistas e que centenas de estrangeiros alemães e italianos fossem encontrados, interrogados e presos. A possibilidade de existência de atividades da Quinta Coluna foi reforçada por uma interceptação de rádio que revelava que a *Abwehr* estava tentando recrutar sabotadores em Anglesey. O Alto Comando alemão também estava preparando a "Operação Green", cujo objetivo era colocar 5 mil tropas na Irlanda para chegarem a Gales e apoiar a força de invasão principal de Hitler na Operação Leão Marinho.<sup>1</sup>

O Parlamento havia sido reconvocato de seu recesso de verão na semana antes de o Primeiro Ministro Neville Chamberlain declarar guerra, em 3 de setembro de 1939, para aprovar o Ato dos Poderes Emergenciais (Defesa), encarcerando estrangeiros de "associações ou origens hostis" e pessoas envolvidas com "atos nocivos à segurança pública" sob o Regulamento 18B. Embora existisse o direito de apelar, o Regulamento 18B suspendia automaticamente o *habeas corpus*.

A descrição de um grupo de pessoas tramando minar uma nação a partir de seu interior como quinto-colunistas entrara para o léxico revolucionário durante a Guerra Civil Espanhola quando, em novembro de 1936, os exércitos dos generais nacionalistas espanhóis Franco e Mola aproximavam-se de Madri. No início da Segunda Guerra Mundial, porém, era um conceito relativamente novo. No quartel de Franco havia um grupo de oficiais alemães e italianos. Ao persuadir Franco da importância de ter apoiadores em Madri que pudessem se levantar a qualquer momento, um oficial nazista nomeou tais apoiadores Quinta Coluna, já que as outras quatro convergiam para a capital. Posteriormente, em uma declaração aos correspondentes estrangeiros, o General Mola adotou a expressão e disse: "Temos quatro colunas de tropas marchando rumo a Madri e, na cidade, temos uma quinta coluna". O objetivo era, obviamente, minar o moral dos defensores.

Num primeiro momento, a reunião de estrangeiros foi lenta por conta, em parte, da uma disputa entre o Ministro do Interior Sir John Anderson e o MI5. Este último, ciente da possibilidade de haver estrangeiros ligados a outras potências na Quinta Coluna, queria que todos fossem imediatamente presos, num movimento que deveria ser acompanhado por um rígido controle de refugiados que vinham dos territórios ocupados da Europa continental. Quanto a Sir Oswald Mosley e sua União Britânica de Fascistas, o MI5 sabia que eles estavam sendo financiados por Berlim para espalhar propaganda nazista e queria prendê-los imediatamente. O Ministro do Interior, entretanto, opunha-se fortemente à prisão de britânicos, exceto diante do surgimento de provas cabais de que eles estavam ajudando de forma ativa o inimigo em caso de invasão. A União Britânica fascista, ele lembrou ao MI5, não havia apelado ao patriotismo dos membros em seu jornal partidário, o *Action*. Ademais, o Ministro acreditava ser um erro prender Mosley e seus apoiadores, que ficariam "extremamente amargurados depois do fim da guerra, quando a democracia passasse pelos mais severos julgamentos". Guy Liddell, chefe da contraespionagem, sabia dessa troca. Na época, segurou a língua, mas posteriormente escreveu em seu diário: "Queria dizer que, se ninguém começasse a se mexer,

não haveria democracia, Inglaterra ou Império, e que isso era apenas uma questão de dias. [...] A possibilidade de uma verdadeira invasão deste país pareceria não mais do que uma vaga sugestão na mente de Anderson". Embora Liddell admitisse que os alemães não tivessem nenhum poder real sobre os britânicos fascistas, sem dúvida havia uma ligação entre os dois, e ele queria os membros mais proeminentes presos enquanto durasse a guerra. O MI5 tinha a mesma visão dos comunistas britânicos.<sup>2</sup>

Anderson não via a prisão em larga escala como impraticável, mas como algo que poderia criar focos de intrigas, uma vez que os campos estavam se tornando centros de recrutamento para os nazistas e sendo controlados pela Gestapo. Até os militares serem capazes de vigiar os campos adequadamente, o Ministro do Interior preferia deixar que os tribunais decidissem quem seria preso. Tanto o Joint Intelligence Committee quanto o MI5 achavam sua confiança nos tribunais bastante deslocada, pois não apenas o MI5 os descrevia como "uma farsa", como as restrições à imigração na Grã-Bretanha eram tão frouxas a ponto de o país se ver sobrecarregado com um grande número de indivíduos indesejáveis sobre os quais os Serviços de Segurança sabiam muito pouco. Todavia, o Ministro do Interior de fato pediu às colônias que cuidassem de suas cotas de presos alemães, austríacos e italianos. A ajuda veio do Canadá, que aceitou 6 mil, Terra Nova, que recebeu 1 000, Jamaica, 100 mil, e Austrália, preparada para aceitar um número ilimitado. Dentro de 12 meses, havia aproximadamente 30 mil homens e mulheres nos campos da Grã-Bretanha, os mais perigosos da Categoria B mantidos em Dartmoor, mas a maioria na Ilha de Man. Para a preocupação dos serviços de segurança, os tribunais absolveram mais de 5 mil (incluindo 100 membros da União Britânica de Fascistas) com base em recursos, grande parte dos quais apoiando-se em alegações médicas.<sup>3</sup>

Isso ainda deixava 13 mil estrangeiros registrados vivendo na Grã-Bretanha. Como o MI5 tinha também de enfrentar a grande afluência de refugiados, eles vetavam 50 mil suspeitos por mês. Incapaz de desempenhar sua função principal – a de inteligência –,

a agência recomendava que enviar estrangeiros para o exterior era, para os esforços de guerra, uma prioridade maior do que promover os arranjos para evacuar um milhão de crianças dos principais centros urbanos britânicos.

A busca por estrangeiros em Gales não começou muito antes de 13 de maio de 1940, quando tropas alemãs atacaram ao longo do fronte de 64 quilômetros entre Forbach e os Vosges. Em um ataque durante a alvorada, a Polícia de Cardiff invadiu a “Pequena Berlim”, parte de Whitchurch que abrigava 130 residentes de origem alemã ou austríaca. A concentração de estrangeiros naquela área era tão grande que o ônibus que por ali passava no início da manhã era conhecido como “Berlim Especial”. Tirados de suas camas, todos aqueles com entre 16 e 60 anos foram levados primeiro aos tribunais, e, depois, a um centro para serem avaliados. Em seguida, alguns foram presos até o fim da guerra. No mês seguinte, a rede foi estendida para mais de 260 italianos, depois que Mussolini declarou guerra contra a Grã-Bretanha e a França, e a polícia se viu forçada a usar cassetetes para acabar com protestos antifascismo do lado de fora de um restaurante italiano em Swansea. Logo depois, todos os estrangeiros inimigos naturalizados desde o ano de 1932 receberam ordens para entregar mapas policiais, guias, planilhas com horários de trem – qualquer coisa que pudesse ser útil a um invasor.<sup>4</sup>

O país estava “apodrecido com quinto-colunistas do infame IRA”, de acordo com o *Western Mail*, que lembrava os leitores de que os nazistas deixavam transparecer que a Irlanda era o calcanhar vulnerável da Grã-Bretanha, a partir de onde eles poderiam invadir primeiro o País de Gales e depois a Inglaterra. Os mais triviais incidentes ganhavam proporções sinistras mesmo entre aqueles em posições altas que se julgavam detetives amadores farejando subversivos.<sup>5</sup> O Ministério da Guerra tampouco permaneceu imune. Winston Churchill despendera muitas horas de trabalho insistindo em uma investigação acerca do “arco e flecha” que lhe fora mostrado em uma fotografia aérea tirada por um avião de reconhecimento da Força Aérea Real. A flecha estava apontada para uma igreja, na

direção de uma fábrica de material bélico, ao lado da qual aparecia o contorno de um grande arco branco no chão, no meio de uma plantação de coníferas na propriedade do magnata da imprensa Lorde Iliffe. Um escritório do governo bastante animado se sentiu vingado ao receber a notícia de que um pedaço de papel encontrado pelo MI5 na igreja revelava que um membro da congregação também participava da organização pacifista e antiguerra Peace Pledge Union, reconhecida por estar infiltrada por fascistas. Na investigação, a cabeça da “flecha” se provou um estacionamento de carros lado de fora da igreja, ao passo que a cauda era o caminho da entrada. O “arco” estava branco por conta do chão de giz usado desde 1923 nas áreas em que o proprietário alimentava seus faisões. Constrangido pela revelação, o esquadrão local da Força Aérea Real derrubou as árvores nos arredores para esconder o espaço ultrajante.<sup>6</sup> Não muito tempo depois, o Ministério da Guerra provocou outro alerta de segurança depois que um general deixou sua cópia de deliberações secretas sobre uma mesa em sua suíte no Hyde Park Hotel. Vendo o selo de “Extremamente Secreto”, uma arrumadeira guardou os documentos debaixo de uma almofada antes de comunicar a descoberta ao funcionário do andar, que repassou a informação a seu chefe, um italiano inocente. Não demorou até os oficiais da Divisão Especial vasculharem todo o apartamento do italiano.

Não menos irrelevante na enxurrada de inquéritos ridículos distraíndo o MI5 foi a investigação de um quiosque de telefones públicos no qual um homem foi ouvido emitindo instruções a outro homem para que fosse a uma casa com um vaso vermelho na frente, batesse quatro vezes à porta e passasse uma senha. O telefonema suspeito era de um chefe de escoteiros a um membro da equipe com o qual ele exercitava o poder de observação. A agência, todavia, recusou-se a obedecer quando lhe foi solicitado que analisasse com cuidado as candidaturas de filhas de estrangeiros para o escoteirismo!<sup>7</sup>

Sinais curiosos desenhados a giz em postes telegráficos em várias partes do país formavam outra distração. Acabou atribuída a

Anthony Blunt, o espião soviético no MI5, a responsabilidade de explicar as misteriosas imagens. Após deixar a França, Blunt – membro da infame rede de espiões de Cambridge que incluíam Kim Philby, Guy Burgess e Donald Maclean (diplomata) – uniu-se ao MI5. Ao final de seu primeiro dia no posto, ele enviou a seu controlador, Guy Liddell, uma nota resumindo os eventos ocorridos. Havia uma carta de uma mulher apontando o perigo de sentinelas serem envenenados por *gelatos* vendidos por italianos; havia, ainda, um relato de um coronel que fez algumas declarações indiscretas; uma queixa de um engenheiro e desertor treinando pessoal do exército; uma investigação de um dono de hotel escocês com “sangue alemão” e que acabou se provando apenas um descendente de escoceses que nunca havia deixado o país; e, por fim, os estranhos sinais em postes telegráficos. Conforme descobriu Blunt, não passavam de mensagens deixadas por casais apaixonados – uma prática comum em meio à classe operária! Mesmo assim, o governo emitiu um regulamento proibindo o uso de postes telegráficos com essa finalidade. A resposta de Liddell foi que relatos dessa natureza eram “claramente um lixo, [...] e que, se alguns puderem ser extirpados logo que surgissem, isso economizará muito tempo”.<sup>8</sup>

Não era surpresa que o país viesse se assustando com qualquer coisa depois dos documentos obtidos pela embaixada britânica em Belgrado e que revelavam que a Luftwaffe estava se preparando para lançar uma estimativa de 100 mil toneladas de bombas em cidades britânicas. Além disso, acreditava-se que 12 mil paraquedistas pousariam na costa e 70 mil tropas alemãs esperavam para desembarcar entre Deal e a Ilha de Wight.<sup>9</sup> Nessas circunstâncias, a luz se apagou pelos próximos cinco anos e a Grã-Bretanha inteira prendeu a respiração.

Quando um ataque aéreo solitário contra navios no estuário do rio Forth foi tudo o que aconteceu, muitos passaram a se perguntar se as previsões de uma invasão alemã iminente eram exageradas, se o apagão era um excesso e o racionamento de comida desnecessário. Desde a declaração de guerra, em setembro de 1939, até a principal ofensiva alemã, nove meses depois, não havia acontecido muita

coisa. A Força Expedicionária Britânica permanecia enterrada ao longo da Linha Maginot, a qual os franceses consideravam invencível, ao passo que o Ministério da Guerra britânico e os serviços de inteligência tentavam adivinhar os movimentos de Hitler. Como precaução, dezenas de milhares de crianças foram evacuadas do sudeste e das Midlands para a relativa segurança do País de Gales. As primeiras chegaram no domingo, 19 de maio de 1940, sendo que 7 100 foram recebidas em centros de dispersão em escolas e igrejas de Glamorgan e outras 2 900 em Monmouthshire. Depois de tomarem bebidas quentes e passarem por exames médicos, os recém-chegados foram levados para serem instalados em casas espalhadas por todo o vale. No mês seguinte, chegaram a Cardiff trens de tropas tomados por soldados arrancados das garras da morte na Batalha de Dunquerque. O fato de essa afluência de evacuados ser desconcertante é evidente, a julgar pelas reações do *Western Mail* à proposta de um esquema para evacuar crianças galesas para o Canadá em colaboração com as sociedades galesas na América do Norte.

Porém, conforme o medo de uma invasão iminente se afastava do consciente coletivo, os evacuados ingleses começavam a voltar para casa. Um quarto das 1311 crianças entregues a famílias na área rural nos arredores de Cardiff voltaram às cidades conforme a complacência se espalhava.<sup>10</sup>

A Grã-Bretanha parecia mais segura do que em setembro do ano anterior. Porém, os serviços de segurança ainda acreditavam em uma invasão de Hitler, cujas forças estavam paradas na costa francesa como um lembrete constante, enquanto esperavam a Espanha se unir ao Eixo, capturar Gibraltar e afastar a frota inglesa do Mediterrâneo para garantir o abastecimento do petróleo levado do Oriente Médio à Alemanha. Depois de Dunquerque, a Alemanha intensificou os ataques aéreos às cidades britânicas e avançou com a campanha dos submarinos no Atlântico Norte para tentar acabar com o moral e mergulhar o país na fome até se render. Especialistas no Ministério da Segurança calculavam que a Luftwaffe precisaria lançar 300 toneladas de bombas em uma cidade como Bristol,

Cardiff ou Southampton por três noites sucessivas e cinco toneladas por dez dias consecutivos, seguidas por outras 300 toneladas por noite por mais dois dias antes de o moral entrar em colapso.

A complacência da Guerra de Mentira era gradualmente substituída por derrotismo, um inimigo escondido e solapando o moral público depois que os alemães forçaram as tropas britânicas a deixarem a Noruega e ocuparam a Dinamarca sem que um único tiro fosse disparado, no início de abril de 1940. No mês seguinte, Luxemburgo, Holanda e Bélgica se renderam em uma rápida sucessão, Churchill foi substituído por Chamberlain e, enquanto a França caía, 335 mil tropas britânicas, francesas e belgas eram levadas para a segurança, longe das praias de Dunquerque. Porém, como a Marinha Real Britânica estava desamparada, a retirada da França deixou o Exército Britânico com apenas 12 mil metralhadoras Bren e menos de 60 mil rifles.<sup>11</sup> Os Voluntários de Defesa locais (Home Guard) foram mobilizados para combater o invasor.

Rumores alimentavam rumores, que se espalhavam como um vírus, infectando pessoas que, ao se tornarem parte da engrenagem, acabavam cegamente apoiando os quinto-colunistas – isso se eles existissem. Sua existência recebeu certa credulidade com uma entrada, em 30 de maio de 1940, no diário de um recém-apontado Comandante Supremo das Home Forces, o General Sir Edmund [posteriormente Marechal de Campo] Lorde Ironside, que escreveu:

Relatos sobre a Quinta Coluna chegam de todos os cantos. [...] Um homem com uma braçadeira e uma suástica estacionou perto de um importante aeródromo no Comando Sul. Importantes postes telegráficos foram marcados, homens suspeitos movimentam-se à noite por todo o país. [...] Espalhei piquetes por todos os lados esta noite. Talvez peguemos algum suíno.<sup>12</sup>

Fora do imaginário coletivo, porém, nem todos acreditavam na existência de uma Quinta Coluna supostamente alimentada por relatos do que havia acontecido na Europa ocupada antes do avanço alemão. No MI5, aqueles que descartavam a existência da Quinta

Coluna baseavam suas avaliações nos esforços pré-guerra da Alemanha, totalmente direcionados a manter a Grã-Bretanha fora da guerra enquanto estimavam a capacidade do país de uma rápida mobilização industrial se ela fosse necessária. Somente depois que chegaram aos Países Baixos é que Hitler e o Alto Comando Alemão perceberam, ao analisarem sua posição, que não contavam com recursos para uma Quinta Coluna eficaz, pois a *Abwehr* tinha falhado no esforço de estabelecer uma organização de espionagem eficiente antes da guerra.<sup>13</sup> Por tais motivos, Hitler via seu serviço de inteligência como ineficaz e o diretor da Luftwaffe, Hermann Goering, preferia administrar pessoalmente. Apesar disso, Lorde Swinton, que havia assumido o MI5 e o MI6, tomou a precaução de criar um "comitê pensante" para extirpar todos aqueles que provavelmente estavam envolvidos em atividades subversivas: estrangeiros inimigos, direitistas, indivíduos com dupla nacionalidade, aliados nacionais e o IRA. Quando, após escapar para a Grã-Bretanha, o Ministro das Relações Exteriores holandês atribuiu a culpa da capitulação de seu país a paraquedistas alemães usando vários disfarces (monges e freiras, enfermeiros e condutores de bondes), relatos de homens fortes usando hábitos e agindo de forma suspeita começaram a inundar o MI5.

Depois que a França caiu e que foi reportado que o Governo Francês se mudaria para a América do Norte, espalhou-se como pólvora o rumor de que o Governo Britânico se preparava para fugir para o Canadá. Alguns sugeriram que um Ministério "Sombra" já havia se instituído no outro lado do Atlântico. Segundo outro rumor, Rei e Rainha estavam fazendo as malas enquanto os jovens príncipes eram mandados ao exterior.

O derrotismo diante de uma invasão iminente era uma mistura explosiva que Churchill tentou neutralizar com um dos discursos mais inspiradores da Segunda Guerra Mundial:

A nós foi dito que *Herr* Hitler tem um plano de invadir as Ilhas Britânicas. Isso já foi muito pensado antes... Devemos defender nossas ilhas, custe o que custar. Lutaremos nas praias,

lutaremos no solo, lutaremos nos campos e nas ruas, e lutaremos nas colinas. Jamais nos renderemos.

Embora as transmissões de rádio feitas por Churchill tivessem ajudado a manter o moral durante esses dias sombrios de 1940, entre Dunquerque e a Batalha da Grã-Bretanha e as blitz, elas teriam sido muito menos convincentes se os ouvintes conhecessem outra entrada do diário do General Ironside. Três dias após o discurso sobre “lutar nas praias”, o homem responsável pela Defesa providenciava meios de enviar seus diários aos familiares em Norfolk, Canadá, para evitar que eles caíssem em mãos erradas no caso de uma invasão alemã – uma batalha que ele temia que Hitler pudesse vencer.<sup>14</sup>

O derrotismo foi alimentado pela visão que chegava à opinião pública de que os britânicos não estariam em situação muito pior se comandados por Hitler caso fosse verdade que os líderes nacionais estavam se preparando para fugir do país. “Se Hitler estivesse aqui, você e eu não seríamos afetados”, diziam alguns. “Se Hitler governasse a Inglaterra, isso só significaria que eu pagaria meus impostos a ele, e não ao Rei”, sugeriam outros.<sup>15</sup> Depois da renúncia de Chamberlain, o povo britânico continuava acreditando que a paz estava nas palavras do *Führer*. Até o início dos tiros, o líder alemão era amplamente visto não tanto como um inimigo, mas como um cabeça quente – um cabeça quente desagradável, é verdade – que ainda poderia ser suportado se políticas adequadas fossem perseguidas. O apaziguamento demorou muito a morrer.

A resposta oficial ao fatalismo consistia em invocar apoio para “A Guerra do Povo”. Porém, diferentemente da Primeira Guerra Mundial, quando dois milhões se voluntariaram durante os primeiros dois anos, o mais recente apelo para o autossacrifício carecia de convicção. Embora no início da guerra o desemprego estivesse em seu nível mais baixo dos últimos dez anos, Gales continuava sendo um país com divisões sociais intransponíveis, com enormes áreas ainda sem indústrias. Divisões acerca de lutar ou não se limitavam ao movimento nacionalista. Políticos de todos os segmentos e

também os líderes religiosos não estavam convencidos de que a guerra era inevitável, de que seria impossível chegar a um acordo com Hitler. As capelas não-conformistas, uma influência ainda forte na vida religiosa, cultural e social galesa, eram percebidas nos vales mais anglicizados de Gales do Sul como células de nacionalismo exacerbado, as quais zombavam do Plaid Cymru, chamando-os de partido de “padres e professores” por encorajarem ativamente a deserção. Nacionalismo e pacifismo eram sinônimos de críticas de neutralidade e dos sentimentos antiguerra difundidos nos púlpitos das capelas; o *Western Mail* esforçou-se para derrotar o que evidentemente enxergava como um inimigo interno ao libertar o pusilânime galês reverendo Dr. E. Griffith-Jones, ex-diretor da União Congregacional da Inglaterra e de Gales. Um homem que se vangloriava por não ter uma gota de sangue inglês correndo em suas veias, o Dr. Griffith-Jones havia recentemente se aposentado em Gales depois de passar quase metade da vida ministrando para os ingleses do outro lado da fronteira. Da plataforma que lhe foi dada pelo *Western Mail*, ele ridicularizou os clérigos por sua covardia, descrevendo o espírito pacifista desses homens como o maior perigo ao país por “sua aceitação crassa e egoísta de todos os privilégios e seguranças da civilização enquanto se esquivava da obrigação de defendê-las. [...] Há algo seriamente problemático com o País de Gales, manifestando-se em ter olhos para ver e orelhas para ouvir o que está sendo dito por alguns ministros galeses”. Recorrendo a outros ministros para responder a seu apelo, disse que o problema de Gales era que, enquanto o restante do Império havia se decidido, “Gales continuava hesitante com relação a seu dever”. Em uma entrevista concedida a um colunista parlamentar de um jornal, “O Membro Júnior de Treorchy” – pseudônimo de um membro conservador do parlamento –, ele atribuiu o problema a “uma espécie fanática de pacifismo com a qual tantos de nossos ministros galeses acabaram se infectando”. Outro clérigo que vivia entre Gales e Londres, o reverendo J. D. Jones, não via diferença entre pacifismo e nacionalismo quando, de fato, eles deveriam estar prontos para o combate. “Pelo amor de Deus”, acrescentou, “não consigo entender por que todas as classes em Gales não enxergam a

Inglaterra da mesma forma como os escoceses a veem. [...] Por que o clero galês não ora pelos valentes filhos de Gales na batalha?”

Por conta da natureza secreta da corrente antiguerra em Gales, é difícil saber ao certo sua difusão. Entretanto, a julgar pelos endereços daqueles que buscavam a deserção, ela estava mais presente nas áreas rurais do país, onde a influência da capela e o nacionalismo eram mais fortes. A validade das observações de dois clérigos de Londres-Gales e as alegações de um jornal que sequer cita as fontes de suas afirmações deve ser questionável. Mesmo assim, a frequência com a qual essas preocupações surgiam durante a Guerra de Mentira ajudou a convencer a Alemanha nazista de que ela poderia manipular o que percebia como um forte sentimento antiguerra em uma nação que lutava contra um inimigo comum, os ingleses.

Com a memória da geração perdida ainda fresca, muitos, como a Peace Pledge Union e sua afiliada galesa, a Heddychwyr Cymru (cujo primeiro secretário era o futuro líder do Plaid Cymru, Gwynfor Evans), desencorajavam outra convocação militar. A Peace Pledge Union apoiava o apaziguamento, aceitava a reclamação de Hitler pela Sudetenland como legítima e promovia a deserção. Em 1937, após se fundir com o “No More War Movement”, seus pronunciamentos antiguerra às vezes pareciam, para o MI5, indistinguíveis da União Britânica de Fascistas de Mosley, motivo pelo qual foi infiltrada pelo Serviço de Segurança.

No entanto, o Ministro do Interior Sir John Anderson não achava a União Britânica de Fascistas perigosa e acreditava que suprimi-la acabaria criando mártires. Mesmo assim, o MI5 continuava reunindo evidências para acusações, em particular contra um dos membros mais ativos da Peace Pledge Union, o pastor metodista galês George Maitland Lloyd Davies, por organizar tribunais falsos com o objetivo de ensaiar a deserção nas apresentações de seus casos. E ele não estava sozinho, segundo o *Western Mail*, que reportava que “casas de pacifistas” haviam sido abertas por apoiadores da Peace Pledge Union em Cardiff, Penarth, Carmarthen e no Vale de Swansea, lugares onde, durante várias noites por semana, homens jovens eram treinados para se tornarem desertores e instruídos no sentido

de prepararem sua defesa para o tribunal local. Em Penarth, uma casa de seis quartos com um acre de terra foi comprada por dois ex-funcionários da BBC para ser usada como refúgio e “comunidade de subsistência”. E não era incomum ver desertores trabalhando no jardim. O jornal alegava que, no Vale de Swansea, um ministro não-conformista pregava regularmente que qualquer homem que lutasse na França seria considerado um assassino. A Peace Pledge Union chegou a promover uma “Banca da Paz” no Mercado Central de Cardiff, onde distribuía panfletos de literatura pacifista intitulados “Como se inscrever para ser um desertor” e “Como um desertor deve fazer sua apelação”. Essa banca foi fechada pela Câmara Municipal depois que o *Western Mail* reportou o seguinte:

A Peace Pledge Union não nega que encoraja homens a participarem de aulas para se tornarem desertores conscientes. Nessas aulas, homens recebem informações dos assuntos que provavelmente lhes serão apresentados por membros do tribunal, além de receberem sugestões de respostas apropriadas. O resultado é que muitos objetores decoram as respostas. [...] Muitos usam o Sexto Mandamento, “Não Matarás”, como base para sua alegação, mas seus históricos nos outros Nove Mandamentos tornam a leitura interessante.

Esta guerra tem o inimigo em nossa porta, ameaçando a civilização. A liberdade da democracia concede aos objetores o direito de expressar suas visões, mas eles não levantarão um dedo para ajudar a derrotar o terror nazista.

Em maio de 1940, o número de homens registrados como desertores no Serviço Militar de Gales somava 1.592 – ou 1,7% de todos aqueles que se registravam no Reino Unido. O *Western Mail* estimava que três quartos desses indivíduos fossem membros da Peace Pledge Union ou nacionalistas galeses, “a maioria dos desertores nacionalistas [estão] em Gales do Norte”.

De acordo com outros relatos, somente seis membros conhecidos do Plaid Cymru alegaram motivos políticos ao pedirem dispensa do

serviço militar, mas isso não impediu o *Western Mail* de fazer uma forte campanha contra o que via como sendo um abuso da legislação e de protestar contra o uso de testemunhas nacionalistas para apoiar tais casos. Em um editorial, o jornal esbravejou:

[...] No início, jamais se contemplou que os tribunais seriam usados por uma facção política como plataforma de disseminação de sua propaganda, conforme vêm sendo usados por nacionalistas galeses. Esses casos constituem um abuso dos tribunais e deveriam ter sido extirpados desde o início. Se um indivíduo declara que sua objeção é puramente política, isso deveria ser o fim do caso. [...]

Significativamente, o conservador *Western Mail* falava dos nacionalistas galeses de forma mais ampla, sem mencionar especificamente o Plaid Cymru por medo de conceder ao grupo um mínimo de reconhecimento como um partido político galês com credibilidade – uma política que, como ex-editor desse jornal, sei que continuou existindo até meados da década de 1960.

Nem todos que alegavam motivos políticos para a dispensa do serviço militar foram bem sucedidos. Um homem de Clydach, Swansea, chamado Reginald Morgan Williams (que disse ao tribunal de Cardiff que aquela era “uma guerra inglesa [...] Não tem nada a ver com Gales. [...] Até mesmo a Escócia tem seu próprio Secretário de Estado”) não recebeu a dispensa e foi aconselhado a unir-se a um regimento galês. Outros, como Gwynfor Evans, líder da filial galesa da Peace Pledge Union, obtiveram êxito ao se registrarem como cristãos – e o mesmo aconteceu com o sobrinho de Lloyd George, William George (27), um advogado de Criccieth que se recusou a lutar, mas se apresentou como voluntário para trabalhos humanitários com a Sociedade dos Amigos. Questionado pelo tribunal sobre se achava que a Grã-Bretanha deveria resistir à invasão alemã, ele respondeu: “Eu preferia uma resistência de caráter não-violento”. Lembrado pelo presidente do tribunal, Sir Thomas Artemus Jones, de que a guerra estava sendo travada contra o “evangelho da força bruta” e que uma vitória nazista daria

início a um novo capítulo na história da civilização, o sr. George respondeu que fora em circunstâncias assim que o cristianismo nascera. Seu pedido de dispensa foi aprovado.

A dispensa com base em justificações políticas deixou de ser uma opção em julho de 1940, depois que três jovens nacionalistas galeses – Dafydd Williams (21), estudante de Caernarfon; G. Jones (21), minerador de carvão de Wrexham; e R. J. Evans (23), agricultor de Corwen – apelaram, no País de Gales, ao Tribunal de Recursos de Objetores de Consciência. Williams e Evans haviam sido retirados do registro de dispensas pelo tribunal local, e Jones havia sido registrado para obrigações fora do combate. Williams apelou porque, como galês, considerava errado ser pressionado para agir a serviço da Inglaterra.

Seu caso colocava em cheque não apenas se suas convicções eram razoáveis, mas também se eram honestas e sinceras. Se fossem, então ele teria direito à dispensa com base no Artigo 5 da Lei.

“O que você faria se Gales fosse invadido pela Alemanha?”, Williams foi questionado por Sir Arthur Pugh.

“Eu lutaria para resistir à invasão”, respondeu Williams, estudante da University College of Wales, Aberystwyth.

Ao Ministro do Trabalho, o Sr. W. E. B. Henderson, declarou que o apelo não tinha como base a consciência, mas devia ter alguma ligação ao que era chamado de “alma”. Estava realmente ligado a política e, portanto, deveria ser indeferido.

Em um julgamento reservado, publicado pelo *Western Mail* em 22 de julho de 1940, o Tribunal indeferiu o apelo de Williams, alegando:

O apelante, neste caso, declara que é um nacionalista galês e que baseia sua alegação, a ser registrada, somente no fato de que é um desertor.

O Tribunal de Recursos considerou cuidadosamente essa importante questão e chegou à conclusão de que ele não é um desertor (a) a ser registrado no serviço militar ou (b) a realizar serviço militar ou (c) a realizar atividades de combate dentro

dos termos da Lei de Serviço Nacional (Forças Armadas) de 1939.

O *Western Mail* estava em êxtase, alegando que a decisão endossava o protesto que a publicação já havia feito meses antes. “Após a demorada decisão do Tribunal de Apelação, pouca atenção agora deve ser dada a quaisquer outros casos desse tipo, os quais expõem o povo galês a uma notoriedade bastante injusta e nada invejável”, declarou o periódico.<sup>16</sup>

Churchill apontou Alfred Duff Cooper como Ministro da Informação para enfrentar o que poderia se tornar um sério problema no esforço de guerra. Um conversador fanático, Duff Cooper comentou com Liddell do MI5, durante um jantar, que a gravata usada nas escolas era uma das melhores instituições britânicas e que educar a classe operária havia sido um erro. O MI5 dificilmente poderia discordar, já que sua preferência era por recrutar tipos educados nas escolas públicas de Oxbridge, em especial para os mais altos escalões do serviço. Convencido da superioridade da raça britânica, Duff Cooper, na posição de Ministro da Informação, lembrou os britânicos que, como eles tinham muito mais liberdade e melhores condições do que os indivíduos de qualquer outro país, não havia necessidade de se alterar o *status quo*. Ideologicamente incompatível com a maioria, a opinião de Duff Cooper foi ecoada por outro propagandista que acreditava na superioridade do país, Joseph Goebbels. A resposta do Ministro da Propaganda de Hitler foi explorar as divisões culturais e sociais britânicas – ou seja, aquelas entre Escócia, Inglaterra e o País de Gales.<sup>17</sup>

Depois de não conseguir manter a Grã-Bretanha fora da guerra, Hitler decidiu pela invasão, emitindo a Diretiva Número 16 em julho de 1940 na qual instruía o Alto Comando Alemão a se preparar para a Operação Leão Marinho para setembro próximo. Ele antecedeu a ordem declarando: “Como a Inglaterra, apesar de sua desesperadora situação militar, ainda não mostra sinais de disposição de chegar a um acordo, decidi preparar, e se necessário levar a cabo, uma operação contra ela. O objetivo dessa operação é eliminar a Pátria

Inglesa como a base a partir da qual a guerra contra a Alemanha pode continuar; e, se necessário, ocupar completamente o país”.

Originalmente, o Alto Comando Alemão planejava invadir entrando por um ponto da costa entre Wash e o Tâmis, mas Hitler chegou à conclusão de que havia uma opção mais viável entre Margate e a Ilha de Wight. Antes de o plano ser adiado indefinidamente para que a Alemanha pudesse se concentrar na invasão da União Soviética, pelo menos oito lugares diferentes seriam considerados.

Antes da esperada invasão, Goebbels empregou um arsenal de estações de propaganda para minar o moral britânico. Sob a fachada de “Novo Serviço de Radiodifusão Britânico” (NBBS), o “astro” dessa blitz de propaganda era Williams Joys, o infame “Lorde Haw-Haw”, um homem que tinha uma fortuna estimada em dois milhões e que se apresentava todas as noites para “uma boa risada” com propaganda travestida de notícia, embora alguns ouvintes comentassem: “Deve haver alguma verdade no que ele diz”. Essas “transmissões da instabilidade” alimentavam a psicose da Quinta Coluna, que afetava autoridades tanto militares quanto civis e levava algumas unidades do exército a se envolverem com a questão, preparando listas negras com nomes de pessoas que deveriam ser presas ou baleadas quando o balão subisse. “Collar” era a palavra-chave de uma unidade para dar início às prisões. Em uma instância, uma unidade prendeu um ex-oficial totalmente inofensivo, com um excelente histórico na Primeira Guerra Mundial, e o manteve encarcerado, juntamente com a esposa, por sete dias, sem apresentar qualquer justificativa além de que eles tinham um sobrenome que soava estrangeiro.<sup>18</sup>

As tropas no exterior, ao serem expostas pela primeira vez à máquina de propaganda de Goebbels, não se mostraram animadas – aliás, mostraram-se ainda menos impressionadas – com a resposta do serviço de segurança britânico a imagens suspeitas. Na ausência de polícia, um regimento canadense alojado em Oxford se viu forçado a procurar um paraquedista que teria pousado nos arredores. Ao ouvir a informação em Londres, oficiais do MI5 e do MI6 entraram em carros e apressaram-se rumo a Oxford enquanto

os canadenses reviravam uma fazenda em uma busca frenética pelo suposto paraquedista inimigo. Por fim, um homem foi encontrado escondido atrás de um arbusto, com uma bicicleta e comendo um pedaço de pão. Ele alegou ser um prisioneiro de guerra galês que, tendo escapado de um campo de prisioneiros na França, havia entrado em um avião alemão, do qual pulara na noite anterior. Os serviços de segurança ouviram três histórias distintas antes de a verdade surgir: ele era um desertor do exército indo de bicicleta para casa, no País de Gales.<sup>19</sup>

Ciente de que os britânicos se sentiam especialmente vulneráveis a ataques de paraquedistas alemães, a NBBS espalhou, pela BBC, conselhos para os ouvintes não incomodarem paraquedistas que estivessem fazendo “saltos experimentais” em diversas partes do país. No total, Goebbels tinha quarenta estações espalhando propagandas em diferentes setores da comunidade: Rádio Caledonia, cujo alvo era os nacionalistas escoceses, Christian Peace Movement, voltado aos pacifistas e aos movimentos antiguerra, a Radio Nacional, que era antissemita, e a Worker’s Challenge, explorando as diferenças de classes na Grã-Bretanha. Os irlandeses também tiveram acesso a transmissões noturnas de propaganda tanto em inglês quanto em irlandês, pois os alemães calculavam que, ao apoiarem a neutralidade da república, a Grã-Bretanha se sentiria desencorajada para invadir Eire, o que alguns membros do Ministério da Guerra acreditavam ser necessário para negar a proteção da costa irlandesa a submarinos atacando comboios no Atlântico Norte.

Reportagens transmitidas pelas estações NBBS de que 100 mil paraquedistas alemães haviam saltado vestidos de soldados britânicos amedrontavam o público a ponto de a imprensa e a BBC serem instruídas a publicar refutações para manter o moral estável. As estações de propaganda eram tão convincentes – todas supostamente com base nos países que serviam – que um homem preso por pregar publicidade da NBBS em cabines telefônicas acreditava que a estação era um veículo pirata da pacifista Peace Pledge Union.<sup>20</sup>

Apesar das dúvidas do MI5 acerca da existência de uma Quinta Coluna, eles tinham de aceitar que, incorporada em cada transmissão de propaganda, havia uma instrução a um subversivo ou a um agente nazista. Um especialista em rádio emprestado da BBC pensava ter decifrado o código para contatar subversivos após notar que, em algumas transmissões, os nomes das cidades eram soletrados, às vezes duas ou três vezes, e, em geral, transmitidos em grupos de três. Em um mapa, eles formaram um triângulo mostrando, no vértice, a cidade a ser bombardeada no dia seguinte – pelo menos conforme o especialista acreditava. Outro traço sinistro era que algumas transmissões eram reprisadas no dia seguinte com a desculpa de que a transmissão do dia anterior havia sido inadequada, sugerindo que havia ocorrido uma transferência rápida de informações entre um agente alemão localizado na Grã-Bretanha e a estação da *Abwehr* em Hamburgo.<sup>21</sup> O Ministério da Informação rotineiramente ridicularizava as transmissões, embora a fonte desses comentários nem sempre fossem imediatamente aparentes. Em sua primeira transmissão, a *Worker's Challenge* se apresentou como uma estação do Reino Unido fazendo reportagens sobre a classe trabalhadora desconfortável por conta da guerra, um subterfúgio que recebia créditos pela resposta da estação-mãe, a NBBS:

No curso de nossas atividades rotineiras, naturalmente ouvimos a muitas estações de rádio e sempre estamos interessados em descobrir estações novas. Durante os últimos dias, encontramos a estação *Workers' Challenge*. Ela evidentemente representa um movimento socialista extremo. Seus locutores são inegavelmente da classe operária britânica, portanto, podemos acrescentar que se trata do linguajar deles. Nesse sentido, a estação é certamente inovadora. É interessante notar a extrema violência da propaganda e, embora haja um certo tipo de humor nas transmissões, não resta dúvida de que existe uma certa amargura por trás dele. Isso pode ser visto como um reflexo do desconforto agora perceptível em toda a classe operária. Essa insatisfação, que com frequência beira o motim ou a revolta, requer o estímulo exato que a *Workers' Challenge* oferece para

se tornar uma força extremamente horrível. A Workers' Challenge, como a estação chama a si própria, representa a reação natural à deserção dos sindicatos por seus próprios líderes. Churchill comprou os líderes, mas será capaz de comprar os homens? Achamos que não. Portanto, não devemos nos surpreender se essas transmissões verdadeiras e violentas tiverem um efeito que não teriam sob condições normais.<sup>22</sup>

As duas estações eram complementares e as transmissões criadas para explorar a classe dividida, estimulando a separação entre os governados e governantes ao mesmo tempo em que propunha restaurar a normalidade com uma solução alemã à "horda vermelha" que batia à porta. Imediatamente após essa transmissão particular, um oficial sênior exasperado do Ministério da Informação reclamou que a "voz" da BBC não alcançava a classe operária britânica. Melhor, ele declarou sem rodeios, se a BBC tivesse apresentadores como o trabalhador e membro do Parlamento Llanelli James Griffiths e o líder da Associação de Mineradores de Midland George H. Jones para promover "A Guerra do Povo".<sup>23</sup>

Parecendo ecoar o mantra ideológico de Duff Cooper, o oficial disse que o golpe de propaganda britânica deveria servir para lembrar a todas as classes a necessidade de defender os valores britânicos "[...] das conquistas do trabalho, de seus serviços sociais, de seu alto padrão de vida, de sua tradição na educação pública, da emancipação das mulheres, de sua proeminência industrial e de que eles são uma raça de pioneiros e líderes, [e de que] 'A Guerra do Povo' está relacionada a preservar essas conquistas".<sup>24</sup>

A realidade, todavia, era diferente. Embora o Governo Nacional de Stanley Baldwin recebesse os créditos por auxiliar a recuperação econômica em algumas partes da Grã-Bretanha, muito não foi feito para assistir as comunidades mais devastadas pelo colapso das indústrias do carvão, ferro e construção naval. O *The Times* informou que, em Merthyr, onde 25% da população ainda não tinha trabalho, as pessoas começavam a morrer vítimas da desnutrição. Eduardo VIII ficou tão horrorizado com condições de vida em Gales

do Sul durante sua visita em 1936 que famosamente comentou: "Alguma coisa precisa ser feita". O Governo Baldwin havia tentado definir as áreas de maior desemprego, como Merthyr e Sunderland, como "Áreas Especiais", nas quais o governo comprava terrenos e construía fábricas para induzir a indústria a criar novos negócios. Quando o plano falhou, eles consideraram transferir toda a população de Merthyr a um campo verde nas mais prósperas Midlands. Da forma como as coisas se deram, foi a guerra e a demanda por armamento o que reaqueceu essas indústrias, e não as políticas do governo. Nessas circunstâncias, a noção de "Guerra do Povo" nunca gerou um verdadeiro apelo.

A possível existência de uma Quinta Coluna, todavia, aumentou a conscientização pública, oferecendo ao Ministério da Informação uma plataforma para atacar o derrotismo e erradicar a complacência. Aqueles que perguntavam "é verdade que..." ou "você ouviu dizer que..." eram retratados como quinto-colunistas amadores. As mesmas pessoas diziam: "Agora que a Alemanha conquistou a França, não vejo como podemos ter esperança de conquistar a vitória final". Em resposta, o Ministério propagava a visão de que, se a Alemanha os conquistasse, a riqueza da nação seria capturada e a classe trabalhadora seria reduzida a escravos e indigentes, como na Tchecoslováquia e na Polônia. Independentemente de o MI5 acreditar ou não, a linha oficial era que Hitler tinha um exército de colaboradores profissionais, pagos, prontos para apoiar uma invasão. Não fora esse o caso quando da invasão da Polônia? Não havia uma Quinta Coluna pronta para oferecer ao exército alemão alimentos, combustível e cavalos? Paraquedistas alemães eram guiados a áreas de pouso seguras, tropas polonesas e posições de tanques eram revelados aos inimigos e as comunicações entre o quartel do Exército Polonês e as tropas foram cortadas. Palheiros eram incendiados para sinalizar o avanço alemão e quinto-colunistas poloneses enviavam ordens falsas às tropas por meio de transmissões secretas de rádio.

Na Noruega, a Quinta Coluna emitia instruções às tropas do país para não se mobilizarem, baterias costeiras recebiam ordens para cessar fogo, comunicações militares eram cortadas e fábricas de

munição eram capturadas. Na Holanda, os nazistas locais atrasaram a resposta do exército transmitindo relatos falsos aos quartéis enquanto direcionavam os paraquedistas alemães que chegavam a lixões falsos.

Embora a resistência da Bélgica tenha durado menos de três semanas, sentinelas foram assassinados em seus postos por quinto colonistas, a discórdia era semeada entre as fileiras do exército e agentes alemães e a SS podiam se misturar livremente, em Bruxelas, com tropas e refugiados antes da invasão.

A Quinta Coluna britânica era tratada como uma ameaça muito real e instruções de como identificar e lidar com subversivos eram emitidas ao MI5, à polícia, às forças armadas, aos responsáveis por monitorar ataques aéreos e à Home Guard. Todas as casas britânicas receberam um panfleto intitulado "Se o INVASOR chegar", explicando o que fazer:

#### REGRA NÚMERO 1:

Não acredite em rumores e não os espalhe. Quando receber uma ordem, tenha certeza de que se trata de uma ordem verdadeira, e não falsa. A maioria dos policiais e agentes da Força Aérea está por perto, e você pode confiar neles. Se mantiver a cabeça fria, saberá se um oficial militar é britânico ou se está apenas fingindo ser. Se estiver em dúvida, pergunte ao policial ou ao agente da Força Aérea. Use o bom senso.

#### REGRA NÚMERO 2

Mantenha a atenção. Se vir algo suspeito, tome nota e vá imediatamente ao policial ou à estação de polícia mais próxima. Não espalhe rumores vagos. Procure rapidamente a autoridade mais próxima e apresente os fatos.

De forma alguma todos os estrangeiros eram possíveis agentes alemães. A maior parte deles detestava Hitler e era inteligente não suspeitar demais de estranhos, conforme aconselhado pelo Ministério da Informação. “Mantenha-se vigilante. Seja cuidadoso. Seja sensato. Mantenha a cabeça fria e use-a”, essa era a forma (a *melhor* forma) de agir. Aqueles que espalhavam rumores eram criticados por fazerem o jogo do inimigo porque havia, “neste país, agentes alemães, talvez britânicos de nascimento e criação, cujo objetivo é aumentar o medo e a incerteza entre o povo – e, ao fazer isso, diminuir seu moral”.<sup>25</sup>

Diferentemente dos vizinhos continentais, a Grã-Bretanha, com exceção de um breve conflito com a França no País de Gales no século XVIII, não era invadida desde 1066. Mas os britânicos sabiam o que esperar. A Marinha Real podia defender as costas, mas era dos céus que os invasores viriam, dezenas de milhares de paraquedistas alemães apoiados por planadores, como havia acontecido na Holanda. Portanto, ninguém ficou surpreso quando Churchill emitiu decretos para que obstáculos fossem erguidos ao longo de enormes campos de modo a prevenir pousos inimigos. A barreira ideal era uma linha de postos robustos parcialmente enterrados e fortes o suficiente para arrancar as asas de um planador. Um piloto da Força Aérea Real, voando nos arredores de Weston-super-Mare em uma missão de reconhecimento, não estava ciente disso quando fotografou filas por um campo perto de Newquay, na Cornualha, que, conforme um sargento de polícia descobriu, formavam uma espécie de cerca de postes erguida com base nas instruções do Ministério da Aeronáutica para evitar pousos de naves inimigas.<sup>26</sup>

Mais fileiras, nessa ocasião fileiras brancas, foram vistas em outra fazenda, dessa vez perto de St. Austell, por uma aeronave de reconhecimento da Força Aérea Real St. Athan. Como as linhas formavam uma cruz, o primeiro pensamento foi que elas marcavam um ponto de pouso para paraquedistas inimigos. Um olhar mais atento revelou várias pilhas de cal para a calagem dos campos.<sup>27</sup>

Em Leeds, o agente residente do MI5 recebeu ordens para investigar uma mulher localmente conhecida como “Miss Angel”, mas

cujo nome verdadeiro era Frances Steigman. Embora nascida na Grã-Bretanha e sem ter visitado a Alemanha por 16 anos, "Miss Angel" alugava trailers em vários pontos do país, o que levou alguém a lembrar-se de que na Holanda um circo era usado para esconder transmissores de rádio debaixo dos trailers. Apropriadamente, a investigação das caravanas de Miss Angel era chamada de Cyril B. Mills, um dos proprietários do Circo Bertram Mills. Piloto amador, Mills havia sobrevoado a Alemanha antes do início da guerra com o objetivo de reportar ao MI5 qualquer coisa de natureza suspeita. Agora, o agente residente do MI5 em Oxford – e posteriormente se torna agente de ligação do MI5 com o FBI em Nova York – Mills conhecia o alemão judeu proprietário do circo na Holanda, o que fez surgir a história dos transmissores de rádio enterrados. "O fato de que um circo está sempre em movimento", contou Mills ao MI5 em Londres, "torna absurdo o fato de haver buracos debaixo dos trailers. Posso lhe assegurar de que qualquer um que fizesse esse tipo de coisa com nosso show estaria muito encrencado por estragar a grama dos parques!". Depois que uma invasão da polícia aos trailers não encontrou nada suspeito, a investigação foi deixada de lado. Miss Angel era totalmente inocente e vítima de rumores locais.<sup>28</sup>

Mais difícil de explicar era a fotografia de um mapa encontrado em um envelope na Hunter's Bridge, Welwyn Garden City, e marcado com cruces, círculos e desenhos de pequenas aeronaves. Na parte superior da fotografia, a lápis, havia uma frequência de rádio, 157,43 Mc/s, que em geral não era associada a rádios clandestinas. A fotografia era redução de parte de um mapa bélico de uma polegada extraordinariamente bom para um amador. O uso do símbolo "Mc/S" sugeria que a frequência havia sido escrita por um operador treinado, já que os amadores raramente usavam "por segundo" na forma. O papel e o envelope eram emitidos pelo Exército dos Estados Unidos. As cruces marcadas no mapa indicavam pontes e galerias importantes; os círculos, posições de holofotes; os desenhos de pequenas aeronaves, os locais de aeródromos verdadeiros e falsos e posições de armas, tudo perfeitamente correto.

Talvez coincidentemente, a MI6, organização “irmã” do MI5, usava a mesma frequência de rádio para entrar em contato com seu agente “Hans” em Scheveningen, uma reserva costeira próxima a The Hague, na Holanda ocupada. O mapa foi encontrado aproximadamente na época em que Hans lançou-se ao mar próximo à praia de Scheveningen. O agente, Peter Tazelaar, da resistência holandesa, nadou até a encosta usando roupa de mergulho e um smoking por baixo. Uma vez na praia, ele tirou a roupa de mergulho e calmamente andou até o cassino na frente do mar para um encontro.

Embora os serviços de segurança suspeitassem que o mapa e a frequência de rádio não passavam de um embuste, um vigia foi mantido na frequência em Welwyn Garden City durante 24 horas. Embora nada tivesse sido ouvido, o MI5 mantinha-se interessado na frequência, a qual, dizia-se, era “importante em outra conexão”.<sup>29</sup>

Nunca houve qualquer explicação satisfatória para outro caso suspeito de atividade subversiva. O tenente de voo R. M. Walker, chefe de um departamento descrito como com a finalidade de lidar com “documentos estranhos e suspeitos [que fossem] encontrados”, escreveu a Albert Foyer, que administrava a Seção de Códigos em Inglês em High Holborn, Londres, anexando uma folha de papel encontrada por um policial em Combe Florey, na estrada entre Tauton e Minhead. O papel continha um bloco de letras maiúsculas datilografadas expostas em filas pela página, em grupos de cinco letras. Walker pensou se tratar de uma cifra de cinco letras, similar à usada por Snow para transmitir mensagens. No verso da folha havia alguns números indecifráveis a lápis, semelhantes a sinais sem fio. Os blocos de cinco letras às vezes formavam palavras completas como peace, nazis, blitz, raids, panic, fired ou reduzidas como hitle(r), revol(ver), speci(al). Esse bloco também incluía uma lista de nomes claramente estrangeiros: ressk, dupre, eiser.

Foyer ficou perplexo, mas não conseguiu encontrar nenhum código escondido. A mensagem ocasionalmente era dividida, sugerindo ser uma cópia, e não a original. O criptologista concluiu tratar-se de um documento produzido por um operador de

teleimpressora ou como treino, ou como diversão. Porém, Foyer não poderia não oferecer uma explicação para a combinação particularmente curiosa de palavras plantada no meio dos blocos de letras: black white boats.<sup>30</sup>

Na ausência de quinto-colunistas verdadeiros, o MI5 inventou GW. Na época, a agência tinha aproximadamente trinta oficiais e outros seis envolvidos na vigilância, e não estava preparada para a contraespionagem. O treinamento era praticamente inexistente, e, durante os anos de apaziguamento, havia relutância em se movimentar contra a Alemanha por medo de minar os esforços diplomáticos de Chamberlain. Tudo mudou quando Churchill, como Primeiro Lorde do Almirantado, atribuiu a culpa pelo afundamento do *Royal Oak* em Scapa Flow em 1940 por um submarino alemão a uma falha de segurança, forçando o almirante Vernon Kell, chefe do MI5, a renunciar. Na emergência que se seguiu o MI5 foi colocado temporariamente sob o controle da Home Defence (Segurança) de Lorde Swinton até abril de 1941, quando Sir David Petrie tornou-se Diretor Geral. Petrie, um escocês grosseiro que havia passado a maior parte da vida profissional como oficial de inteligência na Índia, herdou uma agência dilacerada por brigas internas e próxima do colapso. Embora a equipe tivesse aumentado o efetivo de 30 para 200 membros, o recrutamento era casual, o moral, baixo, e a cadeia de comando confusa. Um homem forte, com um olhar firme, queixo quadrado e bigode militar, Petrie era direto, firme e decisivo. Combinava um domínio pleno do trabalho prático da inteligência com habilidades de um gerente eficaz, embora não espetacular. Sua mera presença melhorou a atmosfera, embora seus modos fossem bastante formais a ponto de ele chamar até mesmo os mais próximos pelo sobrenome. Muito engenhoso, ensaiava com muito cuidado antes das reuniões, nas quais em geral falava pouco, indo direto ao ponto, e fez muito para restaurar a confiança em seu departamento supersecreto.<sup>31</sup>

A nomeação de Petrie foi uma bênção para Guy Liddell, que havia sido deslocado do Escritório do Diretório da Inteligência para cuidar da Divisão B (contraespionagem e contrassubversão), expandida na

reorganização para encobrir os agentes da Double-Cross e cuidar da interceptação de rádio (Serviço de Segurança de Rádio) e de escuta telefônica.

Apesar de todas as dificuldades, o MI5 conquistou alguns sucessos antes da guerra, sendo o mais significativo sua penetração no movimento comunista da Grã-Bretanha. Porém, somente 18 meses após a guerra ter se iniciado, a publicação do jornal do partido, o *Daily Worker*, finalmente foi suprimida. Enquanto isso, o MI5 formava uma unidade para coletar dados sobre importantes movimentos sociopolíticos, seus objetivos, personalidades e oportunidades práticas de alcançarem sucesso com suas políticas. Guy Burgess, outro membro do Cambridge Four, foi apontado para essa unidade por Liddell, que também aprovou o recrutamento de Kim Philby à divisão do MI6 responsável por Espanha e Portugal por seu conhecimento e experiência com o ditador espanhol General Franco, após cobrir a Guerra Civil para o *The Times*. A contraparte de Philby no MI5 era Richard Brooman-White, que comandava a seção dos Movimentos Celtas. Acreditava-se que, como os alemães haviam se infiltrado entre nacionalistas britânicos, eles poderiam tentar o mesmo com nacionalistas galeses e escoceses. “Temos uma certa quantidade de informações sobre esses vários movimentos e os indivíduos ligados a eles, mas pode ser produtivo desenvolver esse lado”, observou Liddell.<sup>32</sup> Um resultado imediato foi a prisão de Arthur Donaldson, líder do Partido Nacional Escocês, por supostamente planejar a formação de um governo fantoche no caso de uma invasão alemã. Apesar de nunca ter sido formalmente acusado, Donaldson passou seis semanas preso com base no regulamento 18B.

Walter Warliamont, *Inside Hitler's Headquarters* (Londres: Wiedenfeld, 1964), p. 106; TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, p. 527; TNA, NF 1/257; TNA, KV 6/50 “Fifth Column Activities”.

TNA, KV 4/186, Guy Liddell Diaries, Volume 2, Parte 1, pp. 436, 466-8; KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, pp. 471-3; KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, p.513; KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, p.670.

*Ibid.*

TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, pp. 518–19; *Western Mail*, “Little Berlin”, 14 de maio de 1940, p. 5; *Western Mail*, “Arrest of Italians” (70 Cardiff City, 160 Glamorgan County, 17 Newport Borough, 13 Merthyr Borough, 2 Neath Borough), 12 de junho de 1940, p. 5; *Western Mail*, “Surrender of Documents by Enemy Aliens”, 13 de maio de 1940, p. 3.

*Western Mail*, “Country Rotten with Fifth Columnists”, 9 de julho de 1940, p. 3; TNA, KV 4/186, Churchill’s ‘bow and arrow’ scare, GLD, Volume 2, Parte 2, pp. 527–8.

TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, pp. 503, 512–13.

TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, pp. 401–2.

TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 2, pp. 486, 492, 588.

Richard Deacon, *British Secret Service: The Classic History – Thoroughly Revised and Up-dated* (Londres: Frederick Muller, 1979), pp. 272–7; Norman Longmate, *Island Fortress: the Defence of Great Britain* (Londres: Hutchinson, 1991), p. 467–9, pp. 476–7, pp. 576–8.

*Western Mail*, “Evacuees Arrive in Wales”, 18 de maio de 1940, p. 3; *Western Mail*, “Dunkirk Troop Trains at Cardiff”, 3 de junho de 1940, p. 3; *Western Mail*, “Welsh Evacuees for Canada Scheme”, 26 de junho de 1940, p. 3; *Western Mail*, 1º de agosto de 1940, p. 3; TNA, KV 4/188, GLD, Volume 4, Parte 2, p. 186.

Longmate, *Island Fortress*, pp. 474–5.

Longmate, *Island Fortress*, p. 476.

TNA, KV 4/188, GLD, Volume 4, Parte 2, p. 185.

Longmate, *Island Fortress*, p. 478.

TNA, NF 1/257; também KV 6/50 “Fifth Column Activities”.

TNA, KV 4/185, GLD, Volume 1, Parte 2, pp. 284–5; TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, pp. 369–70; *Western Mail*, “Conchies Schooled for the Tribunals”, 13 de maio de 1940, p. 4; *Western Mail*, “A Conchie’s Appeal”, editorial, 22 de julho de 1940, p. 4; *Western Mail*, “Williams Tribunal Hearing”, 17 de maio de 1940, p. 4; *Western Mail*, “Revd Dr E. Griffith-Jones”, 31 de maio de 1940, p. 6; *Western Mail*, “Welsh Pulpit and the War”, 20 de junho de 1940, p. 4; *Western Mail*, “Revd J. D. Jones”, “Welsh Pulpit and the War”, 20 de

junho de 1940, p. 4; *Western Mail*, "Welsh Nationalists Before Conscientious Objectors Tribunal", 14 de junho de 1940, p. 3; *Western Mail*, "London Appeals Tribunal Dismiss Welsh Nationalist Appeal", 22 de julho de 1940, p. 1; *Western Mail*, William George Tribunal Hearing, 10 de julho de 1940, p. 2; *Western Mail*, "A conchies appeal", 22 de julho de 1940, p. 4.

TNA, KV 4/190, GLD, Volume 6, Parte 2, pp. 786–8.

TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, p. 536.

TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, pp. 517–18.

TNA, KV 4/186, GLD, Volume Volume 2, Parte 1, pp. 471, 491.

TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, pp. 489–90.

TNA, NF 1/257; KV 6/50, "Fifth Column Activities".

*Ibid.*

TNA, NF 1/257, memorando de C. H. Wilson a Sir Kenneth Clark, Ministro da Informação.

TNA, NF 1/257; KV 6/50 "Fifth Column Activities".

*Ibid.*

TNA, KV 6/50 "Fifth Column Activities".

*Ibid.*

TNA, KV 6/50 "Fifth Column Activities", memorando R. L. Hughes (B.3.B) a B. Machell (B.3.A), Box 500, Parliament Street, SW1, 11 de novembro de, 1941.

TNA, KV 6/50 "Fifth Column Activities", Albert Foyer, Code Section, para Fl. Lt. R. M. Walker.

*The Times*, British Newspaper Library, obituário de Petrie, 8 de agosto de 1961.

TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 1, p. 510.

## DOUBLE-CROSS, FILATELIA E SUBMARINOS

**UM DIA APÓS RETORNAR DE BRUXELAS A SWANSEA,** GW ignorou as instruções de Snow para manter a discrição e imediatamente telefonou para Lorde Cottenham em seu apartamento na Dolphin Square. Cottenham ficou extasiado ao saber do sucesso da missão e, em vez de esperar até o correio entregar o relato de GW, apressou-se rumo a Swansea, acompanhado por um oficial do MI5, Munro, e deixou Robertson encarregado de interrogar Snow em Londres.

Ao dar entrada no Metropole Hotel, às 6h40 de 28 de outubro de 1939, Cottenham enviou Munro para buscar GW em sua casa. Os dois não seguiram diretamente para o hotel, mas vagaram pelo centro da cidade por alguém tempo até terem certeza de que ninguém os estava seguindo.

Depois de cumprimentar GW, Cottenham quis saber sobre a conversa em particular de Snow com agentes da *Abwehr*. GW negou com a cabeça. Snow não disse nada, apenas deu a clara impressão de que estava apertando os alemães para conseguir mais dinheiro. O que GW não sabia era que, em Londres, Snow o estava difamando, dizendo a Robertson que o ex-inspetor da polícia de Swansea era um simpatizante do nazismo que havia confessado acreditar que os agentes da *Abwehr* eram “homens muito bons, que o Partido Nazista havia feito um enorme trabalho para o povo alemão, em especial para os trabalhadores e que ele não sentia estar fazendo o jogo [ao posar de colaborador galês]”.<sup>1</sup> No que diz respeito a isso, há apenas

a palavra de um homem que viu sua proeminência na espionagem como uma rivalidade fraternal, a alegação condenatória sendo um produto de sua duplicidade natural.

“Está preparado para voltar a Hamburgo?”, perguntou Cottenham, ciente de que o Doutor esperava que GW trouxesse um transmissor de rádio no próximo encontro.

GW hesitou momentaneamente antes de responder: “Sim, contanto que minha esposa e filha recebam ajuda no caso de minha morte”. E questionou se o MI5 lhe pagaria, já que não era mais possível administrar sua empresa de investigação particular.

“O Major Robertson vai ficar muito contente com isso”, respondeu Cottenham, apontando para o relatório. “Só posso dizer que seus serviços não serão ignorados, de forma alguma”.<sup>2</sup>

Após entregar o relato de GW com sua observação pessoal anexada, Cottenham retornou ao departamento de transporte do MI5. A responsabilidade por lidar com GW no futuro seria dividida entre Robertson e Victor, o Terceiro Barão Rothschild, membro de uma rica família de banqueiros. Antes da guerra, Rothschild era um jovem pesquisador brilhante no Trinity College Cambridge – os espiões soviéticos Blunt, Burgess, Philby e Maclean eram seus contemporâneos. Tendo tido contato social com todos os quatro, Rothschild posteriormente tornou-se alvo de ataques maliciosos e infundados. Embora admitisse ter uma queda pela esquerda, ele posteriormente declarou que estava “ocupado demais com o trabalho científico e a vida social para ter tempo” de conviver com os mais notórios agentes soviéticos plantados na Grã-Bretanha.<sup>3</sup>

Rothschild era um especialista em sabotagem cuja valentia fora reconhecida com a Medalha George. Como chefe da seção de antiespionagem, sua prioridade consistia em persuadir os alemães a oferecer a GW “colaboradores nacionalistas” galeses com amostras de seus últimos dispositivos e explosivos. Todavia, as obrigações do MI5 não evitaram que Rothschild continuasse socializando com os grandes, entre eles o Primeiro Ministro, cujos charutos ele examinava em busca de armadilhas. Depois de um jantar particular para Churchill e amigos em um salão do Savoy, um convidado

escreveu em seu diário: "O jantar estava excelente, assim como os vinhos trazidos de Tring [a propriedade da família de Rothschild], incluindo Pol Roger 1921, o Chateau Yquem de Rothschild e um conhaque extraordinário! Ao final do jantar, um mágico se apresentou e foi considerado o melhor já visto pelo Primeiro Ministro".<sup>4</sup>

Robertson e Rothschild aconselharam GW a ser paciente e esperar algo acontecer. Além disso, GW de forma alguma deveria fazer quaisquer movimentos até a colecionadora de selos Frau de Ridder entrar em contato. Enquanto isso, GW apresentava ao MI5 relatos regulares sobre o reforço militar em Gales, o movimento nacionalista e as atitudes galesas com relação à guerra.

Da forma como as coisas aconteceram, após o retorno da Bélgica, uma carta de Frau de Ridder chegou, incluindo duas páginas de selos belgas para a coleção. Em troca, de Ridder pedia alguns dos novos selos britânicos: 9d, 10d, 1s e 0d. A *Abwehr* havia aberto um canal de comunicação pra GW incluir, no quinto parágrafo de sua resposta, disfarçado na forma de uma inocente conversa sobre coleção de selos, um lembrete a Rantzau de sua promessa de fornecer explosivos:

Você deve se lembrar de que prometeu obter alguns selos especiais para que eu pudesse aumentar minha coleção, os quais você dizia que me enviaria assim que estivessem disponíveis. Eu ficaria muito contente de recebê-los assim que for conveniente, pois estou ansiosíssimo por lhe convencer de que realmente me interessa por esse hobby.<sup>5</sup>

Quando não recebeu resposta, GW mostrou-se impaciente. Talvez Frau de Ridder não tivesse recebido a carta? Escrever outra vez seria boa ideia? "Fique quieto", disse Rothschild, enviando a GW um transmissor de rádio à bateria no qual ele deveria praticar Morse. Snow havia prometido dar aulas a GW, mas Rothschild achou a ideia risível, pois o homenzinho tinha "um desempenho extremamente insatisfatório". Tendo aprendido algumas noções de Morse durante a

Primeira Guerra Mundial, ele achava que GW aprenderia mais praticando em casa, em Mount Pleasant.

A consequência imediata das acusações de Snow foi Robertson excluir GW da próxima reunião com Rantzau, para "sua própria segurança".<sup>6</sup> Em vez disso, Snow viajou sozinho à Antuérpia (e não a Hamburgo, conforme combinado anteriormente), com o MI5 arriscando uma deserção para os alemães vitoriosos que avançavam pelos portos do canal. Porém, ele retornou do que inicialmente pareceu uma missão rotineira – até o MI5 descobrir que, no caminho, Snow havia se unido a Samuel Stewart, um agente marítimo para uma linha de operação entre Belfast, Dublin e a Antuérpia. Suspeito de agir como mensageiro da *Abwehr* e de operar um transmissor clandestino na Irlanda do Norte, Stewart teve seu telefone imediatamente grampeado. As escutas telefônicas nunca encontraram o rádio, mas revelaram que Stewart estava em contato regular com Snow e que o encontro no trem partindo da Estação Victoria não fora uma coincidência. Detido sob o Regulamento 18B, Stewart foi solto após se recusar a mudar a história e admitir que havia almoçado com Snow na Antuérpia.<sup>7</sup>

GW não sabia nada a respeito da traição de Snow. Quando, no Natal de 1939, não recebeu notícia de Frau de Ridder, sugeriu escrever uma segunda carta, mas logo Rothschild lhe disse novamente para ficar quieto. Não era culpa dele se ela não tinha respondido, dizia Rothschild. Todavia, as questões seguiam de maneira satisfatória e GW deveria se concentrar em infiltrar-se no movimento nacionalista galês. GW ofereceu seus serviços ao organizador do partido em Gales do Sul, Wynne Samuel, sob a condição de que sua filiação continuasse confidencial caso fosse entendida pela autoridade policial como contrária às provisões da Lei de Pensões Policiais, 1921, Seção 15, que proibia a adesão a partidos políticos. GW não queria arriscar a aposentadoria que levara 29 anos para conquistar.

Uma consequência da posição de neutralidade era que alguns nacionalistas acabaram levados para a clandestinidade por medo de serem rotulados de quinto-colunistas. As afiliações estavam se

desintegrando e as reuniões com poucos membros aconteciam em casas particulares para evitar a atenção indesejada. Um dos creditados por manterem o Plaid Cymru reunido durante os difíceis anos de guerra, Wynne Samuel também era secretário da Divisão Ystalyfera, a maior nos arredores. Como desertor e pacifista durante toda a vida, Samuel disse aos fiéis do partido em 1940: “Sempre combatemos a guerra. Acreditamos no método de resistência pacífica como a única arma para alcançar a posição de Domínio dentro da Commonwealth of Nations Britânica”. Tais declarações culminaram em sua demissão pela Câmara Municipal.

A atitude das autoridades locais galesas para com os funcionários que se registravam como desertores era ambivalente. Alguns eram demitidos imediatamente; outras câmaras esperavam o julgamento do tribunal. Em uma área, um desertor era forçado a renunciar enquanto, na autoridade vizinha, podia se refugiar com pagamento integral sob o manto benevolente do Conselho. Em agosto de 1940, Swansea havia expulsado 16 funcionários; Cardiff, Pembrokeshire e Cardiganshire tinham votado para isso, Merthyr não havia tomado uma decisão, mesma alegação de Newport Corporation. Pressões de outras equipes convenceram Swansea a suspender não apenas desertores pela duração da guerra, mas também membros da Peace Pledge Union caso eles assinassem um documento declarando apoio à guerra. Samuel se recusou e foi enviado para passar os próximos anos trabalhando em uma fazenda no oeste de Gales enquanto continuava editando a versão em língua inglesa da publicação mensal *The Welsh Nation*, do Plaid Cymru. Usando a divisão de Ystalyfera como base, ele falava em muitos encontros públicos e destemidamente fazia campanha contra a transferência de trabalhadores galeses para fábricas de munição na Inglaterra. O MI5 empregou falantes da língua galesa para relatar o sentimento antiguerra de seus conterrâneos. Uma vez aceito como membro do Plaid Cymru, GW participou dos encontros, conforme instruído por seus controladores do Sistema Double-Cross.<sup>8</sup>

GW estava perdendo a paciência tanto com o fato de Frau de Ridder não responder quanto com o de Snow por não apresentar

uma lista de “filatelistas” no exterior com os quais Rantzau lhe pedira para se corresponder. Suas suspeitas com relação a Snow cresceram ainda mais quando lhe disseram que, sob nenhuma circunstância, ele deveria contatá-lo em casa, em Kingston-upon-Thames. Sentindo-se excluído, GW expressou suas preocupações em uma carta a Rothschild:

Com grande respeito, o que posso dizer se, no próximo encontro [com os alemães] me perguntarem: “O que você fez desde nosso último encontro?” Sou suficientemente patriota para fazer qualquer coisa dentro do limite da razão, mas posso lhe assegurar que hesitaria em participar de outra conferência com pessoas tão astutas, exceto se, nesse meio-tempo, eu puder fazer uma ou duas visitas a Snow para abordar as questões que gostaria de abordar em tal conferência. Certamente me sentiria mais satisfeito se isso pudesse ser providenciado. Há fundos disponíveis de nossos “amigos especiais” sob o controle de Snow, os quais podem ser utilizados para esse propósito. [...] Desejo um feliz ano-novo.<sup>9</sup>

Dois meses mais tarde, ele recebeu aprovação para escrever uma segunda carta a Frau de Ridder. “Como está?”, perguntou GW. “[...] É praticamente impossível viajar por esses dias. [...] Muito tempo se passou desde que recebi notícias suas. Fico feliz por seu país ter conseguido se manter longe da guerra até o momento presente.” Depois de falar sobre o tempo – 1940 teve um inverno rigoroso –, o início de verão e as noites longas e quentes, GW chegava ao importante quinto parágrafo da carta, pedindo a de Ridder “alguns selos especiais para minha coleção”, código para explosivos que os alemães haviam prometido, mas não entregado.<sup>10</sup>

Era um tiro no escuro. “Frau de Ridder” provavelmente era Frau de Ritter, a esposa do Doutor, e a essa altura havia retornado a Hamburgo. Por outro lado, ela poderia ser a mulher do outubro anterior, que ficara parada na calçada na estação da Antuérpia estudando-o atentamente. GW esperou ansiosamente uma resposta; as oportunidades de se infiltrar na *Abwehr* desapareciam conforme

os alemães avançavam. O MI5 ficou surpreso por Frau de Ridder responder, mesmo que apenas para dizer que estava partindo rumo à Bélgica para passar longas férias nos Estados Unidos e que tinha providenciado para que GW trocasse selos, no futuro, com 'Louis de Mercader, 67 Rue Bosquet, Osborne Residence, Bruxelas.<sup>11</sup>

Quando M. de Mercader respondeu convidando GW para ir a Bruxelas com o objetivo de inspecionar sua coleção de selos, os tanques de guerra Panzer já entravam em Ardenas e poderiam chegar à capital belga dentro de semanas – talvez dias. Apesar do risco, GW aceitou o convite e decidiu aproveitar a última oportunidade para abrir um canal à *Abwehr*, respondendo a M. Mercader:

Você obviamente sabe que não temos selos próprios em Gales e usamos os ingleses. No entanto, há outras coisas em Gales que são muito interessantes e as quais, estou certo, você terá interesse em descobrir. [...] Acredito que, em um futuro próximo, teremos uma oportunidade de trocar opiniões acerca da questão da coleção de selos e de outros assuntos.<sup>12</sup>

A carta nunca deixou a Grã-Bretanha. O censor a devolveu com uma nota na qual afirmava que trocar selos com pessoas de países neutros era proibido!<sup>13</sup> Mas era tarde demais; a carreira de GW na espionagem estava esgotada dias mais tarde, quando os alemães marcharam sobre Bruxelas, em maio de 1940, afastando a resistência pacífica. Com a ligação com Rantzau quebrada, ao antigo inspetor de polícia restou contemplar um retorno aos trabalhos envolvendo divórcios. Porém, o MI5 ainda tinha um trabalho para ele: espionar nacionalistas e reportar o reforço militar, o que ele fez muito bem graças aos vales-combustível oferecidos gratuitamente pelo serviço de inteligência para que ele viajasse por Gales.

GW foi lembrado várias vezes da importância de cultivar a confiança dos líderes nacionalistas. Talvez, disse Robertson, seu controlador no MI5, um dia [se houvesse uma invasão], o movimento fosse de considerável interesse. Nesse meio-tempo, GW recebeu um pedido para descobrir quais nacionalistas tinham um

interesse particular em ouvir o canal de propaganda alemã, o “New British Broadcasting Service”, suspeito de transmitir instruções a quinto-colunistas.

Outro mês se passou sem muitas informações importantes a serem reportadas até que, em julho de 1940, quando GW foi enviado para buscar na estação de Swansea Snow e “Biscuit” (codinome de Sam McCarthy), um pequeno criminoso reformado e mais novo agente do Sistema Double-Cross. Os dois galeses haviam se encontrado pela última vez na Antuérpia em outubro do ano anterior e, embora o motivo apresentado para essa visita surpresa fosse avisar GW que Rantzau estava enviando um agente da *Abwehr* para observá-lo, ele achava que era ele quem estava sendo investigado por Snow e Biscuit.

Da estação, GW os levou a seu hotel próximo ao mar, em Langland Bay e, na manhã seguinte, a Oxwich Bay, a alguns quilômetros na costa, e em especial à angra em Penmaen que GW havia identificado como adequada para um submarino instalar explosivos. O trio tirou fotografias da angra antes de seguir de carro a Pontardawe – cidade natal de Snow –, visitando vários locais públicos antes do almoço. A primeira parada da tarde foi na adega T’r Werin, em Ystalyfera, descrita por GW como um lugar frequentado por membros do Plaid Cymru. Biscuit levou uma cópia de um panfleto nacionalista, *Can Wales Afford Self-Government?*, e questionou habitantes locais sobre atividades nacionalistas. “Muito quieto por enquanto”, falava o senhorio, acrescentando que, por conta da guerra e da limitação de dinheiro, o partido local havia demitido parte de sua diretoria. A maioria da população local, ele dizia, era antiguerra e tinha os mesmos objetivos dos nacionalistas irlandeses. Um ministro não conformista e pacifista local, o reverendo Iorwerth Jones, estava instruindo membros do partido a se registrarem como desertores. “GW teria ouvido o que acontecera a Wynne Samuel?”, questionava o senhorio. “Swansea Corporation o demitiu porque ele é um desertor, e agora está trabalhando em uma fazenda em Aberaeron”, acrescentou.

No retorno a Swansea, eles pararam novamente em Pontardawe para encontrar um homem não identificado com quem se reuniriam

para o jantar e alguns drinques no Metropole Hotel. A última vez que GW viu Snow ou conversou com ele foi na manhã seguinte, quando o deixou na estação de Swansea para pegar o trem para Londres. Portanto, GW trabalhou com independência para o Sistema Double-Cross, já sem fazer parte da célula imaginária de agentes galeses de Snow. Ao deixá-lo no saguão da estação, o ex-inspetor de polícia deu início a uma conversa com Owen ap Owen, um ativista do Plaid Cymru que acreditava que o fascismo e o comunismo tinham “uma série de pontos positivos” e que a prisão de galeses [sob os Regulamentos de Defesa] sem julgamento no tribunal era “pior do que ditatorial”.<sup>15</sup>

O MI5 não podia alegar ter reconstruído sua organização e reputação até depois de 18 meses do início da guerra. Vender a história de traição galesa à *Abwehr*, conforme retratado por GW e Snow, era parte vital dessa reabilitação ao permitir que o Sistema Double-Cross abrisse seu primeiro canal seguro para plantar informações falsas no Alto Comando Alemão. Essa corrente de informações falsas convenceu a *Abwehr* – sem saber que todos os espões que ela enviava eram capturados, executados ou transformados em agentes duplos britânicos – de que era desnecessário reforçar sua rede de espionagem britânica. Como a maioria escolhia espionar para a Grã-Bretanha à execução, o Sistema Double-Cross acumulou, durante o curso da guerra, 120 agentes de várias nacionalidades, dos quais metade se mostrou útil. Quatro ou cinco foram pegos como resultado do tráfego de rádio de Snow. Embora os agentes raramente fossem parecidos, a maioria esperava ser pego em algum momento e, sob interrogatório, decidia mudar de lado para salvar a própria vida. Pouquíssimos tinham a lealdade ou o fanatismo de optar pelo fuzilamento ou pela força. Notavelmente, entre a massa de novos regulamentos em tempos de guerra rapidamente transformados em lei, nenhuma provisão específica foi feita no sentido de enforçar espões. As ações podiam ser tomadas com base na já existente Lei de Prisão, mas a Direção de Ação Penal avisou ao MI5 que alguns casos dificilmente seriam provados usando esse estatuto enquanto o julgamento por alta

traição continuasse tão complicado. Se um agente alemão fosse preso antes de se tornar operacional, não havia motivos para acusá-lo de alta traição sem sólidas evidências de sua missão. Ademais, ele sempre podia alegar que, como não estava ligado ao Rei, era impossível ter cometido um ato de alta traição. O MI5 queria que uma lei fosse formulada rapidamente para que, se um homem fosse acusado de espionagem, o juiz automaticamente autorizasse a sentença de morte, como acontecia em casos de assassinato. A Lei da Traição passou pelo parlamento em maio de 1940. Inicialmente, as execuções foram publicadas como meio de intimidação, até o MI5 achar melhor manter os agentes condenados vivos para mais interrogatórios.<sup>16</sup>

Se alguém agia de forma traiçoeira, com base nas evidências, esse alguém só podia ser Snow. Antes de ser entregue pela esposa e se transformar em agente duplo britânico, o galês havia, por três anos, operado na célula da *Abwehr*, a chave da inteligência alemã na Grã-Bretanha, oferecendo uma enorme quantidade de informações sobre aeródromos, esquadrões da Força Aérea Real e localização das tropas. O fato de Snow nunca ter sido acusado de nada somente prova seu senso de autopreservação agudo e sagaz e uma ética profissional que entregava um serviço profissional para os dois lados, simultaneamente, se necessário, em troca de pagamento.

Contatos pessoais e escritos secretos podem ter sido sua atividade regular antes da guerra, mas, quando eles foram substituídos por transmissores de rádio, Snow ajudou os decifradores de códigos britânicos em Bletchley Park a descriptografar mensagens do serviço de inteligência transmitidas pela *Abwehr*. Até o advento da Máquina Enigma, elas eram criptografadas a mão e, em setembro de 1939, o Radio Security Service (RSS) encontrou alguém usando o mesmo indicativo de chamadas de Snow, a OEA. O MI5 fez referência a isso à Government Code and Cipher School at Bletchley Park, antecessora do Government Communications Headquarters at Cheltenham (GCHQ). Os decifradores de códigos não conseguiram decifrar o código, mas pensaram que a mensagem estava sendo enviada de Xangai para Hamburgo. Não convencido, o Radio

Security Service tentou outra vez e, por fim, conseguiu decifrar o código. A mensagem havia sido transmitida de uma traineira na costa norueguesa pela rede de inteligência usada pelo Alto Comando Alemão. Com essa informação e com as informações reunidas com base nas transmissões noturnas de Snow a Hamburgo, Oliver Strachey, em Bletchley, conseguiu, a partir de março de 1940, grampear o tráfego de espionagem alemão de Kirkness para Ancara e, posteriormente, nas Américas do Norte e do Sul. Essas chamadas mensagens ISOS – acrônimo para Intelligence Service Oliver Strachey – eram de valor inestimável para o esforço de guerra e para o Sistema Double-Cross na conversão de espiões alemães capturados em conduítes para fornecer informações falsas.<sup>17</sup>

Veza ou outra, os serviços de segurança britânico e alemão recebiam uma quantidade considerável de informações de Snow, a maioria correta quando cruzada com outras fontes. Em abril de 1940, Snow avisou que duas bombas haviam sido plantadas a bordo da embarcação *City of Sydney*, em Amsterdã. Depois de receber a informação de que navio nunca chegou à capital holandesa, Liddell, controlador da Divisão B, ignorou a dica de Snow, considerando-a espúria, somente para as bombas serem descobertas quando o navio chegou a seu destino, na República de Maurício.

GW se provaria não menos valioso ao MI5, e até mais em alguns aspectos, após surgir no cenário da espionagem antes de sumir de forma tão repentina quanto havia aparecido. Exteriormente estável e confiável, a retidão de GW era, todavia, testada pela imagem de grandes somas de dinheiro distribuídas no meio da espionagem, o que levou Liddell a descrevê-lo, num primeiro momento, como “um tipo desagradável que obviamente está sendo criado”. Por outro lado, o professor de História da Oxford John Masterman, apontado em janeiro de 1941 para presidir o Comitê dos Vinte supervisionando as atividades do Sistema Double-Cross, considerou GW um superespião, acreditado pela *Abwehr* como o principal agente britânico depois que Snow – que sempre ficava com a primeira posição – fora eliminado.

O Comitê dos Vinte, que recebeu esse nome por conta do algarismo romano XX, que formava duas cruzes, encontrava-se todas as quintas-feiras em uma construção discreta próxima à Regente Street com homens sem identificação surgidos do submundo da espionagem. No início da guerra, o MI5 era um inseto multifacetado vivendo nas sombras, cada parte guardando cuidadosamente sua própria relva, às vezes temendo mais uns aos outros do que ao inimigo. Cada uma dessas divisões enviava um representante aos encontros semanais do Comitê dos Vinte para assegurar que suas operações não estavam sendo afetadas pelos últimos esquemas criados por Robertson, o controlador da Double-Cross. O papel do comitê consistia em equilibrar recompensas e riscos ao aprovar as informações que os agentes podiam passar aos alemães com propósito de frustração estratégica.

Aos 49 anos, Masterman era velho demais para o serviço militar; porém, tendo escapado do destino de muitos contemporâneos na Grande Guerra ao ser preso na Alemanha, ofereceu-se imediatamente como voluntário para a Segunda Guerra Mundial. Um homem alto, com energia excepcional e a determinação de um buldogue, Masterman havia jogado hockey para a Inglaterra e críquete para o MCC. Embora pudesse parecer determinado e intenso ao enfrentar um problema, uma vez que a questão estava resolvida, Masterman era um companheiro tranquilo e amigável. Era, entretanto, seu dom para avaliar as pessoas e seu potencial que o tornavam ideal para supervisionar as intrincadas operações dos agentes. Embora duvidasse da lealdade de Snow ao mesmo tempo em que admitia que ele era "uniformemente bem-sucedido", GW simbolizava sua teoria de que a Double-Cross era um jogo, um jogo muito longo que recompensava bem os investimentos de tempo e energia se jogado com paciência e persistência. Masterman achava seu adversário, Rantzau, impaciente e ingênuo, seu julgamento deformado pelo egoísmo, interessado apenas no crédito por recrutar e lançar um agente no campo. Tendo se empenhado pouco no sentido de fortalecer uma rede de espionagem na Grã-Bretanha até depois da invasão da Holanda e da Bélgica, a *Abwehr* e seus esforços eram vistos por Masterman como pouco inspiradores e

desleixados. Uma avaliação interna da inteligência do MI5 concluiu que, no início da guerra, Snow e posteriormente Williams eram os únicos agentes residentes que a *Abwehr* acreditava ter na Grã-Bretanha.

Nenhum dos agentes que foram presos ou identificados desde a guerra tem quaisquer instruções para fazer contato com qualquer movimento político subversivo deste país, nem mesmo com a União Britânica de Fascistas. [...] Entretanto, os alemães tentaram estabelecer contato com os nacionalistas galeses e também com o IRA e, portanto, não se concentraram, de modo geral, em movimentos políticos, mas em movimentos de carácter racial ou nacionalista.

Não existe *Kriegsnetz* [rede de espiões] neste país porque os alemães se apoiaram no NSDAP [Partido Nazista] para nos manter fora da guerra, porque eles mesmos estavam preocupados demais entre 1933 e 1937 com problemas internos e problemas afetando estados europeus [...] e, por fim, sua confiança em Snow e em seu grupo fictício de 12 subagentes.<sup>18</sup>

Na ausência de apoio, esses agentes que a *Abwehr* por fim enviou à Grã-Bretanha logo ofereceram uma bela colheita a Robertson, o belo e duro controlador escocês do Sistema Double-Cross. Juntos, ele e Masterman formavam uma equipe perfeita.

O Comitê dos Vinte era supervisionado pelo W Board, que aconselhava em questões políticas até se tornar cada vez mais envolvido em operações cotidianas. Churchill liderou a cadeia de comandos, seguido pelo Joint Intelligence Committee (JIC), compreendendo as direções do MI5, MI6, Inteligência Militar e Divisão de Inteligência Nacional. A reorganização dos serviços de segurança, realizada por Petrie quando ele foi apontado controlador do MI5, distingue claramente as funções da Divisão B do MI5 (contraespionagem no país) e a Seção V do MI6 (responsável por agrupar informações da contrainteligência das estações do exterior). Porém, o atrito entre os dois lados existiu ao longo de toda a guerra

porque Liddell, da Divisão B, adotava uma abordagem fundamentalmente distinta de seu homólogo, Felix Cowgill, que cuidava da Seção V do MI6. Cowgill acreditava que os serviços de segurança precisavam apenas de agentes em campo e que a orientação acadêmica empregada por Liddell de compilar memorandos sobre a teoria da espionagem e a psicologia da *Abwehr* era uma completa perda de tempo. Liddell, por outro lado, apreciava o valor do “tempo dedicado à reflexão” das pessoas de alto nível intelectual e com conquistas acadêmicas, permitindo que elas se sentassem periodicamente, fizessem um balanço e planejassem o passo seguinte. Cowgill fazia uma espécie de “banda de um homem só” no MI6 e temia confiar suas fontes de informação secreta aos “intelectuais” da Divisão B de Liddell.<sup>19</sup> Os espiões soviéticos Burgess e Blun eram dois desses “intelectuais” de quem Liddell era especialmente próximo – e foram essas relações que, ao fim da guerra, afetaram sua promoção à posição de Diretor Geral.

Na base dessa estrutura de comando estavam os agentes do Sistema Double-Cross, uma mistura de nacionalistas com formações que tinham pouco em comum com a antiga gravata escolar. Alguns administravam sua própria rede de subagentes; outros, como GW, trabalhavam sozinhos.

TNA, KV 2/446, folio 138a, nota de Robertson a Snow, 16 de novembro de 1939.

TNA, KV 2/468, relato de Cottenham a Robertson após interrogar GW, 28 de outubro de 1939.

Lorde Rothschild, *The File is Never Closed* (Londres: RandomVariables), pp. 203–4.

J. Colville, *The Fringes of Power: Downing Street Diaries 1939–1955* (Londres: Hodder and Stoughton, 1985), p. 471.

TNA, KV 2/468, cópia fotográfica de selos enviados por de Ridder a GW, 27 de outubro de 1939; TNA, KV 2/468, carta, GW a Rothschild anexando parágrafo de esboço em resposta a de Ridder, 6 de novembro de 1939.

TNA, KV 2/468, extrato da nota B.3, arquivo de Snow, Vol. 10, 438a, 18 de novembro de 1939.

TNA, KV 2/468, carta, Robertson a GW, 19 de novembro de 1939.

*Western Mail*, 23 de agosto de 1940, p. 2.

TNA, KV 2/468, carta, GW a Lorde Rothschild, 27 de dezembro de 1939.

TNA, KV 2/468, carta, GW a de Ridder, 29 de fevereiro de 1940.

TNA, KV 2/468, carta, de Ridder a GW, reabertura do canal, 15 de abril de 1940.

TNA, KV 2/468, carta, Louis Mercader a GW, 7 de maio de 1940.

TNA, KV 2/468, carta não datada do Gabinete do Censor Britânico a GW citando o regulamento P.C.82, que declarava que “postagens de cartões de Natal, todos os tipos de cartões, calendário, materiais impressos, literatura para cegos, selos postais usados ou não usados endereçados a certos Países Neutros são proibidos”.

TNA, KV 2/468, carta, Robertson a GW, 20 de junho de 1940.

TNA, KV 2/468, relato, GW a Robertson sobre a visita de Snow/Biscuit a Gales do Sul, 17 de julho de 1940.

TNA, KV 4/185, GLD, Volume 1, Parte 1, pp. 28–9, 75; TNA, KV 4/189, GLD, Volume 5, Parte 1, p. 332.

TNA, KV 4/189, GLD, Volume 5, Parte 2, pp. 540–1.

Masterman, *The Double-Cross System*, pp.4–16; TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 2, p. 603; TNA, KV 4/190, GLD, relato de Hart ao MI5, Volume 6, Parte 2, pp. 825-7.

Masterman, *The Double-Cross System*, pp.4–16.

## A LIGAÇÃO CUBANA

**DEPOIS QUE A LIGAÇÃO DA GRÃ-BRETANHA** com a França foi finalmente rompida pela evacuação de 200 mil tropas britânicas e francesas das praias de Dunquerque, em junho de 1940, GW esperou, já sem a expectativa de receber notícia de seus contatos colecionadores de selos em Bruxelas, enquanto Snow continuava enviando previsões do tempo noturnas à *Abwehr* do quarto dos fundos de seu apartamento em Kingston-upon-Thames. A Batalha da Grã-Bretanha estava por vir; portos e aeródromos britânicos eram bombardeados regularmente e, em setembro de 1940, Londres sofreu as três piores noites de blitz. Quando Liddell deixava o Reform Club, em Pall Mall, às 11h30 da noite, depois de jantar com Anthony Blunt e Guy Burgess, um conjunto de bombas incendiárias, uma "cesta de pães Molotov", foi lançada no shopping e no St. James's Park, iluminando toda a área. "Pessoas de todos os tipos saíram correndo de pijama com sacos de areia", lembrou Liddell. "Quando cheguei ao escritório, descobri que parte do Registro havia sido queimada por bombas incendiárias e que todos os fichários haviam sido destruídos. Por sorte, tínhamos tudo fotografado. Alguns milhares de arquivos também foram destruídos". Não muito tempo depois, a Divisão B retirou a maioria de sua equipe de Londres e a transferiu para um lugar mais seguro, o Palácio de Blenheim.<sup>1</sup>

Se as informações enviadas por Snow à Luftwaffe estivessem corretas, o bombardeio teria sido ainda mais difundido; mas os inspetores do MI5 em sua cola buscaram garantir que isso não acontecesse. No ápice da blitz, Winston Churchill reconhecidamente

emitiu instruções para que as informações de inteligência entregues aos alemães tivessem como objetivo desviar a Luftwaffe de alvos estratégicos para áreas menos importantes. Quando o Secretário do Trabalho Herbert Morrison ouviu que isso poderia significar o bombardeio de áreas residenciais da classe trabalhadora, gritou furiosamente a Churchill durante uma reunião: “Quem somos nós para brincarmos de Deus?”<sup>2</sup>

Certa noite, perto do final de agosto de 1940, Snow recebeu uma transmissão de Hamburgo sobre a iminente chegada de três agentes alemães. Sua missão era sabotar essa chegada e eles entrariam em contato com GW no número 42 da Mount Pleasant, Swansea. Com outra oportunidade para adicionar à sua lista de agentes duplos, Robertson apressou-se rumo a Swansea para ajudar GW a criar uma casa segura para a qual os três seriam levados antes que a Divisão Especial atacasse. A armadilha nunca foi levada adiante, pois os agentes não apareceram – ou, pelo menos, foi o que se pensou na época.<sup>3</sup>

A chegada iminente dos três sabotadores foi mencionada por rádio por várias noites até que Hamburgo por fim anunciou que apenas um agente agora seria enviado a Swansea, onde receberia cartões de racionamento falsos, uma quantia de cupons de gasolina e outros documentos.

Pretendemos lançar cidadãos da África do Sul na Inglaterra ou na Irlanda. Por favor, responda por rádio as perguntas a seguir: O tráfego de passageiros entre Irlanda e Inglaterra ainda é possível? Quais documentos ou identificação são absolutamente necessários para ele na Inglaterra e na Irlanda? Caso ele vá à Inglaterra, pode ficar com você ou com amigos? Você consegue todos os documentos necessários para ele?

Snow respondeu positivamente, identificando as colinas de Quantocks, a oeste de Bridgwater, em Somerset, como zona de pouso adequada. Como não havia neve, ficou subentendido que o agente havia descido de paraquedas no Canal de Bristol e se afogado. Swansea começava a ganhar a reputação de ser um ponto

de parada para agentes da *Abwehr* em trânsito rumo a outras partes da Grã-Bretanha.

Outra possibilidade era que os três que originalmente seguiriam rumo a Swansea fossem Herbert Tributh, Dieter Gartner (ambos sul-africanos) e Obed Hussein (um indiano da Antuérpia que pousou de barco em Skibbereen, County Cork, em julho de 1940). Hussein, líder do grupo, perguntou à primeira pessoa que eles encontraram: “Você conhece alguém do IRA?”. Então, eles foram prontamente entregues à Garda. Hussein se descrevia como um interessado em pássaros, mas tinha uma mala repleta de bombas. Seus companheiros sul-africanos tinham ordens de chegar à Inglaterra para supostamente explodir o Palácio de Buckingham com latas cujos rótulos eram de ervilhas francesas, mas que, na verdade, estavam cheias de explosivos.<sup>4</sup>

A República da Irlanda, neutra, dificilmente teria sido um alvo, pois nada teria mais possibilidade de impulsionar os irlandeses para a guerra do lado dos Aliados. A grande maioria dos irlandeses era composta por antialemães que queriam que a Grã-Bretanha vencesse. No entanto, incapazes de deixarem de lado injustiças do passado, eles jamais permitiriam que tropas britânicas entrassem no país a menos que fossem convidadas. Neutro, mas sem defesa, o presidente de Valera vivia com o constante medo de invasão da Grã-Bretanha ou da Alemanha, para quem o acesso à costa oeste da república era crucial na batalha pelo controle das rotas de navegação do Atlântico Norte. A decisão da Grã-Bretanha de renunciar o Tratado dos Portos – bases soberanas em Berehaven, Queenstown e Lough Swilly – em 1938 como parte do Acordo Comercial Anglo-Irlandês para dar fim à infeliz guerra de comércio entre os países havia, na época, deixado Churchill furioso. Quando retornou ao governo como Primeiro Lorde do Almirantado, um ano mais tarde, Churchill apresentou a possibilidade de comprar de volta o acesso aos portos cruciais da costa oeste da Irlanda por 50 milhões de libras! De Valera, suspeitando que Churchill não queria os portos, mas as terras na vizinhança imediata para a construção de bases aéreas, disse a Liddell durante um encontro secreto em Dublin

que os irlandeses jamais tolerariam tropas inglesas entrando no país, pois acreditavam que elas nunca mais sairiam de lá.

“Ele [de Valera] lamentava a falta de confiança entre irlandeses e ingleses, além do fato de que Churchill podia afastar essa desconfiança de uma vez por todas ao fazer uma declaração pública de que, sob nenhuma circunstância, as tropas britânicas invadiriam a República da Irlanda, exceto por um convite direto [de de Valera]”, escreveu Liddell posteriormente. “Ele disse que, no caso de uma invasão alemã ao sul, sem dúvida haveria um conflito na fronteira caso o norte tentasse ultrapassá-la sem seu convite. [...] Falou demoradamente sobre o assunto da divisão [...] e disse que essa questão deve sempre se sobrepor a qualquer gesto de camaradagem entre irlandeses e ingleses. Perguntei o que ele faria se os Estados Unidos entrassem na guerra e ele respondeu: ‘Só posso lhe repetir que estou decidido a manter a neutralidade de meu desprotegido país até onde minha habilidade permitir.’” Liddell deixou Dublin com a impressão de que de Valera era “um homem extremamente preocupado e em uma situação ruim, mas decidido a não admitir isso”.<sup>5</sup>

Ironicamente, a pouca defesa da Irlanda era organizada pela população local, composta em sua maioria por ex-oficiais e funcionários públicos aposentados leais à Grã-Bretanha e munidos com armas entregues por nacionalistas patriotas ferozes com acesso a esconderijos secretos de armas. O efeito era diminuir ainda mais a influência do IRA.

Se as datas forem desconsideradas, torna-se muito tentador acreditar que os sul-africanos e o indiano eram os três sabotadores que deveriam ir à casa de GW em Swansea, pois, quando interrogados, admitiram à Garda que queriam encontrar um contato que ofereceria os documentos necessários para operar na Inglaterra.

Em meio à enxurrada de tráfego de rádio, havia outra teoria para explicar o agente desaparecido. Poderia ele ser o sueco Goesta Caroli (codinome “Summer”)? Ainda jovem, Caroli havia experimentado muitas coisas, tendo por fim falhado na criação de uma empresa de criação de raposas em uma fazenda perto de

Uppsala, no norte da Suécia. Ele então passou a vagar sem destino pela Europa durante meses enquanto tentava, mais uma vez sem sucesso, sustentar-se como artista e jornalista itinerante. Foi esse Caroli que caíra nas mãos da *Abwehr* em Hamburgo e acabara enviado à Inglaterra em 1939, antes do início da guerra, para espionar. Posando como representante de um jornal sueco, ele coletava informações sobre a economia e a Força Aérea Real nas Midlands, a maioria delas adquiridas de livros e jornais locais. Após retornar à Suécia e não conseguir se livrar da inteligência alemã, ele se viu de volta a Hamburgo em julho de 1940, preparado para uma segunda missão na Grã-Bretanha. Com seu transmissor de rádio, Caroli saltou de paraquedas próximo a Denton, Northants, em 6 de setembro de 1940, para reportar ataques aéreos e seus danos nas Midlands. Rantzau recebeu de Snow a informação de que Caroli havia ferido uma perna no pouso, passado dez dias no interior e, com o tempo piorando, planejava encontrar abrigo posando como refugiado sueco. Rantzau vetou a ideia e ordenou que Snow acolhesse o agente, o que ele fez na Estação Wycombe em 17 de setembro. Snow, então, levou Caroli a Londres, abrigou-o em seu apartamento e verificou que seus documentos falsos de marinheiro passariam por uma análise.

Como Caroli havia passado muito tempo em espaços abertos, Rantzau recebeu a informação de que ele estava doente e recebendo os cuidados de Biscuit, um dos subagentes de Snow. Uma vez “recuperado”, recebeu novas instruções para trabalhar na área entre Londres, Colchester e Southend, o que ele fez a partir de alojamentos fictícios em Cambridge. A frustração foi tão bem-sucedida que Snow recebeu 200 libras de Rantzau para pagar Caroli! Ao final de janeiro de 1941, o transmissor do sueco subitamente saiu do ar e Snow disse à *Abwehr* que seu homem estava sob suspeita da polícia e havia fugido em um navio usando os documentos falsos de um marinheiro providenciados para esse propósito. Snow, então, recuperou o transmissor sem fio do depósito de bagagens na Estação de Cambridge.

A verdade era que, horas após chegar, Caroli fora preso e entregue ao Camp 020 – o maior centro de interrogação de agentes

inimigos – antes de ser solto sob a custódia de Robertson, para quem se tornou o agente Summer. Posteriormente, retornou ao Camp 020 para mais questionamentos, ocasião em que ficou claro que o sueco estava escondendo alguma coisa. Depois de uma tentativa frustrada de suicídio, Summer foi novamente solto e instalado sob guarda em uma casa próxima a Hinxtton. Enquanto isso, a seção da Double-Cross usou seu transmissor para enviar informações erradas aos alemães até Summer tentar escapar, no final de janeiro de 1941, e ser levado novamente ao Camp 020, onde passaria toda a guerra.<sup>6</sup>

Com base em evidências, o não aparecimento em Swansea pode ser explicado pela viagem de um barco de pesca francês, o *Josephine*, enviado para transportar três sabotadores cubanos à Baía de Swansea. Os cubanos eram: Silvio Ruiz Robles, de 40 anos, ex-proprietário de uma mercearia em Havana; Pedro Hechevarria, de 33 anos, ex-funcionário da alfândega em Santiago; e Nicholas Pasoz-Diaz, de 36 anos. O capitão do *Josephine* era Cornelius Evertsen, um holandês corpulento de 49 anos de Flessingue. A tripulação era uma mistura de nacionalidades, sendo Peter Marcussen Krag, um engenheiro dinamarquês de 26 anos, o membro mais jovem; os demais eram franceses, holandeses e espanhóis.<sup>7</sup>

Depois da queda da França, a *Abwehr* estabeleceu uma estação na costa britânica, em Brest, e uma sub-estação em Le Touquet. Agentes cujo destino era a Grã-Bretanha foram treinados em espionagem e sabotagem em uma vila nos arredores de Brest antes de serem transferidos a Le Touquet para receberem instruções de náutica e de como remar até a encosta saindo de uma traineira ou de um submarino. Agentes inimigos cujo destino era a Grã-Bretanha costumavam partir de Le Touquet, mas eram enviados primeiro a Brest, onde os barcos eram equipados e as tripulações definidas.<sup>8</sup> A *Abwehr* recrutava agentes em potencial de várias formas, até mesmo colocando anúncios em jornais locais, oferecendo empréstimos a candidatos adequados que, via de regra, eram funcionários públicos ou oficiais. Indivíduos endividados eram empurrados cada vez mais para a rede de espionagem, com

promessas de aumento de seus empréstimos em troca de melhor qualidade da inteligência. Olheiros da *Abwehr* observavam os campos de prisioneiros de guerra nos territórios ocupados, recrutavam simpatizantes pró-Alemanha, visitavam agências de empregos e procuravam prostitutas para trabalharem para a inteligência alemã.<sup>9</sup>

Em Brest, o Korvettenkapitaen Schneiderwind estava no comando das operações e seu segundo no comando era o Tenente "Charley" Witzke, o "Comandante" da *Abwehr* que interrogara GW na Antuérpia em outubro de 1939. O envolvimento de Witzke, seu conhecimento da costa de Gales do Sul e suas ligações com GW apoiavam a teoria de que os agentes a caminho de Swansea eram os três refugiados cubanos da Guerra Civil Espanhola que, após fugirem para a França, viram-se desamparados e foram recrutados pela *Abwehr* nas ruas de Paris.<sup>10</sup>

Todos os três cubanos haviam lutado com republicanos, unindo-se ao êxodo rumo à França depois que os nacionalistas de Franco saíram vitoriosos. Robles trabalhara por algum tempo em um batalhão de trabalho francês até os alemães debandarem. Ele e os outros cubanos tiveram a escolha de trabalhar para os alemães ou retornar à Espanha ou Vichy, na França. Nenhuma das opções parecia particularmente interessante. Na Espanha, Robles, Hechevarria e Pazos-Dias correriam risco de execução quando Franco continuasse os extermínios, mesmo depois da Guerra Civil; e, em Vichy, eles quase certamente acabariam presos. Sem meios de apoio e sem ver outra forma de escapar da França, lembraram-se do endereço em Paris de um colega refugiado da Guerra Civil Espanhola, o húngaro Ernst Vaida. Agora, Vaida levava uma vida próspera, andava bem vestido e tinha dinheiro. Depois de ouvir a história dos colegas, deu-lhes 100 francos e combinou um encontro mais tarde, em um café na Place St-Michel. Durante um aperitivo, emprestou-lhes mais dinheiro e marcou um encontro para o dia seguinte no Café Scossa, na Place Victor Hugo. Lá, apresentou-os ao Tenente Schimmler, oficial da *Abwehr* à paisana. Schimmler explicou que estava procurando três homens para atravessar o canal e

realizar trabalhos de sabotagem. Os cubanos concordaram, alegando posteriormente que só fizeram isso como forma de escapar da França. Cada um recebeu 2 mil francos de Schimmler para comprarem roupas novas e foram instruídos a se encontrarem na manhã seguinte no Café de l'Université. Enquanto esperavam, um carro oficial da Alemanha aproximou-se: era Schimmler acompanhado do Tenente "Charley" Witzke em uniforme naval.<sup>11</sup> Após receberem mais dinheiro e passagens de trem, os cubanos viajaram durante a noite rumo a Brest, onde Witzke os instalou em um pequeno hotel. Passaram semana seguinte numa vila nos arredores da cidade aprendendo a construir e instalar bombas.

Em 27 de setembro, com bolsas repletas de explosivos e detonadores, incluindo latas de ervilhas explosivas, os cubanos embarcaram em uma traineira e receberam as instruções finais de Witzke: eles deveriam desembarcar na costa oeste da Grã-Bretanha para realizar trabalhos de espionagem na região de Briston. Cada um recebeu 50 libras esterlinas para se manter até encontrar trabalho na Inglaterra. Ao chegarem, deveriam procurar o Cônsul de Cuba em Londres e se apresentar como refugiados vindos da Alemanha em busca de trabalho nas fábricas nos arredores de Bristol. Witzke prometeu altos bônus e empregos futuros na Alemanha Nazista se a missão fosse um sucesso. Aparentemente não houve qualquer menção acerca de quando eles retornariam à França, e eles tampouco teriam perguntado.<sup>12</sup>

A aproximadamente cem quilômetros de Brest, a traineira ficou presa em uma tempestade, o motor parou de funcionar e a embarcação foi forçada a retornar com os três cubanos enjoados a bordo. Enquanto Witzke encontrava um novo barco, um novo capitão e uma nova tripulação, os cubanos esperaram durante a maior parte de outubro em seus alojamentos no número 40 da Rue Pierre Loti, Brest, recebendo um valor diário que passou de 40 para 50 francos. Em 23 de outubro, o novo capitão, o holandês desempregado Cornelius Evertsen, encontrou um barco substituto para cruzar o canal, o qual os alemães renomearam *Josephine*.

Convocado ao escritório de Witzke, onde receberia as instruções finais, Evertsen foi informado que sua esposa receberia 500 Reichsmarks no início da missão e, caso ele e os amigos chegassem bem, ela receberia outros 1000 Reichsmarks. Lembrado novamente de sua missão e tendo recebido um revólver e algumas balas cada, os cubanos deixaram Brest em 5 de novembro em sua segunda tentativa de cruzar o canal a bordo do *Josephine* carregado de materiais para sabotagem.

A viagem foi um pesadelo em alto mar, com direito a tempestades, ventos e chuvas torrenciais. Os cubanos ficaram extremamente enjoados e, no segundo e terceiro dias após deixarem Audierne, já no noroeste da Grã-Bretanha, lançaram o material de sabotagem e os revólveres do barco. Quando a embarcação se aproximava da Baía de Swansea, Hechevarria e Pazos-Diaz estavam doentes demais para desembarcarem e Robles recusou-se a ir sozinho. Agora, Pazos-Diaz também estava sofrendo com um abscesso dolorido e precisava de cuidados médicos urgentes. Segundo Robles, Witzke havia marcado no mapa o local pretendido para desembarque na Baía de Swansea antes de o *Josephine* deixar Brest. Entretanto, já no Camp 020, Evertsen posteriormente insistiu que o destino sempre fora St. Brides Bay, na costa de Pembrokeshire.

Da Baía de Swansea, a embarcação seguiu rumo ao oeste, dando a volta na costa; porém, após ser atingida pela tempestade, deixou passar completamente St. Brides Bay. Evertsen pensou ter avistado a costa sudoeste da Irlanda, mas logo descobriu que aquela luz piscando marcava a traiçoeira Fastnet Rock. O tempo piorou, exigindo toda a habilidade náutica do capitão holandês para evitar que o barco virasse. Alterando o curso para sudeste e seguindo pela costa irlandesa, o *Josephine* então se aproximou do farol Smalls, e, nesse ponto, Evertsen virou seu barco surrado pela tempestade para o norte, em direção ao Mar da Irlanda.<sup>13</sup> Em 12 de novembro, após uma semana de viagem, o *Josephine*, agora correndo grande risco de afundar, encontrou abrigo em Fishguard Harbour, onde recebeu a bordo uma patrulha naval. A tripulação foi presa e o houve uma busca no barco. Só foram encontradas uma bandeira da Alemanha,

uma automática Browning belga, uma carga de munição e cartelas de cigarros ingleses.<sup>14</sup>

Evertsen contou a história de que os cubanos eram refugiados a caminho de Dublin e que um deles precisava de atenção médica urgente. Mais tarde, na estação de polícia de Cannon Row, alegou ter sido levado como prisioneiro pelos alemães e colocado para trabalhar nos campos com outros refugiados. Foi então que se tornou amigo de um francês que lhe arrumou um barco para que ele e os outros escapassem. Quando sua longa e complicada história foi desvendada sob um interrogatório no Camp 020, Evertsen finalmente admitiu que havia recebido da *Abwehr* para levar os sabotadores cubanos à Grã-Bretanha.<sup>15</sup>

Como os cubanos atiraram ao mar as armas e o material de sabotagem antes de se aproximarem da costa galesa, provavelmente era verdade que eles estavam seguindo o esquema da *Abwehr* como forma de escapar da França. O grupo foi mantido no Camp 020 até o fim da guerra, quando acabaram deportados – Robles e Hechevarria para os Estados Unidos; Pasoz-Dias morrera vítima de tuberculose na prisão de Liverpool um ano após ser preso.

Os relatos da viagem oferecidos por Evertsen e pelo cubano Robles diferem consideravelmente. O holandês afirma que sua intenção era se render aos Aliados e que só tinha fingido cooperar porque os cubanos estavam armados. Por outro lado, Robles e seus companheiros relataram que, com a exceção dos marinheiros francês e espanhol, a tripulação era pró-Alemanha e que Evertseen fez tudo que estava ao seu alcance para obter sucesso na missão. Evertsen havia apontado duas vezes o ponto na costa galesa para o desembarque, mas havia apagado o curso do barco do mapa antes de embarcar em Fishguard.<sup>16</sup>

Masterman estava convencido de que os cubanos buscavam um esconderijo em Swansea.<sup>17</sup> Nem todos concordavam, embora os latinos tivessem chegado a Gales mais ou menos na hora certa e supostamente trabalhariam perto da área certa. Ademais, falando um inglês insuficiente, era pouco provável que eles alcançassem sucesso em sua missão sem assistência local. Witzke também havia

recrutado GW em outubro de 1939 e era familiarizado com a linha costeira de Gales do Sul. Se não os cubanos, o candidato final era Josef Starziczny, que logo estaria no comando de uma rede de espionagem da *Abwehr* no Brasil. Porém, antes disso, ele havia sido escolhido por Rantzau para substituir o agente afogado no Canal de Bristol. Depois de desembarcar, deveria encontrar GW em Mount Pleasant. Mas Starziczny perdeu a paciência e deixou a missão fingindo estar doente. Ainda assim, ele não se esqueceria de GW, o suposto contato da *Abwehr* em Swansea.<sup>18</sup>

Independentemente da explicação, o histórico de Rantzau de entrega de agentes à Grã-Bretanha sofreu outro golpe com a prisão dos cubanos. Os sul-africanos, indianos, suecos e cubanos haviam todos desaparecido sem deixar vestígios. E o mesmo acontecera com outros três – de Deeker, Vera Erikson e Walt –, que haviam sido presos com identidades que Snow havia ajudado a *Abwehr* a falsificar. O desastre tinha atingido não menos do que dez agentes enviados pelo mestre da espionagem alemã à Inglaterra com instruções para entrar em contato com Snow ou com GW. De tudo o que pode dar errado a um mestre da espionagem, a perda de uma série de agentes antes de eles entrarem em operação deve ter parecido mais do que uma coincidência para Rantzau, cuja confiança em Snow e GW continuava inabalada. Sem saber nada sobre o Sistema Double-Cross, Rantzau naturalmente buscou outros meios de fazer seu pessoal chegar à Grã-Bretanha. Depois que as Ilhas do Canal foram capturadas, Snow recebeu ordens para comprar outra lancha motorizada para transportar agentes de lá para o continente. TNA, KV 4/186, GLD.Volume 2, Parte 2, pp. 619–20.

Ladislav Farago, *The Game of the Foxes* (Nova York: Bantam Books, 1971), pp. 353-4.

TNA, KV 2/468, relato do caso Snow, arquivo original de Snow, Vol. 19, 902X, 902 a.

TNA, KV 4/186, GLD.Volume 2, Parte 1, pp. 523–4.

TNA, KV 4/187, GLD,Volume 3, Parte 2, pp. 841–2.

Masterman, *The Double-Cross System*, pp. 50–2; Farago, *The Game of the Foxes*, p. 324, 329, 333, 336.

TNA, KV 2/546, "A Chronological Survey of the Case of Silvio Ruiz Robles", pp. 26–30.

TNA, KV 2/546, "Summary of the set-up and functions of the Abwehrstelle at Brest by which expedition was arranged", Parte 1, pp. 2–3.

*Ibid*, p. 3.

TNA, KV 2/546, "Summary of the set-up and functions of the Abwehrstelle at Brest by which expedition was arranged", Parte II, p. 1.

TNA, KV 2/546, "A Chronological Survey of the Case of Silvio Ruiz Robles", pp. 27–8.

TNA, KV 2/546, "Summary of the set-up and functions of the Abwehrstelle at Brest by which expedition was arranged", Parte 1, p. 3.

TNA, KV 2/546, "The Voyage of the *Josephine*", Parte II, pp. 4–6.

TNA, KV 2/546, "The fishing smack *Josephine*", relato ao MI5 (B2), 15 de novembro de 1940; TNA, KV 2/546, folio 69a, relato de J. R. E. Guild, Oficial de Controle de Segurança, Milford Haven, 19 de fevereiro de 1941 ao MI5 informando detalhes do que foi encontrado a bordo do *Josephine*.

TNA, KV 2/546, "Camp 020: report on the case of Cornelius Evertson and the Josephine expedition", novembro de 1940.

TNA, KV 2/546, "The Voyage of the Josephine", Parte II, pp. 4–6.

Masterman, *The Double-Cross System*, Capítulo 3, pp. 46–59.

TNA, KV 2/546, Minuta de J. M. A. Gwyer (172) ao Coronel T. A. Robertson, 27 de novembro de 1945.

**Sete**

# A CHAVE DA MALA DIPLOMÁTICA

**DEPOIS QUE A LIGAÇÃO DE GW COM FRAU DE RIDDER** foi cortada pela queda da Bélgica e, posteriormente, da França, sua carreira na espionagem parecia ter chegado ao fim, apesar de vários alarmes falsos. Enquanto isso, ele esperava pacientemente ser contatado por “amigos do outro lado”, seu eufemismo para descrever o inimigo. Os cubanos chegaram próximos ao esconderijo em Swansea e, embora houvesse rumores de que outros estariam a caminho, ninguém mais apareceu. Nesse meio tempo, ele cultivava contatos no movimento nacionalista galês, enviando a Robertson relatos regulares sobre o sentimento nacionalista e o fortalecimento militar em Gales. Depois de se ver diante do Comitê dos Vinte de Masterman, pelo menos parte das informações que GW apresentou foi transmitido por Snow ao inimigo como “inteligência”.

O processo era mais complicado do que parecia, começando com Robertson e sua equipe no MI5 compilando um documento razoavelmente acurado para ser transmitido. O próximo passo consistia em juntar esse documento com aquele produzido por GW apoiado nas observações durante suas viagens pelo País de Gales. Somente informações em domínio público eram entregues à *Abwehr* com base na suposição de que, se a localização de uma fábrica de munições, aeródromo ou qualquer instalação militar fosse conhecimento comum, então o inimigo já sabia. O Sistema Double-Cross se via como um fornecedor da verdade, mas produzia falsificações em um jogo mortal de frustrações que poderia facilmente dar errado. O primeiro objetivo consistia em fornecer uma quantidade regular de informações plausíveis de modo a persuadir a *Abwehr* de que sua organização de espionagem na Grã-Bretanha

estava funcionando de modo satisfatório. A partir de uma estratégia inicialmente defensiva, surgiu uma postura ofensiva, empregando agentes inimigos “transformados” como canais para plantar informações falsas. GW e Snow foram os primeiros a serem usados com esses propósitos.<sup>1</sup>

Enquanto a maioria dos agentes de Robertson havia começado a vida como inimigos, GW fora criado pela organização para se passar por colaborador nacionalista galês fanático. Além de oferecer matéria-prima para a frustração de planos, GW foi instruído a espionar atividades nacionalistas e atitudes galesas como parte da persuasão dos nazistas de que havia uma reserva de apoio à espera. Para isso, com a ajuda do MI5, ele comprou um carro, recebeu cupons gratuitos para ter acesso a gasolina e muita ajuda de custo para viajar por Gales com os olhos bem abertos, ocasionalmente questionando habitantes locais nada suspeitos.

GW recebeu uma tarefa específica de Lorde Rothschild, especialistas em contrassabotagem do MI5. Sem informações de inteligência sobre as últimas técnicas e explosivos empregados por inimigos sabotadores, Rothschild considerava a indústria britânica perigosamente exposta.<sup>2</sup> O frasco de remédio lentamente derrubando ácido sulfúrico em uma mistura explosiva demonstrava a GW que, na Bélgica, eles haviam criado técnicas e itens incendiários muito mais sofisticados e dos quais a Grã-Bretanha pouco conhecia.

Uma nova oportunidade para GW penetrar na *Abwehr* surgiu em 7 de outubro de 1940, quando ele recebeu uma carta de “Miguel Piernavieja del Pozo, Athenaeum Court, 116 Piccadilly, Mayfair”. O remetente se apresentava como um colecionador de selos de M. Louis de Mercador, em Bruxelas, e convidava GW para encontrá-lo em seu apartamento em Athenaeum Court, Londres, na próxima quinta-feira, 10 de outubro de 1940. A carta mencionava que del Pozo havia “conhecido um amigo de Sr. Kettering em Madri, o qual gostaria muito de se encontrar com GW na primeira oportunidade”. “Kettering” foi a senha que Snow e Rantzau usaram até mudá-la para “Ketroch”.<sup>3</sup> Antes de GW receber a aprovação, o serviço de segurança pediu a seu agente em Madri para verificar a senha.

“Tudo bem com o homem com a senha Kattering... É um homem do Capitão para propaganda e sabotagem”, foi a resposta.

O MI5 acreditava que o “Capitão” era o agente alemão Don Angel Alcazar de Velasco, um mercenário suspeito de coordenar uma rede de espiões cuja base ficava na embaixada da Espanha em Londres. Um ex-toureiro que havia lutado com os falangistas na Guerra Civil Espanhola, Alcazar carregava a fama de ter se envolvido com um plano fracassado de sequestrar o Duque de Windsor durante uma visita a Portugal e fazê-lo atravessar a fronteira com a Espanha como um peão em um esquema para mediar um acordo de paz entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Alcazar chegou a Londres como adido de imprensa da embaixada da Espanha no final de 1940 e, embora fosse considerado *persona non grata* pelo MI5, a tentativa da agência de negar um visto ao espanhol foi anulada pelo Ministério das Relações Exteriores, com instruções para não alienar a Espanha neutra. Ao chegar à Grã-Bretanha, os sentimentos antibritânicos e pró-nazistas provaram-se evidência suficiente para uma expulsão, mas o Ministério das Relações Exteriores se recusou a agir, deixando o espanhol livre para construir uma rede de espionagem que atendia tanto aos serviços de inteligência da Alemanha quanto aos do Japão.<sup>4</sup>

Del Pozo também se apresentava como jornalista falangista, contando uma história de que, como membro da ala jovem do grupo fascista espanhol, era patrocinado pelo Conselho Britânico para estudar o movimento dos escoteiros. No início da guerra, o ditador espanhol General Franco declarou a Espanha como um país não beligerante, mas que oferecia material para as potências do Eixo. O MI5 suspeitava que a verdadeira razão de del Pozo visitar a Grã-Bretanha no ápice da blitz de Londres era espionagem, e então seu apartamento em Athenaeum Court foi grampeado desde o instante em que ele contactou GW.

Del Pozo era empregado da EFE, a agência de notícias espanhola fundada por Ramón Serrano Suñer, cunhado de Franco, presidente dos falangistas e Ministro das Relações Exteriores da Espanha. Principal defensor da ideia de inclusão da Espanha no Eixo, Suñer

encontrou Hitler no sul da França durante o final de 1940 em uma tentativa de arquitetar tal aliança. Se o MI5 pudesse oferecer uma ligação entre Suñer e as atividades de espionagem de del Pozo na Grã-Bretanha, essa ligação, então, poderia ser usada para desestabilizar a junta no poder, assegurando, assim, que a Espanha permanecesse fora da guerra. Com essa finalidade, todas as noites del Pozo recebia uma demonstração de artilharia antiaérea da bateria da defesa antiaérea localizada em Hyde Park, na frente de seu apartamento em Athenaeum Court. O material para essa demonstração era levado às docas tomadas por navios de guerra enquanto tanques estacionados no gramado à frente do Castelo de Windsor protegiam a Família Real. Além disso, del Pozo visitava fábricas de aviões. O tratamento VIP tinha como objetivo convencê-lo de que a Grã-Bretanha estava bem preparada caso Hitler decidisse invadir.

Depois de 110 dias, a batalha pelo controle dos céus da Grã-Bretanha e do Canal da Mancha foi vencida pela Força Aérea Real, à qual Churchill fez um tributo imortal afirmando que "nunca na humanidade um conflito foi devido a tantos por tão poucos". No entanto, pouco tempo depois, Hitler enviou a Luftwaffe para bombardear Londres e outras grandes cidades da Grã-Bretanha até que se rendessem. No 33º dia de blitz, GW deixou a estação de metrô de Green Park e cruzou Piccadilly rumo a Athenaeum Court, de onde tinha uma visão ininterrupta de campo arborizado na direção do Palácio de Buckingham. Mais à frente, no sentido do Parlamento, o Big Ben e o Tâmis. A Capela do Palácio já havia sido bombardeada, assim como a Câmara dos Comuns e Tower Bridge. A Luftwaffe costumava se aproximar à noite, logo depois do escurecer, subindo o Rio Tâmis até as docas. O barulho dos motores dos aviões e o grito das sirenes levava a população ao subsolo, às estações de metrô, enquanto os incendiários atacavam a cidade com fontes de fogo. Em seguida, vinham os explosivos, destruindo prédios, tornando o céu da noite vermelho e furioso, varrido por nuvens de fumaça rósea que se erguia da cidade arruinada. Em meio ao estalar das chamas e aos gritos dos bombeiros, a cidade lutava com rajadas das baterias antiaéreas. Quando as blitz

chegaram ao fim, na primavera seguinte, havia 43 mil civis mortos e 1,4 milhões desabrigados.

Na manhã quando GW chegou a Londres, a cidade estava tomada por outro susto: gás mostarda! Uma substância curiosa, como uma espécie de teia de aranha, havia caído no braço de um policial e provocado bolhas. A possibilidade de Hitler recorrer ao gás mostarda, como fizera seu antecessor, o Kaiser, na Primeira Guerra Mundial, era um temor sempre presente. Num primeiro momento, acreditou-se que a substância era lançada por aviões inimigos, mas uma investigação apontou se tratar de uma verdadeira teia de aranha, do tipo que costuma se formar no chão sob certas condições no outono. A evaporação do orvalho acomodando-se na teia ao longo da noite havia estimulado correntes de convecção, erguendo-a no ar e unindo-a a fios de urtiga contendo ácido fórmico.<sup>5</sup>

O indivíduo moreno que abriu a porta do número 17 de Athenaeum Court perguntou a GW sua idade, altura e ocupação antes de compará-lo com a imagem na fotografia que lhe havia sido entregue pela *Abwehr* em Madri, cópia daquela tirada por Rantzau em Bruxelas no ano anterior.

Claramente satisfeito, del Pozo disse: "Tenho algo de um amigo de Madri para você". Ele então pegou uma lata metálica de talco, acrescentando: "Está cheia de dinheiro para você".

"Qual é o nome do seu amigo?", perguntou GW, imaginando se tratar de Rantzau.

"Não sei", respondeu o espanhol.

Com aproximadamente 28 anos, 1,72 metros de altura, ligeiramente musculoso, ostentando cabelos pretos penteados para trás, del Pozo tinha como característica mais marcante um bigode preto e fino. Vestindo um terno escuro, camisa e gravata pretas, sua imagem era a de um espanhol perfeito, pensou GW.

Em um inglês bom, porém hesitante, del Pozo não perdeu tempo em abordar o propósito do encontro. "Seu amigo em Madri quer que você lhe apresente relatos das atividades do Partido Nacionalista Galês e uma lista de lugares na Inglaterra e em Gales onde as indústrias estão produzindo materiais e aeronaves militares",

apontou o espanhol. “Os relatos devem ser entregues semanalmente, começando na terça-feira próxima, 15 de outubro, às 10 horas da noite, por um homem de confiança que vive em Londres. Eu envio relatos duas vezes por semana a Madri.”

A lata de talco continha 3.500 libras, a maior quantia em dinheiro que GW já vira. Em 2011, os valores eram equivalentes a 486 mil libras usando os rendimentos médios ou 142 mil libras se medido pelo índice de preços de varejo. Como as notas eram originadas na Espanha, GW tinha de trocá-las imediatamente para evitar suspeitas, e então entregar a del Pozo 100 libras para “gorjetas” aos contatos que oferecessem informações.

Depois de meia hora, eles concordaram em se encontrarem novamente na quinta-feira seguinte. Com a lata de talco no bolso, GW tomou um táxi de Athenaeum diretamente para o Bachelors’ Club, onde, relutante, entregou o dinheiro a John Marriott, um agente do MI5 que o aguardava. Aquela era a primeira visita de GW ao clube na South Audley Street, Mayfair. Haveria muitos outros, pois seus controladores do MI5 estavam fazendo grande parte dos negócios durante almoços ou jantares, cercados pelo ambiente polido daqueles santuários fechados, onde as refeições eram sempre boas e as adegas sempre cheias. Em nenhuma ocasião GW era convidado a permanecer um minuto além do que seu ofício requeria. O Bachelors’ Club, um dos lugares preferidos de Liddell, Robertson e Masterman, recebia esse nome porque a filiação era reconhecidamente restrita a “solteiros convictos”, um eufemismo em algumas regiões para homossexuais em uma época quando os gays viviam presos no armário.<sup>6</sup> Depois de ser informado da relutância de GW em dizer adeus à lata de talco, Liddell escreveu em seu diário: “GW está furiosíssimo por ter o dinheiro retirado de si e ameaça renunciar. Marriott conseguiu acalmá-lo. É um tipo bastante desagradável tentando ascender”.<sup>7</sup> Como Liddell nunca conheceu GW, sua avaliação de que o galês era apenas mais um mercenário parece imprudente quando comparada às opiniões de Masterman e Robertson, que passaram a vê-lo como o mais eficaz canal do MI5 para entregar informações falsas de inteligência ao inimigo.

O primeiro contato de GW com del Pozzo o fez mergulhar em um mundo novo, no qual acrônimos e senhas pontuavam conversas furtivas em clubes e hotéis refinados de Londres. Gwilym Williams sempre foi "GW"; Robertson transformou-se em "TAR"; Masterman, em "JC"; Rothschild, em "R"; o controlador do MI5, "DG". O Diretor de Inteligência Militar era "DMI"; o Diretor de Inteligência Naval, "DNI"; e o chefe da inteligência da Força Aérea Real era "DOI" (Director of Intelligence). Rantzau, Ritter e o "Doutor" continuavam os mesmos; Snow era Johnny, codinome Owens; o "Comandante" era o especialista em sabotagem da *Abwehr*; e todos os outros pareciam ser "Doutores".

Na terça-feira, 15 de outubro de 1940, del Pozzo conversava com quatro espanhóis no saguão de Athenaeum Court quando GW chegou para o segundo encontro. O espanhol sorriu, evidentemente satisfeito consigo mesmo. Ele acabara de retornar de Glasgow, onde, por um arranjo com o Conselho Britânico, visitara um aeródromo e uma fábrica de aviões, sobre os quais em seguida transmitira um relato detalhado à Espanha e à América do Sul. Para poder falar mais livremente, del Pozzo o guiou pelo saguão até o elevador e subiu até seu apartamento. Quase imediatamente, pediu 100 libras para "gorjetas quando eu receber informações". GW não tinha essa quantia e explicou que o dinheiro havia sido entregue a seu "chefe" [Snow] porque era arriscado demais para ele trocar uma quantia tão grande. GW prometeu arranjar 100 libras para o próximo encontro.

A conversa foi, na maior parte do tempo, sobre a melhor forma de GW entregar seus relatos à embaixada da Espanha. O galês não conhecia ninguém de confiança em Londres e visitar a cidade todas as semanas era algo impossível, pois ele estava esperando a chegada de alguns "amigos do outro lado", aparentemente uma referência aos sabotadores cubanos. Após eles concordarem com um encontro futuro no apartamento ou na embaixada em um horário que permitisse a GW retornar a Swansea no mesmo dia, del Pozzo puxou uma folha de papel e leu uma lista que alguém claramente havia preparado para ele:

Estamos particularmente interessados em locais onde peças de aviões, tais como hélices e motores são fabricados.

Queremos saber sobre a chegada de comboios dos Estados Unidos: horários, datas e portos.

Que tipo de avião está sendo entregue pelos Estados Unidos à Inglaterra e quais companhias de navegação estão realizando as entregas?

Os nomes de regimentos parados no sul da Inglaterra.

Onde os bombardeiros usados para atacar a Alemanha estão localizados?

Quais fábricas e depósitos os nacionalistas galeses vão sabotar?

Tarefa difícil, pensou GW. “Não podemos organizar a sabotagem”, ele disse, “até ‘nossos amigos de lá’ apresentarem os materiais necessários na forma de avião ou submarino, conforme eles [Rantzau] prometeram na Antuérpia. Por conta da incapacidade deles, [...] venho perdendo meu tempo há doze meses, quando poderia estar realizando algum progresso”. Del Pozo prometeu mencionar isso à *Abwehr*, em Madri.

“Existem muitos riscos”, continuou GW. “Não é possível obter informações diretamente. [...] Não consigo me aproximar desses lugares. [A única forma] é obter informações de homens empregados nesses lugares e de soldados da área. [...] Também pode ser que eu precise suborná-los”.

Del Pozo assentiu e perguntou: “Como as pessoas em Gales estão enxergando a guerra?”

“Antes do início do bombardeio”, respondeu GW, “eles eram, em sua maioria, pacifistas, e muitos deles derrotistas. Ainda são anti-ingleses, mas, por conta do bombardeio indiscriminado em Gales, as pessoas parecem ter criado uma simpatia maior pela Inglaterra. [...] [Os bombardeios] os deixaram furiosos”.

Del Pozo não falou nada, apenas disse que Segundo, o portador da embaixada, seria o contato de GW e que as informações da inteligência seriam enviadas à Espanha na mala diplomática. Para o MI5, essa era a primeira evidência real de que os espanhóis estavam abusando de sua imunidade diplomática.<sup>8</sup>

GW entregou a del Pozo um relato sobre o movimento dos nacionalistas galeses. Intitulado "Atividade Galesa", o documento era uma combinação de fato e ficção criado para usar o nacionalismo na guerra contra Hitler ao aumentar a confiança da *Abwehr* em GW. Tendo passado muitos anos nos Estados Unidos, Rantzau falava e lia inglês perfeitamente e não seria facilmente enganado por um relato afirmando que o partido tinha 20 mil membros quando, de fato, contava com apenas 2 mil:

[...] Um grande número não se interessa, [...] de um ponto de vista político ou da liberdade do País de Gales, mas todos se interessam profundamente pela cultura galesa. Durante muitos anos, o partido lançou candidatos para honras parlamentares, mas nenhum alcançou sucesso nas Eleições Parlamentares.

Até agora, no que diz respeito a ações diretas contra o governo inglês, o único ato declarado aconteceu em 1936, quando o Professor Saunders Lewis, o reverendo Lewis Valentine e o Sr. D. J. Williams atearam fogo à escola de bombardeios próxima a Pwllheli, em Gales do Norte, como um gesto político depois que muitos apelos para que o governo inglês não criasse aeródromos em Gales falharam. Esses três homens, líderes nacionalistas galeses proeminentes, posteriormente se entregaram à polícia. Passaram por um julgamento espetacular em Old Bailey e foram sentenciados a nove meses de prisão. O partido ganhou muita simpatia e apoio por seus objetivos com esse gesto político, mas ninguém seguiu o caminho apresentado por esses apoiadores ardentes do nacionalismo galês. Isso, sem dúvida, deve-se ao fato de que o material necessário para a realização de atos desse tipo é muito difícil de ser obtido. Não

hesito em dizer que outros atos dessa natureza seriam realizados se os materiais necessários estivessem disponíveis.

Antes do início da guerra, o partido não era muito progressista em seus esforços para alcançar a liberdade galesa; porém, desde o início das hostilidades, tornou-se fortemente pacifista e vem continuamente proclamando que Gales não quer fazer parte da guerra da Inglaterra. Todo o encorajamento e ajuda possíveis são oferecidos aos jovens galeses para colocarem o nacionalismo como base de sua objeção de consciência aos serviços militares nas forças inglesas.

Na conferência anual do Partido Nacionalista em Aberystwyth, em agosto passado, o sr. Saunders Lewis, que renunciou à Presidência, mas ainda tem um interesse bastante ativo nas questões referentes ao Partido, convocou o Executivo para usar seus maiores esforços no sentido de convencer o governo inglês a concluir um armistício antecipado, de modo a evitar mais derramamento de sangue. O discurso do sr. Lewis, nessa ocasião, foi bem recebido e apoiado pelos diversos delegados representados em várias divisões do Movimento. O Partido agora está envolvido com a propaganda para enfatizar a necessidade um País de Gales livre, para que a paz para esse país possa ser concluída.

Além do trabalho pacifista, o Partido vem continuamente realizando protestos contra a construção de fábricas de armamentos e aeródromos em Gales. O alvo desses protestos são as autoridades inglesas. Ênfase considerável é colocada no fato de a Península de Ll n – onde a escola de bombardeio está situada – ter sido bombardeada. Como resultado desse bombardeio, eles estão pedindo atenção ao panfleto intitulado “Aeródromos hoje, bombardeio amanhã”, publicado pelo Partido quando Saunders Lewis e os outros sabotaram a escola de bombardeio.

bardeada. Como resultado desse bombardeio, eles estão pedindo atenção ao panfleto intitulado "Aeródromos hoje, bombardeio amanhã", publicado pelo Partido quando Saunders Lewis e os outros sabotaram a escola de bombardeio.

Neste momento, muita propaganda é feita paralelamente à evacuação de escolas infantis inglesas, que estão levando seus alunos para Gales. No País de Gales, sentimos uma indignação considerável porque estamos sendo invadidos por ingleses evacuados. O Partido quer os créditos por ter sempre pedido que áreas seguras de Gales fossem reservadas para a evacuação de crianças dos distritos bombardeados do país, e agora está enviando petições ao governo inglês para remover as crianças inglesas de Gales e levá-las para lugares seguros na Inglaterra.

No que diz respeito à possibilidade de uma invasão, os líderes do Partido estão sendo bastante cuidadosos com relação à ação que gostariam de tomar, e esse cuidado se deve às severas penalidades que podem ser impostas sob os Regulamentos de Defesa. Eles enfatizam que, no caso de uma invasão, um grande número de refugiados ingleses se reuniria em Gales e que medidas necessárias deveriam ser consideradas para contrabalançar essa ameaça.

É obvio que os líderes do Partido Nacionalista Galês não vão se comprometer com sua atitude caso tropas estrangeiras cheguem ao território galês. Pessoalmente, sou da opinião de que alguns dos membros do Partido acabarão se unindo aos ingleses na resistência; porém, se a situação for tratada com tato, acredito que uma grande proporção seria pelo menos passiva com as tropas invasoras.

Pode-se deduzir, com base nas notas atuais, que a atitude do Partido talvez seja definida como hostilidade passiva, e não como resistência aberta aos ingleses.

Trabalhei muito intensamente em um esforço para criar um grupo de pessoas que possa nos oferecer assistência, mas a tarefa tem sido árdua porque, nesse contexto, a mentalidade galesa é muitíssimo diferente da irlandesa e as antigas tradições de esforço revolucionário foram praticamente todas atiradas no lixo.

Sinto, todavia, que, levando em conta os meios necessários, posso aumentar bastante consideravelmente o número de compatriotas que estariam preparados para prestar assistência à causa. Na conjuntura presente, devo admitir que há pouca possibilidade de provocar qualquer resistência eficaz de natureza amplamente difundida no Movimento Nacionalista Galês como um todo. O máximo que podemos esperar da maioria dos nacionalistas realmente convencidos é boa vontade e não apoio ativo; os demais parecem estar se aproximando da Inglaterra. Isso se deve, em certo grau, à propaganda intensa dos ingleses e ao atual bombardeio de cidades galesas – ambos certamente afetaram e afetarão os membros mais fracos e confusos. Deve-se notar que, enquanto a opinião pública fora do grupo de nacionalistas galeses se torna mais contrária à Alemanha, o trabalho do Partido pela nossa causa, mesmo de um ângulo puramente pacifista, torna-se cada vez mais complicado, impopular e perigoso.<sup>9</sup>

O relato da "Atividade Galesa" tinha a autenticidade de um documento que poderia ter sido facilmente costurado com base em matérias dos jornais da época e seus relatos de divisões dentro do movimento nacionalista por conta da guerra. Excetuando-se o exagero no que dizia respeito ao sentimento público, a única informação nova era a nota de GW à *Abwehr* sobre a falha em oferecer a seus sabotadores os materiais necessários. E isso se tornaria um refrão constante.

GW sentiu-se pressionado cinco dias mais tarde, quando del Pozo esperava outro relato com informações. O Comitê dos Vinte estava demorando demais para vetar o documento. "Apreste-o", ele sugeriu

a Robertson. “Com a viagem e a criação desses relatos, sinto-me bastante confuso, então talvez você precise ignorar quaisquer erros que eu possa ter cometido enquanto os datilografava”.<sup>10</sup>

A estratégia era convencer a *Abwehr* de que ela tinha uma reserva de apoio controlada por GW em Gales. Porém, para a estratégia funcionar, as informações precisavam ser verossímeis; caso contrário, o disfarce de GW como nacionalista galês fanático não funcionaria. Mesmo para alguém com as habilidades de observação de um oficial de polícia experiente, ele estava em território desconhecido e tinha ciência de que, ao coletar informações para seus “relatos de inteligência”, poderia ser preso e arruinar toda a operação. “Você pode imaginar o tamanho da comoção que isso causaria”, comentou com Robertson. “Com todo o respeito, eu colocaria ênfase na necessidade absoluta de me oferecerem informações para passar adiante como forma de manter a confiança que eles parecem agora depositar em mim. [...] Não temos nenhum meio de averiguar como essa questão vai se desenvolver, mas posso apenas sugerir que é provável que seja de forma favorável para nós se pudermos correr pequenos riscos para alcançar algo maior”.<sup>11</sup>

E esse era o problema para o Comitê dos Vinte. Os departamentos de serviços estavam despreparados para levarem adiante os esquemas do Sistema Double-Cross até enxergarem algum possível retorno concreto. Eles tampouco aprovariam a transmissão de informações que pudessem expor suas unidades militares a bombardeios ou suas defesas à localização por um inimigo em processo de planejamento de uma invasão. Embora a Batalha da Grã-Bretanha estivesse vencida e o Joint Intelligence Committee pensasse que Hitler seguia para o sudeste da Europa depois que as tropas alemãs formaram, na Romênia, uma base de operações contra Grécia e Turquia, o envio de tropas aos portos do Canal da França continuava. Com base nisso, o Joint Intelligence Committee deduziu que Hitler ou estava concluindo os arranjos para uma invasão, ou que aquilo era uma armadilha, se os alemães não tivessem outros planos. A convicção de que a investida seria por Irlanda e Gales ganhou certa credibilidade quando foi descoberto

que os alemães vinham tentando recrutar uma brigada irlandesa em meio aos prisioneiros de guerra. Apesar de perseverar, eles falharam em desligar os prisioneiros de guerra no sul da Irlanda de sua lealdade à Coroa como membros das forças britânicas. A próxima armadilha de Hitler consistia em apresentar termos de paz ao governo francês em Vichy: a Alsácia Lorena iria para a Alemanha, a Itália ficaria com a costa francesa até Nice, a Tunísia seria dividida entre Itália e Alemanha, Argel continuaria pertencendo à França, o Marrocos Francês seria dividido entre França e Espanha e as tropas coloniais francesas se uniriam aos italianos para atacar os britânicos no Egito.<sup>12</sup>

Reunir as informações para passá-las aos alemães era um processo longo e desconcertante. O rascunho original costumava ficar surrado após circular entre todos os grupos interessados e parecia desprovido de autenticidade e incapaz de impressionar del Pozo; menos ainda Berlim. Em outros momentos, consequências possivelmente desastrosas por pouco eram evitadas com o apagamento de informações e não com a indução da Luftwaffe na direção errada. GW estava prestes a informar aos alemães que as Forças da França Livre, os canadenses e os australianos estavam em Camberley, a aproximadamente três quilômetros de Sandhurst, quando alguém lembrou o Comitê dos Vinte de que, “como Camberley está cheia de neo-zelandeses, não sinto que tenhamos justificativa para matá-los”. Por outro lado, a *Abwehr*, ao entregar a del Pozo uma lista com questões específicas, revelava a direção do planejamento estratégico alemão. Esse era o caso quando foi solicitado a GW que confirmasse que “Hullavington, da Força Aérea Real, era o maior aeródromo da Inglaterra, a partir do qual aviões de caça e bombardeiros partem para atacar a Alemanha e a Itália”. Ao confirmar isso, GW persuadiu a Luftwaffe a bombardear o que era apenas uma base do Instituto de Meteorologia.<sup>13</sup>

Robertson estava muito satisfeito com o material bruto que recebera de GW. “Aquilo que você enviou me parece ser de primeira categoria”, escreveu, acrescentando:

Se pudesse trabalhar nesse sentido e verificar se é possível obter informações sobre outras fábricas na sua parte do mundo, eu ficaria bastante grato. Como você não tem informações sobre pontos específicos, agradeceria se pudesse me enviar o documento o mais rapidamente possível para minha aprovação. Então, responderei o mais breve possível, para que possa repassar a informação a seu amigo.

Fico muito ansioso porque sei que você não deve desviar de seu caminho para obter as informações solicitadas, uma vez que é extremamente essencial que não atraia atenção para si. Se vir sinais de problemas surgindo, por favor, entre em contato com o Major Ford [agente da estação do MI5 em Cardiff] imediatamente. [...]

Estou de pleno acordo com você no sentido de que deveríamos ser cuidadosos com as informações que entregamos e que apenas um ou dois itens devem ser passados a cada encontro. Vou ajudá-lo de todas as formas a responder essas perguntas, mas sinto que é muito importante que você seja capaz de convencer nossos amigos, com base em sua experiência pessoal, de que é extremamente difícil obter respostas detalhadas a muitas das perguntas. Não se esqueça de que rumores são sempre aceitáveis. Isso nos dá um escopo para uma quantidade enorme de informações imaginárias. Estou tentando encontrar um formulário para telefonemas e avisarei assim que consegui-lo.<sup>14</sup>

Embora o raciocínio fosse claro, sua implementação não vinha sem riscos. Em seu primeiro relato a del Pozzo, GW contou à *Abwehr* que a Bristol Aircraft Factory, junto à Great Western Railway, entre Londres e Gales do Sul, manufaturava motores para bombardeiros Blenheim e estava bem protegida por canhões antiaéreos. A fábrica de fato produzida milhares de motores aeronáuticos para os Blenheims que bombardeavam os aeródromos alemães. Como não se sabe por que o Sistema Double-Cross decidiu atrair

deliberadamente o poder de fogo alemão para Bristol, pode-se supor que, como essa fábrica de aviões era muito conhecida localmente, a Luftwaffe sabia de sua existência por meio de outras fontes.

O mesmo pode ser dito sobre duas das mais importantes fábricas da Royal Ordnance – em Bridgend e Pembrey. GW passou os detalhes sobre elas a del Pozo. Pouco antes do início da guerra, a fábrica em Pembrey foi reaberta para manufaturar TNT, como fizera na Primeira Guerra Mundial. A nova fábrica em Bridgend produzia explosivos e outras munições transferidas do Royal Woolwich Arsenal. Porém, na cabeça de Rantzau, mestre da espionagem alemã, era nesse limite de credibilidade que a confiança de GW repousava.<sup>15</sup>

Antes do próximo encontro com del Pozo, em 7 de novembro no saguão do Cumberland Hotel, em Marble Arch, GW fez uma descoberta curiosa: del Pozo havia desembarcado no aeroporto de Bristol ao final de setembro de 1940, pretendendo passar menos de três meses como agente de Alcazar. Mesmo assim, logo arrumou uma amante, a sra. Harris, que foi morar no apartamento em Athenaeum Court. A sra. Harris atendia usando uma variedade de sotaques, dependendo de quem estava ligando. E sempre fazia isso com GW. Às vezes, falava com um sotaque estrangeiro marcado, ou então soava ligeiramente americana, ou como uma habitante do East End de Londres, passando para um inglês comparativamente refinado e fluente. Quando falava com del Pozo no telefone, soava mais velha e demonstrava um pobre domínio da língua; em outras ocasiões, porém, falava fluente e rapidamente sem qualquer sotaque.<sup>16</sup>

O encontro de GW com del Pozo no Cumberland quase não aconteceu. No caminho para o hotel, ele comprou uma cópia do *Daily Express* e encontrou o nome do espanhol estampado na publicação, em um relato dos comentários entusiasmados de del Pozo sobre Hitler, feitos durante um almoço organizado pela BBC na Câmara dos Comuns para jornalistas estrangeiros. O principal convidado era Lorde Halifax, que, como Secretário das Relações Exteriores e apoiador do apaziguamento durante o governo

Chamberlain, acreditava que Hitler agia pelos interesses da Europa ao banir o Partido Comunista e enviar seus líderes para campos de concentração. Acreditando estar entre amigos, del Pozo ecoou publicamente esses sentimentos, mas suas indiscrições estamparam o *Daily Express* como mais uma prova de que a Espanha estava prestes a se unir aos países do Eixo. Porém, a Espanha não estava. Franco somente entraria na guerra se os italianos capturassem as Ilhas Baleares. Mesmo assim, o *Daily Express* queria a cabeça do subversivo, ou, no mínimo, sua imediata deportação, e o Ministério das Relações Exteriores abrigou um furioso protesto oficial contra Madri. Desculpando-se, a Espanha alegou que del Pozo havia sido imposto no Ministério das Relações Exteriores da Inglaterra por um "corpo exterior".<sup>17</sup>

"Qual era a ideia daquele artigo?", GW quase gritou com del Pozo no saguão do hotel. "É quase certo que você está sendo observado agora, assim como qualquer um que entrar em contato com você. E isso incluiu a mim e a todos aqueles que trabalham comigo. Não posso correr o risco de visitar seu apartamento outra vez. Se eu for visto, isso poderia significar dez anos de reclusão!"

Instintivamente, ambos olharam para trás, buscando, no saguão movimentado, alguém que os estivesse observando. Del Pozo sentia-se preocupado, culpava o jornal por manipular suas palavras e exigia uma correção imediata. Todavia, por agora era melhor eles irem à embaixada para conversar e encontrar Segundo, o novo contato de GW.

Durante a viagem de 10 minutos de táxi pelo Hyde Park até o número 24 de Belgravia Square, GW deixou claro a del Pozo que não havia uma forma de reunir mais informações sobre fábricas de munição e aeródromos porque, para se aproximar mais, eram necessárias permissões especiais. Todavia, ele insistiu, como fazia frequentemente, que seus colegas nacionalistas haviam se oferecido como voluntários para realizar sabotagem e não espionagem. "Tenho cúmplices", declarou GW, "realizando trabalhos importantes, um com a empresa de água, outro com a Royal Ordnance Factory. Todos são amargurados, anti-ingleses. Estão prontos para levar a cabo nossa

sabotagem, inclusive poluindo com bactérias a água entregue a Birmingham. Mas não posso agir enquanto não tiver os meios. [...] e os homens responsáveis pelos trabalhos também vão esperar ser pagos”.

A embaixada da Espanha era uma daquelas casas grandes, brancas, com estuque e sacadas em Grosvenor Square, cercada por um enorme jardim. A propriedade ao lado, de número 23, havia sido a embaixada da Alemanha, idêntica em todos os aspectos, exceto pela incrível variedade de transmissores de rádio que os suecos descobriram ao capturá-la quando a guerra foi declarada.

Del Pozo os guiou pelo caminho até uma discreta entrada para comerciantes. Um homem de aproximadamente 45 anos, altura mediana, calvo e usando um terno de sarja azul com botões de bronze abriu a porta. A compleição de Segundo era como a de del Pozo, mas, quando ele falava, e somente em espanhol, um par de dentes frontais proeminentes pulavam para dentro de sua boca. Depois de conversar rapidamente com del Pozo, Segundo os acompanhou até uma saleta e desapareceu rapidamente antes de retornar uma carta de “seu amigo” em Madri para GW – mais uma lista de perguntas sobre as defesas britânicas.

“Queremos saber tudo que possa interessar com relação à costa sul da Inglaterra”, falou del Pozo. “Por exemplo, a posição de todos os regimentos e onde eles estão; qual é o comprimento e a largura da linha que eles ocupam; posições de reserva, tanques e armamentos. Queremos detalhes da costa desde Margate até a Ilha de Wight, quais regiões da encosta são íngremes ou planas e o que você puder descobrir das praias. Gostaríamos que descobrisse todos os detalhes possíveis dos batalhões, bases navais, aeronaves e aeródromos por toda a Inglaterra, oferecendo a localização exata.”

O galês estava sendo sugado para dentro do plano de invasão de Hitler. “Seria mais fácil você fazer isso”, respondeu GW impacientemente. “Você é um jornalista estrangeiro, pode se movimentar livremente pelo país”. Del Pozo não disse nada. Ainda em choque com a matéria do *Daily Express*, o espanhol mostrava-se ansioso por apagar os rastros. “Queime tudo”, disse a GW. “Todas as minhas cartas. Não voltarei a escrever, não para você. Precisa me

passar o nome de outra pessoa. Escreverei a ele sobre o encontro, e nos encontraremos três dias após a data da carta. Da próxima vez, traga-me dinheiro. 100 libras. Eu lhe dei muita coisa". GW apontou seu sogro como contato em Swansea.

Se Hitler estivesse planejando a invasão, era essencial que GW permanecesse envolvido com a rede de espionagem espanhola. Porém, ele estava preocupado. "Esse cara é um ingênuo", disse a Robertson. Sugiro que o 'homenzinho' [Snow] informe nossos amigos especiais que considero perigoso demais trabalhar com alguém assim, [...] que se expõe para uma publicação, o que em algum momento culminará em sua deportação, ou talvez algo mais sério, [...] e a prisão daqueles que cooperam clandestinamente com ele.

Até GW obter acesso à Mala Espanhola, o rádio de Snow estava aberto apenas ao MI5. Para reforçar a noção de que ambos vinham trabalhando juntos para a Alemanha, GW, em sua próxima reunião na Chancelaria da embaixada da Espanha, em 29 de novembro de 1940, disse a del Pozo que seu "chefe" [Snow] em breve visitaria Madri para uma conferência com "nossos amigos". A informação recente de Gales que GW ofereceu a del Pozo descrevia um país onde a lealdade se desfazia e o sentimento antissemita crescia. Também crescia o ressentimento acerca do uso de trabalhadores galeses como "trabalho escravo" e fábricas de munição na Inglaterra. Enquanto isso, a célula de GW de possíveis sabotadores se viu frustrada pela falta de oferta de "materiais e fundos necessários". Se o primeiro relatório da "Atividade Galesa" era uma introdução ao nacionalismo galês passivo, o segundo era sobre uma amargura inerente e latente:

Uma profecia feita pelo Partido Nacionalista Galês desde o início da guerra, relacionada ao efeito dessa guerra sobre Gales, já está se tornando realidade. Gales do Norte e Central são, de fato, as únicas áreas do país relativamente seguras, e ambas estão sendo rapidamente ocupadas por ingleses e judeus abastados que compram e alugam todo tipo de propriedade a taxas altas. Conforme pode ser observado, esse povo não

demonstra gratidão a Gales pela hospitalidade oferecida, mas vê essa permanência temporária aqui como um período de tédio necessário e adotou um tom de zombaria com relação a esses lugares e pessoas “bizarros”. O ressentimento pela presença deles cresce rapidamente, em especial porque os trabalhadores galeses estão sendo forçados, aos milhares, a buscar trabalho em áreas perigosas da Inglaterra – as mesmas áreas anteriormente abandonadas pelos ingleses ricos e vulgares. O país responsável por afundar Gales na guerra foi a Inglaterra; a potência responsável por despojar as minas e pedreiras galesas foi a Inglaterra. Quando os trabalhadores do País de Gales são retirados de sua terra, quando sua contribuição ao recrutamento do exército inglês atinge centenas de milhares de pessoas, quando o país não pode oferecer abrigo em seu silencioso interior a suas mães e a seus filhos – o Gales de amanhã – o único papel que resta é o de um anfitrião relutante que recebe os ricos e covardes da Inglaterra.<sup>19</sup>

O Comitê dos Vinte não teve problemas em aprovar esse discurso para ser transmitido via mala diplomática espanhola, mas falhou, apesar da insistência de GW, em oferecer respostas verossímeis às perguntas da *Abwehr* sobre as defesas na costa sul da Inglaterra. O fato de a costa ser contornada por praias e colinas não era nenhuma novidade! Para compensar, GW recebeu autorização para revelar que a Grã-Bretanha tinha um novo escudo antiaéreo, ao que del Pozzo respondeu: “Sim, ouvimos falar disso... um novo tipo de escudo, maior, que contém outros menores. Quando o maior explodir, os menores se espalham por uma área mais ampla antes de explodirem”. Isso provavelmente era uma referência a um novo detonador de proximidade. Antes de esse novo detonador ser inventado, os escudos eram detonados ou por impacto direto, um temporizador programado antes de ser atirado, ou um altímetro. As chances de um impacto direto em um alvo pequeno e em movimento eram relativamente baixas. No entanto, com um detonador de proximidade, o comandante da artilharia ou de um tanque só precisava pensar em uma trajetória que passasse perto do

alvo para a detonação acontecer – assim, a explosão afetaria uma área maior. O espanhol pediu a GW para conseguir um esboço do detonador antes de ele retornar a Madri.

Del Pozo sentia-se desconfortável e estava ansioso para deixar o país. Dois homens o haviam seguido por uma semana e ele só conseguira escapar ao entrar repentinamente em ônibus em Londres.

“Você poderia me ajudar a ter um relatório grande e interessante para levar de volta a Madri?”, perguntou del Pozo.

“Supondo que, enquanto eu me esforço para realizar atos de sabotagem, é necessário que eu tenha de deixar o país repentinamente, você poderia sugerir como posso fazer isso e [quem] contatar em busca de ajuda?”, foi a resposta de GW.

O espanhol hesitou até GW repetir a pergunta, e por fim respondeu: “Vá a Portugal, de lá será mais fácil chegar à Espanha”. Quanto a si mesmo, ele logo estaria no caminho para casa.

Del Pozzo pegou a mesma lista de tarefas entregue em Madri e a leu outra vez, acrescentando mais um interesse: a visibilidade de arame farpado em praias ao longo da costa sul da Grã-Bretanha, com a maré alta ou baixa, era um sinal claro de que o plano de invasão da Alemanha estava em estágio avançado.

O significado da afirmação não passou despercebido por GW, que perguntou imediatamente: “Apenas no que diz respeito à costa entre Margate e a Ilha de Wight?” Del Pozo respondeu: “Sim”.<sup>20</sup>

O Sistema Double-Cross vinha descobrindo muitas informações com as perguntas que a *Abwehr* fazia a seu agente galês sobre a esperada invasão, como onde ela provavelmente ocorreria e as limitações da inteligência alemã.<sup>21</sup>

Ao final de novembro de 1940, a blitz em Londres por fim se tornou menos intensa após 51 noites consecutivas de ataques, quando a ferocidade do ataque da Luftwaffe aproximava-se das fábricas de munição e dos centros industriais da Inglaterra. Coventry sofreu sua pior noite em 14 de novembro, quando a saraivada de bombas deu início a um incêndio que se alastrou por todas as ruas do centro da cidade. Depois de Londres e Coventry, Liverpool, o

maior porto na costa oeste da Grã-Bretanha, foi o mais fortemente bombardeado, seguido por Birmingham, com seus complexos industriais que produziam aviões, veículos militares, bombas e armas de pequeno porte.

Acreditava-se que os bombardeiros alemães que voavam pelo Canal de Bristol rumo às Midlands sendo direcionados a seus alvos por rádios clandestinos operando em algum lugar na região. Bristol, Swansea, Cardiff e Newport, os quatro mais importantes portos da região, foram todos alvejados. Cardiff e Bristol foram atingidos em noites sucessivas em janeiro de 1941. No mês seguinte, o centro de Swansea foi destruído durante três noites de bombardeio, na pior blitz sofrida pelo país de Gales.

Em meio às instruções recebidas por del Pozo havia o pedido de reportar a extensão dos danos à infraestrutura militar e pública da Grã-Bretanha. Livre para viajar, o espanhol foi acompanhado tão de perto que passou pelas áreas mais atingidas e disse a seus controladores em Madri que a Grã-Bretanha não estava apenas sobrevivendo ao massacre aéreo, mas que, a seu ver, o país era "invencível". Embora impressionado pela recepção cortês e atenciosa recebida por parte do Ministério da Informação Britânico, del Pozo se sentia ainda mais ansioso por ir embora depois que o Ministério transmitiu seu Overseas Service, o relato de um discurso no qual o exército italiano era descrito como um caso perdido. "Mas eu estava bêbado", explicou del Pozo posteriormente.<sup>22</sup>

Próximo do final de 1940, alguns círculos da inteligência se atreveram a pensar que a situação da Grã-Bretanha havia começado a melhorar. Os gregos haviam contido os italianos invasores, a divisão aérea da Marinha Real havia desferido um golpe duro contra a frota italiana em Taranto e a Força Aérea Real se sustentava contra os ataques diurnos da Luftwaffe; mas não à noite, quando os bombardeios de complexos industriais corroíam a capacidade da Grã-Bretanha de adotar uma postura defensiva e as perdas das cargas em submarinos ameaçavam mergulhar o país na fome. Em seu pior momento, a Grã-Bretanha ficou com um estoque de combustível para apenas três semanas.

A vitória da Força Aérea Real na Batalha da Grã-Bretanha se provou um dos momentos definidores da guerra. Porém, nem todos pensavam assim. Um dos críticos mais ferrenhos de Churchill, Lloyd George, continuava reclamando sobre os métodos ditatoriais do estadista ao conduzir a guerra, motivo pelo qual recusou um convite para ser parte do Ministério da Guerra. Em uma de suas cada vez mais raras aparições na Casa dos Comuns, Lloyd George atribuiu a culpa pela guerra às promessas quebradas do Tratado de Versalhes em um momento quando existiam governos democraticamente eleitos na Alemanha, a quem uma solene presença havia sido feita de que, se a Alemanha se desarmasse, a Grã-Bretanha também se desarmaria. Promessas feitas à Alemanha e às minorias na Hungria, Polônia e Ucrânia não foram cumpridas, e isso não era culpa dele. "Protestei [ao Governo Nacional] várias e várias vezes", disse aos Comuns, "afirmando que, se eles não cumprissem suas promessas, acabaríamos com uma grande guerra europeia. [...] E agora estamos diante da mais terrível promessa já feita a pessoas que quebraram sua fé."<sup>23</sup>

Em vez de seu unir ao Ministério da Guerra de Churchill, o mago galês preferiu, em uma série de artigos para o *Sunday Pictorial*, defender uma negociação de paz assim que a Grã-Bretanha tivesse força suficiente para negociar. Elaborando sobre o assunto em uma carta ao Duque de Bedford em 7 de setembro de 1940, Lloyd George previu um beco sem saída se uma invasão fosse derrotada ou se Hitler decidisse evitá-la:

Nós (e Hitler igualmente) então estaríamos cara a cara com uma guerra prolongada de devastação e fome, a qual levaria toda a Europa à ruína. Não estou em posição de julgar as chances de invasão. Tenho apenas a velha história mundial que vem de uma longa série de falhas. Se houver fracasso, nosso prestígio será maior do que nunca, e devemos entrar na conferência de cabeça erguida e olhar Hitler diretamente nos olhos, como nosso povo que frustrou os planos alardeados por ele de conquista e destruição da Grã-Bretanha. E é por isso que

me posiciono, nesse momento, contra o início de qualquer movimento por negociações de paz.<sup>24</sup>

O MI5 considerava Lloyd George um derrotista e lembrava-se dele por ter aplaudido Hitler em meados da década de 1930 como um salvador de uma Alemanha falida. Liddell, chefe da contraespionagem, apontou que o ex-Primeiro Ministro Liberal falava de uma forma muito derrotista ao declarar que não havia propósito útil na continuação da guerra, que a vitória plena era impossível e que a Grã-Bretanha deveria começar a pensar em uma paz negociada. Não muito tempo depois, Liddell observou que Lloyd George havia mudado novamente sua forma de ver as coisas e, embora ainda não acreditasse que a Grã-Bretanha pudesse sair vitoriosa, até agora não acreditava que o momento seria apropriado para uma negociação de paz:

Ele acha que assim aceleraríamos nosso esforço ao máximo e que, tendo alcançado alguns sucessos, chegaríamos a um acordo com os alemães. Está cercado por um grupo que, até certo ponto, tem as mesmas visões que ele. Os principais são Horrabin [ex-membro de esquerda do parlamento e cartunista], Hore-Belisha [ex-Secretário de Estado para a Guerra] e Wardlaw-Milne [membro de direita do parlamento, conservador]. O grupo todo é composto por dez pessoas. Eles estão liderando o ataque ao Governo na Casa. Nenhum ataque pessoal a Winston é contemplado. O objetivo maior de Lloyd George é chegar ao Ministério por seus próprios termos. Uma oferta lhe foi feita há algum tempo, mas ele não aceitou porque sentia que suas mãos estariam atadas. Ele só se uniria ao Governo se tivesse um papel relevante na política.<sup>25</sup>

Quando um obstáculo para Lloyd George unir-se ao Ministério foi removido – a morte de seu archi-inimigo, Neville Chamberlain, vítima de um câncer em novembro de 1940 –, ele escolheu permanecer em Criccieth, lançando críticas ao governo em vez de oferecer seus serviços. Não houve um segundo convite. Alguns

suspeitavam que Lloyd George estava se salvando como peão de Hitler nas negociações de paz. Pelo menos em particular, ele continuava caçoando da forma como Churchill conduzia as negociações – o estadista era reconhecido por tripudiar sobre quaisquer contratempos que pudessem ser atribuídos a seus métodos ditatoriais. Em seu último grande discurso à Casa dos Comuns, Lloyd George acusou o governo de reter informações cruciais sobre o progresso da guerra e alegou que, apesar dos recentes sucessos, o resultado não estava, de forma alguma, definido. A Grã-Bretanha vinha criando um exército de quatro milhões quando a invasão da Europa significava enfrentar dez milhões de homens extremamente treinados e equipados:

Estamos alcançando o melhor com nossos homens? [...] Há uma sensação geral de insatisfação e dúvida. O Primeiro Ministro deveria ter um verdadeiro Conselho de Guerra. Mas ele não o tem. [...] Não há dúvida de suas qualidades brilhantes, mas, exatamente por esse motivo, [...] ele quer homens contra os quais possa testar suas ideias, que sejam independentes, que o enfrentem e digam o que pensam. [...] Nenhum homem, por mais capaz que seja, pode nos ajudar a sobreviver. Convido o Primeiro Ministro a ver que tem um pequeno Ministério da Guerra que vai ajudá-lo – ajudá-lo com consultas, ajudá-lo com conselhos e ajudá-lo com ações. <sup>26</sup>

Depois de ouvir impacientemente, Churchill, com desprezo, deixou Lloyd George de lado em uma de suas “raras” aparições na Casa:

Era o tipo de discurso que ninguém esperaria de um grande líder dos velhos tempos, que estava acostumado a deixar de lado o desânimo e o alarme e seguir inabalável rumo ao destino final. Era o tipo de discurso que, imagino, o ilustre e venerável Marechal Pétain poderia ter visto nos últimos dias do Ministério de M. Reynard. <sup>27</sup>

Sofrendo com essa repreensão, Lloyd George se recolheu em Gales do Norte, onde passou a conversar com dissidentes para organizar um voto falho de não confiança no Governo. Churchill, ele declarou, passava tempo demais olhando para os barris de pólvora e

fazendo discursos para a posteridade para ter a força e a imaginação necessárias a um líder em tempos de guerra.

A invasão da Grã-Bretanha e possivelmente da Irlanda não havia desaparecido do horizonte. Se a última acontecesse, então o MI5 não estaria preparado para lidar com dezenas de milhares de refugiados irlandeses e o inevitável afluxo de agentes alemães. O plano original de colocá-los em jaulas de arame farpado foi deixado de lado por conta do protesto público que isso causaria, uma vez que muitos eram cidadãos reais. O aprisionamento em uma escala tão gigantesca era um pesadelo para uma agência que já enfrentava grandes reorganizações após a chegada de Sir David Petrie como Diretor Geral. O MI5 corria o risco de perder seu chefe de contraespionagem, Liddell, que, criticado por permitir que os registros das agências fossem perdidos ou destruídos, pensou seriamente em renunciar até que, certa noite, ele e seu número dois, Dick White, planejaram uma reorganização enquanto tomavam “uma excelente garrafa de Richburg”. Mais ou menos na mesma hora, o apartamento de Liddell sacudiu por conta de um conjunto de bombas que abalou a parte de trás de Lowndes Square, não distante da embaixada espanhola. Em outro ataque aos serviços de segurança, o centro de interrogatórios Camp 020 em Ham foi atingido, mantendo um dos internos.<sup>28</sup>

Enquanto isso, del Pozo continuava em choque com a exposição realizada pelo *Daily Express* de suas simpatias pró-Alemanha. O Ministério da Informação disse-lhe para ir para casa. A embaixada da Espanha deu o mesmo conselho. O Sistema Double-Cross, todavia, não fez isso, pois temia que o distanciamento de del Pozo pudesse impedir seu acesso à Mala Espanhola para transmitir informações falsas. Como del Pozo era cidadão de um país neutro, sua saída não podia ser evitada sem o incidente que o Ministério das Relações Exteriores ansiava tanto por evitar.<sup>29</sup>

Antes de del Pozo partir, outro encontro foi combinado com GW no apartamento na Athenaeum Court em 13 de dezembro de 1940. Considerando que o MI5 ainda sabia relativamente pouco sobre a rede de espionagem de Alcazar, seria possível para GW pressionar

del Pozo, a ligação mais fraca da cadeia, a revelar até onde chegava essa rede?

“Vim receber 5 mil libras que meu chefe [Snow] diz que você recebeu para nós de nosso amigo do outro lado”, lançou GW depois da rápida troca de formalidades. Del Pozo afirmou que, excetuando-se a lata de talco com 3.500 libras, ele não havia recebido sequer um centavo a mais.

“Meu chefe me disse para pegar o dinheiro com você hoje”, insistiu GW.

Del Pozo admitiu ter recebido um telegrama afirmando que 250 libras seriam enviadas para pagar GW, mas, até agora, nada havia chegado. “Se eu receber algum dinheiro seu, telefonarei imediatamente. Se precisar deixar o país de forma repentina, deixarei o dinheiro com Segundo na embaixada”, acrescentou del Pozo.

“Quando deve acontecer? Sua partida?”, perguntou GW.

“Não sei. Estou esperando instruções de Señor Suñer.”

Reconhecendo o nome do Ministério das Relações Exteriores da Espanha e a importância do MI5 no sentido de ligar a rede de espionagem espanhola a Suñer, GW perguntou: “O Señor Suñer sabe o que você está fazendo em nome de nossos amigos?”

“Não, não. Definitivamente não”, respondeu o espanhol, acrescentando nervosamente: “Minhas cartas estão sendo abertas e alguém fez uma busca em meu apartamento. [...] Um homem pequeno, com cabeça e testa grandes, com entradas de calvície, parecia um francês. Sei que ele esteve na sala, mas não encontrou nada. Tudo está trancado em outros lugares.” O MI5 de fato havia plantado um profissional de vigilância em um apartamento adjunto em Athenaeum Court, mas não com a intenção de prender del Pozo, pois isso entregaria GW, que teria de apresentar evidência das atividades de espionagem do espanhol. Era melhor, aconselhava GW, que a associação com del Pozo continuasse como uma forma de enganar outros agentes inimigos enviados por Madri. O espanhol era peixe pequeno. O peixe grande era Alcazar.

O telefone tocou e GW esperou enquanto del Pozo se estendia em uma longa conversa sobre os arranjos para deixar a Grã-Bretanha.

Assim que ele desligou, GW arrastou a conversa de volta para questões ligadas à inteligência. “Del Pozo sabia dos materiais de estrada explosivos sendo usados pela Grã-Bretanha?”, perguntou, plantando, na mente de espanhol, uma ideia calculada no sentido de preocupar um possível invasor. E quanto ao avião alemão que havia pousado com o piloto morto, mas sem indícios que levassem à causa da morte, insinuando que a Grã-Bretanha havia desenvolvido uma arma secreta? Del Pozo não tinha ouvido sobre nada daquilo. “Se tivesse ouvido, não acreditaria”, afirmou impacientemente. “Metade do que está nos jornais não é verdade”. Antes de partir, o espanhol disse a GW para não lhe escrever novamente usando o endereço em Athenaeum Court porque a última carta havia sido aberta. Depois de examinar a correspondência, GW não encontrou qualquer sinal de adulteração, embora, de fato, ela tivesse sido interceptada, testemunho da expertise dos correios. <sup>30</sup>

Na semana seguinte, GW foi enviado de carro para o oeste e o norte de Gales com o objetivo de coletar informações a serem entregues aos agentes “Federico” e “Pablo” da *Abwehr*, que esperavam a mala diplomática em Madri. A primeira parada foi a Royal Naval Armament Depot, em Trecwn, a aproximadamente cinco quilômetros de Fishguard, com sua rede de câmaras subterrâneas para armazenar minas navais. De lá, ele seguiu para a costa rumo a um acampamento militar que estava sendo construído em Tonfanau, próximo a Tywyn. Algumas cabanas já estavam ocupadas por unidades da Artilharia Real, cuja única defesa eram algumas armas Lewis. Em Llanberis, próximo a Caernarfon, GW notou a localização de uma fábrica de aeronaves próxima a uma área em desuso da Pedreira Glynrhonwy Isaf Slate, na qual 14% dos explosivos britânicos eram armazenados. Mais adiante na costa, nos arredores de Bangor, estava o aeródromo de Penrhos, usado por bombardeiros; e, em Rhosneigr, Anglesey, um grande aeródromo, o RAF Valley, guardava os aviões britânicos.

Nos arredores de Chester, no sentido sul, a ferrovia se dividia, seguindo em direção a outro grande aeródromo, Hawarden, repleto de caças, bombardeiros e instrutores. Nas cercanias de Wrexham,

cinquenta quilômetros ao sul de Liverpool, existiam cinco aeródromos; os pilotos, de acordo com o que os habitantes locais contaram a GW, usavam a igreja da cidade como marco. Ali perto havia siderúrgicas, minas e indústrias químicas. Em Borrás, Wrexham, existiam três pistas de grama para voos de treino, além de sedes da Western Area UK Warning and Monitoring Organisation. Ao retornar ao noroeste de Gales, GW passou, dirigindo, por uma fábrica de aviões sendo construída logo a sul de Llandudno Junction e, novamente, mal defendida.

Seu relato ao Sistema Double-Cross terminava com um parágrafo afirmando que todo o País de Gales estava sendo usado para “acampamentos militares e suas indústrias para a produção de material militar”.<sup>31</sup> É impossível saber quanto disso permanecia no documento final entregue aos alemães com o objetivo de manter a Luftwaffe distante de Londres e de outros alvos estratégicos na Inglaterra. O depósito naval em Trecwn nunca foi bombardeado; o arsenal de explosivos na Pedreira Glynrhonwy Isaf Slate foi enterrado um ano depois, quando o teto sofreu um colapso; Penrhos foi atacado pela Luftwaffe *antes* de GW relatar sua existência e a base da Artilharia Real em Tonfanau continuava existindo em 2011.

Acompanhando a atualização militar, surgia o mais recente relato de GW sobre a atividade nacionalista galesa de Robertson. De acordo com o comunicado enviado da linha de frente galesa, um levante violento era iminente entre as pessoas furiosas e ressentidas porque milhares de mulheres e crianças tinham de deixar suas casas no Vale do Rhondda por conta das blitz, que eram sucessivas:

Diz-se que uma guerra capitalista lançou esses refugiados em casas exploradas pelo mesmo governo capitalista inglês. Não há fim para a miséria e devastação causadas pelo governo inglês. Nele repousa a responsabilidade pelas casas destruídas no Rhondda e por todas as demais destruídas em Londres. É um cenário capaz de agradar ao diabo – os sem-teto de Londres recebidos pelos sem-teto do Rhondda. Que soma de miséria humana!

Ao País Gales já foi dito por todos os Primeiros-Ministros Ingleses, desde Ramsay MacDonald até Chamberlain: o governo inglês não vai levantar um dedo para ajudar Gales do Sul. Generosidade na forma de esquemas de serviço social ou Atos para Áreas Afetadas, isso o governo distribui com certo abandono calculado. Do verdadeiro problema, ele deliberadamente se afasta com transferências em massa da população, às quais somente os impérios assírio e babilônico oferecem paralelos.

Quando os nacionalistas galeses discutem com os socialistas de Gales do Sul, dizem-nos para nos lembrarmos de que a classe é mais fundamental do que a nação e que a lealdade de um galês a seu colega inglês deve ter precedência sobre quaisquer outras lealdades. Infelizmente, todavia, a Rua Internacional é uma via de mão única, de Gales para a Inglaterra, e jamais no sentido oposto.

Agora que a maioria dos mercados do carvão de Gales do Sul no exterior foram perdidos, existe, sob o presente sistema, apenas um outro mercado no qual o produto pode ser vendido: o mercado interno. Portanto, uma tentativa foi feita no sentido de assegurar que o carvão de Gales do Sul tenha uma fatia maior nesse mercado, o qual até agora foi preservado sobretudo para Midland e Lancashire. Aí havia uma esplêndida oportunidade de demonstrar à classe trabalhadora um pouco de solidariedade e de se alcançar o nível da doutrina internacional pelo sacrifício de parte da prosperidade dos produtores ingleses e em favor do salvamento dos mineiros de Gales do Sul. Pobres utópicos internacionais de Gales do Sul! Os mineiros ingleses defenderam seu monopólio de forma mais egoísta e teimosa do que qualquer capitalista que eles afirmam desprezar.

Gales do Sul está diante de preços crescentes e arrocho salarial, além de uma enorme população desempregada. Não temos como calcular as dificuldades de países europeus sob controle

alemão. O que sabemos é que esse inverno trará a nossos compatriotas de Gales do Sul, sob o controle inglês, dificuldades que vão além das experiências amargas dos últimos 20 anos.

A única esperança do povo amarguradamente cansado de Gales do Sul é uma paz prematura, trazendo a restauração de pelo menos uma proporção dos mercados perdidos na Europa. A Inglaterra pode, em um estalar de dedos, dispensar o Continente; para Gales, ele é essencial. Uma guerra prolongada significa a ruína final dos campos de carvão de Gales do Sul. Se o sr. Churchill quiser estender a guerra, então ele irá, entre outras coisas, concluir o trabalho que iniciou em 1925. O Partido Nacionalista Galês, pelo contrário, jamais deixará de reiterar que a paz o mais rapidamente possível é o interesse supremo de Gales.<sup>32</sup>

Os documentos aprovados foram entregues a del Pozo na embaixada da Espanha em 23 de dezembro de 1940. Porém, o espanhol parecia mais interessado em receber 100 libras da lata de talco do que em pagar seu misterioso contato. Uma discussão acalorada se seguiu, durante a qual GW concordou em pegar o dinheiro: "Se ele [o agente] puder me dizer por que quer o dinheiro, [então] poderei contar a meu 'mestre' e conseguir [a quantia] mais rapidamente".

Num primeiro momento, del Pozo não mordeu a isca. "Sinto muito", respondeu GW, "mas acho que meu 'mestre' não passará o dinheiro, a não ser que saiba o porquê". Depois de hesitar um pouco, del Pozo revelou que, algumas noites antes, um agente recém-chegado de Madri havia telefonado para seu apartamento pedindo 200 libras com urgência, afirmando que o dinheiro deveria ser obtido de 'Ketteroch', codinome de Snow na *Abwehr*. A história de del Pozo estava se transformando. Originalmente, tratava-se de 100 libras para pagar um informante; agora, era para um agente alemão. GW tentou conseguir um nome e endereço perguntando: "Como entro em contato com o agente para entregar o dinheiro?".

Não obteve resposta, apenas um arranjo para um novo encontro em “Chez Segundo”, a embaixada da Espanha, em 7 de janeiro de 1941.

No encontro seguinte, depois que os dois se cumprimentaram, GW mostrou o que del Pozo mais queria: um envelope contendo 300 libras – sendo 100 para ele, o restante para o agente misterioso. Talvez por alívio ao ver o dinheiro, talvez em um momento de descuido, o espanhol disse que “Angel” buscaria sua parte em dois dias, deixando escapar o nome do agente. “Angel” era Angel Alcazar de Velasco, chefe da rede de espionagem espanhola que posava como adido de imprensa na embaixada e era um dos mais procurados na lista do MI5. Questionado sobre como tinha certeza de que Angel buscaria o dinheiro, del Pozo explicou que, sempre que eles precisassem conversar, ele passaria pela casa do agente em um momento particular; o sinal significava que eles deveriam se encontrar no apartamento da Antheneum Court no mesmo horário, mas dois dias depois. As 200 libras eram um pagamento a Angel pela obtenção dos planos da Grã-Bretanha de invadir a Irlanda como meio de forçar os irlandeses a permitirem bases navais britânicas em sua costa oeste, uma operação secreta que posteriormente teria sua culpa atribuída aos alemães. A rota marítima ao redor da costa oeste britânica estava fortemente minada desde Land’s End até Liverpool, deixando apenas um estreito corredor para os comboios entrarem no Atlântico Norte; nesse ponto, eles se viam especialmente vulneráveis aos submarinos alemães, que esperavam para atacar antes que os navios alcançassem seus contratorpedeiros.<sup>33</sup>

Agora desesperado por retornar a Madri, del Pozzo não conseguia dormir e estava paranoico com a vigilância do MI5. Um homem em um taxi o seguiu até o Spanish Club certa noite; em outra, o espanhol afirmou ter sido atacado e atingido na cabeça em Piccadilly. No entanto, ele tinha uma última missão para GW: ajudá-lo a exterminar a população de Swansea por meio do envenenamento da principal fonte de abastecimento de água, o reservatório Cray, próximo a Brecon. Del Pozo poderia obter o veneno com um médico espanhol que morava em Londres. Se os demais reservatórios da Grã-Bretanha não fossem adequadamente

protegidos, o mesmo valia para eles, e certamente para aqueles nas áreas remotas e montanhosas de Gales.

Ao chegar a Cray, GW descobriu que a estação de tratamento onde del Pozo propunha introduzir a substância venenosa era protegida apenas por um guarda e por uma cerca frouxa de arame farpado. O guarda tinha ordens para atirar em qualquer pessoa não autorizada que tentasse se aproximar, mas seu rifle ficava trancado durante o dia e só lhe era entregue à noite.

“Ele usava roupas comuns de civil, indistinguível de qualquer outra pessoa. Mas disse que 80 soldados patrulhavam a área durante dia e noite”, reportou GW a Rothschild. “O envenenamento da água pode ser realizado muito facilmente, sem a necessidade de se aproximar do reservatório, [...] mas a partir da estrada principal que cruza uma série de pequenas pontes construídas sobre riachos que atravessam a montanha e alimentam o reservatório. A contaminação de qualquer um desses riachos seria tão eficaz quanto se o material de contaminação fosse colocado diretamente no reservatório. Aliás, assim seria mais fácil, pois não haveria perigo de detecção.”<sup>34</sup>

De repente, o plano do espanhol se tornou irrelevante. Del Pozo fugiu do país a bordo de um navio a vapor cujo destino era Portugal, mas que foi atingido por um submarino alemão ao deixar a costa oeste da Irlanda. Salvo e levado a Açores, del Pozo finalmente conseguiu retornar a Madri. Não muito tempo depois, o Cônsul Geral Britânico em Madri enviou um telegrama ao Ministério das Relações Exteriores: del Pozo havia sido preso e recebido uma sentença de seis meses por constranger o Partido Falangista ao expressar apoio a Hitler. O *Daily Express* havia finalmente conseguido o que queria, mas del Pozo logo “escapou” da prisão e se refugiou na embaixada da Alemanha em Madri.<sup>35</sup>

Porém, em vez de o disfarce de GW ser destruído por del Pozo durante o interrogatório dos alemães em Berlim, como se poderia esperar, estranhamente não houve repercussões claras. A única perda foi que o MI5 deixou de ter acesso à mala diplomática espanhola.

Durante algum tempo, a atenção de GW passou do nacionalismo para a atividade de espionagem dos sindicatos galeses, alguns dos quais ignoravam apelos políticos para deixar de lado suas diferenças com empregados até o fim da guerra. Jornais foram proibidos de expor detalhes, mas greves ainda ocorriam, especialmente por conta das bonificações pagas pelo governo a donos de fábricas que atingissem metas de produção – esses bônus eram vistos pelos funcionários como algo a que eles tinham direito. O direito a ser parte de um sindicato ainda era o Santo Graal do Trabalho e foi vigorosamente defendido em uma greve nas usinas siderúrgicas de Gales do Sul quando a administração Richard Thomas e Baldwins se recusou a reconhecer um membro do sindicato. GW também reportou que seus vizinhos em Mont Pleasant estavam deixando Swansea em massa todas as noites, em vez de dividirem os deveres da patrulha de ataques aéreos.

“A posição é muito dura para os poucos que, em alguns locais da cidade, recebem uma parcela totalmente injusta do trabalho”, ele falou a Robertson. “Como se poderia esperar, observadores fisicamente capazes são poucos em número, em especial na vizinhança onde resido. Com todo o respeito, sugiro que chegou a hora em que as autoridades devem compelir os homens fisicamente capazes a permanecerem em suas casas [...]”

Sua preocupação foi justificada nas noites de 19, 20 e 21 de fevereiro de 1941, quando a Luftwaffe reduziu o centro da cidade a um mar de chamas que podiam ser vistas desde Milford Haven, a 100 quilômetros de distância, e de Newtown, 200 quilômetros a norte. Bombas incendiárias deixaram as escolas de ensino fundamental e técnico localizadas em frente a casa de GW em Mount Pleasant “acesas como uma fornalha”, além de danificarem sua casa. Embora fábricas e instalações militares tenham escapado, todo o trabalho nas docas foi suspenso, deixando os navios impossibilitados de entrarem ou saírem até que uma mina acústica instalada no convés de um navio ancorado na baía fosse desarmada.

“As mortes em consequência desse ataque apenas estariam entre 400 e 500”, ele relatou. “Muitos dos habitantes conseguiram deixar a cidade após a segunda noite de ataque e chegariam a lugares que,

de forma alguma, eram menos vulneráveis. [...] Pelo que consegui averiguar, mais uma noite de ataques teria abalado completamente o moral da maioria da população e a deixado desesperada. Bombas com ação retardada explodem continuamente desde os assaltos. Dizem que restam mais de duzentas delas. [...] Até agora, nenhuma notícia de nosso amigo especial.”<sup>36</sup>

A quebra da ligação com del Pozo não colocou um ponto final na carreira de GW na espionagem. O único resultado foi a *Abwehr* tê-lo colocado novamente na geladeira, como havia acontecido entre a morte de seu primeiro contato, Frau de Ridder, e o surgimento de del Pozo. Para Robertson, Masterman e o Sistema Double-Cross, a mala diplomática espanhola estava fora de alcance até os alemães serem convencidos a colocar GW novamente em atividade. Nesse meio tempo, ele monitorou as atividades dos nacionalistas locais, embora eles não estivessem agindo muito. Como membro, participou, em 10 de abril de 1940, de um encontro da filial do Plaid Cymru em Swansea no número 116 da Bryn Road. Além dele, havia outras quatro pessoas. O organizador local, Wynne Samuel, falou demoradamente sobre Mazzini, o grande libertador italiano do século XIX. “Não posso dizer como a história terminou, pois dormi no meio”, GW contou a Robertson.<sup>37</sup>

Durante vários meses, GW permaneceu em espera, sendo os olhos e os ouvidos do Sistema Double-Cross no País de Gales, mas nada além disso. Ao convencer a *Abwehr* de que havia um grupo de nacionalistas fanáticos esperando para travar uma guerra de sabotagem, ele havia garantido que a inteligência alemã não sentisse necessidade de enviar sabotadores para substituir os cubanos desaparecidos. Nem um único ato de sabotagem ocorreria em Gales ao longo de toda a guerra. Ademais, quando, em 1941, a *Abwehr* renovou seus esforços no sentido de criar uma organização mais eficaz na Grã-Bretanha, nenhum agente foi enviado a Gales, onde o serviço de informação estava preocupado com o envio de explosivos à célula imaginária de nacionalistas. A lista de perguntas envolvendo informações de inteligência apresentada a GW pela *Abwehr* lançou uma forte luz nos cantos escuros do planejamento

militar alemão em uma época quando o medo de uma invasão estava em seu ponto mais alto. O intenso interesse de del Pozo nas defesas costeiras no sul da Inglaterra levou a fortificações cada vez mais bem preparadas. A vigilância era mantida em Oxwich Bay para se caso um submarino se aproximar com os prometidos explosivos. As perguntas lançadas pelos alemães envolvendo o fornecimento de alimentos e a reação pública à escassez demonstravam quão incertos eles estavam acerca dos sucessos dos submarinos separando as linhas de abastecimento no Atlântico Norte britânico. Ao manipular habilmente as repostas apresentadas por GW, o Sistema Double-Cross enganou e confundiu o inimigo com muito mais sucesso do que havia se dado conta num primeiro momento.

Da mesma forma como preparava seus agentes para ganharem a confiança dos inimigos antes de eles embarcarem em tarefas mais desafiadoras, o Sistema Double-Cross avançou da manipulação de informações de inteligência para o planejamento de operações falsas. Duas das mais conhecidas foram o caso do “Homem que Nunca Existiu” e o fato de eles terem levado o Alto Comando Alemão a acreditar que os Aliados desembarcariam no Estreito de Dover, e não na Normandia. Na primeira Operação Mincemeat, o corpo de um mendigo galês, Glyndwr Michael, encontrado morto em um armazém em St. Pancras depois de engolir veneno de rato, foi preenchido com água para dar a impressão de afogamento e depois lançado ao mar na costa espanhola para aparecer na praia de Tarifa como se fosse o Major Williams Martin da Marinha Real. Em sua pasta estavam documentos que persuadiram os alemães a levarem dez divisões para a Grécia para se prepararem para uma invasão Aliada quando a Sicília recebesse o segundo frente. E existiam, ainda, outros esquemas, não menos criativos, nos quais GW desempenharia um papel importante.

TNA, KV 4/186, Guy Liddell Diaries, Volume 2, Parte 2, pp. 627–8, encontro dos chefes de segurança, 1º de outubro de 1940; TNA, KV 4/188, GLD, Volume 4, Parte 2, pp. 201–7, fala de Liddell aos Regional Security Liaison Officers (RSLOs), 24 de novembro de 1941.

TNA, KV 4/186, GLD, Volume 2, Parte 2, pp. 364–5.

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, pp. 640–1.

TNA, KV 4/188, GLD, Volume 4, Parte 1, p. 40.

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, pp. 636–7.

Perto do fim da vida, Goronwy Rees, jornalista e acadêmico galês, admitiu ter espionado para a União Soviética e acusou Liddell de ser o quinto homem na rede de espionagem de Cambridge. Embora isso pudesse ter custado a promoção de Liddell à posição de Diretor Geral do MI5 depois da guerra, não há evidência de que a alegação era verdadeira. Mesmo assim, Liddell foi prejudicado por sua associação profissional com Burgess, Blunt e Philby enquanto trabalhava para os serviços de segurança durante a Segunda Guerra Mundial.

TNA, KV 2/468, folio 302, carta de GW a Robertson, 11 de outubro de 1940; TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, pp. 644–5.

TNA, KV 2/468, relato de GW a Robertson após encontro com del Pozo, 15 de outubro de 1940.

TNA, KV 2/468, folio 1B, Relatório da Atividade Galesa, 15 de outubro de 1940.

TNA, KV 2/468, folio 3Q, GW a Robertson, 11 de outubro de 1940.

TNA, KV 2/468, folio 3T, GW a Robertson, 21 de outubro de 1940.

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, avaliação do Joint Intelligence Committee, pp. 656–60.

TNA, KV 2/468, folio 3T, GW a del Pozo, relatório das instalações militares, 15 de outubro de 1940.

TNA, KV 2/468, folio 3W, Robertson a GW, 26 de outubro de 1940.

TNA, KV 2/468, folio 3T, GW a del Pozo, relatório das instalações militares, 15 de outubro de 1940.

TNA, KV 4/187, GLD, “Mrs Harris”, Volume 3, Parte 1, pp. 656–7.

TNA, KV 2/468, folio 4W, GW a Robertson, relatório, encontro com del Pozo, 9 de novembro de 1940; TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, p. 673.

TNA, KV 2/468, folio 4W, GW a Robertson, relatório, encontro com del Pozo, 9 de novembro de 1940.

TNA, KV 2/468, folio 5A, GW a Robertson, relatório, encontro com del Pozo, 1º de dezembro de 1940.

*Ibid.*

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, pp. 672, 685.

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, pp. 674, 681.

*Western Mail*, Lloyd George speech to House of Commons, 10 de maio de 1940, p. 5.

British Library, Documentos de Lloyd George, G/3/4/9.

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 2, pp. 845, 883.

Peter Rowland, *Lloyd George*, 1975 (Londres: Barrie and Jenkins), pp. 786–7.

*Ibid.*

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, pp. 679, 680, 682, 685.

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, p. 186.

TNA, KV 2/468, GW a Robertson, relato, encontro com del Pozo, 13 de dezembro de 1940.

TNA, KV 2/468, GW a Robertson, relatório para aprovação do Comitê dos Vinte, 20 de dezembro de 1940.

TNA, KV 2/468, folio 7A, GW a Robertson, relatório, 20 de dezembro de 1940.

TNA, KV 2/468, folio 11A, GW a Robertson, relatório, encontro com del Pozo, 9 de janeiro de 1941.

TNA, KV 2/468, folios 13A, 21B, envenenamento do reservatório de Cray, GW a Rothschild; TNA, KV 2/468, del Pozo vem em seguida.

TNA, KV 2/468, folio 28A, prisão, fuga e telegrama de del Pozo, 3 de março de 1941.

TNA, KV 2/468, Swansea Blitz, folios 20A, 22G, GW a Robertson, 27 de fevereiro de 1941, 13 de março de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 31A, encontro do Plaid Cymru, 17 de março de 1941.

## A CONFISSÃO

**NO OUTONO DE 1940, SNOW** deixaria o cenário de espionagem em chamas com intrigas e insinuações envolvendo três outros agentes. Naquele mês de maio, a *Abwehr* lhe pediu para oferecer outro agente em potencial para treinamento, o novo recruta a ser entregue a Rantzau em um encontro no Mar do Norte. O espião alemão chegaria de submarino; Snow e seu recruta, de traineira. Aproveitando a oportunidade para eliminar o chefe da divisão de contraespionagem da *Abwehr* em Hamburgo, Robertson nomeou um pequeno criminoso reformado, Sam McCarthy (codinome "Biscuit") para acompanhar Snow na missão.

Desde o instante em que Snow e Biscuit tiveram o primeiro contato, houve atrito. Snow acreditava que Biscuit era um agente alemão, ao passo que Biscuit, durante a viagem de trem rumo ao norte a caminho da traineira que os esperava em Grimsby, via Snow a partir de seus sentimentos pró-Alemanha. Toda a empreitada, desde o início, foi tomada por perigos. O Exército Britânico se viu preso nas praias de Dunquerque, mas, em 19 de maio de 1940, uma semana antes da evacuação em massa, os dois partiram de Grimsby a bordo de uma traineira da UK Fisheries Board para um encontro extraordinário no meio do Mar do Norte. O que Snow não sabia era que o mestre tinha instruções para não ir diretamente ao ponto de encontro. Em vez disso, um submarino da Marinha Real estaria à espera para atacar o submarino com torpedos ou, se possível, prender Rantzau.

Depois de pisarem no trem, Snow e Biscuit permaneceram atentos aos movimentos do outro enquanto seguiam para o Mar do Norte. Na noite de 21 de maio, Snow, acreditando que eles tinham chegado ao suposto ponto de encontro, deu o que alegou ser um sinal de reconhecimento a um avião que circulava no céu. Para Biscuit, essa era uma evidência convincente de que Snow era um traidor e o encontro, uma armadilha. As luzes da traineira se apagaram e ela voltou para sua base. Snow recusou a hipótese e, depois de uma briga com Biscuit, foi subjugado e mantido sob guarda armada até a traineira parar em Grimsby, onde, após uma análise de oficiais da Divisão Especial, foi descoberto que ele tinha consigo documentos não autorizados. Sua explicação foi que esses documentos lhe haviam sido entregues por W. N. Rolf, seu colega, em uma viagem de negócios a Londres criada pelo MI5 como canal para entrar em contato com a Société de Consignation et Affrètement na Antuérpia, um endereço disfarçado da *Abwehr*. Por mais improvável que possa parecer, o MI5 aceitou a história de Snow de que Rolf estava sem dinheiro e usando-o como intermediário para vender documentos a Rantzau quando eles se encontraram no Mar do Norte.

Em 23 de maio, uma tentativa de restabelecer a situação por meio do envio de uma traineira com uma equipe naval não obteve sucesso. A neblina diminuía a visibilidade a ponto de Snow conseguir comunicar a Hamburgo, por meio de seu transmissor de rádio, que eles estavam ali, mas haviam deixado passar o submarino por conta do mau tempo.<sup>1</sup>

A fuga pelo Mar do Norte abalou a confiança que o MI5 depositava em Snow, mas, um mês depois, suas diferenças com Biscuit foram acertadas e os dois concordaram que houvera um verdadeiro mal-entendido gerado pelos diferentes *modus operandi* de cada um. Porém, havia um problema: o novo recruta de Rantzau ainda precisava ser entregue para o treinamento da *Abwehr*, dessa vez em Lisboa, Portugal, que permanecia como um país neutro. Como o fim desse tráfico de espionagem em canais cruzados, a

capital portuguesa havia se tornado o novo foco de atividade clandestina.

Por recomendação de Snow, Biscuit foi marginalizado e Walter Dicketts escolhido para o papel de "sócio", como Snow chamava todos os seus cúmplices. O galês havia conhecido Dicketts enquanto jogava dardos na taverna Marlborough em Kingston-upon-Thames alguns meses antes. De estatura média, cabelos bem penteados, usando uma jaqueta de lã marrom e calça de flanela cinza, com os ombros jogados para trás, Dicketts era um trapaceiro barulhento e pretensioso e carregava uma lista de condenações. Por causa de uma sentença de prisão por fraude, ficara impossibilitado de assumir sua posição na Inteligência Aérea. Porém, falava alemão e podia se apresentar à *Abwehr* como um homem rancoroso.

Dicketts (codinome "Celery") foi inicialmente recrutado pelo Sistema Double-Cross como informante e recebia 30 xelins por semana para andar por bares e hotéis na região de Londres ouvindo conversas e entregando suspeitos. O fato de ele considerar o pagamento "uma ninharia" e muito abaixo de sua posição seria outro rancor a ser acrescentado em suas credenciais antibritânicas quando fosse interrogado por Rantzau.<sup>2</sup>

Pouco antes de eles planejarem a partida para Lisboa, Snow recebeu um SOS de Rantzau por rádio. Um agente com um arquivo secretíssimo sobre os detectores de infravermelho que a Força Aérea Real estava inserindo em seus bombardeiros para localizar caças noturnos inimigos precisava de um "amigo na Inglaterra". "Você poderia levar o arquivo a Lisboa?", perguntou Rantzau por rádio. "Como ele pode entrar em contato com você sem [revelar] sua identidade? E Charlie poderia reduzir esse arquivo a um tamanho micro?"

Snow criou uma caixa postal falsa para o agente do infravermelho em Craven Hill, Paddington; o pacote deveria ser entregue entre 7 e 13 de fevereiro, às 9h30 da manhã. Liddell, Robertson, Masterman e Cowgill (do MI6) enfrentavam o dilema sobre qual ação tomar quando o homem do infravermelho chegasse. Se o pacote contivesse informações vitais que não pudessem deixar o país, então

Liddell preferia “apagá-lo”. Porém, se eles o eliminassem, o MI5 poderia jamais descobrir se o agente alemão tinha, de fato, um transmissor de rádio escondido. Snow recebeu ordens para pedir a Rantzau que cuidasse para que o pacote fosse entregue mais cedo, nas próximas 24 horas, baseando-se na hipótese de que, se uma mudança de planos no último minuto se provasse impossível, então o MI5 poderia seguramente supor que o agente não tivera acesso a um transmissor. A resposta de Hamburgo foi que a entrega seria atrasada até a véspera da partida de Snow para Lisboa; nesse caso, ele deveria memorizar os pontos salientados no documento antes de enviá-lo a Charlie, que o reduziria a micropontos. Rantzau ainda acreditava que Snow e Charlie eram parte de seu pessoal.

Uma câmera com lente telescópica foi instalada em uma casa diretamente em frente à caixa de correio. Oficiais deveriam seguir o agente alemão de volta à sua base ou até o anoitecer, quando a prisão ocorreria para não arriscar perdê-lo durante a noite. Às 10 horas daquela manhã, não havia qualquer sinal do homem do infravermelho. O único movimento de interesse na casa foi um homem com aparência suspeita, que olhou na direção do imóvel ao passar por ali. Na manhã seguinte, aproximadamente no mesmo horário, o mesmo indivíduo pareceu lançar um olhar demorado para a caixa de correio antes de ser seguido até a loja de departamentos Whiteleys, em Bayswater, onde trabalhava como supervisor. A vigília foi posteriormente cancelada, embora John Gwyer, analista de segurança do MI5, de fato suspeitasse que o supervisor fosse ou o homem do infravermelho, ou seu enviado.<sup>3</sup>

Snow voou para Lisboa partindo do aeroporto de Bristol. Celery partiu mais cedo para Portugal a bordo do *SS Cressado*. Snow passou a noite que antecedeu seu voo no Cumberland Hotel, em Marble Arch, para ser levado logo cedo ao aeroporto por Jock Horsfall, chofer do MI5 que transportava agentes pelo país. Naquela noite, Horsfall estava no corredor onde ficava o quarto do galês quando ouviu uma conversa por telefone entre Snow e uma mulher, durante a qual uma espécie de código fora usado. Quando esse fato foi comunicado, Snow já estava a caminho de Lisboa, mas, por

precaução e para saber se outros membros da família estavam envolvidos, Robertson ordenou que o telefone do agente fosse grampeado.

A chegada de Celery a Lisboa foi atrasada pelo mau tempo na Baía de Biscaia. Em certa altura, foi reportado que o *SS Cressado* havia sido afundado por um submarino alemão. O atraso deu a Snow duas semanas sozinho com Rantzau, a quem ele supostamente teria confessado que, durante os três meses anteriores, havia feito o papel de um agente britânico controlado. Nunca ficou claro se isso era verdade, mas Masterman e Robertson e a seção da Double-Cross logo dedicaram centenas de horas de trabalho tentando descobrir os fatos e as consequências para a rede de agentes britânicos. Masterman concluiu que, “comparados a isso, o enigma da Esfinge e a doutrina da Trindade são questões simples e diretas”.<sup>4</sup>

As várias hipóteses para explicar o que realmente ocorreu baseiam-se em sua totalidade nos relatos dos envolvidos. Snow havia confessado a Rantzau que era controlado pelos britânicos? O chefe da espionagem alemã então o convenceu a tornar-se um agente triplo? Snow sempre esteve na folha de pagamento da *Abwehr*? E teria tanto ciúme de um novo rival a ponto de deliberadamente enviar Celery em uma missão na Alemanha, da qual esperava que ele não retornasse?

Celery não apenas foi instruído a se infiltrar na *Abwehr* e convencer Rantzau de suas simpatias pró-Alemanha e antibritânicos, mas também aconselhado a relatar o relacionamento de Snow com o chefe da espionagem alemã e as operações de espionagem alemãs em Portugal. Após entrar na Alemanha para treinamento de espionagem, Celery retornaria – ou pelo menos assim o MI5 esperava – com informações valiosas sobre as operações da *Abwehr*.

O que torna essa questão mais intrigante é um documento de 11 páginas intitulado “Relatório Final do Major Ritter [Rantzau] sobre o caso [Snow]”, no qual Rantzau não menciona a suposta confissão de Snow. Ainda mais confuso é o fato de estar incluída no dossiê a tradução para o inglês do documento original escrito por Rantzau em

Berlim em 31 de julho de 1941, no qual ele descreve o que ocorreu entre Snow, Celery e ele mesmo em Lisboa no fevereiro anterior. Sem qualquer menção de como foi adquirido, esse secretíssimo documento alemão acabou anexado a um relatório preparado para o MI5 pelos analistas de segurança John Gwyer e John Marriott, datado de 17 de novembro de 1941, *apenas* quatro meses depois de Rantzau escrevê-lo para seus chefes da *Abwehr* em [Berlim](#). Ao final da guerra, parece razoável supor que o relato de Rantzau talvez estivesse entre os documentos capturados pelos Aliados. Porém, teria esse relato vazado ao MI5 já em 1941? E, em caso afirmativo, por quem? Por mais improvável que pareça, após retornar de Hamburgo, Celery sugeriu a Snow que suspeitava de que alguma espécie de relação existisse entre Rantzau e Robertson:

Não consigo entender esse negócio deles, um cara como [censurado] sentado em um escritório enquanto eu estou aqui, neste maldito emprego, arriscando minha vida. Não sei por que, mas eu o acho um pouco parecido com Robby [Robertson]. Talvez tenha sido algo que eu disse, mas, por um bom tempo, ele não trocou apertos de mão comigo. Não sei o que fiz. Devo tê-lo ofendido de alguma forma. Há outra coisa que não entendo. Robby comunicou a você na minha frente, no último encontro: "Diga ao médico que quero conhecê-lo". Ele deve estar pensando que a guerra vai terminar. Não sei se lembra, mas ele também disse: "Aonde você vai, não há censor e você pode dizer o que quiser". Veja a posição em que ele me colocou. Se eu voltar à Inglaterra e perguntar onde está Robby... Já vi tantas coisas. Sei exatamente o que vai acontecer e quero ter certeza de que não haverá problemas quando retornarmos à Inglaterra. [...] Não gosto daquele cara [agente do MI5] na casa [onde Lily e a esposa de Celery estavam vivendo]. Acho que vão começar algum negócio sujo com as garotas. E, se houver negócio sujo, que Deus os ajude quando eu chegar a Bristol. [...]<sup>5</sup>

A história de Snow para o MI5 era que, ao chegar a Lisboa, em 14 de fevereiro de 1941, ele havia sido pego por Dobler (codinome Duarte), agente alemão residente no saguão do Metropole Hotel e levado a um Opel preto, no qual Rantzau esperava. Enquanto atravessavam a cidade, Snow perguntou alegremente a Rantzau: "Como está a esposa?"

Assentindo, o mestre de espionagem da *Abwehr* respondeu: "Como estão Lily e o bebê?"

"Muito bem", respondeu Snow.

"Precisamos ter uma conversinha. Tudo é muito interessante", disse o alemão enquanto o Opel estacionava na lateral de um quarteirão de prédios de apartamentos. Após tomar o elevador até o terceiro andar, Duarte abriu a porta e os três entraram e se sentaram.

"Tenho algo muito interessante a lhe dizer e quero uma resposta sincera", falou Rantzau imediatamente.

"Está bem, diga", respondeu Snow.

"Tenho informações de que você está em contato com a Inteligência Britânica", disparou Rantzau severamente.

Sem hesitar, Snow respondeu:

"Isso é totalmente verdadeiro. Há dois meses e meio venho tentando vê-lo para falar sobre isso e lhe enviei sinais de SOS, conforme combinado, mas seus operadores parecem não ter entendido".

Pela expressão de Rantzau, Snow imaginou o que estava em jogo. E, ciente de que a *Abwehr* podia "espancar" um sujeito durante o interrogatório, decidiu admitir tudo.<sup>6</sup>

"Diga-me brevemente o que aconteceu", pediu Rantzau.

"Bem, eles invadiram meu espaço há aproximadamente dois meses e meio. Alguém havia gritado."

"Quem você acha que o traiu, GW ou Charlie?"

"Não sei... Eu não saberia dizer. Eles invadiram minha casa. Nunca encontraram documentos, apenas códigos e o transmissor. Só isso."

"E quanto a Lily? Eles sabem que ela ajuda? Ela foi examinada?"

“Pelo que eu saiba, sim, foi. E ela não sabia de nada... Só sabia que eu tinha um transmissor de rádio em casa. Nunca falei nada para ela Lily.”

“Se não o conhecesse tão bem quanto conheço e se não trabalhássemos juntos há tanto tempo, eu jamais confiaria em você, mas, quando me diz coisas assim, sei que está falando a verdade”, falou Rantzau.

Todavia, Snow sabia demais sobre a *Abwehr* e suas operações para Rantzau deixá-lo retornar à Grã-Bretanha. Ele admitiu que, se necessário, manteria o colega como refém em Lisboa.

“Esse é o meu estilo”, respondeu Snow. “A única coisa que posso fazer é entrar em contato com a embaixada britânica.”

“O que você acha [da situação]?”, questionou Rantzau.

“Eu não queria estar à frente de um pelotão de fuzilamento. A única coisa foi dizer-lhes [aos britânicos] que eu trabalharia para eles.”

Assentindo, Rantzau fez uma pausa antes de dizer misteriosamente:

“Tenho uma solução esboçada para tudo isso”.<sup>7</sup>

Seu plano era que Snow retornasse à Grã-Bretanha como agente triplo, usando certos códigos na forma de palavras inseridas em tráfego de rádio para indicar se a informação transmitida era verdadeira ou falsa.

Rantzau pediu nomes e descrições dos oficiais do MI5 que invadiram a casa em Kingston-upon-Thames. Os homens, segundo Snow, eram “ingleses comuns, com rostos finos, e acho que havia um policial entre eles. [...] Só sei que eram chamados de Doutor e Professor, e havia um *Herr*.”

“E quanto às mensagens de rádio que você nos enviou [antes da invasão]?”, questionou Rantzau.

“Pode acreditar, tudo que foi enviado é verdadeiro.”

“Tem certeza?”

“Pode verificar”, garantiu Snow.

Rantzau admitiu que as informações haviam sido “muito úteis”.<sup>8</sup>

“Conte-me sobre Celery. Estou muito interessado nele e ficarei aqui até ele chegar”, apontou Rantzau.

“Ele está 100 por cento com vocês... Enganando o outro lado. Eu o conheço há 12 meses... de Richmond. Parecia ter visões pró-nazismo e, depois daquela dificuldade para entrar na força aérea, eu o achei adequado”.

A conversa então voltou-se para questões mais pessoais, quando Snow mostrou a Rantzau fotografias do bebê. Na manhã seguinte, eles se encontraram em um apartamento que pertencia a uma garota alemã. Rantzau perguntou sobre Caroli, chamado pelo codinome Summer pelos britânicos. Suas transmissões de rádio haviam cessado. O que estava errado?

“Ficou com medo. Alguém estava perguntando por ele e ele saiu apressado”, contou Snow.

“Tudo bem”, falou Rantzau. “Ele tem documentos de marinheiro e voltaremos a vê-lo. E quanto a Celery?”

Foi então que Snow confessou que Celery não era tão pró-Alemanha quanto fingia ser.<sup>9</sup>

Naquela noite, um carro o buscou no hotel e então o levou a Estoril, na costa, a uma casa particular com uma enorme varanda na frente, no topo de uma colina com vista para o mar.

Dobler estava sentado, tomando café, e soprando anéis de fumaça. Quatro outros homens esperavam. Rantzau levou Snow a um canto e sussurrou:

“Há uma coisa que esqueci de lhe perguntar esta manhã. O que poderia dizer sobre seus homens em Gales do Sul?”

“Não há nada com que se preocupar”, respondeu Snow. “Eles estão bem. Podemos seguir adiante com a sabotagem em Gales do Sul. Esses são os meus homens, e não os de GW.”

Em uma enorme sala de estar, Rantzau fez uma fala sobre sabotagem, ilustrando com canetas explosivas, cronômetros e detonadores. Um grande relógio de bolso encontrava-se fixo na parte traseira de uma lanterna com um detonador anexado, mas ele não explodiu. Ao final da apresentação, Snow recebeu vários itens explosivos para levar à Grã-Bretanha, incluindo lanterna, espuma de

barbear, uma lata de talco contendo cronômetros, duas canetas explosivas com tinteiros especiais e mais alguns pequenos blocos de madeira escondendo detonadores. Quando esses itens foram subsequentemente entregues ao setor de contrassabotagem do MI5 – setor que estava nas mãos de Rothschild – para serem examinados, descobriu-se que, embora as lanternas tivessem sido produzidas na Alemanha, as baterias contendo os cronômetros e detonadores eram produtos ingleses.

O que o MI5 não conseguiu entender era por que, supostamente após confessar ser um agente da Grã-Bretanha, Snow recebera 10 mil libras (o equivalente a 287 mil libras em 2005) de Rantzau para financiar suas atividades de espionagem na Grã-Bretanha, incluindo a célula nacionalista galesa de GW. Em vez de ser demitido, como seria esperado, Snow teve os bolsos recheados de dinheiro, além de receber um novo conjunto de códigos de rádio para entrar em contato com Hamburgo.<sup>10</sup>

Quando soube disso, Liddell escreveu em seu diário: “Há notícias perturbadoras a respeito de Snow. Parece que os alemães não estavam satisfeitos com as informações transmitidas por ele e o procuraram. [...] Mesmo assim, ele recebeu 10 mil libras e um novo contrato. Muito curioso, mas é impossível ter mais informações até ele retornar. [...] Também há o fato um tanto quanto ridículo de que ele [diz que] estava doente e que quer que a esposa [Lily] e filho estejam com ele em Lisboa. Tudo isso é uma enorme pena, mas teria de chegar ao fim mais cedo ou mais tarde. Precisamos encontrar outra forma de ganhar a vida”.<sup>11</sup>

Em seu último encontro sozinhos antes da chegada de Celery, Snow recebeu instruções de Rantzau para enviar Celery às Ilhas do Canal com o objetivo de receber outro transmissor de rádio, ou então outra pessoa de Gales do Sul teria de ir. Depois desses contratemplos, Rantzau tinha ordens para criar uma nova rede de agentes na Grã-Bretanha. “Entenda as instruções: quando Celery chegar, vocês dois seguirão imediatamente para a Alemanha. Dobler vai providenciar tudo”, falou Rantzau enquanto Snow entrava no carro para retornar ao hotel, acrescentando alegremente: “Mande

minhas lembranças a Lily. Esqueci-me de comprar um presente para ela, mais deixei instruções para Duarte [Dobler] fazer isso". Para infelicidade do MI5, Rantzau também não entregou a Snow um novo abastecimento de papéis especialmente tratados e cápsulas de tinta secreta, materiais que os alemães atualizavam com frequência para confundir o censor britânico.

Snow estava obviamente sofrendo com o estresse, pois bebia pelo menos uma garrafa de conhaque por dia. E em algumas manhãs estava tão alcoolizado que sequer conseguia se arrastar para fora da cama. Em 23 de fevereiro, Celery finalmente chegou a Lisboa e seguiu diretamente para o hotel. "Fiz uma viagem terrível", murmurou. "Preciso de um drink". Enquanto bebia, admitiu ter recebido ordens de Robertson, antes de deixar a Inglaterra, para reportar o que Snow fazia, aonde ia, com quem conversava.<sup>12</sup>

"Para mim, parece traição", avaliou Snow. "Você não acha que Robby [Robertson] anda um pouco assustado por alguma coisa?"

"Lembre-se do que aconteceu no clube depois que partimos", respondeu Celery. "Robbie disse: 'Não haverá censor lá; pelo que sei, vocês podem dizer o que quiserem. [...] E diga ao Doutor [Rantzau] que eu gostaria de encontrá-lo'".

"O que você acha da situação?", perguntou Snow. "Tenho instruções [dos alemães] para lhe dar dinheiro e o que mais você quiser."

"Bem, isso se parece mais com negócios", respondeu Celery alegremente. "Você sabe que assumi a responsabilidade e fiz todo o trabalho sujo [na Inglaterra], consegui passaportes, vistos, tudo... O que eu faria se não o tivesse conhecido?"

"Você vai achar as pessoas daqui muito diferentes disso", respondeu Snow, puxando um bolo de notas para mostrar a Celery.<sup>13</sup>

Rantzau havia adiado seu retorno a Hamburgo para encontrar Celery. O fato de ele estar preocupado com os rumores do naufrágio do *Cressado* fica evidente em uma conversa que um membro do SIS (MI6) reportou de Lisboa, na qual um agente alemão chamado Kuno Welzien teria afirmado que o *Cressado* tinha a bordo um agente

visto “como um meio valioso para plantar informações falsas na Grã-Bretanha”. Mesmo se a missão de Celery fosse infiltrar-se na *Abwehr*, conforme Snow afirmava, Rantzau acreditava que a lealdade do pequeno trapaceiro ainda podia ser comprada.<sup>14</sup>

Quando os três homens se encontraram no quarto de Snow no Metropole Hotel, ele já estava alcoolizado e, crucialmente, não conseguiu se lembrar do que exatamente havia dito a Celery sobre confessar a Rantzau que era um agente duplo britânico. Apesar das centenas de página de testemunho tomados do protagonista pelo MI5, ainda não fica claro o que foi dito naquele quarto de hotel. Snow lembrava-se de estar sentado na cama, ao lado do agente Duarte (codinome Dobler) da *Abwehr*, ouvindo enquanto Rantzau questionava Celery, que, se soubesse da “confissão”, quase certamente teria se recusado a entrar na Alemanha para um treinamento de espionagem, como fez alguns dias depois.

E poderia haver outro motivo para justificar o fato de Snow ter bebido tanto naquele dia em particular. De acordo com Celery, ele estava com medo de ser preso e “fuzilado” quando retornasse à Inglaterra e que Lily e o bebê estivessem sendo mantidos como reféns para garantir seu retorno!

Todavia, nada disso pareceu abalar o entusiasmo natural de Snow – que, com desenvoltura, apresentou Celery a Rantzau. “Esse é o cara [...] que voltou do túmulo [uma referência aos rumores do naufrágio do *Cressado*].”

“Sim”, falou Rantzau. “Há muito tempo estamos tentamos encontrá-lo. Colocamos submarinos atrás dele. Pensamos que ele estivesse na Ilha da Madeira, mas está aqui. E fico contente por estar aqui. Tive de desmarcar muitos compromissos [na Alemanha] porque sabia que ele era um homem importante.”

“Ele é todo seu”, respondeu Snow.

“É verdade?”, insistiu Rantzau.

“100 por cento... Estou 100 por cento com você”, respondeu Celery antes de reclamar sobre suas condições e seu pagamento no MI5, acrescentando: “Se eu fizer isso acontecer [na Alemanha], terei

uma equipe para liderar quando eu voltar, [...] [serei] um tenente da Força Aérea Real e lhe serei muito útil. Estou pronto para ir.”

“Esse homem está trabalhando para a inteligência britânica e está 100% com você”, Snow reassegurou Rantzau. “Ele me deu sua palavra... Talvez você possa usá-lo.”

“Bem, sabemos um pouco sobre esse homem”, respondeu Rantzau.<sup>15</sup>

De acordo com Snow, Celery então disse que sua tarefa incluía descobrir tudo que pudesse sobre a esperada invasão alemã à Grã-Bretanha. Para isso, sua recompensa seria uma posição na Força Aérea Real. Nesse momento, Snow interrompeu, dizendo: “Vivo em um lugar muito perigoso. Estou no sudoeste de Londres e não quero me envolver com essa invasão”.

“O ataque em massa da invasão virá por Gravesend”, explicou Rantzau. “Acho que você deveria ir ao País de Gales. É o único conselho que posso lhe dar por enquanto.”

Depois que os alemães saíram, Snow e Celery continuaram bebendo, primeiro com a tripulação do *Cressado*, e depois no English Bar até altas horas da madrugada, quando voltaram ao hotel e continuaram bebendo no lounge. Foi quando Celery perguntou: “Você está totalmente ao lado do Doutor, não está?”

“Sim, por quê?”

“Eu também estou. Jamais faria essa viagem [à Alemanha] se não tivesse certeza de que você está totalmente do lado dele, afinal, não confio em pessoas do outro lado.”<sup>16</sup>

No dia seguinte, Celery disse a Rantzau que Snow provavelmente seria executado quando retornasse à Inglaterra. Aparentemente irritado, Rantzau perguntou:

“O que você acha disso?”

“É tudo falso. Eles devem estar blefando”, respondeu Snow.

“Sempre existe a possibilidade de você trabalhar na Alemanha”, sugeriu Rantzau.

“Não. Preciso voltar para Lily e o bebê... Preciso voltar.”

Celery tampouco estava interessado em se mudar para a Alemanha.

“Sabe, eu também preciso voltar”, ele disse a Snow um pouco mais tarde, ainda bebendo. “Quando retornar [depois da visita à Alemanha], terei tantas informações que poderemos levar Lily e o bebê para longe da Inglaterra sem qualquer dificuldade”, acrescentou, fazendo referência à ordem de prisão que pairava sobre a mulher.

Depois disso, Celery pediu a Snow, em várias ocasiões, garantias de que poderia confiar em Rantzau para levá-lo de volta a Lisboa após o treinamento na Alemanha. “Você sabia que colocou sua vida em minhas mãos?”, ameaçou Celery. “Posso ir agora mesmo à embaixada e fazê-los entrar em contato com a Inglaterra e entregar informações sobre você.”

“Pode fazer isso se quiser, mas sei que o Doutor está sendo honesto [conosco] e estamos 100 por cento com ele. Você não tem dúvidas sobre a viagem?”

“Nenhuma, mesmo”, respondeu Celery. “Estou ansioso”.<sup>17</sup>

Ele buscou um passaporte alemão em nome de Walter Dunkler na embaixada em Lisboa, localizada em um castelo com vista para a cidade. Então, comprou um novo chapéu, casaco, novas camisas e uma mala. A última noite que os dois passaram juntos foi no clube noturno Arcadia Hotel com duas jovens alemãs. Celery foi embora à meia-noite com uma delas; Snow continuou no local para assistir ao show do cabaré com a outra. Antes de partir, Celery virou-se para Snow e disse: “Se não fosse por você, eu jamais faria isso... Você não vai me trair?”

“Não”, respondeu Snow. “Dei minha palavra a você e a outras pessoas. Vou vê-lo entrar e sair da Alemanha.”

“Não vai me trair de nenhuma forma? E não vai contar nada sobre isso à Inglaterra?”, acrescentou, apontando para sua companheira.

“Não”, garantiu Snow. “Vou vê-lo sair de lá outra vez. Não, não contarei nada.”

“E quanto ao dinheiro?”

“Eu lhe darei uma boa quantia para a viagem. [...] E você receberá toda a atenção, receberá dinheiro quando estiver lá”.

De volta ao hotel, Snow pediu ao mensageiro para preparar almoço – sanduíches e uísque – para Celery.

Na manhã seguinte, trocando um aperto de mãos com Celery no saguão do hotel, Snow comentou: “Você é um homem muito corajoso”. Depois de abraçar sua namorada alemã, Celery seguiu para a estação de trem, onde um carro diplomático esperava para seguir até Madri, de onde ele tomaria um voo rumo a Hamburgo.<sup>18</sup> O interrogatório da *Abwehr* era pesado, mas nunca houve um treinamento de espionagem, e sim apenas vários materiais de propaganda e informações tendenciosas sobre a ausência de danos causados por ataques aéreos em Hamburgo, apesar de as blitz da Força Aérea Real acontecerem quase todas as noites.

Na terceira semana, Snow estava bebendo com amigos no clube noturno Arcadia, pensando em seu “sócio” morto, quando encontrou Celery. Buscando o canto mais silencioso para conversar, explicou que havia sido buscado na fronteira entre Espanha e Portugal pelo agente alemão Duarte (Dobler) e sua namorada espanhola. Animado, sussurrou: “Preciso conversar imediatamente. [...] Podemos pegar uma mesa?” Assim que encontrou um canto onde não seriam vigiados, Celery lançou: “Tive a mais impressionante experiência que qualquer pessoa poderia ter.”

“Então deu tudo certo?”, perguntou Snow.

“Nunca vi tamanha organização. [...] Nunca vi um país como aquele. [...] Nunca vi um povo como o da Alemanha!”

“O que você quer dizer com isso?”

“Tenho material suficiente aqui para destruir toda a operação.”

“Material de que forma?”

“Papéis e documentos. [...] Pude ir a todos os lugares e [...] recebi carta branca. Fui às docas de Hamburgo, a Blohm e Voss. Tive todas as informações sobre construção naval, produção de submarinos, produção de aeronaves, uma série de aviões encomendados na Alemanha e o número aproximado de homens que eles possuem. [...] Tive um encontro com o secretário do Dr. Goebbels. [...] Eles ficaram impressionados com a informação que lhes passei sobre as

melhorias na propaganda. Quando desembarquei em Hamburgo, o Doutor não estava lá, mas chegou alguns dias depois.”

“Qual é a situação dos alimentos na Alemanha?”, interrompeu Snow.

“Há muito alimento lá. Quase o dobro de manteiga em comparação com a Inglaterra.”

“Deve haver”, concordou Snow. “Eles saquearam de outros países. Você estava lá durante algum ataque?”

“Sim, houve um [que se estendeu] por seis horas.”

“Onde você estava?”

“Em um abrigo com alguns oficiais.”

“Muitos danos foram causados a Hamburgo?”

“Os únicos lugares que vi danificados foram alguns prédios em St. Pauli.”

“Você passou seis horas em um abrigo contra ataques e nada de danos!”, rebateu Snow desacreditado.

“Não, nenhum. [...] Tampouco em Berlim. [...] Em Hamburgo, bombas foram lançadas nos terrenos do outro lado do rio, em Blohn e Voss.”

“Quantas eram as aeronaves?”

“Aproximadamente sessenta.”

“Qual é o problema com o nosso pessoal?”, esbravejou Snow, exasperado com a falha da Força Aérea Real em atingir seus alvos.<sup>19</sup>

Era exatamente isso que a inteligência alemã queria que os britânicos pensassem. Nenhuma tentativa foi feita no sentido de intimidar Celery; nem uma vez sequer ele foi ameaçado com violência. A instrução de Rantzau aos interrogadores consistia em descobrir formas de usar um homem que tinha “a aparência perfeita de um trapaceiro disposto a fazer qualquer coisa por dinheiro”. Celery falava com frequência da má situação financeira em que se encontrava e de ter sido levado a aceitar trabalhos que estivessem abaixo de suas qualificações. Os alemães cultivavam o amor de Celery por dinheiro. Rantzau o comprou com um pagamento baixo de 200 libras, alguns dólares americanos e a promessa de valores muito maiores a serem pagos por Snow na Inglaterra. O mestre da

espionagem alemã calculava que, enquanto Celery estivesse financeiramente preso, essa situação evitaria que ele se aproximasse do MI5. Ele podia gritar quando as 10 mil libras acabassem, mas a essa altura seria difícil apresentar uma explicação convincente por não ter dito nada antes. Ao manter Snow em atividade e acima de qualquer suspeita, Rantzau acreditava que seus agentes em Gales do Sul estavam seguros. Se Snow em algum momento caísse, ainda haveria muito a ganhar com as informações falsas entregues a Celery, cujo valor imediato aos alemães era parte de um plano elaborado para proteger Snow, um dos três homens em quem Rantzau mais confiava – os outros eram o nacionalista galês fanático GW e Charlie, o fotógrafo de Manchester, ambos agentes da Double-Cross britânica.<sup>20</sup>

Quando Snow retornou à Inglaterra em 27 de março de 1941 e admitiu ter “confessado”, Robertson imaginou que a *Abwehr* já estava desconfiando do Sistema Double-Cross. Em muitos casos, os caminhos levavam de volta a Snow, o primeiríssimo tijolo do edifício. GW veio em seguida, em outubro de 1939, mas foi somente um ano depois que Robertson encontrou um terceiro membro para equipe, o dinamarquês Wulf Schmidt (pseudônimo Harry Williamson, codinome “Tate”). Quando Schmidt chegou de paraquedas à Grã-Bretanha em 1940, o MI5 esperava ter sido alertado da chegada de Snow. A consequência imediata da confissão de Snow, se verdadeira, era que a *Abwehr* certamente perceberia que outro de seus supostos agentes, Tate, talvez também fosse controlado pelos britânicos, pois os alemães o pagaram por meio de Snow. Tate era um agente prolífico, que oferecia enormes quantidades de informações falsas e posteriormente viria a ter um papel vital na operação de inteligência combinada para convencer Hitler de que o Dia D seria lançado pelo Estreito de Dover até o Passo de Calais, e não pela Normandia. Robertson dificilmente poderia perder Tate, assim chamado pela semelhança com o comediante Harry Tate. A partir de Snow, o cordão umbilical de Tate levava a “Balloon”, que, por sua vez, usava um dos mais famosos de todos os agentes duplos, “Tricycle”, ou Dusko Popov, para transmitir informações falsas a Hamburgo.

Rantzau acreditava que Tricycle fosse seu mestre espião nos Estados Unidos, quando, na verdade, era outro agente duplo controlado por Robertson. Popov nasceu em 1912 em Titel, Império Austro-Húngaro, em uma família sérvia, e posteriormente se mudou, ainda jovem, para Dubrovnik. Falava alemão fluentemente e tinha muitos amigos alemães em posições altas, mas, em segredo, desprezava os nazistas. Recrutado pela *Abwehr* no início da guerra, Popov imediatamente se ofereceu como agente duplo à Grã-Bretanha. Bem remunerado por seus serviços, ele desfrutava do estilo de vida de um playboy enquanto realizava perigosas missões em tempos de guerra. Em Londres, sempre se instalava na mesma suíte do Savoy Hotel e ganhou seu codinome Tricycle pela preferência por fazer sexo a três. Em 1941, foi enviado pela *Abwehr* aos Estados Unidos com altas quantias de dinheiro e instruções detalhadas para descobrir tudo que conseguisse sobre as defesas de Pearl Harbor. Supostamente foi Tricycle quem avisou o chefe do FBI, J. Edgar Hoover, de um ataque iminente a Pearl Harbor, mas Hoover o ignorou. Tricycle, Tate, Balloon e GW estavam todos correndo risco por conta da "confissão" de Snow em um momento quando a pressão nos agentes para oferecer informações sobre instalações militares ao longo da costa sul sugeria que uma invasão era iminente. Rantzau queria, em particular, informações específicas sobre aparentes obstruções nos campos nas áreas de Aldington, Stowting, Lyminge, Hawkinge e Folkestone. Depois que aeronaves de reconhecimento alemãs avistaram fileiras de postes, a Luftwaffe precisava saber se os fios transmitiam eletricidade, quanta eletricidade, a altura dos postes e o material de que eram feitos. Na verdade, tratava-se de parte da primeira instalação de um radar de aviso da Força Aérea Real.<sup>21</sup>

Desvendar a verdade sobre o que exatamente aconteceu em Lisboa se provaria além da capacidade dos mais habilidosos interrogadores. Em um ponto as inteligências britânica e alemã concordavam: era praticamente impossível questionar Snow, sua história raramente se mostrava consistente, suas constantes mudanças de rumo levavam os interrogadores a terem a clara

impressão de que o galês tinha um pé em um universo paralelo. Embora tivesse muitas oportunidades de negar sua “confissão”, jamais o fez.

Snow poderia ser descrito como um espião de uma fileira de casas com sacadas localizadas em algum lugar nos vales de Gales do Sul. É difícil imaginar um dos agentes polidos e educados em escolas públicas do pós-guerra pronunciar a linha imortal a seu mestre na espionagem: “Como está sua esposa?”. Snow lembrava um vendedor de carros ou de seguros abrigando-se da chuva na porta de uma loja, mas jamais o agente secreto do imaginário popular indo de uma embaixada estrangeira a outra. Ressentido com os ingleses, pulou o muro e escapou para o Canadá, mas isso contribuiu muito pouco para seu humor. A atitude condescendente de seus associados ingleses no MI5, alguns dos quais o viam como semi-analfabeto, pode ter alimentado esse preconceito contra a Inglaterra e seu povo – preconceito que costumava funcionar como uma desculpa insubstancial para fazer o papel de agente duplo, lidando para os dois lados com uma relíquia de informações de espionagem encalhada em uma maré incerta de greve real. Snow tampouco era forte no fator patriotismo. Somente quando todas as opções haviam se exaurido ele se apresentou ao exército – e, mesmo assim, de trás das grades da prisão. Sua motivação era ganhar dinheiro fácil. Ouvir conversas descuidadas enquanto vagava pelo país com os custos cobertos por outras pessoas e tomar nota das localizações de fábricas, aeródromos e outras instalações militares não exigia muito intelectualmente e era bastante compensador. Esquivar-se na escuridão, usar senhas secretas e fazer parte de enredos imaginários eram o pão e a água para um homem que se sentia feliz quando assumia uma persona.

Quando a guerra começou, a vida de Snow foi tomada pela decepção e preenchida por mulheres e álcool. Preso ao retornar à Inglaterra, esteve diante de Robertson, Masterman e Marriott, todos querendo descobrir a verdade por trás da suposta “confissão”. Mais tarde, Dick White, vice--chefe da Divisão B – e o único homem a cuidar tanto do MI5 quanto do MI6 – teve acesso a Snow. Liddell, que supervisionou o interrogatório, ficou mais convencido do que

nunca de que o galês era incapaz de discernir entre fato e ficção e que só estava no jogo pelo dinheiro. Porém, o MI5 tinha de chegar à base dos negócios em Lisboa para proteger seus outros agentes.

O interrogatório, que foi iniciado com uma entrevista preliminar em 28 de março de 1941, tornou-se complicado quando Snow admitiu ter confessado a Rantzau que era um agente duplo britânico. O fato de ele não ter nada a esconder ficou evidente assim que desceu do avião em Bristol e entregou aos agentes do MI5 as 10 mil libras que lhe haviam sido passadas por Rantzau, além de itens variados de sabotagem e explosivos, para o deleite da seção de contrassabotagem de Lorde Rothschild. Ademais, antes de deixar Lisboa, ele avisou ao agente do MI6 na embaixada britânica – neste caso, o adido da força aérea – sobre seus encontros com Rantzau.

Os interrogadores de Snow sabiam, por terem lidado anteriormente com o homenzinho, que deveriam permanecer focados se quisessem ter alguma esperança de descobrir: (1) quais ações Rantzau decidiu tomar quando disse que Snow havia sido “abordado” pelo MI5; (2) se Snow contou a Celery sobre sua “confissão” antes de este último entrar na Alemanha; e (3) qual história os dois criaram para o benefício de Major Robertson no que se referia às atividades em Lisboa.

O registro de centenas de páginas do estenotipista apresenta um perfil psicológico único dos dois espiões britânicos que, com uma sabedoria nada sofisticada, frustraram seus controladores intelectualmente superiores no MI5. Naturalmente desconfiado, Snow se esquivou com habilidade das perguntas de sondagem, às vezes de forma inarticulada, mas sempre com um ar de sinceridade e cooperação. O galês conseguiu reduzir os três dias de interrogatório a um nível de incompreensão e ambiguidade a ponto de impedir os homens do Sistema Double-Cross a chegarem próximos da verdade. Ao final, Marriott concluiu que estava “convencido, mais do que nunca, de que Snow não é um caso para o Serviço de Segurança, mas para um neurologista”. Um interrogatório criado para ajudá-los a navegar por um labirinto de alegações e contra-alegações conflitantes acabou reduzido a um carrossel.<sup>22</sup>

Marriott começou o questionamento em 1º de abril de 1914 dizendo: "Quero saber qual história o Doutor pensou que vocês iriam nos contar [após sua confissão]."

Snow: Não posso lhe contar nada.

Marriott: Mas nós sabíamos que você estava por aí. O que o Doutor acha que você vai nos contar agora?

Snow: Que tudo está correndo de maneira satisfatória. Que encontrei o Doutor, que lhe apresentei Celery, que ele estava bem e tinha ido para a Alemanha. Não sei de nada da história que Celery lhe contaria como resultado de entrar na Alemanha. Ele [Rantzau] me disse que deveríamos voltar para cá e que ele faria os arranjos para Lily e eu deixarmos o país.

Marriott: Mas ele [Celery] não discutiu com você o que contaria para nós?

Snow: Não, ele nunca discute isso, pelo que me lembro.

Marriott: Mas se ele estava fazendo jogo duplo...? Ele teria lhe dito o que ele nos contaria.

Snow: Ele disse que me impulsionaria até os céus e me ajudaria de qualquer forma que pudesse, e que eu receberia uma condecoração.

Marriott: Você diz que Celery está nos enganando.

Snow: Seu homem em Lisboa pensa a mesma coisa.

Marriott: Você acha que Celery acredita que você estava nos enganando?

Snow: Eu não sei. Não... Vou lhe dizer o porquê... Porque depois ele tentou descobrir sobre a garota alemã e tentou conseguir drogas com ela, preparou bebidas e deu a uma das outras garotas alemãs 200 escudos, e ela deu a ele seu endereço em Paris. Ele depois me perguntou: "Para quem você está trabalhando?". Eu lancei como resposta: "O que ela disse?". Ele me contou que ela tinha lhe dado o endereço em Paris e algumas outras coisas.

De acordo com Snow, ele e Celery encontraram quatro dançarinas alemãs – Ruth, Lottie, Sadie e Dopie – no clube noturno Arcadia. A mais velha, Ruth, tinha aproximadamente 33 anos, "rosto magro, nariz ligeiramente parecido com o de uma judia, era de estatura média, pelo que eu saiba não era casada e tinha dentes bons", além

de falar seis idiomas. Celery avisou para que ele não fosse visto com as garotas porque eles retornariam à Alemanha por instruções de Berlim.

Durante a ausência de Celery, Snow visitou o clube Arcadia todas as noites e tentou recrutar a mais velha, Ruth, como agente britânica em Paris, onde ela tinha um apartamento.

“Não foi idiota da sua parte não confiar em Celery, como fez, para recrutar agentes em Portugal?”, perguntou Marriott.

Snow: Como ele sabia?

Marriott: Porque você contou a ele.

Snow: Eu não disse uma palavra sequer.

Marriott: Ou porque ela era uma agente alemã e contou a ele.

Snow: Na noite quando Celery descobriu [a tentativa de recrutar Ruth], eu estava me sentindo muito mal. Às dez horas, ele se apressou de volta ao hotel e perguntou se eu iria ao Arcadia. Respondi que sim. Então ele desceu... Havia passado horas conversando com Ruth. Lottie estava chorando no ombro dele o tempo todo... Ela era mais simples do que as outras. Foi a ela que ele deu 200 escudos.

Marriott: Você chegou a vê-lo com alguma outra mulher por lá?

Snow: Havia uma mulher no hotel... Da França... Ele disse que a conheceu no trem, [...] mas pensei que ele tivesse ido de avião a Lisboa. Ele costumava ir ao apartamento dela. Não sei o que acontecia lá... Ele é tão pró-Alemanha que seria capaz de arriscar tudo... é louco por dinheiro. Tudo que ele fez quando voltou foi [pedir] dinheiro, dinheiro, dinheiro... o Doutor havia lhe dito para me procurar em busca de todo o dinheiro que quisesse.

Marriott: Se não pudermos confiar em Celery, tudo estará terminado.

Snow: Não deixarei este país outra vez com Celery.

Marriott: Você quer seguir em frente?

Snow: Certamente, fiz muitas coisas. E muito foi feito com minha ajuda.

Marriott: O que pode ser feito agora?

Snow: Existe um transmissor nas Ilhas do Canal. O Doutor informou a Cain [o que aconteceu aos] paraquedistas. Eu lhe disse

que enviei dois homens de Gales para lá com o objetivo de investigar os pubs. E os dois ouviram que ele havia descido de um avião e atirado com seu revólver. O Doutor disse que a coisa estava ficando bagunçada demais e que ele precisava encontrar outro método de trazer homens a este país. Celery disse que era fácil.

Marriott: Ele é um piloto. Nem todo mundo conhece os caminhos para as Ilhas do Canal de barco. Se não confia dele, não pode usá-lo. Ele precisa permanecer distante.

Snow: Ele não vai ficar distante sem a esposa. E desconhece o novo transmissor. Eu não disse nada. Se não estiver sendo honesto, podemos fazê-lo encontrar o rádio. Se não estiver sendo honesto, ajudaremos a trazer o homem [o agente] para cá. Isso deve ter sido discutido em Hamburgo. O Doutor gosta muito desse método. Perdeu homens demais do outro jeito. Não sei nada sobre ele [Celery] retornar em um mês. Não sei que tipo de informação ele tem. Eu deveria me sentir muito inclinado a duvidar de se ele tem algo importante para contar a Churchill, de que a guerra vai chegar ao fim em duas semanas.<sup>23</sup>

Durante um intervalo para almoço, Marriott discretamente questionou Snow sobre a Alemanha. O galês havia anteriormente expressado admiração profunda pela eficiência alemã e acreditava que nada poderia atrapalhá-la. Snow agora acreditava que a Inglaterra provavelmente venceria a guerra. Marriott acrescentou: "A ignorância e a indiferença que ele demonstra até mesmo para com as questões mais importantes são quase fantásticas. Sua posição agora, todavia, parece-me a de alguém que começa a suspeitar que seu ídolo alemão tem um calcanhar de Aquiles e, embora seus motivos não sejam bons, eles parecem, por enquanto, ter algum peso [...] e, somados ao seu ciúme de Celery, oferece a nós um ponto fraco que não se mostra particularmente ansioso por encobrir."<sup>24</sup>

No dia seguinte, quando Celery foi questionado, ele contou uma conversa que tivera com Rantzau em Hamburgo. O alemão sabia que Snow bebia muito e vivia irritado, mas parecia "gostar bastante

do homenzinho” em quem confiava porque nunca tinha “me decepcionado” em quatro anos trabalhando juntos.

Celery: Ele deve estar lhe passando muita informação.

Rantzau: Não, Snow não me passou muita informação, mas acho que ele será bastante útil de outras formas.

Celery: De quais outras formas?

Rantzau: Não faça perguntas demais, mas Snow é um filho da mãe, um preguiçoso, e não sai do lugar a não ser que alguém lhe dê um bom chute no traseiro. Snow gasta dinheiro demais, mas a gente não se importa...Tem muito dinheiro aqui.

Em uma tentativa final de chegar à verdade, Snow e Celery foram colocados frente a frente. Dick White conduziu o interrogatório e o charme e as maneiras atraentes de um homem descrito como o perfeito cavalheiro inglês, o David Niven do MI5, provaram-se demais para os dois mentirosos compulsivos. Várias e várias vezes durante todo um dia de interrogatório White os levou à mesma questão: Snow havia confessado a Rantzau que era um agente controlado britânico? E avisou Celery antes de ser levado à Alemanha para ser treinado pela *Abwehr*?

White: Tenho certeza de que vocês dois estão cientes da seriedade dessa posição. Portanto, quero ouvir primeiro de você, Snow, [sobre] [...] a natureza de sua advertência a Celery em Lisboa.

Snow: Sim, Celery sabia muito bem que o Doutor tinha conhecimento de que eu estava em contato com a Inteligência Britânica antes de ele partir para a Alemanha. Isso é correto, não é?

Celery: Eu havia recolhido muitas informações, mas não sabia.

Snow: Você não sabia?

Celery: Você nunca me disse nada a respeito. Nunca mencionou o assunto para mim.

Snow: Você está me dizendo que não sabia?

Celery: Estou. Depois de apresentar meu relato [ao retornar da Alemanha], você me disse que tinha entregado todo o projeto ao Doutor e que havia me avisado disso. Jamais fez tal declaração. Quando foi que você me contou?

Snow: Acredito que o tenha avisado quando o vi na sala.

Celery: Você acha que sim. Não quero saber quais são suas convicções. Quero saber o que exatamente aconteceu.

Snow: Você se lembra de quando eu lhe contei na frente do Doutor? Eu me lembro claramente de ter lhe avisado na frente do Doutor de que ele sabia tudo sobre minha ligação com o Serviço Secreto Britânico. Você não se lembra de estar lá, sentado, com o Doutor também sentado, e eu sentado na cama com Dobler quando eu lhe disse: "O Doutor sabe de tudo, entendeu?" Eu definitivamente me lembro desse momento.

Celery: Digo que você não fez isso, e também fui informado de que você me avisou pessoalmente de que havia contado tudo ao Doutor e que me advertira [...] com o objetivo de assegurar que ser a única pessoa que podia cuidar de mim [e] que eu depositasse toda a minha confiança em você, que você voltaria a me ver, pois tinha me dado sua palavra de honra. Você vacilou no último dia e claramente estava muito nervoso. E me disse, na calçada, quando eu estava entrando no táxi para ir à estação Estoril: "Você é um homem muito corajoso, Celery. Não vá se não quiser ir."

As trocas entre os dois tornaram-se ainda piores, até que separar fato e ficção ficou praticamente impossível, tamanha era a infantilidade do conflito.

Snow: Você não se lembra de quando telefonei, a seu pedido, para o bar e pedi duas bebidas com gin porque você disse que se sentia péssimo?

Celery: Nós fomos até o bar e nos sentamos lá.

Snow: Por meio minuto. Você me disse no escritório: "Vamos beber alguma coisa". E eu respondi: "Não tem nada para beber aqui, vamos até meu quarto". E subimos até o quarto; aí telefonei para o bar.

Celery: Não.

Snow: Eu telefonei para o bar e pedi a bebida.

Celery: Não. Você tomou uma dose de xerez no seu quarto. E disse: "Só tenho cerveja aqui". Eu respondi: "Não quero cerveja".

Com a conversa entre os dois se transformando em uma farsa, White buscava retomar o foco d interrogatório. Queria saber por que Rantzau entregara a Snow 10 mil libras depois que ele

confessou ser um agente britânico. Mas não obteve sucesso. Os dois continuavam discutindo assuntos menores.

White [para Snow]: Quando você contou a Celery que tinha recebido 10 mil libras?

Snow: No dia em que o conheci.

Celery: Não.

Snow: Eu lhe mostrei o dinheiro.

Celery: Na ocasião, ele me disse que tinha 5 mil libras. As outras 5 mil apareceram em outra data.

Snow: Eu não disse a ele quanto tinha. Eu disse 50 mil libras.

White: Como você explica isso? Afinal, você também diz que contou a ele que o Doutor sabia de tudo. Você está sob o controle dos britânicos e, ainda assim, ele lhe deu 5 mil libras. Você disse isso a ele?

Snow: Eu falei: "Olhe aqui, olhe para essas pessoas. Veja como elas distribuem dinheiro. Elas não discutem por dinheiro."

Celery: "Veja o que eles pensam de mim", foi isso que ele disse.

Snow: Eu falei: "Agora veja a forma como eles tratam as pessoas. É isso que eles fazem. Nem sequer pensam nos gastos."

White comentou que era curioso que, assim que os alemães souberam que Snow estava sob controle britânico, eles lhe deram uma grande soma de dinheiro como recompensa.

Snow: Entendo o que você diz. Mas a questão é outra... Não sei ao certo o que eu disse, mas mostrei-lhe [a Celery] o dinheiro de alguma forma. E o que eu disse sobre o dinheiro, isso não lembro. Não lembro se expliquei ou não.

White [para Celery]: Você lembra?

Celery: Ele simplesmente não explicou. Apenas disse: "Veja o que eles pensam de mim e como me alimentam". E tinha uma trouxa de roupas sujas presa no guarda-roupa, o que achei uma escolha nada inteligente.

Snow: Não, eu não tinha.

Celery: Ah, sim, tinha, sim. Depois você a colocou na mala. Primeiro as roupas estavam presas dentro de uma camisa suja. Você disse que era o melhor lugar para mantê-las.

Snow: Não. Estava primeiro em minha mala; depois é que as coloquei no guarda-roupa... Lembro claramente.

Celery: Você levantou a camisa. Posso vê-lo fazendo isso ainda agora. Snow: Na mala.

Celery: No guarda-roupa. Eu disse que você deveria colocá-la em um lugar seguro e você disse que o cofre era pequeno demais.

Exasperado pela briga contínua, White interrompeu, sugerindo que talvez os dois estivessem bêbados, já que os pontos de discordância envolviam, em grande parte, questões menores.

“Definitivamente não”, respondeu Snow.

Voltando-se para Celery, White perguntou como ele acreditava ser a relação entre Snow e Rantzau.

Celery: Ele [Snow] estava nos enganando e trabalhando para a Alemanha enquanto fingia trabalhar para nós. [...] Foi por esse motivo que fui a Portugal, para verificar, para tirar a prova e saber para qual lado Snow estava realmente trabalhando.

White: Você chegou a dizer a Snow que estava 100 por cento ao lado do Doutor?

Celery: Sim, não há dúvida.

White: Quando e por quê?

Celery: Bem, esse era o meu papel... era meu papel chegar o mais próximo do Doutor até ter certeza de para quem Snow estava trabalhando, e eu deveria segui-lo aonde quer que fosse.

White: Qual discussão veio me seguida?

Celery: Nunca falei sobre isso com Snow. Ele sempre se recusou a me passar informações. Sempre me fez sentir como se eu fosse um amador enquanto ele era alguém que estava há anos no negócio, e agia como se eu fosse me chatear se soubesse tudo que realmente estava acontecendo. Quanto menos eu soubesse, melhor. Assim eu não cairia em armadilhas.

Em seguida, Celery foi questionado sobre seu interrogatório na Alemanha e aqueles na inteligência britânica por quem os alemães haviam demonstrado mais interesse. “Eles sabiam sobre o Major Robertson? Sabiam que ele estava em contato com Snow?”, perguntou White.

Celery: Percebi isso. Eles me perguntaram se eu tinha conhecido alguém no departamento. Sabiam que eu tinha trabalhado [para o departamento] na última guerra. Tinham todo o meu histórico.

White: Como eles falavam do departamento?

Celery: Respondi que eu talvez o conhecesse [Major Robertson].

Ofereci uma descrição totalmente errada. Pensei que provavelmente estivesse me colocando vulnerável a armadilhas. Mas se eles dissessem que aquele não era o homem, aí eu teria dito que não o conhecia, que devia ter sido outra pessoa. Eles me perguntaram se eu conhecia alguém que Snow também conhecesse.

White: Você consegue se lembrar exatamente do que o Doutor disse? Celery: Acho que ele disse: "Você conhece alguém com quem Snow mantenha contato com Inglaterra? E, acima de tudo, as pessoas que estão trabalhando com ele". Mais uma vez, mantive-me fiel à história. Que eu tinha ouvido falar de um homem chamado Biscuit e que tinha visto GW dez vezes. Mas essa era a história com a qual concordamos.

White [para Snow]: Como o Doutor sabia o nome do Major Robertson?

Snow: Não sei. Ele me perguntou se eu conhecia algum Roberts ou Robbins ligado ao Ministério da Guerra. Respondi que sim, que conhecia alguns. De fato, na noite antes de eu chegar, falei, eu tinha jantado com um dos influentes ligados ao Ministério da Guerra... Richardson. Assim, eu conhecia muitas pessoas por lá. Ele me pediu descrições dessas pessoas e eu as apresentei, mas dei descrições erradas.

Antes de pararem para o almoço, White ofereceu a Celery um breve relato dos comentários atribuídos a ele por Snow em uma declaração anterior a Masterman e Robertson.

White [para Celery]: Quando retornou da Alemanha, você disse a Snow: "O melhor amigo do Doutor e o único em quem ele deve prestar atenção é Goering". A isso, Snow respondeu: "Não sabia que ele era tão louco... Isso é bom para mim. O único homem com quem sou responsável é o Doutor. De qualquer forma, tirei 5 mil libras deles e recebi 5 mil libras extras por minha lealdade. Na verdade, mais do que isso, pois tive gastos muito altos em Lisboa,

aproximadamente 10 mil libras. Celery é um homem muito caro. Tive de sair e comprar relógios e pulseiras de ouro para ele, para esposa dele e para a minha.

A menção de relógios de ouro abalou alguns nervos. Quando o pingue-pongue verbal foi reiniciado, depois do almoço, Celery esperava a oportunidade de corrigir a ideia de que custava "caro".

Celery: Eu gostaria de lançar um pedido sobre a última declaração, sobre eu ser um homem muito caro. Você tem um registro da verba que Snow me repassou enquanto eu estava lá. Também tem um registro bastante detalhado, ao qual eu poderia acrescentar o que gastei em outros lugares. Eu gostaria que Snow lhe dissesse a quantia em dinheiro que ele me entregou. Pode cruzar com o dinheiro que eu trouxe de volta e o que gastei lá.

Snow: Eu lhe dei uma boa quantia.

Celery: Você comprou um sobretudo e um chapéu para mim, além de duas peças de roupa íntima e duas camisas, correto?

Snow: Uma mala...1000 escudos, 500 escudos, uma mala e 100 dólares.

Celery: Isso foi por instruções do Doutor.

White arrastou a conversa de volta para as perguntas que continuavam sem respostas no centro da história da "confissão": por que Rantzau havia dado 10 mil libras a Snow depois que ele confessou ser controlado pelos britânicos? Para a sessão vespertina, Snow tinha pensado em uma resposta!

Snow: Rantzau disse: "Esta é a melhor situação em que poderíamos estar. É excelente."

White: Por quê?

Snow: Ele falou: "Agora você pode vir me ver a qualquer hora. Pode trazer coisas, eles não vão incomodá-lo."

White: Então, além do dinheiro, eles lhe deram explosivos, peças de equipamentos que você pensava que o Doutor não queria que soubéssemos. Como explica isso?

Snow: Ele falou: "Bem, você agora será capaz de trazer todas aquelas coisas sem qualquer dificuldade."

White: Mas se as levasse e imediatamente as entregasse aos britânicos, que bem isso faria?

Snow: Ah, eu não deveria fazer isso. Eu deveria usá-las com meus homens em Gales do Sul, aqueles a quem não devo contar nada.

Snow constantemente lançava declarações com referências misteriosas a seus "homens em Gales do Sul" como se eles fossem diferentes daqueles controlados por GW.White perguntou se Rantzau estava ciente de que o MI5 sabia tudo sobre os "homens [de Snow] de Gales do Sul".

Snow: Ele me perguntou uma vez sobre os homens ligados à sabotagem em Gales do Sul e respondi que estavam perfeitamente seguros.

White: Mas ele não perguntou se o Serviço Secreto Britânico estava de olho em você para saber quando se comunicava com esses homens em Gales do Sul?

Snow: Não me lembro disso.

White: Está dizendo que ele acreditou que você poderia se corresponder com seus homens em Gales do Sul sem o conhecimento da Inteligência Britânica? Não tive o privilégio de conhecer o Doutor, mas ele é algum imbecil?

Snow: É um homem muito sagaz, mas também muito lento para alguns assuntos.

White: Ele deve pensar que somos extremamente idiotas, não deve? Snow: Sim, certamente.

White: Pelo que entendo, o Doutor vê a situação da seguinte forma: ele diz que você está sob controle britânico, mas que isso pode muito bem ser uma vantagem. Seus subagentes estão incólumes, os britânicos não sabem sobre eles, você pode passar pelo controle do porto sem qualquer dificuldade e, portanto, pode levar consigo o que quiser, muito mais do que levou antes, e esse definitivamente é um ponto-chave, uma vantagem do ponto de vista alemão porque, desconhecido pelo Serviço Secreto Britânico, você pode distribuir esses explosivos aos seus homens em Gales do Sul. Acho que, durante todo o tempo, o erro que vocês dois cometeram foi ter essas suspeitas um do outro e estarem prontos demais para lançarem essas suspeitas um contra o outro.<sup>26</sup>

Apesar das longas horas de interrogatório, nada era certo, exceto que Rantzau evidentemente ainda pensava que Snow era um agente alemão, caso contrário, jamais teria lhe entregado 10 mil libras e materiais de sabotagem. Auxiliado e incentivado por Celery, Snow tinha frustrado e exaurido seus interrogadores com um relato quase incompreensível do que realmente tinha acontecido em Lisboa. Perplexo e abalado, Masterman ainda considerava o homenzinho como sendo o “W. G. Grace da espionagem” por seus serviços prestados à Grã-Bretanha, muito embora Snow a essa altura tivesse se tornado um agente triplo. Independentemente da situação, ele já não era útil ao Sistema Double-Cross.

Antes de decidir qual deveria ser o próximo passo, Robertson buscou conselho com um especialista da Harley Street. Snow havia reclamado de uma dor na lateral do corpo. O diagnóstico apontou um problema no coração, ou pelo menos foi o que ele afirmou. Todavia, o MI5 estava mais interessado no estado mental do que na saúde geral de Snow, conforme explicou Masterman ao telefonar para o consultório em Harley Street com o objetivo de marcar a consulta e pressionar o especialista sobre a necessidade da mais extrema discrição.<sup>27</sup>

“Pedi ao Dr. [nome censurado] para manter a mais completa discrição”, contou Masterman a Robertson. “Depois, expliquei que o paciente que o visitaria às 12h30 era um homem que vinha realizando trabalhos confidenciais e que era essencial, para nós, fazer tudo que pudéssemos para descobrir quão confiável ele seria. Falei que sabíamos que nenhum médico pode falar da saúde de um de seus pacientes sem autorização. Todavia, Snow havia sugerido que gostaria que o Major Robertson fosse com ele à consulta e que eu pensei que havia aconselhado que tudo sobre sua saúde fosse explicado ao Major Robertson. Se, por um lado, Snow não queria que seu estado de saúde fosse relatado a outras pessoas, o Dr. [censurado] se limitaria a nos dizer o que pensava de Snow como pessoa, e se o via como o tipo de indivíduo em cuja palavra se podia confiar.”

Ao especialista também foi pedido que avaliasse se Snow poderia ser aceito em uma casa de repouso. Para a consulta, Robertson se passou por amigo de Snow, mas os resultados acabaram se mostrando confidenciais e não seriam, sob nenhuma circunstância, enviados ao grupo.<sup>28</sup>

Snow chegou ao consultório acompanhado de Robertson e da "Sra. Snow" [Lily]. Depois de ouvir uma série de problemas, sendo a maior parte deles imaginários, o especialista descobriu que o problema era uma doença venérea, e Snow recebeu tratamento no St. Thomas Hospital. Com exceção desse problema, sua saúde ia bem, mas ele deveria parar de beber uma garrafa de licor por dia.

Em seguida, Robertson perguntou em particular ao especialista o que ele pensava. Snow era, sem dúvida, um golpista, avaliou o médico, e se realmente estivesse bebendo tanto quanto afirmava, então devia ter o corpo de um boi porque não havia nada errado com ele, exceto pressão alta. Na opinião do especialista, o agente estava mentalmente bem, mas era "muito espertalhão", um mentiroso preparado para trair qualquer um, se assim fosse de seu interesse.<sup>29</sup>

O fim veio rapidamente. Snow foi novamente chamado para um encontro com Robertson e Masterman na Casa Imperial em 10 de abril de 1941.

"Sente-se aqui", disse Robertson, apontando para a cadeira.

"Eu costumo me sentar ali", respondeu Snow.

"Posso acompanhá-lo, se quiser... Bem, agora deve ser 9h30 ou 9h45. [...] Eu precisava memorizar essa coisa [...] de explicar o seu caso na frente de testemunhas".

"Sim", respondeu Snow.

"E ambos juntos no mesmo cômodo e na mesma hora", continuou Robertson. "E chegamos à conclusão de que a única linha que podemos adotar com relação ao seu caso em particular é que, embora esteja ligado a nós, você já não nos é mais útil. Portanto, propomos envie, amanhã, uma mensagem dizendo que está muito doente e sem paciência, ou seja, não está preparado para continuar com esse jogo. Tudo bem?"

“Hum”, murmurou Snow.

“E também peça instrução do outro lado sobre o que deve fazer com os vários equipamentos que tem.”

“Sim.”

“Em sua representação do caso, o Doutor naturalmente deve esperar que o Serviço de Inteligência Britânico saiba exatamente qual mensagem está sendo enviada por você.”

“Sim, sim... Estou acompanhando.”

“Portanto, ele ficará furioso de pensar isso, o que joga a bola de volta nas suas mãos. Está acompanhando?”

“Exatamente. Sim.”

“Então essa é a situação”, enfatizou Robertson.

A decisão de demitir Snow havia sido tomada mais cedo, em um encontro de White, Robertson, Masterman e Marriott presidido por Liddell. Durante a reunião, todos concordaram que, ao dar a Snow 10 mil libras, Rantzau havia demonstrado a intenção da *Abwehr* de manter o grupo vivo ou para manter seu próprio prestígio, ou para usar Snow como tesoureiro de outros agentes britânicos enviados à Grã-Bretanha. Como seu equivalente britânico, Rantzau provavelmente acreditava que ainda havia muito a ganhar com o estudo das informações que o Sistema Double-Cross permitia a Snow transmitir, pois isso daria à *Abwehr* espaço para eliminar de seus cálculos o serviço de segurança britânico, visto como insignificante.

O fato de Rantzau querer manter Snow “vivo” era o argumento mais convincente para encerrar o caso, afirmou Liddell. As reações de Snow poderiam lançar luz à extensão de seu envolvimento com a *Abwehr*. A falha de Rantzau em responder com instruções sobre o transmissor de rádio de Snow podia ser entendida como uma confirmação de que o alemão também havia decidido encerrar o caso, além de ser prova adicional de que Celery em momento algum havia sido avisado, em Lisboa, sobre a “confissão”. No mínimo, o MI5 tinha justificativa para fazer cumprir o aviso de internamento 18B que recaía sobre Snow no início da guerra. A única decisão que ainda precisava ser tomada era se ele seria preso ou expulso do país. White estava confiante de que Rantzau acreditava que tanto

Snow quanto Celery eram controlados pela inteligência britânica, mas os mantinha em atividade como mensageiros para transportar dinheiro e materiais de sabotagem. White também achava provável que Rantzau aceitasse a palavra de Snow de que seus agentes em Gales do Sul não estavam comprometidos e ainda poderiam ser usados para sabotagem.

Depois de ouvir o julgamento, Snow pleiteou:

“Não posso ser útil ao país de alguma outra forma?”

“O que você sugeriria fazer?”, rebateu Robertson.

“Farei qualquer coisa.”

“Seja mais específico”, insistiu Robertson, pedindo uma explicação.

“Bem, não sou nenhum idiota. Tive uma boa educação e carrego muita experiência. E, se minha educação e minha experiência forem desperdiçadas...”

Robertson: Você teve uma grande oportunidade durante todos esses meses de realizar bons trabalhos, não teve? [...] Quer dizer, francamente, você andou muitíssimo ocioso.

Snow: Ah, não há dúvida quando a isso. Não me preocupei com nada.

Robertson, impaciente: Não, você não fez nada. Apenas viveu com um salário extraordinário – um salário que faria o ordenado de um ministro parecer ridículo se considerarmos a taxa de tributação atual.

Snow: É verdade.

Robertson: Bem, então, grosso modo, você está disposto a aceitar essa posição, não está?

Snow: Se você diz isso, não tenho nada mais a dizer. Eu certamente gostaria de fazer algo pelo país, mesmo assim. Não que eu queria ser pago por isso...

Questionado por Robertson sobre o que tinha em mente, Snow afirmou que agora estava em uma posição muito melhor para plantar informações falsas na organização alemã, pois Rantzau esperava que ele operasse como agente triplo e promovesse os arranjos para levar agentes da *Abwehr* à Inglaterra por meio das Ilhas do Canal.

“E aí”, sugeriu Robertson, “ele cria uma situação para você instalar outro transmissor para coletar material de sabotagem para os agentes em atividade neste país...”

“Um esquema incrível”, disse Snow, aplaudindo a si mesmo por inventar tudo aquilo.

“Um esquema tão incrível”, falou Robertson com desdém, “que se compara favoravelmente com todos os outros esquemas incríveis que ele criou para você, sendo que nenhum deles jamais deu certo. Tivemos pouquíssimos benefícios de qualquer um desses esquemas do Doutor para você. [...] Sugiro que ele os use como uma espécie de cortina de fumaça. Ele oferece uma quantia relativamente alta de dinheiro e deve ser um tolo para pensar que você pode trazer tudo isso para o país. Ele deve ser muito idiota para pensar que você conseguiria entrar com explosivos.”

Robertson: É totalmente inconcebível, se ele aceitar sua história, que você tivesse passado por nós dois meses e meio atrás, que ele permitiu que você tivesse carta branca para fazer o que quisesse sem que ele verificasse o que você estava fazendo. [...] Totalmente inconcebível. [...] Ele não está abalado por ter perdido todos os contados que você supostamente teria? Estou falando de Charlie, GW, Biscuit...

Snow: Ele não comentou nada sobre isso.

“Você está dizendo que esses homens não são amigos dele? GW, Charlie?”, interrompeu Masterman.

Snow: Ele não está nem um pouco interessado nesses homens. [...] Ele me vê como seu ajudante. [...] Acho que esses homens não significam nada para Rantzau. Nada, mesmo. Se ele os perder, isso não significaria nada para ele. Quando o assunto é negócios, ele tem o sangue frio.

Robertson, então, disse, após examinar várias declarações de Snow, que eles tinham a opinião unânime de que ele não havia contado o jogo a Celery antes da viagem à Alemanha.

Snow: Bem, contei antes de ele ir à Alemanha.

Robertson: Bem, essa é a nossa opinião. E, sendo assim, definitivamente enviou um homem a uma missão muito perigosa.

[...] Você o enviou com conhecimento de causa, insisto, para criar a pior situação, provavelmente para provocar a morte dele.

Snow: Isso é mentira. [...] Não fiz isso. Não fiz nada desse tipo. Dobler sabe. [...] E Dobler não era avarento.

“Quem era avarento, então? Você?”, perguntou Masterman.

Snow: Sim.

A conversa continuou em círculos durante a maior parte da manhã, até Robertson encerrar a entrevista lembrando a Snow que ainda existia o plano para ele enviar uma mensagem ao Doutor no dia seguinte, explicando que sua saúde e seu estado mental estavam em colapso, que ele abandonaria o plano, e perguntando o que deveria fazer com o transmissor.

“[...] Enquanto isso, se quiser nos comunicar alguma coisa após pensar a respeito dessa entrevista... Bem, você sabe meu endereço”, disse Robertson finalmente.

“E Lily?”, perguntou Snow.

“Ela o está esperando no carro.”<sup>30</sup>

O MI5 não tinha ignorado a possibilidade de Snow tornar-se um agente triplo sustentado por Rantzau e usar outro nome para entrar em um banco nos Estados Unidos ou no Canadá. Aliás, cartas pessoais a Lily interceptadas pela Divisão Especial sugeriam que planejavam uma vida para eles no Canadá.

Apesar de tudo, Snow provavelmente ainda se considerava um patriota. Durante os tempos de guerra, um agente duplo costuma ser definido como um homem que, em tese, seria um agente da Potência A trabalhando sob o direcionamento e a influência da Potência B, mas grande parte das atividades de espionagem de Snow ocorreu antes da guerra, quando os agentes não viam o menor sinal de deslealdade em trabalhar para dois governos simultaneamente e serem pagos por ambos. Masterman acreditava que Snow estava 75% do lado britânico e era empregado de Rantzau no restante do tempo. Ninguém jamais saberia qual dos países tinha mais valor para ele.

Em sua última transmissão, Snow disse a Rantzau que estava muito doente; com base nisso, o alemão concluiu que Celery era um

agente britânico que, tendo rejeitado os incentivos financeiros oferecidos na Alemanha, entregara Snow. O silêncio persistente no rádio significava que Snow estava ou na prisão, ou tinha se aposentado com as 10 mil libras. “Fui forçado a acreditar”, escreveu Rantzau posteriormente, “que a posição de Snow como um de nossos agentes era conhecida pelos britânicos. Evidentemente, como seu transmissor havia ficado em silêncio, os britânicos não estariam dispostos a empregá-lo como agente controlado. Por que eles não aproveitaram essa oportunidade é algo que pode apenas ser especulado. Talvez porque não tivessem alcançado sucesso em extrair informações suficientes dele a ponto de considerá-lo útil.”<sup>31</sup>

Snow passaria o restante da guerra primeiro na prisão de Stafford, depois em Dartmoon. Encarcerado pelo Regulamento 18B como uma ameaça séria à segurança, ele foi o único britânico preso em Dartmoon, onde os mais perigosos estrangeiros eram mantidos.

Independentemente das dúvidas acerca da lealdade de Snow, alguns membros do MI5 ainda acreditavam que ele tinha mais a oferecer ao serviço de segurança, fosse pelas personalidades envolvidas no serviço de inteligência alemão ou por ter se “recuperado” de seu “colapso” para continuar as transmissões de rádio. Em nenhum momento ele apelou contra sua prisão ou retirou sua “confissão”. Quando foi sugerido que Snow passasse por mais um interrogatório, tendo em vista possivelmente fazê-lo voltar à atividade, Masterman disse ao Comitê dos Vinte:

Se o interrogarmos novamente, é improvável que cheguemos mais próximos da verdade e pode ser que facilmente recebamos uma grande quantidade de invenções e blefes. Se o objetivo de voltar a questioná-lo for chegar à base de alguns dos mistérios sem explicação, acho que é improvável que a empreitada se prove bem sucedida. Ele nos passará mais informações, talvez melhores informações (se as tiver) somente se julgar que obterá, assim, melhores condições ou evitará punições piores.<sup>33</sup>

Masterman concordou que Snow poderia voltar à atividade em algum momento no futuro, com sua saúde restaurada e sendo capaz

de retomar suas atividades como agente alemão. Os alemães não sabiam se a doença de Snow era verdadeira ou dissimulada. Se ele estivesse em colapso, Rantzau não se surpreenderia caso Snow se recuperasse completamente em cerca de 9 meses, o momento exato para reabrir as comunicações. Masterman, então, sugeriu: "Ele poderia dizer que enfrentou dificuldades para encontrar um esconderijo seguro de onde pudesse fazer transmissões com segurança; que sua saúde continuava abalada e que, portanto, só retomaria as atividades com avisos sobre o tempo e outras informações menores, já que não poderia transitar pelo país para reunir outras informações. E que, obviamente, sua antiga organização havia se dispersado".

A proposta de Masterman para Snow consistia em transmitir informações inofensivas até a confiança de Rantzau ser suficientemente restaurada, para que então informações falsas pudessem voltar a ser enviadas. Snow não estaria autorizado, obviamente, a enviar informações sozinho; um agente interno do MI5 imitaria a "escrita" de Snow. No entanto, a proposta de Masterman foi rejeitada pelo comitê.<sup>34</sup>

O fato de Snow ser visto pela *Abwehr* como o elemento central da rede de inteligência britânica quando nenhuma rede de espionagem desse tipo existia devia-se, em parte, ao homem que, por seus defeitos, foi um dos maiores mestres da frustração durante a Segunda Guerra Mundial, um homem descrito por Masterman como alguém que transmitia informações de "valor incomparável" à inteligência britânica.<sup>35</sup>

Como devedor, o galês confirmou que a Grã-Bretanha estava desenvolvendo um radar, embora os alemães provavelmente já soubessem disso. Grande parte das informações que Snow entregou à *Abwehr* foi repassada antes do início da guerra e era relacionada à Força Aérea Real. Arquivos capturados da *Abwehr* nos National Archives de Washington, DC listam vários tópicos sobre os quais ele oferecera "informações", algumas tão imprecisas a ponto de provavelmente serem retirados de jornais locais:

Quartel da Força Aérea Real identificado na França, nos arredores de Strasburg.

Balão de barragem instalado para proteger os centros de comunicação da Força Aérea Real e da Marinha Real próximos a Portsmouth.

Vigilância pessoal informada no Aeroporto Croydon.

Apresentou descrição exata da camuflagem do prédio administrativo em Croydon.

Informou Ritter (condinome Rantzau) sobre um trabalho de pesquisa para aeródromos em Llanstephan, Gales.

Ofereceu informações gerais sobre as condições em Gales.

Descreveu o acréscimo de novas baterias de holofotes para aprimorar as defesas costeiras em West Hartlepool.

Observações pessoais sobre um trem transportando 600 oficiais da Força Aérea Real para St. Athan; bisbilhotou conversas.

Esboçou a localização de uma refinaria de petróleo da Marinha Real em Skewen; os tanques estavam cheios de petróleo bruto e chegavam pelas docas de Swansea.

Informou a Ritter (codinome Rantzau) que a maioria do combustível sintético usado pela Força Aérea Real vinha da Powell Duffryn Steel and Iron Company em Merthyr, na estrada que leva a Treharris.

Reportou que dez aviões da Força Aérea Real foram derrubados em Southampton, Portsmouth e Ilford devido a um incêndio acidental das armas antiaéreas.<sup>36</sup>

Snow espionava em troca de dinheiro e cobertura dos gastos. Em todas as ocasiões nas quais encontrou Rantzau em Bruxelas, Antuérpia ou Hamburgo, recebeu 200 libras, mas chegou a receber 800 libras em sua visita a Lisboa. As notas, todas falsificadas, eram sempre entregues por Rantzau, embora ele de fato considerasse saltar de paraquedas em algum ponto próximo ao Canal de Bristol antes de Snow vetar a ideia com medo que a Home Guard confiscasse seu salário.

Em seu primeiro encontro, no final de 1936, Rantzau perguntou a Snow por que ele estava preparado para trabalhar contra os interesses de seu próprio país. A única resposta foi que, como "um verdadeiro galês", ele não tinha qualquer simpatia pelos ingleses. Snow era um enigma e um paradoxo, tudo ao mesmo tempo.

Depois que ele foi para a prisão, Lily e o bebê, junto com Robert, filho de 21 anos de Snow, e a sra. Kaye Dicketts (esposa de Celery) receberam ordens de prisão em caso de invasão. Acompanhando essas ordens haviam instruções explícitas emitidas por Sir David Patrie, Diretor Geral do MI5, a John Marriot, aparentemente autorizando a execução da família se a Alemanha invadissem o país.

Assim que descobrir que uma invasão teve início, você executará as seguintes ordens:

1. Vá a Weybridge e cuide da sra. Snow [Lily] e do bebê, e também da sra. Celery.
2. Leve pessoalmente (Marriott) a sra. Snow e o bebê a Gales do Norte e cuide para que Reed, em outro carro, leve a sra. Celery e o filho de Snow ao mesmo destino.
3. Certifique-se de que Reed destrua todos os documentos e desmonte e coloque em seu carro todo o aparato de Snow.
4. Ao chegar a Gales do Norte, reporte ao Capitão Finnelly da R.S.L.O.: Tel Colwyn Bay 4787 – Escritório, Colwyn Bay 2862 – Casa; Endereço: Melfort, Kinmel Road, Colwyn Bay.

5. Como é de vital importância que a sra. Snow não caia nas mãos do inimigo, esteja preparado para tomar qualquer atitude necessária no sentido de impedir que isso ocorra.
6. Você deve, na medida do possível, permanecer próximo ao carro de Reed e, caso pareça provável que o inimigo possa capturar o filho de Snow, peça para que Reed faça o que for necessário para evitar que isso ocorra.

Para ajudá-lo a levar a cabo essas instruções, certifique-se que lhe será oferecido o seguinte:

1. Não menos de 10 libras em espécie.
2. Cupons de combustível para 20 galões.
3. Um revólver.
4. Dois pares de algemas (para a sra. Snow ou o filho de Snow, ou para ambos).
5. O documento de seu carro.

Você deve se familiarizar com o caminho para Gales do Norte e estudar todas as rotas pelas quais seu carro passará, pois isso permitirá que viaje sozinho. Depois de ter feito contato com o Capitão Finney em Gales do Norte, auxilie o sr. Mills a assumir o controle do pessoal controlado por essa seção. Você também deve cooperar com a R.S.L.O.

Essas ordens devem ser queimadas assim que as memorizar.

N.B. Ordens sob o Regulamento 18B foram criadas e estão agora neste escritório.

Assinado D.P.

3/4/41<sup>37</sup>

Como nunca houve uma invasão, a família de Snow sobreviveu. Hitler adiou a Operação Leão Marinho indefinidamente para se

concentrar na Operação Barbarossa, a invasão da União Soviética. De qualquer modo, Robert, filho de Snow, ficou detido desde maio de 1941 até o fim da guerra na Ilha de Man, com centenas de outros considerados uma ameaça à segurança nacional. Robert, que apesar de tudo era muito apegado ao pai, teve a louca ideia de que, se “confessasse” ser um agente inimigo, a sentença de Snow seria reduzida ou, no mínimo, pai e filho poderiam passar o restante de suas sentenças juntos em Dartmoor ou na Ilha de Man. Porém, tudo que Robert tinha feito fora ajudar o pai a instalar uma antena no sótão para o transmissor de rádio.

Depois que seus pais se separaram, Robert, então com 21 anos, escolheu viver não com a mãe, que ele alegava “pedir dinheiro o tempo todo”, mas com o pai e Lily. Quando Snow foi preso, Robert se ofereceu ao MI5 como agente e “confessou” ter sido um espião nazista. Em uma carta a Robertson, alegou ter informações que lhe permitiam ter acesso ao território inimigo:

Tenho informações relacionadas aos meios que me permitem entrar e sair dos países ocupados e do inimigo. Portanto, ofereço meus serviços ao Estado. Se permitir que nos encontremos o mais rapidamente possível, poderemos discutir todos os detalhes de minha proposta.<sup>38</sup>

Robertson e Masterman encontraram-se com Robert no Ministério da Guerra. Sua história era que, enquanto almoça sozinho no restaurante italiano Mars, na Frith Street, Soho, um homem sentado à sua frente perguntou: “Você é o filho [de Snow]?” O indivíduo parecia saber tudo sobre ele e, por fim, pedira-lhe que se unisse a “eles”. Robert acreditou que aquele era um convite para se tornar um agente inimigo, o que lhe permitiria entrar como espião britânico em territórios ocupados.

Depois de ouvir a história inverossímil do jovem rapaz, os dois controladores da Double-Cross disseram que ele não era qualificado para se tornar um agente, que nunca seria digno de confiança, que a segurança de outras pessoas jamais poderiam correr riscos nas mãos dele e que ele havia superestimado suas próprias habilidades.

Em resposta, Robert admitiu que só queria garantir a libertação do pai e que, para isso, estava disposto a assumir qualquer risco. Ao ouvir repetidas e repetidas vezes que não poderia ser útil, o jovem ficou agitado e agiu duramente em um esforço para exagerar sua própria importância, alegando que havia trabalhado para os alemães. Antes da guerra, Robert havia mapeado os aeródromos no sul de Londres, incluindo Biggin Hill, e enviado os mapas ao endereço em Hamburgo que seu pai usava para se comunicar com a inteligência alemã. Enviar os mapas à Alemanha fora um ato de bravata e seu pai ficara furiosíssimo. Questionado sobre as simpatias de Snow, Robert disse que elas pareciam ser pró-Alemanha no início da guerra, mas que agora era totalmente favoráveis à Grã-Bretanha.<sup>39</sup>

Essa tentativa frustrada de emular a aptidão sênior de Snow para frustração teve consequências catastróficas para o filho. Embora Masterman e Robertson não acreditassem em uma palavra, foram obrigados a reportar a conversa para a Divisão Especial. Talvez teimoso, talvez tolo, Robert recusou-se a retirar o que havia dito e foi preso até o fim da guerra na Ilha de Man. O Ministério do Interior recusou-se a permitir que ele cumprisse a pena com o pai em Dartmoor.<sup>40</sup>

A consequência imediata da prisão de Snow foi a demissão do Sistema Double-Cross dos agentes Celery, Biscuit e Charlie. Celery foi mantido no jogo por mais alguns meses, tendo retornado a Lisboa em junho de 1941, onde tentou convencer um agente chamado Sessler a mudar de lado, o que o alemão concordou em fazer sob a condição de entrada livre nos Estados Unidos. Nada disso trouxe qualquer resultado e o caso de Celery no MI5 foi encerrado em junho de 1941. Então foram feitos os arranjos para que ele trabalhasse para o MI6 no Rio de Janeiro. Tudo parecia estar no lugar, incluindo o pagamento de indenização a um funcionário no Rio quando o MI6 alegou que o MI5 estava invadindo seu território no exterior. O que aconteceu com ele depois disso é um mistério. Apesar da explicação concisa de Masterman de que Celery “entrou para o mundo dos negócios e desapareceu de nossa vista”, há sinais

de que algo mais sinistro tenha ocorrido, uma vez que o arquivo de Celery é encerrado como um caso de “má sorte”. Felizmente para o Sistema Double-Cross, o falecimento de Snow coincidiu com a ascensão de GW e a abertura de um novo canal para enganar os alemães.<sup>41</sup>

*Nota do autor: Os volumes 21 e 22 do arquivo de Snow no MI5 (TNA, KV 2/450) contêm notas taquigráficas de sua história e de seu interrogatório. A história de Snow pode ser encontrada em 1081a; seu interrogatório, em 1091a, 1092a e 1093a. Em conjunto com o apresentado acima, leia 1090a e 1097a.*

TNA, KV 2/451, relato final de John Gwyer ao MI5 sobre os casos de “Snow, Biscuit, Celery, GW, Charlie e Summer”, 23 de abril de 1946.

*Ibid.*

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, pp. 741–4, 751–2, 759–60, 763, 767–70; TNA, KV 2/451, 1483a, J. M. A. Gwyer a Lorde Rothschild, 25 de maio 1942.

Masterman, *The Double-Cross System*, p. 92.

TNA, KV 2/451, folio 1360b, encontro de Dr. Rantzau com Snow e Celery em Lisboa, relato de J. H. Marriott e J. M. A. Relato de Gwyer, 17 de novembro de 1941; TNA, KV 2/451, Relato final de Major Ritter [Rantzau] sobre o caso de Johnny [Snow] (tradução), 31 de julho 1941.

TNA, KV 2/450, folio 1109a, declaração de Snow ao MI5, 7 de abril de 1941 pp. 1–2.

*Ibid*, p. 2.

*Ibid*, pp. 1–6.

*Ibid*, p. 2.

*Ibid*, p. 3, 5

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 1, 22 de março de 1941, pp. 815–6.

TNA, KV 2/450, folio 1109a, declaração de Snow ao MI5, 7 de abril de 1941, pp. 1–6. 4

*Ibid*, pp. 4–5.

TNA, KV 2/451, folio 1360b, encontro de Rantzau com Snow e Celery em Lisboa, relato de J. H. Marriott e J. M. A. Gwyer, 17 de

novembro de 1941, pp. 1–6.

TNA, folio 1109a, declaração de Snow ao MI5, 7 de abril de 1941, pp. 1–16.

*Ibid.*

*Ibid.*

TNA, folio 1109a, declaração de Snow ao MI5, 7 de abril de 1941, p. 9.

TNA, KV 2/450, transcrição do interrogatório de Snow, 13 de abril de 1941; TNA, KV 2/451, folio 1360b, Marriott, relato de Gwyer no encontro em Lisboa, 17 de novembro de 1941.

TNA, KV 2/451, relato final do Major Ritter's [Rantzau] sobre o caso de Johnny [Snow] (tradução), 31 de julho de 1941.

Masterman, *The Double Cross-System*, p. 93; pagamentos de Snow a Tate, pp. 160–1.

TNA, KV 2/450, folio 1097a, nota sobre o interrogatório de Snow, Marriott, 3 de abril de 1941.

TNA, KV 2/450, folio 1093, "Snow", ver transcrição do interrogatório de Marriott, 1 de abril de 1941.

TNA, KV 2/450, folio 1090a, Marriott sobre Snow, sem data.

TNA, KV 2/450, folio 1110a, transcrição dos interrogatórios de Snow e Celery, Parte 111, pp. 1–45.

TNA, KV 2/674, Celery a Robertson, 29 de março de 1941; TNA, KV 2/450, folio 1110a, transcrição dos interrogatórios de Snow e Celery por Dick White, Parte 111, sem data.

TNA, KV 2/450, Consulta de Snow com o especialista da Harley Street, 4 de abril de 1941, relatos, Masterman a Robertson, 5, 18 de abril de 1941.

*Ibid.*

*Ibid.*

TNA, KV 4/187, GLD, Volume 3, Parte 2, discussão do MI5 sobre as opções de Snow, pp. 851–4; TNA, KV 2/450, interrogatório de Snow por Masterman, Robertson, caso encerrado, 10 de abril de 1941; Marriott, KV 2/450, folio 1092, 31 de março de 1941, *também* folio 1109A, 7 de abril de 1941.

TNA, KV 2/451, folio 1360b, relato final do Major Ritter's sobre o caso de Snow (tradução), 31 de julho de 1941.

*Ibid.*

*Ibid.*; nota de Masterman no memorando "Dr Ritter's meeting with Snow and Celery in Lisbon", 26 de novembro de 1941.

TNA, KV 2/450, folios 1090a, 1097a Marriott sobre Snow, sem data.

Masterman, *The Double-Cross System*, pp. 36–45.

Farago, *The Game of the Foxes*, pp. 226–8.

TNA, KV 2/450, Petrie a Marriott, instruções em 3 de abril de 1941, família de Snow.

TNA, KV 2/451, folio 1230a, confissão de Robert Snow, 7 de agosto de 1941; KV 2/451, folio 1231x, nota de Masterman.

*Ibid.*

TNA, KV 2/451, carta, Snow Junior ao Ministro da Administração Interna, sr. H. Morrison, 21 de janeiro de 1943.

TNA, KV 4/188, GLD, Volume 4, Parte 1, pp. 938, 996; TNA, KV 4/188, GLD, Volume 4, Parte 2, p. 29; Masterman, *The Double-Cross System*, pp. 92–3.

# DENTRO DA REDE DE ESPIONAGEM DE ALCAZAR

**GUY LIDDELL, CHEFE DE CONTRAESPIONAGEM NO MI5,** estava muito animado. “Alcançamos um grande sucesso com Alcazar de Velasco”, escreveu em seu diário. “Ele entregou a GW, na presença de Calvo, 50 libras”.

Apenas um mês antes, Liddell havia instruído seus Agentes de Ligação na Segurança Regional a aumentarem a vigilância sobre diplomatas espanhóis suspeitos de envolvimento com a espionagem. Se necessário, eles deveriam ser provocados, mesmo que isso significasse que o Embaixador Espanhol apresentasse uma queixa oficial junto ao Governo Britânico. “Nossos cônsules continuam sendo assediados no exterior, e não vejo motivos para, no caso de japoneses ou espanhóis, não acompanharmos os oficiais consulares”, declarou Liddell. “Isso pode funcionar como um impedimento e não pode, à luz de nosso conhecimento do que essas pessoas estão fazendo, ser facilmente motivo para uma queixa séria.”<sup>1</sup>

O fato de os tentáculos da rede de espionagem espanhola estarem além de Londres foi corroborado quando GW reportou que o cônsul em Cardiff, um fervente simpatizante pró-Alemanha de codinome “Parsley”, espionava os movimentos de entrada e saída nos portos do Canal de Bristol. O MI5 também sabia de “Queenie”, dona de um café em Bute Street, Cardiff, no qual marinheiros e

outras pessoas que desejassem entrar nos Estados Unidos poderiam facilmente obter identidades falsas.<sup>2</sup>

A transação financeira entre o agente alemão Alcazar e GW na presença de Luis Calvo, um jornalista falangista ligado à embaixada da Espanha e empregado pela agência de notícias de propriedade de Ramón Suñer, cunhado do General Franco, mostrou a ligação de Calvo com a rede de espionagem que operava de dentro da embaixada. Brooman-White, que cuidava da seção de Movimentos Celtas do MI5, queria prender Calvo e vários outros espanhóis imediatamente. Robertson se opunha a esse movimento, pois algo assim significava sacrificar GW. Masterman também apresentou um recurso oficial com Liddell em nome de seu agente galês. No fim, Liddell concordou em não agir prematuramente, mas em esperar para ver aonde levava o rastro de Alcazar. Não muito tempo antes, Alcazar havia evitado as garras da segurança britânica e deixara o país, mas agora havia retornado e estava trabalhando com um visto emitido por um Ministério das Relações Exteriores ainda relutante em declará-lo *persona non grata* por medo de represálias contra diplomatas britânicos em Madri.<sup>3</sup>

Depois de, instruído por Robertson, passar quatro meses escondido, GW foi enviado pelo controlador do Sistema Double-Cross para bater na porta dos fundos da embaixada em Belgrave Square e perguntar ingenuamente sobre o retorno de del Pozo. Robertson imaginou que Rantzau ainda estivesse mantendo GW disponível para operações futuras, apesar das inexplicáveis circunstâncias envolvendo a eliminação de Snow. O porteiro da embaixada, Segundo, abriu a porta dos fundos e, depois de receber GW como um velho amigo, passou-lhe o endereço de Calvo: Apartamento 24, 19–21 Chesham Street SW1. O galês aparentemente ainda fazia parte da folha de pagamento.

GW escreveu a Calvo apresentando-se como um agente trabalhando em nome de um amigo mútuo, del Polzo, em uma questão sensível. Seu relatório confidencial agora estava disponível para ser entregue. GW incluiu um envelope com selo e já preenchido para a resposta de Calvo, a qual ele recebeu alguns dias depois, com

o espanhol se oferecendo para entregar o relatório a del Pozo caso eles pudessem marcar um encontro em Londres.<sup>4</sup>

Robertson e Brooman-White encontraram GW no Bachelors' Club para planejar o passo seguinte. GW deveria ter todo o cuidado possível, permanecer alerta e apreensivo e parecer não estar disposto a entregar seu relatório até Calvo se mostrar o homem certo para a discussão de questões confidenciais. Então, deveria lhe repassar pequenas informações, aos poucos, sobre o encontro com Rantzau na Antuérpia, os treinamentos de sabotagem e os arranjos com del Pozo para transmitir informações por meio da mala diplomática. Quando GW tivesse a confiança de Calvo, deveria oferecer ao espanhol a venda de um documento secretíssimo, o "Plano IV".<sup>5</sup>

Do clube noturno, Robertson e GW seguiram para a Imperial House. Um refúgio para espões soviéticos na década de 1930, o local agora era um ponto de encontro de várias divisões do MI5. Todos os escritórios eram discretos, pouco mobiliados, escondidos pelas cortinas do Departamento de Guerra, com janelas cobertas por filme adesivo para segurar estilhaços caso a Luftwaffe resolvesse atacar. O espaço era frio e inamistoso; portanto, não era surpresa que os principais controladores do MI5 preferissem o conforto do clube noturno. Após abrir uma gaveta, Robertson puxou uma pasta marcada como "Plano IV" e pediu a GW para tomar nota dos principais títulos ali existentes, mas sem detalhes. Para Calvo, a história seria que os documentos haviam sido roubados por "Sullivan", um mensageiro do governo que queria 25 libras pela pasta. Para estimular Calvo a comprar os documentos, GW deveria lhe mostrar apenas uma lista de conteúdos àquela altura.<sup>6</sup>

O MI5 vinha procurando uma oportunidade de reabrir um canal com a *Abwehr* para transmitir informações falsas. O Ministério da Aeronáutica estava preocupado em afastar a Luftwaffe das cidades e fábricas, levando-a para perto dos aeródromos. Como o inimigo tinha de lançar suas bombas em algum lugar, era melhor se elas fossem direcionadas aos aeródromos, que tinham mais defesas antiaéreas. Porém, a pasta "Sullivan" pretendia mostrar que esses

aeródromos não tinham boas defesas. Um documento intitulado “Relatório de Danos” apresentava detalhes do grande número de aviões britânicos destruídos quando a Luftwaffe os atacara. Outra minuta apontava as queixas de treinamentos inadequados do pessoal de defesa em solo.<sup>7</sup>

Ao chegar à estação de Paddington para seu encontro com Calvo, GW atravessou a plataforma e se aproximou de uma cabine telefônica. Então, ligou para o apartamento do Espanhol Sloane 4040. Uma mulher, que se apresentou como Natasha, atendeu. Calvo não estava em casa e retornaria dentro de uma hora, ela explicou. Assim como seu compatriota, ele havia arrumado uma amante – nesse caso, uma russa, Natasha Anton, que dividia com um agente do FBI chamado Fellner, na época trabalhando clandestino em Londres. Quando GW retornou a ligação, o serviço de telefonia já havia grampeado a linha:

GW: É Sloane 4040?

Calvo: Sim.

GW: O sr. Luis Calvo está em casa, por favor?

Calvo: É ele falando.

GW: Sr. Calvo, lembra que eu lhe escrevi há algum tempo de Swansea? Meu nome é Williams.

Calvo: Ah, sim.

GW: Gostaria de agendar um encontro ou para esta noite, ou para quando for conveniente.

Calvo: Bem, esta noite estarei por aqui até por volta das 7h45.

GW: Bem, passarei por aí às 7h45 para vê-lo.

Calvo: Combinado. Obrigado. Até logo.<sup>8</sup>

GW teve seu primeiro encontro com Calvo às 7h15 da noite de 23 de junho de 1941. Chesham Street era uma construção vitoriana branca, com pórticos e pilares guardando cada entrada como uma miniatura da acrópole. Calvo alugou uma dessas propriedades, sendo que o valor era pago pela embaixada, que ficava a uma caminhada de 5 minutos. “Muito conveniente”, GW deve ter pensado enquanto deixava o metrô em Knightsbrige e atravessava Sloane Square para chegar a Chesham Street.

O apartamento ficava no primeiro andar, bem diante de uma escada em espiral. Enquanto eles trocavam um aperto de mão, Calvo assentiu calmamente para o homem à porta, reconhecendo GW de uma fotografia que a *Abwehr* havia lhe mostrado em Madri. Uma pequena passagem levava a uma sala de estar grande, elegantemente mobiliada, com carpete e uma janela com vista para Lowndes Mews, atrás do prédio. Ao lado da janela havia uma mesa e um telefone. Existiam, ainda, três outras portas, uma delas, a do banheiro, entreaberta, e as demais firmemente fechadas.

Calvo tinha basicamente a mesma altura e o mesmo porte de del Pozo, mas um rosto mais saudável. Também era mais cuidadoso, sempre tomando um tempo antes de responder as perguntas – diferentemente de del Pozo, que as respondia muito mais ligeiro.

“As perguntas que você fez ao sr. del Pozo eram sobre o quê?”, questionou timidamente. “Ele lhe deve dinheiro? Se esse for o caso, a embaixada resolverá o problema.”

“Receio que essas perguntas sejam de natureza confidencial e seria impróprio da minha parte expor algo assim, exceto a alguém que pudesse transmiti-las diretamente ao sr. Del Pozo”, explicou GW, piscando um olho e acrescentando: “É claro que você deve saber que sou um nacionalista galês.”

“Acho que compreendo”, respondeu Calvo. “Del Pozo era um tolo. Arrumou problemas por conta do que foi publicado no jornal. Foi enviado para cá por um partido político espanhol com o objetivo de conseguir, em primeira mão, informações sobre a extensão dos bombardeios alemães. Mas, como resultado das queixas feitas contra ele por autoridades britânicas e espalhadas por artigos da imprensa, [...] acabou enviado de volta para a Espanha. [...] Ele partiu de navio de Liverpool, o navio foi atingido por um torpedo no caminho e ele, então, seguiu viagem em outra embarcação de Açores até a Espanha, onde, ao chegar, foi preso. Seu pai é um homem muito influente, então, a essa altura del Pozo já deve estar solto”, explicou Calvo. Depois de fazer uma pausa, continuou: “Onde você se encontrava com ele?”

“Na maioria das vezes, em Athenaeum Court, onde ele vivia. Em algumas ocasiões, no Cumberland Hotel e na embaixada da

Espanha. Segundo me deixava entrar.”

“Isso não é muito sensato... É perigoso encontrar-se no mesmo lugar tantas vezes. Segundo também é um tolo, não passa de um porteiro.”

Olhando para o relógio, Calvo falou:

“Tenho um encontro. Podemos nos encontrar em outra ocasião? Quando você retorna a Gales?”

GW disse que estaria em Londres por mais alguns dias em uma viagem de negócios. O espanhol pensou por alguns instantes antes de responder:

“Pode me encontrar em algum lugar amanhã à noite?”

“Sim.”

“Onde?”

“Onde você preferir. Acho que conhece Londres melhor do que eu.”

“Bem”, disse Calvo. “Vou encontrá-lo na entrada da estação de metrô Knightsbridge que dá para Sloane Street, amanhã, às 6 horas da tarde. Então daremos uma volta de carro. Estou muito interessado no que você disse.”

Aproximando-se da janela, Calvo apontou para um Vauxhall FXF 843 estacionado abaixo, em Lowndes Mews. “Aquele é meu carro”, explicou antes de GW deixar o apartamento.<sup>9</sup>

Na noite seguinte, o horário de pico seguia a todo vapor, os funcionários públicos entrando e saindo de Sloane Street e seguindo em direção ao metrô, em sua maior parte homens de meia-idade que cuidavam das gerações mais jovens nas forças armadas. Assim que o Vauxhall cinza de Calvo se aproximou, GW entrou no veículo e os dois seguiram para um lugar quieto em Hyde Park. Era o início do verão, uma noite longa e aquecida, mas as janelas do carro permaneceram fechadas enquanto Calvo explicava que passaria a Madri qualquer relato que GW tivesse.

Escolhendo cuidadosamente suas palavras, GW respondeu: “Você está ciente de que a informação que del Pozo me pediu para obter não tinha como objetivo as autoridades espanholas?”

Calvo hesitou, inicialmente afirmando ignorar o assunto. Por fim, admitiu: “Sim, eu sei. Chegou ao meu conhecimento quando tive de

reclamar da conduta de del Pozo neste país. Então me foi dito para não incomodar, pois ele estava fazendo um trabalho muito bom aqui. Também me afirmaram que as informações publicadas pela imprensa inglesa eram mais ou menos um disfarce para suas outras atividades, as mais importantes.”

“Por que, então, prendê-lo quando ele retornou à Espanha?”, questionou GW.

“Para satisfazer as autoridades britânicas que se queixaram. [...] A prisão foi meramente uma questão formal. [...] Autoridades espanholas e alemãs estão trabalhando em conjunto, de mãos dadas. [...] Todo espanhol se sente sinceramente grato pelo que os alemães fizeram pela Espanha. [...] Se não fossem os alemães, os Vermelhos teriam controlado o país, [...] tomado o governo e Gibraltar ao mesmo tempo. [...] Portanto, a Inglaterra tem algo a agradecer. [...] A Inglaterra não deveria ter declarado guerra à Alemanha.”

Calvo, então, questionou por que del Pozo estava trabalhando com alguém que anteriormente lhe era um desconhecido e que vivia do outro lado do país. Isso era um assunto confidencial, respondeu GW, que somente poderia ser revelado a alguém digno de confiança.

Depois de uma breve pausa, Calvo respondeu: “Gostaria que você confiasse mais em mim. [Conte] algo sobre seus questionamentos. Certamente podemos trabalhar bem juntos e certamente você não vai se arrepender.”

A relação estava em um ponto crítico. O espanhol claramente sentia-se ansioso por agradar e GW julgou que esse seria o momento para revelar suas credenciais nacionalistas galesas como líder de um grupo de colaboradores. Os financistas ingleses, ele explicou, vinham vivendo dos lucros produzidos em Gales enquanto fechavam as fábricas e deixavam o país passando fome.

Calvo ficou impressionado com o ataque de GW aos ingleses. “Os galeses são como os espanhóis do norte da Espanha”, declarou com certo ar de compreensão.

Confiando que Calvo estava de seu lado, GW descreveu seu recrutamento pela *Abwehr* na Bélgica para sabotar o esforço de guerra britânico. Então, tirou do bolso uma folha de papel contendo

o índice de conteúdos do “Plano IV”, o chamado documento “Sullivan”.

“Tenho isso”, declarou GW. “Veio de um amigo em um dos departamentos do governo. Ele quer 25 libras pelo original.”

Calvo ficou impressionado por GW ter obtido um documento tão importante e prometeu entrar imediatamente em contato com Madri.

“Terá de ser traduzido e codificado, mas posso prometer que cuidarei de levá-lo ao lugar certo o mais rapidamente possível”, disse o espanhol animado.

Nesse momento, GW dobrou a folha de papel como se quisesse rasgá-la. Percebendo a intenção, Calvo a puxou de sua mão e a colocou diante do isqueiro para queimá-la. Então GW avisou que aquilo certamente atrairia a atenção da polícia.

“Queimarei no hotel. Nunca carrego comigo materiais incriminadores por um instante além do necessário”, declarou GW, recolhendo o papel.

Deixando Hyde Park, eles seguiram de carro diretamente até o Spanish Club e, enquanto bebiam, GW foi apresentado a um médico de Harley Street e a uma mulher que conhecia a Península de Gower. Depois, tomou um táxi de volta à Imperial House, em Russell Square.<sup>10</sup>

Quando GW foi entregar o “Plano IV” no apartamento de Calvo, um mês depois, a amante Natasha abriu a porta. O espanhol estava em um longo telefonema. Ele disse que Madri o havia autorizado a receber qualquer informação em nome de del Pozo e que ele garantia que elas chegariam sem atraso aos “amigos alemães” de GW. A portas fechadas, outro homem esperava e ouvia.

“Eu agora tenho os documentos sobre os quais conversamos em nosso encontro”, afirmou GW, entregando o dossiê. “Eles são muito secretos e confidenciais e precisam ser entregues a meus amigos.”

Depois de correr o olhar pelos papéis, Calvo respondeu:

“Eles parecem ser de grande importância. [...] Eu não os entendo. [...] Cuidarei para que sejam entregues com segurança a seus amigos [...] na próxima semana, sem falta.”

De repente, a porta do cômodo ao lado se abriu e um indivíduo moreno entrou e analisou GW cuidadosamente antes de cochichar em espanhol com Calvo. O desconhecido não se apresentou e logo saiu. Aquele homem, explicou Calvo, havia chegado recentemente da Espanha, não falava inglês e ficaria com ele por dois meses. Antes de sair, GW entregou a Calvo uma cópia do jornal nacionalista *The Welsh Nation* e alguns folhetos do partido para que fossem enviados junto com o dossiê "Sullivan" na mala diplomática.<sup>11</sup>

O homem misterioso era Don Angel Alcazar de Velasco – Alcazar ou Angel para o MI5 e Guillermo na Kriegsorganisationen (KO), uma divisão de espionagem da *Abwehr* na Espanha neutra antes do início da guerra e comandada pelo almirante Wilhelm Canaris, chefe da Inteligência Militar Alemã. Essa era uma das seis grandes KOs, sendo as outras em Portugal, Suíça, Suécia, Turquia e China. No centro da colaboração da *Abwehr* em países neutros, a KO de Madri tinha autorização do General Franco para operar livremente e manter postos de vigilância em ambos os lados de Gibraltar para reportar o movimento de navios pelos estreitos. Canaris, em virtude de seu envolvimento na Guerra Civil, tinha uma relação íntima com o Serviço Secreto Espanhol, o Sirene, que, para todos os motivos práticos, era um braço da *Abwehr*. A seção Double-Cross de Robertson sabia, com base na descrição de GW, que Alcazar havia retornado, e viu outra oportunidade de entregar informações falsas aos alemães. Em sua última missão de espionagem para a Grã-Bretanha, Alcazar não se mostrara uma grande ameaça. A maior parte de seus esforços – dos quais ele se gabava por administrar uma rede de espionagem com dezenas de agentes – gerara resultados indiferentes e sem qualquer valor para os alemães. Robertson duvidada, mas imaginou corretamente que Alcazar iria querer os créditos por obter o "Plano IV". A descrição do dano causado à aeronave britânica em solo agradou tanto a Luftwaffe que Goering mostrou o ocorrido ao Führer, que autorizou o pagamento de um bônus a Alcazar. Agora, a *Abwehr*, faminta por informações, queria mais do mesmo.<sup>12</sup>

No dia seguinte, depois de se encontrarem no saguão do Imperial Hotel em Russel Square, Calvo levou GW até a Chancelaria da Embaixada para explicar os arranjos para o uso da mala diplomática. Mais uma vez, surgiu uma lista de itens para GW reportar: movimentos de navios, de navios de carga, racionamento de comida e a localização de instalações militares e fábricas de munição. Nesse momento, Alcazar entrou na sala e, sem esperar até ser apresentado, ofereceu um forte aperto de mão a GW antes de abrir uma pequena pasta de couro e entregar-lhe dez notas de 5 libras, todas falsas. Alcazar, então, desapareceu, deixando que Calvo explicasse:

“Pode ficar tranquilo. Ele o reconheceu por sua fotografia.”

GW pediu outras 500 libras para manter seus sabotadores felizes enquanto esperavam a entrega de explosivos. De acordo com Calvo, os alemães tinham tentado, mas o submarino não conseguiu se aproximar o suficiente da encosta por conta da água rasa em Oxwhich Bay. Ele pediria aos “amigos do outro lado” para tentarem outra vez. Enquanto isso, o que GW pensava de Rudolf Hess, delegado de Hitler, pousar seu avião na Escócia?

“Não sei”, respondeu GW à mudança súbita de assunto.

“Definitivamente está de acordo com a invasão”, opinou o espanhol, sorrindo intencionalmente. “Ele veio fazer arranjos com agentes e amigos, com nacionalistas escoceses e com você!”

GW franziu a testa. Ninguém sabia ao certo por que Hess havia feito aquilo, embora houvesse especulações de que ele fosse um emissário de Hitler para negociar um acordo de paz com aqueles que se opunham a Churchill e à guerra.

“Ele tinha consigo, no avião, todos os nomes e endereços”, continuou Calvo. “Inclusive o seu. Quando não conseguiu completar sua missão, ateou fogo no avião e na lista.”<sup>13</sup>

Havia apenas um item na pauta da próxima reunião do Comitê dos Vinte: o uso de GW no futuro. Tendo alcançado êxito ao penetrar na rede de espionagem espanhola uma segunda vez, deveria o galês enforçar Calvo e Alcazar, reunir informações para a equipe antissabotagem de Rothschild e passar mais documentos do

tipo do dossiê Sullivan? Ao abrir o encontro, Masterman disse que GW era tão importante que apenas o Comitê dos Vinte deveria poder direcionar seus movimentos.

“Também deve ser lembrado que não podemos ditar aos alemães como exatamente ele deve trabalhar”, acrescentou Masterman. “Eles podem demonstrar um interesse muito maior em seu potencial para sabotagem do que em seus documentos, ou vice-versa. E, se quisermos que nosso trabalho de frustração continue existindo, devemos nos adaptar ao que eles querem.”

Um problema imediato para Masterman na posição de diretor do Comitê dos Vinte era a rivalidade entre os departamentos. Nem todos os membros do Comitê gostavam da ideia de dividir seus segredos e métodos de operação. O MI6 (o Serviço Secreto de Inteligência, antigo SIS) era o pior ofensor. A enorme vantagem da Grã-Bretanha na guerra de segredos era o fato de os decifradores de códigos na Code and Cipher School, em Bletchley Park, terem, com a ajuda de Snow, tirado proveito do tráfego de informações da *Abwehr*. No entanto, o MI6 mostrava-se relutante em distribuir essas informações descritografadas ao restante da comunidade de inteligência por medo de colocar em risco seus próprios agentes em campo ou de alertar a *Abwehr* de que as mensagens criptografadas estavam sendo lidas, levando à alteração do código. A falta de cooperação também se estendia aos BJs, os equivalentes da inteligência japonesa. Todavia, Masterman acreditava que o Comitê dos Vinte deveria ter acesso rotineiro a essas mensagens, as quais, combinadas com outras informações, revelavam os níveis de confiança que a *Abwehr* tinha em agentes que ela pensava controlar, mas que, na realidade, operavam no Sistema Double-Cross de Robertson. Sir David Patrie, diretor-geral do MI5, apoiou Masterman, que posteriormente recebeu traduções das mais recentes informações descritografadas para distribuir a membros do comitê antes de cada encontro, que sempre ocorria às quintas-feiras. Depois das reuniões, as cópias eram recolhidas e destruídas.<sup>14</sup>

As informações interceptadas mostravam que, embora GW tivesse tido dois períodos de inatividade desde 1929, quando fora recrutado

por Rantzau na Bélgica, os agentes da *Abwehr* em Madri, Frederico e Pablo, continuavam descrevendo-o como “um bom amigo dos alemães”.

Brooman-White ainda queria matar GW para enforcar Calvo. Masterman não podia fazer nada quanto a isso e insistia que teria de receber ordens de uma autoridade muito superior para realizar algo desse tipo. “Acho que ainda estamos muito longe de nos comprometermos com um concurso desse tipo”, declarou. “Mesmo se algo assim fosse acontecer, temos de nos sentir absolutamente satisfeitos como fato de a evidência de GW ser conclusiva. E Calvo morrerá como quiser antes que possamos decidir sacrificar GW. Acho que, no momento, o resultado de um movimento assim é muito duvidoso.”

Rothschild votou por continuar comandando GW até os alemães entregarem amostras de seus mais recentes explosivos e detonadores em Oxwich Bay, em Gales ou em algum outro lugar. A possibilidade de uma invasão podia ser menor depois que Hitler atacou a Rússia, em junho de 1941, mas os sabotadores alemães seriam uma ameaça igualmente grande quando os aliados chegassem à França – e o planejamento para isso já havia começado. Robertson deveria usar GW para passar documentos “do tipo Sullivan” aos alemães por meio da mala espanhola, seu mais bem-sucedido canal para conduzir a frustração estratégica.<sup>15</sup>

O comitê estava diante de um impasse. “Independentemente do que for decidido”, declarou Masterman, “instruímos GW a reportar [a Calvo], em 7 de agosto, da maneira por nós já aprovada desde o início: que ele traga uma certa quantidade de informações. E sugerimos que é, temperamentalmente e por educação, mais adequado à sabotagem, e não à espionagem. Também questionamos até que ponto seus documentos “Sullivan” foram apreciados. Então, veremos, com base nas respostas dadas a ele, em que direção o gato ibero-alemão parece disposto a pular. A pergunta delicada, que diz respeito a como forçar a sabotagem depois disso, é uma questão a ser decidida por nós.

“Deve-se tomar cuidado ao esboçar o ‘prospecto de sabotagem’ para que não sejam entregues detalhes pessoais ou geográficos”, alertou Masterman. “Entregar algo assim pode trazer repercussões desagradáveis. Em outras palavras, aceitamos o prospecto de Rothschild [no que diz respeito à sabotagem] e não o de Brooman-White [para destruir GW]. Enquanto isso, novos documentos ‘Sullivan’ podem ser preparados, para o caso de precisarmos deles.”<sup>16</sup>

Mas as informações entregues em 7 de agosto convenceriam Calvo e Alcazar? O documento de GW, compilado em suas viagens por Gales, havia perdido credibilidade para partes interessadas durante o processo de investigação. Mesmo assim, ninguém podia ter total certeza de que a compilação não trazia informações, independentemente de quão pequenas, capazes de se encaixar no quebra-cabeça que a *Abwehr* estava tentando formar.

Alcazar cumprimentou GW com uma saudação nazista quando chegou à Chancelaria. Enquanto Calvo lia as mais recentes informações, Alcazar trocou um aperto de mãos com GW. Em seguida, despediu-se e saiu da sala.

“Muito interessante”, elogiou Calvo, “mas você não diz nada sobre as fábricas e sua produção.”

“Só estou preparado para trabalhar em Gales no negócio [sabotagem] que combinei”, foi tudo que GW conseguiu pensar como resposta. E acrescentou: “Se eu obtiver os detalhes que você deseja sobre as fábricas, é possível que meu país seja bombardeado e meus compatriotas acabem mortos ou feridos.”

“Você ainda pode contar com seus amigos?”, questionou Calvo.

“Sem dúvida”.<sup>17</sup>

Claramente insatisfeito com as últimas informações apresentadas por GW, Calvo marcou outro encontro para aquela noite em seu apartamento na Chesham Street, onde esperava que o galês tivesse algo mais interessante a oferecer.

Robertson estava almoçando no Bachelors’ Club quando GW chegou para reportar seu encontro com Calvo, claramente “deprimido pelas poucas informações que estava transmitindo”. O

problema era que a maioria do que GW disponibilizava para aprovação simplesmente não era aprovado. Depois de ouvir as queixas, Robertson mostrou dois documentos aprovados, um escrito por Rothschild e mostrando a situação pelo ângulo da sabotagem, e outro escrito por Brooman-White sobre os sabotadores galeses de GW. Neste último, a ênfase estava no papel de GW como nacionalista galês fanático, em seu slogan ("Gales para os galeses") e em seu propósito (a remoção das fábricas de aeródromos ingleses do País de Gales). Ele deveria explicar que, ao se limitar à sabotagem, seu grupo esperava controlar a quantidade de danos e minimizar o risco às vidas dos galeses enquanto convencia os ingleses a transferirem suas fábricas de munição para outros locais.

Do clube, GW foi diretamente para a Imperial House para preparar o novo documento com informações. Quando terminou de datilografar, a peça tinha vários milhares de palavras, mas ainda não se mostrava convincente. Os alemães realmente queriam saber quais lojas em Gales mostravam avisos dizendo que cigarros, doces e chocolates haviam acabado ou quais estabelecimentos públicos passavam parte do dia fechados por causa da falta de cerveja?<sup>18</sup>

Calvo estava decepcionado, desdenhoso e não deu uma segunda olhada no documento antes de puxar um caderno e ler uma longa lista de perguntas dos "amigos do outro lado":

Quando a Inglaterra ocuparia a República da Irlanda?

O que os ingleses pensavam sobre a possibilidade de uma invasão e quais medidas estavam sendo tomadas?

O sistema de comboios estava funcionando?

Os movimentos dos navios e o envio de cargas estavam sendo realizados?

Racionalmente, quais efeitos o bloqueio alemão gerava sobre os trabalhadores famintos?

Qual era a localização das fábricas de munições?

Os sinais eram ameaçadores. Sem alguma melhora considerável na importância da inteligência, o espanhol se retiraria completamente da operação. GW estava encurralado, sem nenhum apoio além da vaga promessa de outro documento "Sullivan". Calmo

por um instante, Calvo pediu para ser levado à oficina de um marceneiro na King's Road, onde o tanque de gasolina do carro de GW foi preenchido com gasolina do mercado negro. O combustível não foi pago – nem com dinheiro, nem com cupons. Calvo assinou um recibo e eles retornaram a Chesham Street – não para o apartamento dele, mas para outro, no andar térreo, onde Alcazar aguardava. Depois de uma longa conversa na qual o nome de GW foi mencionado, Calvo traduziu:

“Ele disse que tudo está certo agora. O dinheiro virá em mais ou menos duas semanas, em notas inglesas e dólares. [...] Também me falou que Hess chegou à Escócia com instruções ligadas à invasão. Alguma coisa deu errado, [...] caso contrário alguém da Escócia o teria procurado com instruções definitivas sobre seu papel.”

Alcazar falou novamente com Calvo.

“Ele disse que, depois que a Alemanha concluir com sucesso a Guerra, ou seja, quando também estiver no controle da Espanha, você será convidado a ir à Espanha, onde será apresentado aos senhores Franco e Suñer. E vai passar bem.”

Alcazar estava muito animado com a possibilidade de ter acesso a outro documento de “Sullivan”. “[Ele disse que] se você puder ter acesso a planos de fortificações e outros itens de igual importância, ficaremos muito felizes em adquiri-los”, traduziu Calvo novamente.<sup>19</sup>

Para o próximo encontro, o Sistema Double-Cross concatenou um documento secretíssimo intitulado “GHQ Corps and Divisional Signs”. Antes de produzi-lo, GW deveria oferecer a Calvo algumas folhas do documento “Sullivan” que ele supostamente teria recolhido de um cesto de lixo no escritório da Home Defence Executive como prova de que seu amigo tinha acesso a material sensível. Com base na lista da *Abwehr*, ficava claro que os alemães estavam especialmente interessados na insígnia de vários regimentos britânicos para ajudar os comandantes da linha de frente a estimarem a provável força e capacidade das forças adversárias. A insígnia usada pelo Regimento Royal Tank e as marcações nos tanques de Churchill eram de interesse particular. A cabeça do tigre em um escudo vermelho, por exemplo, era um símbolo também usado nos uniformes? As tropas

alojadas em certos locais eram inglesas ou canadenses? Infantaria ou suplentes? E qual era o número de seus regimentos? O Alto Comando Alemão precisava saber como o restante do Exército Britânico estava organizado depois de ter sido dizimado em Dunquerque.

A identificação nos uniformes era de interesse também do Exército Britânico, para o caso de paraquedistas alemães usarem uniformes ingleses. Com o objetivo de evitar um ataque de pânico, o Departamento de Guerra tinha um esquema bizarro de pintar a bota direita de todos os soldados britânicos de azul!

“Sullivan” queria 100 libras de “sinal” pelos documentos, os quais deveriam ser devolvidos ao ministério por volta das 10 horas da manhã seguinte, antes que alguém percebesse que eles não estavam lá, GW explicou a Calvo. Depois de consultar Alcazar, ele encontraria GW novamente naquela noite, nos estábulos atrás da embaixada. GW estava a caminho quando o espanhol apareceu, encurralando-o para que entrasse no carro antes de dirigir até um canto silencioso de Hyde Park. Assim que eles estacionaram, GW pegou o documento. “Meu amigo o quer de volta às 10 horas da manhã de amanhã.”

“Alcazar disse que você precisa nos entregar o original. Não podemos tirar uma cópia.”

“Você certamente pode fotografar.”

“Não tenho instrumentos para isso e não posso datilografar uma cópia. Sou péssimo datilógrafo. Você terá de dizer a seu amigo para me deixar o original ou fazer uma cópia. Tampouco posso prometer pagá-lo. Sou apenas um patriota fazendo isso por Alcazar porque ele não fala inglês.”

GW deu de ombros, como se não se interessasse pelos motivos de Calvo. Então acrescentou: “Eu preferiria que eles me dessem materiais para a sabotagem, conforme acordado originalmente. Gales é um verdadeiro arsenal. Só é necessário andar alguns quilômetros para encontrar diversas instalações militares em construção, onde um bom trabalho poderia ser realizado se eu tivesse o material adequado.”

“Como poderíamos lhe enviar o material?”, questionou Calvo.

“Essa é uma pergunta difícil”, foi a resposta de GW. “Encontrar formas e meios é algo que depende deles. Uma forma possível é enviá-los a bordo de um navio indo da Espanha a Swansea, com membros da equipe que poderiam se tornar conhecidos de meu amigo [WW], um oficial da imigração cujas obrigações o levam a subir a bordo de todos os navios. Ele também é um conhecido de nossos amigos do outro lado.”

“É uma boa sugestão. Quando Alcazar retornar à Espanha, em mais ou menos um mês, dirá isso a eles.”

De pensamento rápido e raramente pego de surpresa, GW fazia performances de um verdadeiro virtuoso para um inspetor de polícia aposentado sem qualquer experiência anterior em espionagem! Como Snow, ele tinha uma capacidade natural para escapar de encurraladas enquanto extraía informações úteis de pessoas difíceis. E Calvo, com os nervos abalados, olhando o tempo todo para trás, mostrava-se cada vez mais difícil de enfrentar. GW não escreveria para ele nem seria visto perto da embaixada. Em vez de tomar um trem rumo a Londres para encontros às escondidas, era muito mais fácil ir de carro. GW, porém, de fato cometeu um erro: ele mencionou Snow. Calvo reconheceu o nome imediatamente e perguntou o que tinha acontecido com ele, uma pergunta da qual GW se esquivou mudando rapidamente de assunto.

Antes de se despedirem, na frente do Dorchester Hotel, GW prometeu tentar novamente obter documentos. “Você pode confiar nesse homem?”, perguntou nervosamente o espanhol.

“Ele é um nacionalista irlandês. Eu o conheço muito bem e posso confiar nele”. Como prova, ele passou a Calvo os papéis “Sullivan” que supostamente retirara da lixeira da Home Security. Sem sequer examinar os documentos, o espanhol inclinou o corpo e empurrou as folhas para baixo do tapete do carro, murmurando: “Não estou interessando nisso e não quero ser pego com nenhum documento de um departamento do governo em meu carro. Não sei o que vai acontecer quando Alcazer for embora.”<sup>20</sup>

Alcazar, que estava se preparando para deixar a Grã-Bretanha rumo a Madri, esperava com Calvo na embaixada quando GW

entregou o documento. Enfiou-o imediatamente no bolso e abriu um sorriso, tão contente quanto “um cachorro com dois rabos”, lembrou GW. Em seguida, lançou um olhar para o relógio e se despediu. Alcazar havia partido.<sup>21</sup>

Mensagens interceptadas posteriormente pelo Serviço de Segurança de Rádio entre a embaixada do Japão em Madri e Tóquio continham extratos desse documento e do primeiro documento “Sullivan”. Assim como Snow, Alcazar era um mercenário vendendo as mesmas informações tanto para Berlim quanto para Tóquio, mudando apenas o preço cobrado. E embora a maioria de seus agentes na Grã-Bretanha fosse controlada pelo Sistema Double-Cross, havia, ainda, outros no Brasil, país neutro. Após a guerra, aliás, Alcazar afirmou ter enviado Martin Bormann, assistente de Hitler, para a América do Sul.<sup>22</sup>

TNA, KV 4/188, Guy Liddell Diaries, fala de Liddell a oficiais de ligação regionais, 25 de novembro de 1941, pp. 201–7.

TNA, KV 2/468, folio 63a, GW a Robertson, sem data; ver também TNA, KV 4/191, GLD, “Antaza [Parsley] Spanish consul in Cardiff”, Volume 7, Parte 2, pp. 304–5.

TNA, KV 4/188, GLD, Volume 4, Parte 1, pp. 983–4, 995.

TNA, KV 2/468, folio 47a, carta de GW a Calvo, 24 de maio de 1941; TNA, KV 2/468, folio 47b, carta de Calvo a GW [para endereço de fachada de ‘Thomas’, cunhado de GW] agendando o primeiro encontro, 17 de julho de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 52a, “Plan IV”.

*Ibid.*

TNA, KV 2/468, folio 52a, 23 de junho de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 52/2, telefonema grampeado a Sloane 4040, 26 de junho de 1941.

TNA, KV 2/468, 53A, relato, GW a Robertson, 24 de junho de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 52b, GW a Robertson, 25 de junho de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 62a, GW a Robertson, 24 de junho de 1941.

Farago, *The Game of the Foxes*, pp. 650, 654–5.

TNA, KV 2/468, folio 64a, GW a Robertson, 26 de julho de 1941.

Masterman, *The Double-Cross System*, Capítulo 4, pp. 60–70.

TNA, KV 2/468, folio 66d, "Future uses of GW", 6 de agosto de 1941.  
*Ibid.*

TNA, KV 2/468, folio 67a, GW a Robertson, 7 de agosto de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 66c, GW a Calvo, 6 de agosto de 1941; folio 68A, memorando de Robertson, 7 de agosto de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 71a, GW a Robertson, 7 de agosto de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 85a, GW a Robertson, 28 de agosto de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 88a, GW a Robertson, 2 de setembro de 1941, Sharkhunters International Inc., "Biography of Don Angel Alcazar de Velasco".

## O COMBOIO DE MALTA E O NAUFRÁGIO DO ARK ROYAL

**O SISTEMA DOUBLE-CROSS PREPAROU UM PLANO** de frustração ainda maior para os nazistas – um comboio fantasma com destino a Malta. Enquanto isso, Calvo deu início aos preparativos para a *Abwehr* despachar o tão esperado envio de materiais de sabotagens por navio da Espanha a Swansea. Esperando para receber a encomenda estava “WW”, o oficial da imigração que originalmente faria o papel de um fanático nacionalista. A Espanha pediu fotografias para que o entregador pudesse identificar “WW” quando o navio chegasse a Swansea.

“Devo levar pessoalmente as fotografias ou postá-las por correio?”, perguntou GW em um telefonema a Sloan 4040.

Após hesitar por um instante, Calvo respondeu:

“Por correio registrado para mim, na embaixada”.<sup>1</sup>

Seguindo instruções de Robertson, uma semana depois GW entrou em contato novamente com o espanhol para explicar que a situação havia mudado. O Oficial de Imigração havia sido transferido para um serviço no escritório, o que significava que já não visitava todos os navios em Swansea. Sendo assim, ele precisaria saber qual embarcação estava sendo usada para o envio se quisesse receber o material.

Em vez de responder, Calvo reservou uma passagem para o primeiro voo disponível rumo a Lisboa. O motivo dessa viagem repentina, ele explicou a um oficial da embaixada, era “um problema muito sério que havia ocorrido”. Com base no grampo no telefone de

Sloan 4040, o MI5 descobriu que o ataque de pânico de Calvo havia sido desencadeado não pelo envio das armas, mas pela suspeita de uma conspiração Vermelha para assassinar Alcazar, que havia fugido rapidamente do país ao saber da notícia. Em outro telefonema grampeado, Calvo, tomado pelo terror, implorava para seus empregadores na agência de notícias em Londres enviá-lo novamente a Lisboa – ou a qualquer lugar que não fosse Londres. Ele chegou a fazer lobby com o embaixador da Argentina em uma tentativa de ser aceito em Buenos Aires.<sup>2</sup>

Dick White, vice-controlador da divisão de contraespionagem, queria que Calvo fosse preso antes de embarcar no voo em 24 de outubro. Tal ação teria como objetivo oferecer uma “lição útil à colônia espanhola”, mesmo que isso significasse acabar com GW. A mala diplomática espanhola havia se transformado em uma faca de dois gumes para White. Toda vez que viajava entre Londres e a Espanha, era levada por um diplomata da embaixada, que então passava um mês em Madri antes de retornar. Durante esse período, acreditava-se que os alemães usassem a mala para enviar instruções a seus agentes na Grã-Bretanha. “Ações contra Calvo”, disse White, “pelo menos mostrariam às pessoas ligadas a tudo isso que um trabalho assim não ocorre sem riscos e que somos capazes de contra-atacar, o que poderá amortecer os procedimentos. Neste momento, eles nos veem como imbecis amigáveis... A questão é: existem outros dividendos a serem recebidos de GW agora que parece bastante evidente que Calvo não vai continuar jogando na ausência de Alcazar?”

Masterman, que se mostrava totalmente contrário, disse a White: “A única certeza é que os espanhóis exercerão, no futuro, enormes precauções ao transmitir informações deste país e isso é justamente o que não queremos. É claro que é preferível que Calvo retorne [à Grã-Bretanha] com a convicção de que é fácil nos enganar e de que seu sucessor não precisa se preocupar muito com seu método de comunicação.”<sup>3</sup>

Masterman e Robertson estavam convencidos de que GW teria outras utilidades se ele pudesse evitar se envolver com a prisão de

Calvo, o que certamente levou Rantzau a se aprofundar nos contatos passados do galês – e em Snow em particular. Se isso acontecesse, Robertson e Masterman esperavam que seus agentes caíssem como dominós. Nada, eles argumentavam, seria conquistado com a destruição de GW, um agente paciente e criado com êxito para ganhar a confiança do inimigo. Calvo simplesmente seria substituído na rede de espionagem por outros homens sobre quem eles não sabiam nada. Como GW havia sido recrutado por Snow (codinome Johnny), a *Abwehr* certamente daria um fim a Rainbow, com quem Snow tinha contato direto, levando ao comprometimento de Tate – que, por sua vez, ameaçaria Tricycle, o principal agente duplo do MI5 nos Estados Unidos. O Comitê dos Vinte postergou uma decisão ao cuidar para que o Ministério das Relações Exteriores atrasasse o embarque de Calvo para janeiro de 1942.

Nesse meio tempo, GW seria usado em uma das frustrações estratégicas mais importantes da Segunda Guerra Mundial. A operação do Comboio Malta tinha suas origens em dois eventos vagamente relacionados de julho de 1941. Um vazamento da inteligência em um porto britânico não nomeado resultou em submarinos alemães promovendo uma emboscada contra um comboio cujo destino era o forte da sitiada ilha de Malta. Nessa emboscada, os submarinos alemães afundaram um contratorpedeiro e danificaram um cruzador e um navio de abastecimento. O MI5 descobriu, a partir de uma interceptação naval italiana, que a emboscada próxima a Gibraltar devia-se a uma lamentável falha de segurança durante o carregamento dos navios. Alguns pacotes claramente tinham o rótulo “Malta” e os itens de abastecimento a bordo eram endereçados a “NAFFI, Malta”. Ademais, quando o comboio estava se reunindo, havia navios no porto destinados à República da Irlanda e a outros países neutros sobre os quais a inteligência britânica tinha pouco controle.<sup>4</sup>

O fato de o comboio ser pego por submarinos não se devia totalmente ao vazamento de informações. O almirante Karl Doenitz, comandante da frota de submarinos alemães, havia recebido ordens de Hitler para transferir um grande número de submarinos do

Atlântico Norte para o Mediterrâneo com o objetivo de proteger a rota de suprimentos do Marechal de Campo Rommel, a qual partia da Itália. A ofensiva alemã no Norte da África ficou estagnada por uma séria falta de abastecimento depois que 70% do total da carga italiana servindo as operações de Rommel no Norte da África fora afundada pela Marinha Britânica. Os seis primeiros submarinos de reforço passaram pelo Estreito de Gibraltar no final de setembro de 1941, seguidos por outros quatro no início de novembro. Juntos, reduziram temporariamente a eficácia de Malta, atacando navios mercantes italianos. Acreditando que o Mediterrâneo, e não o Atlântico, havia se tornado o principal palco das operações, Hitler insistiu para que o almirante Doenitz continuasse mantendo uma forte presença de submarinos na região. Embora por algum tempo isso cerceasse as operações de submarinos inimigos contra os comboios no Atlântico Norte, o movimento também aumentava os perigos para navios aliados nos arredores de Gibraltar.

O almirante Doenitz via o Mediterrâneo como uma "ratoeira". Passar pelos estreitos submersos era suficientemente fácil com a ajuda das fortes correntes que fluíam pelo Atlântico, mas sair delas era um pesadelo, além de ser somente possível durante a noite. "A tarefa mais importante da Marinha Alemã e, portanto, dos submarinos alemães [...], os quais eclipsam a importância de tudo mais", escreveu Doenitz em suas memórias, "era a condução de operações contra o envio de linhas vitais de comunicação britânica pelo Atlântico. Era por elas que fluíam as fontes da força britânica, fornecida, em sua maior parte, pelo poder americano; e era, logicamente, a salvaguarda dessas linhas que a Grã-Bretanha enxergava como seus mais estratégicos objetivos no mar."<sup>5</sup>

Foi claramente para a vantagem da Grã-Bretanha que o Alto Comando Alemão continuava acreditando que usava os Estreitos e o Mediterrâneo como rota de suprimentos quando, na realidade, um maior uso era feito da rota muito mais longa e muito mais segura pelo Cabo da Boa Esperança. Com isso em mente, o Sistema Double-Cross cuidou para que GW usasse Calvo para entregar informações à *Abwehr* por meio da mala espanhola.

GW telefonou ao espanhol na manhã de 21 de outubro para dizer que tinha algo importante e que precisava vê-lo imediatamente. Embora não soasse especialmente interessado, Calvo acabou concordando: "Está bem, venha [ao apartamento]". Logo GW entrou na sala de estar e Calvo o cumprimentou:

"Bom dia. Não tenho nada para você."

"Mas eu tenho algo importante para você", respondeu GW.

Sua história era que tinha ouvido de "WW" que um grande comboio estava se reunindo em Belfast para partir rumo a Malta nos próximos dias:

Meu amigo estava muito animado. Ele explicou que, no sábado, um grupo de 60 membros da Força Aérea Real chegou com suas mochilas a Swansea Docks, a caminho de Belfast, de onde devem seguir em um comboio que parte na quinta-feira, 23 de outubro. Em uma das mochilas dos homens da Força Aérea Real estava escrito "Malta". Aparentemente, a atenção do Diretor de Controle Sênior foi atraída para a mochila [...] e ele reportou o fato imediatamente ao Quartel, pois, no final da tarde de domingo, um oficial militar sênior chegou de Londres para investigar a questão. Houve uma briga terrível porque o pessoal da Força Aérea Real havia recebido a informação de que a viagem era muito secreta e de que nada seria marcado de modo a indicar que o destino era Malta. Toda a equipe do porto estava em contato com os homens da Força Aérea Real, que haviam sido entrevistados pelo Oficial Militar Sênior e recebido ordens de que ninguém, sob nenhuma circunstância, deveria revelar que os homens da RAF estavam a caminho de Malta. Se alguém revelasse isso, responderia sob o Regulamento de Defesa e seria severamente punido. O homem da Força Aérea Real cuja mochila havia sido marcada com a palavra "Malta" foi preso e levado a Londres naquela mesma noite pela polícia.

Apurei que esse grupo de homens da Força Aérea Real é apenas uma pequena parte daqueles que estão sendo levados de várias

partes da Inglaterra e de Gales a Belfast para então serem transportados rumo a Malta em 23 de outubro.

Acredita-se que o segredo sobre o destino desses homens deve ser mantido, caso contrário não haveria necessidade de uma aparição tão repentina de um oficial de escalão tão alto para investigar as circunstâncias ligadas à revelação feita pela palavra "Malta" na mochila.

Um grande número de novos caminhões carregados com motos estava estacionado próximo às docas para serem enviados ao Oriente Médio em 23 de outubro. Os navios devem formar um comboio que partirá de Belfast e seguirá rumo ao Mediterrâneo.<sup>6</sup>

As similaridades entre esse cenário e as circunstâncias envolvendo os ataques de submarinos ao comboio em Gibraltar em julho são fortes demais para serem apenas uma coincidência. A estratégia por trás do despacho do comboio "fantasma" de GW era reduzir os ataques de submarinos no Atlântico Norte ao convencer o Alto Comando Alemão a continuar a crescente presença de submarinos no Mediterrâneo.

GW insistiu que suas informações deveriam ser enviadas sem demora a seus "amigos". O tempo era curto. "O comboio sai em 23 de outubro", respondeu o espanhol. "Acho que a notícia não chegará lá a tempo, já que leva uma semana". GW o pressionou a agir mais rapidamente.

"O comboio deve deixar Belfast no dia 23, mas pode acontecer de a partida ser atrasada em um ou dois dias", sugeriu GW. "De qualquer forma, levará pelo menos uma semana para eles chegarem ao Mediterrâneo; isso dá a nossos amigos, se eles receberem as informações em uma semana contando a partir de hoje, pelo menos alguns dias para fazerem os arranjos no sentido de interceptá-los."

"Está bem, tentarei enviar imediatamente", prometeu Calvo. "E o dinheiro [pelas informações]?"

“Não se preocupe com o dinheiro”, falou GW. “Se nós o ajudarmos a conseguir os bens, eles nos darão o dinheiro. Sou um nacionalista galês e gostaria de ver esse material de Gales no fundo do Mediterrâneo.”

Calvo sorriu. No dia seguinte, GW disse a Masterman e a Robertson no Bachelors’ Club que as informações sobre o Comboio de Malta estavam a caminho de Berlim.

Três semanas mais tarde, em 13 de novembro de 1941, o HMS *Ark Royal* foi atingido por um torpedo e afundado pelo Tenente Guggenberger, que comandava o submarino *81* enquanto o porta-aviões seguia de Malta para Gibraltar. A tripulação sobreviveu, mas GW foi capaz de se gabar quando voltou a encontrar Calvo: “A informação que lhe dei na última ocasião se mostrou bastante útil para nossos amigos. Eles devem ter deixado o comboio passar, mas atingiram o *Ark Royal* e o *Malaya*. [...] Acredito que eles devam estar muito satisfeitos com aquele trabalho e que devam nos enviar algo substancial.”<sup>7</sup>

Nada consolidou mais a reputação de GW como mestre da espionagem da *Abwehr* do que a operação do Comboio de Malta. “Ah, sim”, falou Calvo. “Eles estão interessados no que você faz, mas existe certa dificuldade de conseguir dinheiro com eles. Cuidarei disso quando retornar à Espanha.”

Mas teria o Sistema Double-Cross cometido um erro ao inadvertidamente alertar ao grupo de submarinos que o *Ark Royal* estava se aproximando de Gibraltar? Em vez de uma coincidência, seria o Comboio de Malta um erro trágico? Quando o Comitê dos Vinte de Masterman autorizou GW a alertar os alemães de um comboio passando pelos Estreitos, por que eles não foram avisados que o *Ark Royal* e sua escolta se aproximariam de Gibraltar mais ou menos ao mesmo tempo?

Masterman via a parceria entre GW e Calvo como “brilantemente bem sucedida”, com o galês passando documentos de grande importância para o esforço de guerra. GW tinha o melhor canal para transmitir informações fortes ou detalhadas demais para serem enviadas por rádio e, ao sobreviver a períodos de aparente

negligência, havia confirmado sua confiabilidade aos alemães. “Não tenho como não sentir que alguém de tanta confiança quanto GW seria tirado de cena a essa altura”, declarou Masterman. “Eles [os alemães] podem se sentir dispostos a desconfiar de todos os seus agentes, e talvez até mesmo afastar vários deles, em vez de arriscar mantê-los em atividade”. Se Snow havia feito a confissão a Rantzau em Lisboa, por que seu protegido não estava comprometido? Nem mesmo o conhecimento de que GW era um inspetor de polícia aposentado havia chamado a atenção deles, conforme seria de se esperar, admitiu Robertson. Será que a ansiedade da *Abwehr* em recrutar, por ordens de Hitler, nacionalistas extremistas galeses como colaboradores teria cegado Rantzau, atraindo-o para a armadilha que o Comitê dos Vinte criara?<sup>8</sup>

“Minotauro” era a próxima tarefa de GW. Com o nome da criatura mitológica grega que habitava o centro de um labirinto, o plano consistia que minutas de um encontro do Conselho de Guerra fossem oferecidas por “Sullivan” a Calvo. A essa altura, o imaginário “Sullivan” era descrito como um mercenário que não estava preocupado com o que os espanhóis fariam com os documentos, contanto que recebesse dinheiro em troca deles. Nessa ocasião, ele pedia 125 libras. As minutas do Gabinete de Guerra deveriam ser copiadas e entregues de volta a “Sullivan” para que ele pudesse devolvê-las aos arquivos na manhã seguinte, antes que alguém notasse o desaparecimento. De uma cabine telefônica na frente do Bachelors’ Club, GW marcou uma reunião com Calvo no apartamento de Chesham Street para mais tarde naquele mesmo dia. Assim que chegou, explicou claramente que seu contato (Sullivan) agora estava em posição de obter documentos secretos sobre questões enfrentadas pelo Gabinete de Guerra. Por esses documentos, ele queria pagamento imediato.

“Não tenho nenhum dinheiro, só terei quando voltar da Espanha”, respondeu Calvo. Ele logo partiria para Madri, mas retornaria 15 dias depois. “Verei nossos amigos e conseguirei todo o dinheiro de que você precisa”, prometeu.

“Acho que meu colega não vai concordar em esperar, mas vou tentar.”

“Você consegue trocar dólares?”, perguntou Calvo.

“Sem problemas. Meu futuro cunhado trabalha em um banco. Ele pode fazer a troca sem levantar suspeitas.”

“Seja cuidadoso”, avisou Calvo. “Não telefone para mim de Swansea ou Cardiff e, quando estiver em Londres, nunca diga nomes ao telefone. Apenas fale algo sobre um carro ou pneus [...] e vou entender e dizer quando podemos nos encontrar. Notas, notas inglesas altas... Você pode trocá-las sem levantar suspeitas?”

GW assentiu.

“Está bem, providenciarei o dinheiro.”

Com isso, GW concordou em pedir a “Sullivan” para repassar as minutas do Ministério da Guerra com a promessa de que o pagamento viria posteriormente.<sup>9</sup>

Por volta de 8 horas daquela noite, GW andava por Lowndes Mews em direção à porta dos fundos da embaixada da Espanha quando uma lanterna se acendeu na escuridão à sua frente. Antes de a luz se apagar, ele avisou rapidamente um oficial da Força Aérea Real e uma mulher tateando com uma chave na porta lateral da embaixada. Não havia sinal do casal quando Segundo, o porteiro, deixou GW entrar e, sem dizer uma palavra, levou-o até um cômodo mobiliado com três mesas, máquinas de datilografia, pilhas de livros e jornais, um cofre de aço em um canto e uma enorme fotografia do General Franco dependurada na parede. Calvo estava esperando e desculpou-se novamente por não ter o dinheiro para pagar “Sullivan”.<sup>10</sup>

“Bem, eu trouxe o documento”, falou GW, mostrando um envelope contendo as minutas. “Mas meu amigo precisa devolvê-las antes das 9 horas de amanhã de manhã. Ele vai esperar o pagamento com a condição de que receberá o mais rapidamente possível.”

Calvo abriu o envelope e leu rapidamente antes de comentar:

“Não é muito interessante.”

“Sugiro que leia novamente”, aconselhou GW. “Acho o conteúdo muito interessante e tenho certeza de que nossos amigos

concordarão comigo.”

Calvo deu de ombros.

“Tenho um jantar esta noite, então é melhor irmos à minha casa e datilografarmos uma cópia imediatamente.”

No caminho, Calvo prometeu ter o dinheiro quando retornasse de Madri.

“Já recebi promessas assim duas vezes antes”, falou GW ao espanhol. “Se você não tiver o dinheiro, não poderei mais lhe prestar meus serviços. As pessoas querem ser pagas pelas informações.”

“É complicado para nós”, explicou Calvo. “Todos os espanhóis deste país estão sob suspeita. É por isso que Alcazar não voltou. Está com medo. Por isso você precisa tomar cuidado para não me envolver de nenhuma forma.”

“Não se preocupe”, falou GW, tranquilizando-o. “Conheço meu meio. Não arrisco minha liberdade.”

“O outro lado fez contato sobre me enviar dólares. Alcazar disse que eles estão bastante dispostos a pagar... Mas eu preferiria esperar até ir à Espanha e falar diretamente com eles.”

Com o documento secretíssimo copiado, os dois seguiram para o Ritz Hotel, onde o espanhol jantaria com amigos. Para o próximo encontro, em 10 de dezembro, Calvo pediu a GW um relatório detalhado da situação em Gales, com atenção especial às fábricas e aeródromos, para que ele pudesse levar a Madri. GW também conseguiria convencer “Sullivan” a obter outros documentos secretíssimos?

“Vou tentar”, prometeu GW. “Mas ele está assumindo um risco enorme e não fará isso sem receber o pagamento. E até agora não recebeu.”

“Garanto que terei o dinheiro quando voltar. E também quero pegar parte da quantia para mim.”

Na ausência de Alcazar, Calvo agora tinha um papel maior, mas, como estava ciente de que os britânicos enforcavam espiões, seus nervos andavam no limite. Por esse motivo ele lembrava o galês repetidamente de que não podia correr riscos.

“Você não tem medo de ser seguido em Swansea?”, perguntou.

“Sou um agente investigativo. Meu trabalho é reunir evidências. Isso significa que, com frequência, deixo Swansea por conta disso. Não se preocupe.”<sup>11</sup>

No dia seguinte, GW encontrou Robertson e Masterman não em um clube noturno, mas na Imperial House, para discutir o próximo passo a ser dado. Calvo agora estava em situação de risco. Será que eles planejando encurralar a rede de espionagem espanhola? Ou será que continuariam explorando o acesso de Calvo à Inteligência Alemã? A não ser que Calvo tivesse dinheiro para pagar o fictício “Sullivan”, ficou acordado que GW não deveria oferecer nenhum outro documento além do relatório regular de atividades galesas, o qual Calvo queria para 10 de dezembro. O conteúdo precisaria ser mais convincente do que anteriormente, GW lembrou a seus controladores.

“É melhor se escrevermos para você dessa vez”, propôs Masterman. “Vou providenciar. Você o receberá com muita antecedência [...] e poderemos verificar o que foi avistado”, continuou, referindo-se ao oficial da Força Aérea Real que tinha sido visto entrando pela porta dos fundos da embaixada da Espanha.

De 24 a 27 de novembro, oficiais da Divisão Especial vigiaram em tempo integral a porta e aqueles que passavam por ela. De um lado da entrada estava o nome Berdasco, um espanhol aparentemente ocupando um apartamento acima da garagem adjunta. Do outro lado havia duas campainhas, uma da chancelaria e outra de “Fowler” ou “Weston”. Também havia um espaço residencial acima da Chancelaria. Durante os três dias, ninguém usando uniforme entrou ou saiu das instalações, exceto uma jovem “da classe trabalhadora” usando distintivo da Força Aérea Real e, evidentemente, a caminho das lojas nos arredores. Um carro registrado como pertencente ao Adido Militar Coronel Alfonso Barra parou na entrada várias vezes, assim como um carro dirigido por Calvo. A única visão de trabalhadores da Força Aérea Real aconteceu na casa imediatamente à frente, onde um funcionário foi visto entrando e saindo. Depois de três dias, a vigilância foi cancelada. A Divisão Especial concluiu que GW tinha o endereço errado.<sup>12</sup>

A versão aprovada do mais recente relatório das "Atividades Galesas" que GW entregou a Calvo para ser levado a Madri não está disponível. Existem apenas os esboços com objeções das partes interessadas anotadas nas margens. Partindo do pressuposto de que os parágrafos mais sensíveis foram omitidos, o documento acordado ainda era um bloco substancial de informações sobre a localização de aeródromos, fábricas e depósitos de munição em Gales. Enquanto esperava aprovação, GW enviou seu cálculo de custos para o trabalho de espionagem: 70 libras por visitar Londres entre junho de 1931 e novembro de 1941; 50 libras de manutenção do carro; 50 libras para pagar os amigos por informações; e 125 libras para quitar uma "dívida" com um amigo.

O mais recente comunicado de GW dizia aos alemães que um novo aeródromo do Comando Costeiro havia sido construído em Fairwood Common, perto de Swansea; que havia aeródromos em Pembrey e Stormy Down para o treinamento de pilotos; que St. Athan, perto de Barry, era "muito grande e usado por aviões de caça e bombardeiros"; que o Comando Costeiro estava operando de uma base entre Dale e Roch, em Pembrokeshire; e que o aeródromo de Milton, em Pembroke Dock, era uma base para bombardeiros.

Não apenas tudo isso era verdade, como também a lista de fábricas de GW estava correta e incluía uma usina de petróleo sintético em Glynneath; uma instalação para o preenchimento de balas e minas com explosivos em Castle Hill, Milford Haven; a localização, mais uma vez, da instalação subterrânea para o armazenamento de minas a menos de cinco quilômetros de Fishguard, a qual empregava 4 mil pessoas; duas usinas de magnésio em Port Tennant (Swansea); e outra que produzia hélices de alumínio para aeronaves em Waunarlwydd (Swansea). Fábricas em vários estágios de construção eram mencionadas, assim como a localização de instalações para armazenamento de tanques de combustível no subsolo em Milford Haven.

Foram excluídos os locais dos quartéis em Brecon e a base Sunderland Flying Boat em Pembroke Dock para submarinos no Atlântico Norte. Referências a contêineres transportando aviões, locomotivas e outros materiais enviados do Canal de Bristol ao

Extremo Oriente também foram omitidas. GW estava suficientemente satisfeito com essa última oferta para enviar uma nota pedindo um aumento de salário à *Abwehr*.

Gostaria de mais uma vez chamar sua atenção à dificuldade de se obter informações interessantes sem um meio de induzir a entrega de informações. Tenho um carro, mas a quantidade de gasolina que pode ser legalmente obtida não é suficiente para permitir viagens longas e frequentes pelo país. Por outro lado, é possível obter qualquer quantidade de gasolina se se estiver preparado para pagar o quanto pedem. Percebam que não há muito que eu possa fazer se vocês não oferecerem a quantia necessária para que eu continue meu trabalho. Com relação aos materiais, é necessário que vocês me ofereçam o que peço para trabalhar. Oportunidades aparecem com frequência e eu poderia fazer algo se tivesse os meios.

Dessa vez, Calvo ficou impressionado. GW aproveitou a oportunidade para também apresentar a conta de seus gastos: 325 libras. O galês não via motivos para não cobrar os dois lados. O relatório das "Atividades Galesas" parecia repleto de revelações, começando com a questão de até que ponto a Luftwaffe acompanhava as informações.

O Sistema Double-Cross inseriu um parágrafo adicional sobre o Marechal Semyon Timoshenko, Comissário do Povo para Defesa da União Soviética de Stalin e comandante da defesa de Stalingrado. "Isso sobre Timoshenko é muito interessante!", exclamou um Calvo animado ao ver o nome. A resposta improvisada de GW faz parecer que ele foi pego de surpresa:

"Sim é um dos principais assuntos [das conversas] em Gales", comentou, acrescentando: "Timothy Jenkins é um nome muito comum no país."

"Você se saiu muito bem", elogiou Calvo.

"Você vai voltar a este país?", perguntou GW. "Se não for, sugiro que providencie para que eu receba algum dinheiro, já que estou sem um tostão."

“A questão de promover outro arranjo para lhe enviar mais dinheiro não faz sentido, já que definitivamente retornarei”, respondeu Calvo. “Eu não iria embora se houvesse qualquer possibilidade de não retornar a este país. Vou lhe trazer o dinheiro.”<sup>13</sup>

O encontro final aconteceu no início do Ano Novo. Depois da troca de cumprimentos formais, Calvo disse que partiria em 19 de janeiro e que passaria 20 dias fora. O último relatório de GW, uma espécie de panfleto do partido nacionalista, e seus custos já haviam chegado ao destino, Calvo assegurou ao galês.<sup>14</sup>

Durante a ausência do espanhol, GW espionou a falha dos preguiçosos trabalhadores da fábrica galesa em apoiar o esforço de guerra. Mas o clima era muito mais otimista, ele acrescentou, agora que os Estados Unidos haviam declarado guerra, após o ataque do Japão a Pearl Harbor, em dezembro de 1941.

De acordo com GW, a atitude que estimulou os britânicos nos primeiros anos do conflito havia sido substituída por indiferença. A produção em muitas indústrias vinha caindo por conta de problemas de gerenciamento e, em Gloucester, um funcionário de uma fábrica de aviões contou que havia “muitas pessoas que praticamente não trabalham; suas fichas de presença durante a semana são marcadas com muitas horas de ‘espera’ por conta da falta de matérias primas na linha de montagem, muito embora as lojas estejam cheias desses materiais essenciais.”<sup>15</sup> Ciente de que, em alguns casos, problemas de administração impactavam a produtividade, Ernest Bevin, Ministro do Trabalho, instruiu as empresas a reportarem sempre que mais de dez homens estivessem desocupados, fossem suspensos ou exonerados.

“A intervenção japonesa é um dos principais assuntos nas conversas pelo país”, relatou GW. “Muitos comentários ácidos são feitos contra as autoridades por conta da falta de preparo contra um ataque como o mostrado tanto pelos Estados Unidos quanto pela Grã-Bretanha. O povo, todavia, está totalmente convencido do grande sucesso da Grã-Bretanha e de seus Aliados, mas se sente amargurado pelo fato de sermos continuamente pegos de surpresa

pelo inimigo". Um mês depois, a velocidade do massacre japonês pela Península da Malásia pegou os britânicos de surpresa e culminou com a queda de Cingapura, a maior derrota da Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial.

Além de seu papel na campanha de transmissão de informações enganosas, GW ofereceu um intrigante comentário sobre os eventos e as atitudes do País de Gales durante a Segunda Guerra Mundial. Havia elogios aos russos lutando na frente oriental, apoio contínuo a Churchill como líder da guerra, uma aceitação geral do racionamento, mas impaciência pela demora em abrir uma segunda frente na França. Depois da queda de Cingapura, a maioria estava confiante que os japoneses por fim tomariam "uma dose do próprio remédio".<sup>16</sup>

Em 28 de janeiro de 1942, GW reclamou de "desleixo" entre os trabalhadores das fábricas de munição após tomar nota de comentários feitos por mulheres jovens empregadas na Royal Ordnance Factory em Bridgend:

"Em Bridgend, os trabalhadores parecem não pensar em nada além do dia do pagamento. 'Pagamento na sexta-feira' é a expressão mais popular entre os funcionários."

"Fora da fábrica, somos chamados de 'Exército Ideal de Churchill', mas 'Exército Inativo de Churchill' seria mais apropriado."

"O supervisor nos visita apenas uma vez em cada turno."

"Quando estamos nos aproximando de nossa meta, recebemos ordens para diminuir o ritmo."

"A maioria das mulheres está cansada de não ter trabalho suficiente para ocupar todo o tempo. Algumas ocasionalmente tiram uma semana de folga para quebrar a monotonia. Nunca dizem nada sobre isso."<sup>17</sup>

GW estava ficando obcecado com o aparente declínio nos esforços de guerra e acusou os trabalhadores em algumas fábricas galesas de não cumprirem sua tarefa:

Sinto dizer que há indícios de que algumas fábricas não estão dando tudo de si para o esforço de guerra. Abaixo estão alguns fatos que consegui reunir recentemente com base em informações apresentadas em diálogos, no que ouvi enquanto conversava com outras pessoas:

A Mannesmann Tube Works, em Llandore (agora de posse da Newport and South Wales Tube Company), possui um departamento para produção de bombas, mas nenhuma bomba foi produzida durante os dois últimos meses, embora os funcionários, que somados são mais de cem homens e mulheres, estejam todos os dias na fábrica sem fazer nada, recebendo o salário integral todas as sextas-feiras. [...]

Na Palmer's Dry Dock, Swansea, muitos dos funcionários frequentemente recebem ordens para fazer hora extra, embora os homens saibam e tenham apontado aos oficiais que não há nada a fazer. Isso envolve o pagamento de salários extras e valores extras – metade aos sábados e o dobro nos domingos – para eles não fazerem nada. [...]

Também fui informado de que é prática comum, quando funcionários envolvidos com a produção de materiais de guerra não poderem trabalhar, que eles façam “compensações”. Mas, se puderem, devem ir à fábrica e receber o salário integral.

Tomei para mim o papel de tentar descobrir por que esse estado das coisas existe em fábricas ligadas à manufatura de materiais vitais para a guerra em tempos como esses. O motivo, conforme fui informado, é que o trabalho é subsidiado pelo governo – ou seja, os homens recebem seu salário e mais uma

certa porcentagem, independentemente de o trabalho oferecido em troca desse pagamento ter sido ou não realizado.

Com base nas informações que recebi, entendo que os trabalhadores não estão de acordo com essa situação, mas são mais ou menos obrigados a participar dela.<sup>18</sup>

Todavia, os dias de GW como agente duplo estavam contados. A Executiva de Segurança (ADBI) decidiu encarcerar Calvo quando ele retornasse à Grã-Bretanha. Como principal testemunha contra ele, GW deixaria de ter utilidade para o Sistema Double-Cross.

Masterman e Robertson sabiam que a utilidade de GW chegaria ao fim assim que Calvo fosse preso, supondo que ele retornasse à Grã-Bretanha. Masterman em particular via a possível perda de GW como um "enorme desastre". O galês seria um trunfo ainda maior quando a Grã-Bretanha desse início à ofensiva e isso poderia acontecer em breve, agora que Churchill, o Presidente Roosevelt e o Marechal Stalin haviam concordado com a urgência em abrir, em 1942, uma segunda frente na Europa. O planejamento preliminar previa um papel vital para os agentes da Double-Cross, que transmitiriam aos alemães informações erradas sobre o possível local de um desembarque Aliado. Com acesso direto à *Abwehr* por meio da Mala Espanhola, GW certamente estaria envolvido. Masterman escreveu, defendendo veementemente GW: "Sempre foi a opinião dos membros do Serviço no Comitê dos Vinte que as melhores oportunidades de transmitir informações operacionais erradas e eficientes viriam quando a Grã-Bretanha adotasse uma ação ofensiva. Por esse motivo, é muito desejável correr alguns riscos neste inverno, conforme for possível, com o objetivo de manter os bons agentes vivos até que se chegue a esse estágio da guerra."

Se uma prisão acontecesse, ele dizia, as consequências seriam enormes, levando ao encarceramento, como retaliação, dos agentes do MI6 em Madri e a um grande conflito com a Espanha. Prender Calvo e desfazer a rede de espionagem espanhola poderia empurrar Franco para os braços das potências do Eixo.

“Se for a política do Governo de Sua Majestade provocar, a essa altura, tal conflito com o objetivo de, por exemplo, limpar o ar e levar os espanhóis a se comportarem melhor por meio de uma demonstração confiante de poder, então há um forte motivo *prima facie* para a prisão”, escreveu Masterman. E acrescentou: “Se, por outro lado, a política do Governo consistir em manter boas relações com o Governo Espanhol na situação presente, então há um forte motivo contra [a prisão].”<sup>19</sup>

Uma consequência do encarceramento seria limitar a transmissão de informações relacionadas ao esforço de guerra a diplomatas espanhóis acreditados, os quais, apesar de mais corretos, seriam mais limitados do que GW. Com efeito, o fluxo de informações seria pouco e o Sistema Double-Cross perderia um canal para manipular a inteligência militar alemã em um momento crítico. Por fim, a invasão foi adiada em três anos porque a Grã-Bretanha não estava pronta.

A indecisão do MI5 não se refletia em Madri, onde o agente Pablo, da *Abwehr*, ocultara novas instruções a GW na mala diplomática antes de ela retornar a Londres. GW deveria buscar um transmissor sem fio na embaixada da Espanha, o qual havia sido deixado lá por Alcazar alguns meses antes. E, se GW precisasse de ajuda, Calvo encontraria um instrutor ou importaria um da Espanha.

“Então, o que você quer que eu faça?”, perguntou Calvo antes de deixar Madri.

“Você não vai fazer nada”, foi a resposta de Pablo. “GW fará tudo.”

Agora Alcazar havia convencido a *Abwehr* de que os britânicos estavam se preparando para invadir a Irlanda. GW recebeu a tarefa de confirmar essa informação. Além de instruções escritas, a mala diplomática continha um manual de instruções do transmissor de rádio, códigos e sinais. Os relatórios deveriam ser escritos com tinta invisível e as cápsulas para esse fim também desfrutavam da imunidade diplomática. Havia nomes e endereços de caixas postais falsas em Madri, e o dinheiro que a *Abwehr* há muito tempo havia prometido, mas não entregue, finalmente estava a caminho.

O dia e a hora para a primeira transmissão de rádio de GW a Hamburgo foram definidos: 15 de março de 1942. O responsável por

entregar a mala repleta de parafernália para espionagem em Londres em 10 de fevereiro seria Brugada, um oficial da embaixada. Calvo seguiria em um voo mais tarde. Porém, pouco antes de deixar Madri, Brugada recebeu uma nota escrita por Alcazar: “Não faça nada com o [transmissor] sem fio; não o entregue nem a GW, nem a ninguém”. Algo havia assustado o espanhol. Teria ele ouvido que Calvo seria preso assim que colocasse os pés na Inglaterra e a *Abwehr* não queria seu “principal agente” preso de posse de um transmissor de rádio? Quando a mala chegou à embaixada e, após o conteúdo ser inspecionado, o Embaixador ordenou que tudo fosse queimado e que o transmissor de rádio fosse destruído.<sup>20</sup>

Se Masterman soubesse disso, sua opção por continuar com o agente galês certamente teria prevalecido. Petrie, diretor geral do MI5, deixou a decisão final sobre prender Calvo e sacrificar GW para Guy Liddell, controlador da divisão de contraespionagem. Liddell ordenou a prisão do espanhol no desembarque no aeroporto de Bristol em 13 de fevereiro de 1942. De lá, ele foi levado ao Camp 020, o centro de interrogatórios secreto voltado para agentes inimigos, deixando o Sistema Double-Cross lidar com as consequências. A primeiríssima ação foi avisar ao Capitão William Stephenson – o homem de negócios canadense e abastado que gerenciava, do Rockefeller Center, em Nova York, a Inteligência Britânica nas Américas do Norte e do Sul) – que seu principal agente, Tricycle, não podia mais ser visto como alguém que desfrutava da confiança plena dos alemães. “Estamos fazendo o possível para salvar o maior número possível de agentes”, escreveu Masterman em um telegrama.

Enquanto Masterman se irritava com o destino do Sistema Double-Cross, Calvo era interrogado em Latchmere, a horrível casa de três andares em Ham Common que abrigava o Camp 020. Um antigo hospício, o espaço era recuado de uma alameda estreita e protegido do olhar curioso por um muro de pedra. O Camp 020 era administrado pelo tenente-coronel Robin Stephens, um rodesiano conhecido como “olho de lata” por conta de seu pesado monóculo. Latchmere era destinado a civis detidos e não a prisioneiros de

guerra, de modo que não figurava nas Convenções de Genebra. Embora proibida por Stevens, a pressão física era ocasionalmente usada pelos interrogadores. Antes de mudar de lado, Tate foi bastante agredido por ter pulado de paraquedas como agente alemão na Grã-Bretanha. Stephens havia refinado a intimidação psicológica, transformando-a em uma forma de arte, usando todas as táticas de truques, mentiras e *bullying* para extrair informações. Alguns sujeitos eram reduzidos a estados tão penosos por meio do uso de ameaça e intimidação que não podiam ser levados de volta a suas celas. O comandante do campo, todavia, não se importava com a moral, apenas com os resultados.

“A violência é um tabu”, escreveu Stephens, “pois ela não apenas produz respostas que agradam, mas também diminui o nível das informações”. Stephens atribuiu o sucesso sem precedentes do Camp 020 a uma regra de não violência. “Em primeiro lugar, [bater em um homem] é um ato de covardia. Em segundo lugar, não é um movimento inteligente. O prisioneiro vai mentir para evitar continuar sendo punido e tudo que ele disser será com base em falsas premissas”, declarou.<sup>21</sup>

Conhecido como “Terra de Ninguém do Homem de Lata”, o Camp 020 recebia agentes alemães capturados antes de liberá-los para trabalharem como agentes duplos britânicos. A julgar por todos os relatos, Stephens era um sujeito assustador, com o monóculo firmemente preso ao olho direito, cabelos pretos e pesados penteados para trás, deixando à mostra a testa alta e severa. Usava a jaqueta verde do exército e calças, reclamava dos “alemães detestáveis” e dos “Bosches corruptos”; de fato, era a caricatura de um interrogador da SS.<sup>22</sup>

Ao chegar a Latchemere, Calvo foi sujeitado primeiro a um interrogatório de choque criado para surpreender o prisioneiro apreensivo e forçá-lo a fazer confissões. Em seguida, veio um interrogatório sistemático em todas as horas do dia e da noite, até Stephens, satisfeito por todas as informações de valor terem sido extraídas, entregar o prisioneiro ao MI5 ou enviá-lo para execução. Seis agentes inimigos sofreram esse último destino e Stephens

sentia por muitos outros não terem também ido para a forca. De acordo com ele, Calvo “abriu a boca” depois de uma “guerra de atrito” que durou desde sua prisão, em 13 de fevereiro, até o dia 3 de março de 1945. Daí em diante, o espanhol falou livremente e a maior parte de suas confissões foi confirmada por outras fontes.<sup>23</sup>

A instrução aos interrogadores em Ham era montar um processo contra Calvo sem envolver GW, se isso fosse possível, permitindo, assim, que o galês continuasse sendo usado. Masterman considerava que, se GW havia sido ressuscitado duas vezes pela *Abwehr* no passado, por que não crer que isso aconteceria uma terceira vez? A preocupação de Stephen estava ligada ao fato de GW ter sido usado como agente provocador, o que poderia “criar dúvidas nas mentes dos hipersensíveis no Ministério das Relações Exteriores e Ministério do Interior”. Mas a necessidade das evidências de GW para se chegar a uma condenação desapareceu quando Stephens acabou com Calvo.<sup>24</sup>

“Minha visão atual”, reportou Stephens, “é que Calvo encontra-se em posição de desespero e está se esforçando para conquistar alguma anistia. Quanto à questão de se ele pretende enfim se entregar como agente duplo ou se considera-se suficientemente astuto para reconquistar sua liberdade, isso ainda não está definido, mas uma análise de vinte declarações escritas que ele fez a partir de 3 de março de 1943 indica que uma acusação formidável pode ser feita contra Calvo e sem qualquer referência a GW.”

Com a confissão na mala, Stephens telefonou para Masterman para dar a boa notícia. Aproveitou para mencionar que GW, de acordo com Calvo, deveria entrar em contato com Segundo, que tinha instruções para encaminhá-lo a Brugada, o novo homem da *Abwehr* na embaixada. A recomendação pessoal de Stephens para Calvo era que ele fosse “enforcado até a morte”.<sup>25</sup>

Era somente quando o prisioneiro abria a boca e começava a falar livremente que Stephens permitia que pessoas de fora assistissem aos interrogatórios. Agora que a meta havia sido alcançada, Robertson enviou um de seus melhores oficiais, Tommy (Tomas) Harris, para participar dos futuros interrogatórios. Harris era um

falante do espanhol nascido em Hampstead e seria lembrado sobretudo como o instrutor, no MI5, de Juan Pujol (codinome Garbo), um espanhol de Barcelona que odiava os nazistas. Rejeitado como agente pelos britânicos no início da guerra, Garbo tentou a porta dos fundos: em 1942, assinou com os alemães, que o enviaram a Londres, onde ele imediatamente mudou de lado. Juntos, Garbo e Harris inventaram terceiros agentes fictícios, sendo um deles um nacionalista galês líder de um grupo de fascistas em Swansea chamado "Brothers of the Aryan World Order".<sup>26</sup> Porém, o maior golpe de Garbo foi seu papel em convencer o Alto Comando Alemão de que o principal ataque no Dia D (Operação Overlord) aconteceria em Pas de Calais (conforme Hitler acreditava desde o início), e não na Normandia, um estratagema sustentado pelo envio de 500 mensagens de rádio falsas para Berlim via Madri de todas as partes do mundo imaginário do Sistema Double-Cross.<sup>27</sup>

Depois de receber o sinal de Stephens, Robertson se preparava para colocar GW novamente em ação quando duas violações de segurança aconteceram no Camp 020. Apesar das claras instruções para fazer o contrário, um dos interrogadores de Calvo deixou escapar que o MI5 conhecia seu relacionamento com GW. Logo depois, o espanhol enviou clandestinamente, durante uma visita, uma nota a um diplomata chamado Viturro, pensando em expor GW como agente duplo. Porém, outro dos agentes de Robertson trabalhando dentro da embaixada espanhola, "Sweet William" (codinome William Jackson) descobriu que a nota não mencionava GW, mas deixava claro que Calvo acreditava estar sendo detido por suspeita de irregularidades financeiras.<sup>28</sup>

Robertson encontrou GW no Bachelors' Club na manhã de 3 de abril para discutir a melhor forma de reabrir a ligação com a inteligência alemã. A qualquer preço, nada deveria ser feito no sentido de encorajar os alemães a começarem a desenterrar o passado, pois isso certamente levaria outras pessoas a serem desmascaradas. Havia duas alternativas para GW considerar de um dia para o outro: ou ele perguntava por Calvo na embaixada, ou se oferecia para ser preso no Camp 020 como forma de convencer

Calvo – e, acima de tudo, a *Abwehr* – de que também havia sido pego como agente alemão. No caso da segunda opção, GW poderia ser mantido no Camp 020 por vários meses, fazendo o papel de cúmplice de Calvo na espionagem enquanto o encorajava a confessar tudo para salvar o pescoço dos dois. Depois de pensar por um instante, GW afirmou que, se seguisse pela segunda opção, sua família se mudaria para Milford Haven. “De qualquer forma, já havia algum tempo que pensávamos em deixar Swansea”, acrescentou, aparentemente inalterado diante da possibilidade de ficar encarcerado junto com mais perigosos inimigos da Grã-Bretanha.<sup>29</sup>

No trem de volta para a cidade, GW pensou na proposta do Camp 020. E, no dia seguinte, escreveu a Robertson: “Se considerar necessário que eu confronte LC, eu poderia: (a) afirmar não tê-lo visto antes e negar todo o conhecimento a seu respeito; ou (b) tentar convencê-lo a contar toda a verdade com o objetivo de prevenir outras ações das autoridades, além evitar outras ações pelas autoridades além de nosso encarceramento pela duração da guerra e, assim, garantir nossa segurança e liberdade pessoais depois da guerra.”<sup>30</sup>

No fim, a falha de Calvo em incriminar GW serviu ao Sistema Double--Cross como uma excelente oportunidade para seguir adiante na ofensiva, longe das operações anteriormente criadas para conter a ameaça inimiga à segurança britânica e à indústria de armamentos. Calvo não disse nada; o disfarce de GW não havia sido destruído. Isso deixava transparecer que GW estava tão bem integrado no aparato de espionagem alemã que poderia conseguir reabrir a ligação não por meio da embaixada da Espanha, mas diretamente com a *Abwehr* por meio de seu antigo contato de troca de selos, Madame de Ridder.<sup>31</sup> Primeiramente, todavia, Robertson escolheu o caminho mais óbvio até a porta dos fundos da embaixada. Se os espanhóis acreditassem que GW não sabia de nada sobre a prisão de Calvo, talvez fosse possível esperar que ele seria chamado para depor caso retornasse de Madri.

GW tocou a campainha da porta lateral da embaixada em Belgrave Square. Segundo abriu a porta e, depois de os dois trocarem

cumprimentos formais, GW perguntou o porteiro de Calvo.

“Não sei”, respondeu o porteiro em um inglês ruim. “Ele *ir* para Espanha. Não *voltar* aqui.”

GW explicou que Calvo havia dito que planejava retornar em 15 dias. Isso havia sido um mês atrás.

“Não sei”, repetiu o porteiro. “Ele não voltou. Às vezes, Secretario volta à Espanha por um mês e às vezes fica dois meses, outras vezes mais.”

Nesse momento, GW achou melhor não continuar pressionando e foi embora.<sup>32</sup>

Um forte ataque de gripe deu-lhe quatro semanas para pensar em sua próxima ação. Em dúvida sobre se a ligação com a inteligência militar alemã poderia ser reaberta, chegou a oferecer sua demissão:

Aproveito essa oportunidade para respeitosamente sugerir que considerem, por conta dos recentes eventos, se a necessidade de meus serviços agora chegou ao fim. Pessoalmente, sinto que a probabilidade de futuros contatos será muito remota. Porém, ficarei feliz em receber suas instruções e também em seguir quaisquer direcionamentos que tenham para mim.<sup>33</sup>

Robertson não sentia o mesmo pessimismo e pediu a GW para se manter preparado para o caso de a situação mudar. Para isso, ele receberia uma pequena quantia. “Para nós, não parece possível dispensar totalmente seus serviços, o que, como você sabe, sentimo-nos relutantes em fazer”, foi a resposta de Robertson.

TNA, KV 2/468, folio 88a, GW a Robertson, 2 de setembro de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 99a, memorando de White “Luis Calvo” para Masterman/Robertson, 3 de outubro de 1942.

TNA, KV 2/468, folio 99a, memorando de White para a Divisão B, comentários de Masterman anexados, 3 de outubro de 1941.

TNA, KV 4/188, GLD, Volume 4, Parte 1, pp. 991–2.

Karl Doenitz, *Memoirs: Ten Years and Twenty Days* (Annapolis, Maryland: Da Capo Press Edition, 1997), pp. 158–63.

TNA, KV 2/468, folio 103a, GW a Robertson, “Malta Convoy”.

*Ibid.*

Masterman, *The Double-Cross System*, p. 93.

TNA, KV 2/468, Reunião do “Plano Minotauro”, GW, Masterman, Robertson; TNA, KV 2/468, folio 115a, relato de GW a Robertson, 20 de novembro de 1941.

*Ibid.*

*Ibid.*

TNA, KV 2/468, folio 121a, Relatório da Divisão Especial a Masterman, oficial da Força Aérea Real avistado, 2 de dezembro de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 120a, relatório sobre Calvo, 10 de dezembro de 1941;

TNA, KV 2/468, folio 124a, GW a Robertson 10 de dezembro de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 135a, GW a Robertson, 9 de janeiro de 1942.

*Ibid.*

TNA, KV 2/468, folio 130a,b, GW a Robertson, 29 de dezembro de 1941.

TNA, KV 2/468, folio 138, GW a Robertson, 17 de janeiro de 1942.

TNA, KV 2/468, folio 142, GW a Robertson, 28 de janeiro de 1942.

TNA, KV 2/468, folio 145a, Masterman ao Comitê dos Vinte, 7 de fevereiro 1942.

TNA, KV 2/468, folio 153a, 154a, excertos da confissão de Calvo, Camp 020; TNA, KV 4/189, GLD, Volume 5, Parte 1, pp. 364–9. Para mais detalhes do conteúdo da Mala Diplomática, Masterman, *The Double-Cross System*, “Sweet William”, pp. 78, 99.

*The Times*, “The truth that Tin-Eye saw”, 10 de fevereiro de 2006; também TNA, Oliver Hoare, “Camp 020: MI5 and the Nazi Spies – the oficial history of MI5’s wartime interrogation centre (2000)”, ISBN 1-903365-08-2.

*The Times*, “The truth that Tin-Eye saw”, 10 de fevereiro de 2006.

TNA, KV 2/468, folio 152b, relatório do Camp 020, R. Stephens a Masterman, 5 de março 1942.

*Ibid.*

*Ibid.*

TNA, KV 2/40, KV 2/42; ver também TNA, Secret History Files, Tomas Harris, “Summary of the Garbo case, 1941–45” (1999).

*Ibid.*

Masterman, *The Double-Cross System*, pp. 78, 99.

TNA, KV 2/468, folio 152a, encontro de Marriott/Wilson com GW para discutir as opções do Camp 020, 4 de março de 1942.

*Ibid.*

TNA, KV 2/468, folio 179a, esboço da carta de GW a Madame de Ridder, sem data.

TNA, KV 2/468, folio 155a, nota de Wilson sobre a visita de GW à Embaixada Espanhola, 7 de março de 1942.

TNA, KV 2/468, folio 156a, GW a Robertson oferecendo sua renúncia, 19 de março de 1942.

## O HOMEM DO BRASIL

**GW NUNCA SOUBE QUÃO PRÓXIMO ESTAVA** de conhecer o agente alemão em Swansea. A *Abwehr* planejava enviar Starziczny de paraquedas à área do Canal de Bristol com instruções para procurar, em Swansea, a casa do homem que acreditava ser o principal agente britânico: GW. Aterrorizado com a ideia de pular de um avião, Starziczny tentou evitar a missão alegando que era arriscada demais, uma vez que ele era muito conhecido na Inglaterra. Por fim, uma úlcera no estômago veio a ser providencial para ele, que passou três semanas no hospital. O agente que o substituiu saltou no Canal de Bristol e acredita-se que tenha morrido afogado.

O nome no passaporte do homem chegando de navio ao porto de Santos, litoral de São Paulo, em fevereiro de 1941 era Nils Christian Christiansen. Em sua mala havia um transmissor de rádio com alcance de 15 mil quilômetros, mais do que o suficiente para enviar sinais a Hamburgo e Berlim. Na realidade, porém, tratava-se de Starziczny, enviado pela *Abwehr* para espionar movimentos de navios britânicos pelo Atlântico Sul.<sup>1</sup>

A carreira de Starziczny na espionagem havia começado na Cidade do México, onde, no início da guerra, ele era funcionário da Telefunken, reparando um transmissor de rádio clandestino instalado nos jardins da missão diplomática alemã. Uma combinação de problemas técnicos e muita atenção dos agentes americanos do outro lado da fronteira levou o transmissor a nunca funcionar adequadamente. Starziczny, então, foi enviado aos Estados Unidos para criar uma rede de transmissores de rádio de baixa potência

para agentes alemães enviarem informações à América do Sul, de onde seriam retransmitidas a Hamburgo. Os agentes também tinham caixas postais falsas em São Paulo e no Rio de Janeiro para o envio de informações codificadas e escondidas em cartas particulares. Foi por meio desse tráfego que o FBI descobriu o Ponto, a redução microfotográfica de documentos secretos ao tamanho de um ponto final escondido dentro da aba de um envelope.<sup>2</sup>

Starziczny falava pouco português, mas logo encontrou uma companheira que falava a língua – Ondina Batista de Oliveira Peixoto, a namorada de 37 anos de um tradicional barão que vivia no Waterfall Hotel, em Copacabana. Ignorando as instruções para não se envolver com mulheres locais, Starziczny passou a morar com Ondina no apartamento 82 do número 5 da Francisco Sá, próximo à praia. Posteriormente, mudaram-se para o que acabou se tornando a sede das operações de espionagem da Alemanha no Brasil, uma casa de dois andares na Rua Campos de Carvalho, 318, Leblon, Rio de Janeiro. A missão de Starziczny consistia em “coletar toda informação possível sobre os navios mercantes dos países em guerra com a Alemanha, em especial os britânicos – tonelagem, tipo de carga sendo transportada, destino e armamentos”. Muito em breve, milhares de toneladas eram despachadas para o fundo do Atlântico por submarinos guiados por Starziczny e os agentes que ele empregava em Santos com o objetivo de obter detalhes dos movimentos dos navios entrando e saindo do principal porto brasileiro.<sup>3</sup>

Embora o Brasil permanecesse neutro, a polícia do Rio de Janeiro ignorava as atividades da relevante comunidade alemã, em meio à qual Starziczny e Ondina eram proeminentes, desfrutando de um estilo de vida abastado patrocinado, em grande parte, pelas traições à *Abwehr*. Todavia, tudo isso mudou quando um submarino afundou dois navios mercantes brasileiros, gerando perda considerável de vidas, e o governo brasileiro enviou Elpídio Reali, chefe do batalhão de elite de São Paulo, para seguir os alemães no Rio de Janeiro. Reali seguiu Starziczny até sua casa e, no início da manhã de 15 de

março de 1942, armado e com um mandado de busca, bateu à porta. Uma vez no interior da casa, o detetive descobriu um tesouro de parafernália de espionagem: um pequeno laboratório com câmeras, lentes fotográficas e um receptor de rádio. Quando Reali tentou abrir uma mala fechada, Starziczny gritou: “Não faça isso! Você vai explodir a casa!” Havia outra caixa repleta de lenços de papel, na qual estavam os registros dos movimentos de navios entrando e saindo do porto de Santos: suas tonelagens, se carregavam alimentos, tropas, munição e, em alguns casos, havia informações sobre as rotas e os destinos.<sup>4</sup>

O nome de uma das embarcações saltou da página. Era o *Queen Mary*, um grande navio de carreira que agora transportava tropas que haviam partido de Santos três dias antes, levando 4 mil americanos a Adelaide, na Austrália. Sem um segundo a perder, Reali pegou o telefone mais próximo para alertar o embaixador britânico, que entrou em contato com o capitão do *Queen Mary* para mudar imediatamente o curso, pois era quase certo que havia um submarino alemão perseguindo o navio. Quando o *Queen Mary* não conseguiu chegar ao próximo porto de escala, em Buenos Aires, no dia esperado, o navio foi dado como desaparecido, e os alemães afirmavam que ele havia sido afundado. Porém, a essa altura, a embarcação havia escapado dos submarinos e estava segura e fora do alcance dos alemães.<sup>5</sup>

Ao retornar à casa de Starziczny, o detetive Reali encontrou a amante acordada. Vestindo um robe, ela afirmou ser governanta do estrangeiro e não saber de nada a respeito das atividades alemãs. “Essa mala...”, falou Reali. “Você disse que ela explodiria a casa...” Concluindo que seria inútil resistir, Starziczny acenou uma negação com a cabeça e respondeu: “Não. Pode abri-la”. Dentro, o chefe do batalhão de elite de São Paulo encontrou dois transmissores de longa distância e um livro, do qual duas cópias microfotográficas de textos datilografados caíram enquanto ele folhava as páginas. Ao vê-las, Starziczny, tomado pelo pânico, pegou um revólver escondido em uma prateleira – aquele que ele usaria para se matar, caso fosse

ser levado vivo. Reali encontrara os códigos secretos da transmissão de Kriegsmarine.<sup>6</sup>

“Isso vai me colocar diante de um pelotão de fuzilamento”, resmungou Starziczny. “A Gestapo nunca vai me perdoar.” O Brasil, explicou Reali, não tinha pena de morte e, se o agente cooperasse, a Gestapo jamais o pegaria. A confissão de Starziczny logo foi entregue aos serviços de inteligência pelo mundo.<sup>7</sup> Em Berlim, a captura dos códigos Kriegsmarine desencadeou uma grande situação emergencial e, durante três dias e três noites, a mesma mensagem foi transmitida a agentes alemães repetidas e repetidas vezes: “Aviso! Aviso! Lucas [codinome de Starziczny] preso. [...] Código nas mãos do inimigo. [...] Mudar códigos. [...] Manter contato.”

Não somente a bancarrota da rede de espionagem brasileira era um enorme golpe para o detetive de olhos afiados de um país neutro, como a confissão de Starziczny mostrou-se de interesse particular ao MI5 depois que o Ministério das Relações Exteriores recebeu um telegrama da embaixada do Brasil:

Um agente alemão chamado Josef Starziczny, [...] preso no Brasil, [...] fez uma confissão sobre a espionagem alemã no Reino Unido. [...] Declarou que o chefe do serviço de espionagem alemão no Reino Unido é um homem chamado Gwilym Williams, que vive em Swansea, na casa de número 42 de uma rua chamada Mount alguma coisa. Starziczny posteriormente identificou esse endereço em um mapa de Swansea [e] afirmou que GW ou seu emissário havia se encontrado com o Coronel Ritter [Rantzau] em Lisboa, em agosto de 1940.<sup>8</sup>

Naturalmente, a menção de GW na confissão do agente nazista fez soar o alarme nos corredores do MI5 em Londres. Se Masterman achava a confissão de Snow em Lisboa, em fevereiro de 1941, mais confusa do que “o enigma da esfinge e a doutrina da Trindade”, então as várias hipóteses brotando da confissão de Starziczny eram um nó górdio de proporções mitológicas. Se fosse verdade, conforme Starziczny alegava, que GW era o principal agente alemão

na Grã-Bretanha, então o galês quase certamente seria executado como traidor e todos aqueles com quem ele havia se associado durante esses três anos de serviços prestados ao Sistema Double-Cross se tornariam suspeitos. Seria GW, o inspetor de polícia aposentado de Swansea, um agente alemão?

O ponto vital na confissão de Starziczny era sua afirmação de conhecer GW pessoalmente e ter visitado sua casa em Swansea. Se isso fosse verdade, então havia uma possibilidade real de "obtenção de evidências incriminatórias genuínas contra GW", de acordo com Robertson.<sup>9</sup>

A prisão de Starziczny foi não apenas amplamente publicada na América do Sul, mas também no *Daily Telegraph*, de Londres, que, em 6 de maio de 1942, fez uma reportagem afirmando que a polícia brasileira havia descoberto uma rede de espionagem alemã com agentes na Grã-Bretanha, no Canadá e em Portugal.<sup>10</sup> Para o MI5, ignorar o relatório brasileiro seria equivalente a informar os alemães de que a instituição já sabia que GW era um agente da *Abwehr*. Até o serviço de segurança descobrir a verdade, o órgão deveria, de acordo com Robertson, agir como se a revelação sobre GW fosse genuína:

Pelo que Christiansen [Starziczny] disse, não devemos ter dificuldades para identificar esse homem [GW]. Por outro lado, identificando-o, não devemos ter provas com as quais seria possível prendê-lo. Como GW agora descontinua suas atividades como agente, nenhuma quantidade de vigilância ou exame de suas correspondências relevariam algo incriminatório. O ponto em que poderíamos nos apoiar seria a declaração de Christiansen [Starziczny] de que ele conhecia GW pessoalmente e visitara sua casa na Inglaterra [*sic*]. Se essa alegação puder ser confirmada, então existe a possibilidade de se obter evidências incriminatórias verdadeiras contra GW.<sup>11</sup>

De fato, GW não era o único agente do Sistema Double-Cross cuja lealdade estava sendo questionada. O alemão também havia mencionado Tate em seu relato. GW e Tate, ele dissera, eram os

principais agentes da *Abwehr* na Grã-Bretanha. Se fosse esse o caso, então a *Abwehr* teria esperado que GW e Tate fossem presos pelo MI5 após a confissão de Starziczny.

Para o MI5, a única forma de ter certeza sobre o envolvimento de GW e Tate era, de acordo com Robertson, enviar um funcionário próprio ao Brasil para questionar Starziczny:

Se quisermos extrair todas as informações das quais precisamos de Christiansen [Starziczny] de uma vez por todas e ocultar dos brasileiros o tipo de pergunta que fazemos e quanto já sabemos, parece mandatário que um oficial deste departamento vá ao Brasil e faça diretamente as perguntas que devem ser feitas. [...] É verdade que GW agora deixou de trabalhar e que a questão de sua prisão pode ser, portanto, considerada pouco prática, mas isso não é totalmente verdadeiro, já que estamos particularmente ansiosos por evitar que os alemães questionem o passado de GW e, conseqüentemente, o passado de Snow.<sup>12</sup>

Starziczny não era o primeiro agente da *Abwehr* a identificar GW como principal agente alemão na Grã-Bretanha. Não tinham Pablo e Frederico, os dois agentes alemães em Madri, descrito GW como um "bom amigo" da Alemanha? Não tinha Snow afirmado a Robertson que GW confessara admirar o Terceiro Reich e o que os nazistas haviam feito pela Alemanha? Não havia Alcazar cumprimentado GW com uma saudação nazista? E por que GW não estava comprometido com a "confissão" de Snow ou com a prisão de Calvo? Ou GW era simplesmente uma vítima de seu próprio sucesso em fazer o papel de um nacionalista fanático galês?

Enquanto isso, GW ainda tinha utilidade. Como as tensões políticas em Gales continuavam sendo de interesse da divisão de Movimentos Celtas do MI5, tornou-se seu papel questionar as aspirações pós-guerra do Partido Trabalhista. Depois de falar com um oficial em Swansea, ficou evidente que o partido esperava formar um governo pós-guerra, sendo sua prioridade a redistribuição da riqueza, foi dito a GW. O que ele realmente queria saber, mas tinha medo de perguntar e, com isso, atrair atenção, era se os

trabalhistas tentariam tomar o poder caso não conseguissem fazer isso por meios constitucionais.<sup>13</sup>

O custo da Segunda Guerra Mundial impunha demandas por maiores impostos dos ricos para que o peso fosse mais justamente distribuído. A Cláusula Quatro, defendendo a posse comum dos meios de “produção, distribuição e troca”, havia sido parte da constituição do Partido Trabalhista desde 1918 e continuou sendo, durante os anos de guerra, uma enorme força entre os fiéis do partido em Gales e em outros lugares. Churchill via o socialismo britânico como pouco diferente do implacável regime da Alemanha Nazista, que requeria um corpo como a Gestapo para garantir sua existência. Comentários nesse sentido durante a transmissão da campanha da primeira eleição de Churchill, em 1945, são vistos como um fator que contribuiu para a esmagadora derrota do Partido Trabalhista.<sup>14</sup>

Além de reportar as correntes políticas, GW continuava ouvindo, escondido, conversas. Uma em particular, entre dois oficiais navais, atraiu seu interesse:

O principal assunto da conversa foi o sucesso dos japoneses. Um dos oficiais disse ao outro: “Pode escrever o que eu digo, antes de a guerra chegar ao fim, britânicos, alemães, italianos e todo o povo branco precisará deixar de brigar uns com os outros e se unir para combater as raças amarelas. Eu incluiria os chineses e os japoneses, já que os chineses não nutrem um amor muito grande pelos brancos. Se estivessem suficientemente equipados, eles nos trariam preocupações, já que são muitos.”<sup>15</sup>

Extremistas e dirigentes sindicais criados em casa às vezes suspeitavam da distribuição de material revolucionário entre as forças armadas sob vigilância do MI5 durante a guerra. “Mas o moral”, disse GW a Robertson, “vai muito bem. Todos parecem bastante felizes agora que a Força Aérea Real está dando às cidades e territórios alemães ocupados algo para sobreviver. Muitos acham que possivelmente tenhamos um inverno rigoroso, o que

atrapalharia na questão os alimentos, e todos aqueles que podem estão plantando o máximo possível para ser usado nos meses que virão.”<sup>16</sup>

A habilidade de produzir uma peça de frustração estratégica vinha inclusive de eventos capazes de resistir ao escrutínio atento da *Abwehr*. GW continuava inventando documentos com suficiente credibilidade para Garbo entregar aos alemães, agora que a mala diplomática espanhola não estava mais disponível.

O último relatório concentrava-se nas atividades de Swansea Docks, em particular em três navios de carga: *SS Tolten*, *SS Canadian Star* e *SS Ocean Valour*. O *Tolten* (de 10 mil toneladas), depois de passar vários meses sendo reparado no porto, estava sendo carregado, segundo GW, com 70 mil toneladas de carvão, alguns itens genéricos e quatro aviões no porão, além de seis outros no deque – todos com marcações britânicas.

“Dezesseis passageiros deveriam navegar na embarcação... para a Austrália”, ele escreveu. “Deduzi que esse fosse um daqueles navios de ‘empréstimo e aluguel’ que ficaram prontos em janeiro e foram assumidos por nosso governo em fevereiro desse ano. A embarcação chegou a este país vinda dos Estados Unidos via Austrália e sofreu danos no caminho.” O segundo navio, *SS Canadian Star*, da Blue Star Line, também estava sendo consertado em Swansea. O terceiro, o *SS Ocean Valour*, havia navegado recentemente depois de receber 500 toneladas de carvão – insuficiente, contaram os trabalhadores da doca a GW, para chegar a seu destino, Southampton.

Esperando carregamento e a conclusão dos reparos em Swansea, o *Tolten* e o *Canadian Star* eram alvos fáceis para a Luftwaffe. O *Ocean Valour*, que se arrastava com pouco carvão rumo a Southampton enquanto o comandante procurava um porto mais próximo para deixar sua preciosa carga de alimentos, era um alvo fácil para qualquer submarino à espreita.

Nada poderia ser mais convincente. O *Canadian Star* tinha sido atingido por um submarino no ano anterior, enquanto seguia de Liverpool para a Nova Zelândia. O *Ocean Valour* tinha sido construído em Southampton e lançado há poucos meses; portanto,

era possível que retornasse a seu porto natal para descarregar. O *Tolten* fazia transportes regulares entre Austrália e Grã-Bretanha.

A verdade, porém, era muito diferente. O *Tolten* era um navio de carga chileno que repousava no fundo de Barnegat Bay, Nova Jersey, após ter sido atingido por um torpedo no ano anterior. Somente um membro da tripulação havia sobrevivido para contar a história. O *Canadian Star*, um navio com refrigeração que carregava toneladas de alimentos para uma Grã-Bretanha arrasada pela guerra, estava atravessando o Pacífico após ser danificado e ter a viagem de ida retardada por conta de um submarino alemão a sudoeste da Irlanda. Os reparos foram realizados não em Swansea, mas do outro lado do Atlântico, em Curaçao, no Caribe. O *Canadian Star* seria afundado por um submarino, mas somente no ano seguinte, quando o comboio do qual fazia parte fosse atacado em Cabo Farvel, Groenlândia. Já o *Ocean Valour* sobreviveu à guerra e foi demolido em Nápoles, em 1967.<sup>17</sup>

Como GW reuniu essas informações continua sendo um mistério. A história do *Canadian Star* pode ter sido retirada do *London Gazette*, que publicou uma série de elogios ao Capitão Charles James Whatley Jones, que comandara o navio após o ataque do submarino. Talvez o afundamento do *Tolten* tenha sido mencionado em uma lista de navios mercantes perdidos. O *Ocean Valour* pode muito bem ter sido carregado com carvão em Swansea, porém, bem mais do que o suficiente para a última etapa de sua viagem até Southampton. O propósito desse exercício consistia em gastar o tempo e a energia dos capitães de submarinos que buscavam navios que existiam, mas que ou estavam no fundo do oceano, ou do outro lado do mundo. Sempre havia um risco inerente, entretanto, de que a Luftwaffe poder voltar a bombardear Swansea!

Robertson chamou GW a Londres para discutir quais seriam os usos futuros, se houvesse algum, de seus serviços. Como de costume, os dois se encontraram no Bachelors' Club. No que seria o último encontro, Robertson perguntou se GW tinha alguma ideia para restabelecer seu contato com a embaixada da Espanha. O galês negou com a cabeça, dizendo: "Pensei muito a respeito disso, mas

não consegui imaginar nenhum esquema". Robertson também não havia conseguido pensar em nada, então, diante dessas circunstâncias, concluiu que não havia alternativa além de encerrar o contrato de GW. "Mas", acrescentou, "se conseguir algum contato, em algum momento, com alguns de seus aliados ou diretamente com os alemães, por favor, informe-nos. Você tem nosso número de telefone".

GW assentiu e perguntou: "O carro... Você vai querer que eu o use no futuro?"

Depois de hesitar por um instante, Robertson respondeu: "É provável que sim. Nós lhe pagaremos como costumávamos fazer."

Porém, já não havia necessidade de existir um telefone do MI5 instalado na casa de GW, de modo que eles combinariam para que o aparelho fosse recolhido.<sup>18</sup>

Ao ir embora pela última vez do Bachelors' Club, GW deve ter refletido sobre os eventos que culminaram no fim de uma carreira como um dos principais agentes duplos britânicos. Se tudo realmente estivesse acabado, então o fim havia ocorrido com um resmungo prosaico, e não com um tiro, quase como se os últimos três anos tivessem desaparecido como pegadas na areia. O recrutamento pela *Abwehr* na Antuérpia e os treinamentos com explosivos; a misteriosa Madame de Ridder e sua rede de colecionadores de selos; a relação com o impetuoso jornalista del Pozo, do Partido Falangista; a ligação com Calvo e Alcazar; as inúmeras informações enganosas entregues por meio da mala diplomática espanhola; tudo isso enquanto fazia uma performance virtuosa de um galês furioso, que detestava os ingleses, de um colaborador nacionalista que havia engolido a promessa de Rantzau de um País de Gales independente.

A resposta de GW a Robertson, ao aceitar a inaceitável demissão de seu trabalho de espionagem, mais parece uma carta de agradecimento de algum funcionário de longa data que se aposenta após prestar seus serviços por toda uma vida:

Devo concordar que, em termos de serviços, não sou mais capaz de justificar minha permanência, mas fico contente em

saber que nossa associação lhe foi satisfatória. Só queria ter sido capaz de lhe dar mais orgulho e satisfação, mas não acho que a incapacidade de ter atendido tal desejo tenha sido exclusivamente minha culpa. Todavia, se no futuro renovar minha aliança com meu antigo parceiro de negócios ou com alguém na mesma linha de negócios, posso lhe assegurar de que será imediatamente informado da transação. [...]

Acredito que eu possa me desfazer do carro na primeira oportunidade, pois não poderei justificar seu uso depois deste mês.

Aproveito esta oportunidade para expressar meu enorme agradecimento pela grande cortesia que demonstrou para comigo durante todo esse período de nossa associação e para lhe desejar todo o sucesso no futuro.

Por favor, envie lembranças minhas a todos os seus associados que tive o prazer de conhecer no curso de nossas transações.<sup>19</sup>

É difícil imaginar o James Bond da ficção escrevendo uma carta de despedida, preferindo sair de cena com seu imponente Walther PPK em uma mão e a outra na cintura de uma sinuosa loira ou segurando um Dry Martini. Dito isso, GW sabia tudo sobre as caixas postais falsas, as tintas secretas e as canetas. E não tinha um papel pequeno no Sistema Double-Cross, que alegava controlar cada agente inimigo da *Abwehr* enviado à Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial.

Robertson teve uma última chance de ressuscitar seu superespião galês depois que o oficial do MI6 enviado ao Brasil para investigar a confissão de Starziczny absolveu GW de todas as suspeitas. Sob interrogatório britânico, Starziczny admitiu que nunca havia se encontrado com o galês, que tudo que sabia de GW, incluindo a localização de sua casa em Mount Pleasant, Swansea, vinha do Coronel Werner Trautman, chefe das comunicações de rádio da *Abwehr* na Ast de Hamburgo. Foi Werner quem afirmou que GW,

como chefe da espionagem alemã na Inglaterra, oferecia aos agentes provisões e carteiras de identificação e que ele, ou seu emissário, havia encontrado o Coronel Ritter em Lisboa em agosto de 1940.<sup>20</sup>

A estação de Hamburgo cuidava do tráfego de informações entre Grã-Bretanha, Irlanda e Américas do Norte e do Sul. Trautman havia ensinado o Código Morse a Snow no verão de 1939 quando visitara a estação com Lily, sua namorada loira. Trabalhando próximo de Rantzau, Trautman conhecia a identidade dos agentes alemães no campo e, para ganhar velocidade para os alemães, teria instruído GW a operar um transmissor de rádio se fosse capaz de manter seu compromisso em Hamburgo.

Uma vez afastado do MI5, GW recebeu um pedido de Robertson para restabelecer contato com Madame de Ridder, a colecionadora de selos, enviando-lhe uma carta e uma fotografia por meio de um contato em Lisboa. GW deveria esboçar uma carta enquanto Robertson cuidaria para que o envelope fosse entregue a Lisboa por um intermediário. "Receio que isso seja um pouco ambíguo, mas acho que você vai entender", acrescentou Robertson.

A carta de GW a Madame de Ridder foi cuidadosamente criada de modo a entregar uma mensagem a agentes da *Abwehr* na Península Ibérica dizendo que ele ainda estava disponível para operações. O código usado foi o interesse comum em colecionar selos e "selos raros" fazia alusão a um convite para a *Abwehr* reativá-lo:

Parece que anos se passaram desde a última vez que recebi notícias suas. Com frequência me pergunto como você está e se nosso amigo Louis Mercader ainda se interessa por colecionar selos. Suponho que ele não esteja muito envolvido com a coleção ultimamente. Depois da noite muito agradável que vocês e eu passamos juntos em 1939, também me tornei um entusiasta dos selos. Comecei a colecioná-los, mas, por conta da guerra, tive de deixar essa atividade de lado. Estou ansioso por receber alguns selos vindos de você e de Mercader. Talvez seja difícil demais para vocês me enviá-los ou talvez estejam ocupados com outras coisas, mas eu ficaria contente em

receber notícias e alguns dos selos raros que prometeram nas noites divertidas que passamos juntos.

Os tempos mudaram, não é mesmo? Agora não existem muitas oportunidades para viajar, mas às vezes faço visitas de negócios a Londres. Durante algumas dessas visitas, tive o prazer de encontrar um grupo de cavalheiros espanhóis: Piernavieja del Pozo, Alcazar e Calvo, que estavam em uma viagem de negócios pelo país. E, no curso das conversas, entendi que eles também a conheceram enquanto viajavam a negócios a Lisboa e Madri. Quando vi esses cavalheiros pela última vez, eles me disseram que pretendiam retornar à Espanha em outra viagem de negócios. Infelizmente, parece que não voltaram a Londres, pois fiz uma busca em seus locais de residência e descobri que não haviam retornado. Eles também estavam muito interessados em colecionar selos e prometeram que, quando retornassem, trariam alguns raros para mim. Se tivessem feito isso, meu interesse teria crescido. Eu ficaria muito agradecido se os recebesse, pois tenho muitos amigos em Gales que também têm interesse por selos raros e com frequência me perguntam como estou me saindo com minha coleção.

Você se lembra da fotografia que tirei no dia em que fiz minha última visita? Caso tenha se esquecido de mim, anexo uma fotografia como lembrança, para que saiba que não a esqueci. Ficarei contente em receber notícias e saber que tudo está bem.<sup>21</sup>

Ao receber a carta, Robertson pediu ao oficial de ligação regional do MI5 em Cardiff para encontrar um marinheiro adequado para agir como mensageiro entre Swansea e a embaixada da Alemanha em Lisboa. “Ele deve levar a carta a Lisboa e entregá-la pessoalmente a um oficial na embaixada da Alemanha”, explicou Robertson.

Nem todos no Comitê dos Vinte concordavam com a ideia de reativar GW. O novo secretário, John Marriott, em particular, pensava que a tentativa de reabrir o canal com os espanhóis era um

movimento errado. “Os espanhóis têm um longo registro de promessas quebradas e falhas em produzir dinheiro, material de sabotagem ou instruções coerentes”, ele disse a Robertson. “Do nosso ponto de vista, parece-me que, se um personagem como Alcazar, que aparentemente está preparado para usar qualquer coisa na forma de um agente, independentemente de se esse agente existir ou não, não se aproximou pessoalmente de GW, deve haver algum motivo forte para isso.” Para ele, seria um erro voltar a trabalhar com GW.

“Não estamos mais próximos de uma solução para o caso Snow do que estávamos 18 meses atrás”, acrescentou. “Conseguimos acabar com ele sem derrubar nenhum dos nossos agentes, mas cometeremos um erro ao tentar reviver parte disso, pois algo assim faria os alemães mais uma vez direcionarem sua atenção a uma posição que era tão insatisfatória para eles quanto para nós.”<sup>22</sup>

Snow podia estar preso em Dartmoor, mas o MI5 ainda não sabia qual lado apoiava. O único fator de redenção era o fato de a *Abwehr* estar tão confusa quanto o MI5. Marriott acreditava que, se tentasse colocar GW novamente em cena, o Sistema Double-Cross acabaria levantando novas suspeitas alemãs a respeito da ligação entre Snow, GW, del Pozo e Calvo.

Não se sabe se a carta a de Ridder foi, de fato, enviada. Como Robertson, e não Marriott, tinha a palavra final, o mensageiro poderia ainda tê-la entregue, mas os alemães ou falharam em morder a isca, ou a essa altura sabiam que GW era um agente britânico controlado. Independentemente das hipóteses, ele foi finalmente afastado das atividades em 5 de agosto de 1942, embora continuasse escrevendo “algumas cartas”.

“Acho que você pode seguramente supor que o trabalho para o qual posso chamá-lo só precisará que você use mais ou menos meia hora de tempos em tempos para escrever algumas cartas para mim”, escreveu Robertson. Não havia nada, ele acrescentou, que impedisse GW de aceitar outro trabalho.<sup>23</sup>

TNA, KV 2/468, folio 164a, “GW folder”, relatório da prisão de Starziczny, abril de 1942, originais em P.F. 64717, “Starziczny”, 1a,

1b, 2a, 2b.

TNA, KV 4/188, Volume 4, Parte 1, Guy Liddell Diaries, pp. 7, 13, 15–17, 19, 112, 119.

Stanley Hilton, *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil* (Brasil: Nova Fronteira, 1983); em inglês, *Hitler's Secret War in South America* (Estados Unidos: Louisiana State University Press, 1999).

*Ibid.*

Queen Mary.

Stanley Hilton, *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil* (São Paulo, Brasil: Nova Fronteira, 1983).

TNA, KV 2/468, folio 164a, "GW folder" relatório da prisão de Starziczny, abril de 1942, originais in P.F. 64717, "Starziczny", 1a, 1b, 2a, 2b.

*Ibid.*

TNA, KV 2/468, folio 169a, 19 de maio de 1942.

*Ibid.*

*Ibid.*

*Ibid.*

TNA, KV 2/468, folio 163, GW a Robertson, 28 de abril de 1942.

*Ibid.*

*Ibid.*

*Ibid.*

TNA, 2/468, folio 172a, b, GW a Robertson, 29 de maio de 1942.

TNA, KV 2/468, folio 170a, note de Robertson sobre o encontro com GW, 23 de maio de 1942.

TNA, KV 2/468, folio 173a, GW a Robertson, 2 de junho de 1943.

TNA, KV 2/468, folio 172b, SIS (MI6) excertos do relatório do interrogatório de Starziczny, 30 de maio de 1942.

TNA, KV 2/468, folio 179a, carta, GW a Madame de Ridder, sem data.

TNA, KV 2/468, folio 181a, Marriott a Robertson, 14 de julho de 1942.

TNA, KV 2/468, carta, Robertson a GW, 5 de agosto de 1942.

## AS CONSEQUÊNCIAS

**SNOW VIU SEU ENCARCERAMENTO EM DARTMOOR** como mais uma tarefa. Sendo o único indivíduo britânico entre os mais perigosos estrangeiros, tornou-se o informante do MI5, espionando e ouvindo conversas e pressionando outros prisioneiros em busca de informações. Robertson o visitava sempre que achava que o homenzinho tinha algo a oferecer. Porém, as informações apresentadas por Snow eram, na maior parte, produto de sua imaginação hiperativa. Mesmo assim, ele alertou o MI5 sobre a fonte de vazamentos de informações do campo de internamento na Ilha de Man.<sup>1</sup>

De acordo com o Regulamento 18B, havia duas categorias de indivíduos presos por se envolverem em atos “prejudiciais à segurança pública e à defesa do reino”. Os primeiros eram aqueles com potencial para se tornarem agentes inimigos e foram mantidos encarcerados durante toda a guerra. A segunda classe era composta por pessoas que corriam riscos de serem subvertidas e que, portanto, eram presas por precaução. Essas últimas eram mantidas na Ilha de Man, suas correspondências eram rotineiramente verificadas e seus visitantes passavam por intensa revista. O local chegou a abrigar 1600 pessoas em agosto de 1940, mas esse número caiu para 400 um ano depois.<sup>2</sup>

Snow foi mantido em Stafford, uma prisão existente desde o século XII cuja sua construção mais recente datava do século XVIII e era usada por republicanos irlandeses depois do levante de 1916. Reformado em 1940 para acomodar a afluência de detidos pelo Regulamento de Defesa, o local continuava sendo sombrio e

mantido com um regime duro. As instruções do governador eram que não se confiasse em Snow, muito embora ele no passado tivesse trabalhado para o MI5. Todas as correspondências de Snow eram encaminhadas a Masterman, que as vetava se houvesse alguma queixa sobre seu bem estar.<sup>3</sup> Os visitantes só podiam entrar depois de passarem por uma intensa revista e os funcionários da prisão eram instruídos a reportarem as conversas suspeitas que Snow pudesse ter com outros internos. Um desses internos, Johan Dirk Boon, um fascista holandês, contou ao diretor que Snow planejava escapar para a Irlanda.

Snow havia alardeado a Boon sobre suas atividades como agente alemão, relatado que havia tirado fotografias de tanques e aeronaves, contado aos alemães sobre um campo do exército canadense que posteriormente fora bombardeado pela Luftwaffe, que tinha um passaporte alemão, que havia estado em Berlim dois dias antes do início da guerra e que tinha uma conta bancária secreta em Nova York por meio da qual recebia dinheiro da *Abwehr*. De acordo com Snow, se os alemães invadissem, os guardas em Stafford tinham instruções para atirar em todos os prisioneiros.<sup>4</sup>

Acreditando estar na companhia do mais importante espião da Inglaterra, Boon concordou em participar do plano de fuga. Quando eles chegaram a Dublin, Snow prometeu cuidar para que um submarino alemão o levasse à Holanda. Primeiro, eles subornaram um carcereiro para que o homem lhes arrumasse uma pequena serra. Seja lá qual fosse o objetivo disso, o plano não funcionou, de modo que eles pediram ao carcereiro que lhes emprestasse uma chave. Snow fez a cópia da chave em uma barra de sabão e entregou a barra a Boon, que a reproduziu em papelão. Foi quando Boon perdeu a paciência e denunciou o plano ao diretor da prisão. O holandês disse ao MI5 que o único interesse na vida de Snow parecia ser ganhar dinheiro, que ele não tinha nada de idealista e não passava de "um traidor comum".<sup>5</sup> Não muito tempo depois, Snow foi transferido para Dartmoor e a Divisão Especial deu instruções para aumentar a vigilância sobre Lily e a casa em Addlestone onde ela estava vivendo com o filho.

O filho de Snow, Robert, também passou o restante da guerra preso no Peveril Internment Camp, um grupo de dormitórios ao final da esplanada em Peel, Ilha de Man. Em alguns casos, maridos e esposas eram internados juntos, mas Snow não pôde ser transferido para Peveril para ficar com o filho.<sup>6</sup> Em janeiro de 1943, quando vários detentos foram devolvidos à comunidade ou deportados, o pedido do filho de Snow para ser transferido para Dartmoor para poder ficar próximo do pai foi rejeitado pelo Ministro da Administração Interna. Um ano depois, ambos continuavam detidos e a Administração Interna continuava enxergando pai e filho como um risco à segurança, especialmente na véspera do Dia D. "Ambos estão detidos há algum tempo e não lhes causará mal algum passar mais alguns meses presos", escreveu Robertson a Petrie, o Diretor Geral. Os Snow estariam entre os últimos a serem libertados, em agosto de 1944.<sup>7</sup>

Robert Snow seria imediatamente recrutado para as forças armadas se não fosse a intervenção do MI5, que preferiu julgá-lo inadequado para serviços militares em vez de correr o risco de deixá-lo cair nas mãos do inimigo. Seu pai só tinha 2,10 libras em dinheiro e não portava nem carteira de identidade, nem cartão de racionamento quando deixou Dartmoor. No entanto, o MI5 sentiu-se na obrigação de ajudar a reabilitar seu antigo agente, então lhe ofereceu acomodação enquanto ele buscava trabalho.

Em setembro de 1944, o secretário do Comitê dos Vinte, John Marriott, esperava para buscar Snow em Dartmoor. Durante o caminho de volta para Londres, o silêncio dominou. Nenhum dos dois tinha muito a contar, "exceto trivialidades". Marriott contou a Robertson posteriormente:

Pensamos que ele não tinha para onde ir e, nessas circunstâncias, acreditou-se que ficaria grato por receber hospitalidade temporária enquanto buscava algo para fazer ou algum lugar aonde ir. [...] Mas Snow pensou que deveríamos cuidar dele [...] e praticamente não demonstrou gratidão nenhuma por nossa consideração.

Marriott, que jamais gostara ou mesmo confiara no galês matreiro, recusava-se a discutir a situação do filho de Snow, embora tivesse plena consciência de que o jovem já havia sido libertado da Ilha de Man. E Marriott tampouco ofereceu qualquer informação sobre Lily e a criança. Quando Snow perguntava o paradeiro da família, o secretário simplesmente respondia: "Não tenho ideia."<sup>8</sup>

Durante seis meses, Snow viveu de doações do MI5, as quais somaram um total de 215 libras, até Robertson finalmente perder a paciência e recomendar ao diretor geral, Sir David Patrie, que aquela situação chegasse ao fim:

Considero que Snow não tenha tentado com afinco encontrar um emprego e estou certo de que ele, enquanto sentir – e sente – que deve receber nossos cuidados, seguirá sem fazer qualquer esforço. Para ser justo com ele, acho que deve ser dito que, levando em consideração sua idade – e ele tem quase 50 anos – e o fato de que, durante toda a guerra, não teve um emprego formal, dificilmente conseguirá trabalho, exceto na área em que já tem experiência, ou seja, como agente. E, por uma série de razões, já não é adequado para isso.<sup>9</sup>

Robertson fez uma última tentativa de conseguir trabalho para Snow. Não alcançou nenhum resultado e o galês recebeu a notícia de que não poderia mais contar com a ajuda do MI5, que já era hora de andar com as próprias pernas. Robertson recomendou fazer a ele um pagamento *ex gratia* de 500 libras, o equivalente a 13 mil libras em 2011, mas isso não se comparava às 10 mil libras que ele havia recebido de Rantzau em Lisboa e entregue ao MI5. 10 mil libras representava o equivalente a 287 mil libras e não é de se surpreender que a *Abwher* sempre tenha achado que a explicação mais provável para a "aposentadoria" repentina de Snow após seu retorno de Lisboa não era o fato de ele ter sofrido um colapso, conforme alegara em sua última transmissão, mas de ter pegado o dinheiro e fugido. Robertson estimou que os alemães haviam pagado a Snow um total de aproximadamente 4 mil libras (equivalentes a

mais de 100 mil libras) em troca de informações durante os três anos em que Snow prestou serviços de espionagem para eles.<sup>10</sup>

Embora o MI5 não tivesse autoridade ou formas de compensar ex-agentes, Robertson acreditava que Snow deveria receber 500 libras como “dividendos da inteligência” por sua enorme contribuição à contraespionagem britânica. Um pagamento tão incomum somente poderia ser autorizado pelo diretor geral. Se as 10 mil libras recebidas de Rantzau fossem levadas em conta, Robertson estimava que o caso de Snow havia sido, “com base estritamente financeira, [...] lucrativo para nós”. O diretor geral concordava. O único problema, ele argumentava, era a melhor forma de arranjar a recompensa.<sup>11</sup>

Dois agentes do MI5, o Tenente Coronel Cussen e o Major L. J. Burt, passaram a Snow um cheque de 500 libras no quarto 055 da Imperial House em 6 de março de 1945. Snow foi avisado de que não ajudaria mais o MI5 e também da necessidade de segredo em relação ao trabalho que havia realizado. Ele pareceu genuinamente surpreso ao receber a enorme quantia. E afirmou que investiria a soma imediatamente e que não tinha queixas sobre seu tratamento.<sup>12</sup> Sua última ação foi assinar a Lei de Segredos Oficiais. Antes de fazer isso, foi lembrado pelo Coronel Cussen das penalidades que enfrentaria se tentasse escrever sobre suas atividades de espionagem ou discuti-las com qualquer pessoa não autorizada.<sup>13</sup>

Não se sabe nada sobre os movimentos de Snow após ser recompensado pelo MI5, mas aparentemente ele se reuniu com Lily e a filha, Jean Louise. Em 1946, conheceu Hilda White e mudou o nome para White. Depois que um filho, Graham, nasceu em Londres, a família mudou-se para Wexford, onde Snow abriu uma oficina na qual concertava rádios e participava de reuniões ocasionais do Sinn Féin. For isso, passava grande parte do tempo no bar da esquina. Poucos na família conheciam sua vida secreta, mesmo depois que ele morreu, em dezembro de 1957, e foi enterrado em uma sepultura não identificada no Crosstown Cemetery. Solto da prisão em 1944, seu filho Robert casou-se antes

de retornar a Gales do Sul como engenheiro de uma siderúrgica em Port Talbot, onde morreu em 1981. Sua irmã, Patricia, tornou-se atriz de Hollywood em 1950, aparecendo ao lado de Vincent Price no filme de ficção científica *A Mosca da Cabeça Branca*.

Por algum motivo desconhecido, Snow nunca retirou sua declaração de que havia confessado a Rantzau que era um agente britânico controlado. Tampouco recorreu contra sua detenção em Dartmoor. Todavia, Robertson, chefe do Sistema Double-Cross, admitiu, em janeiro de 1944, que o MI5 havia entendido tudo errado. Informações foram recebidas subsequentemente, ele explicou, de outras fontes dignas de confiança, afirmando que, em sua última visita a Lisboa, Snow *não* contou a Rantzau que era um agente britânico controlado.<sup>14</sup> De fato, Rantzau foi demitido pela *Abwehr* por perder o controle sobre Snow e, em vez de ser convidado para uma transferência ao Brasil, foi despachado para o norte da África. Próximo ao fim da guerra, foi enviado a Hanover, onde, na última noite de bombardeio da Força Aérea Real, agiu como oficial no comando das maiores defesas antiaéreas da cidade. Depois de estudar atentamente relatórios de observações por radar e no chão, concluiu que ataques divergentes em outras partes da Alemanha seriam os principais esforços daquela noite. Assim, a defesa de Hanover recebeu ordens para se recolher. Precisamente seis minutos depois, 1500 bombardeiros da Força Aérea Real chegaram! Mais tarde, o prisioneiro de guerra Rantzau estava no comando de um esquadrão que arrumava a bagunça no Centro de Interrogatório Detalhado dos Serviços Combinados em Bad Nenndorf, Alemanha. Sob interrogatório em Bad Nenndorf, alegou que 500 libras fora a maior quantia que havia entregado de uma só vez a Snow. As 10 mil libras que o galês transportava quando retornou de Lisboa deviam ter sido obtidas de alguma fonte da *Abwehr*, possivelmente em Madri, onde Snow era conhecido por ter contatos.<sup>15</sup>

Por que, então, Snow inventara a história de sua confissão? Masterman, uma das melhores cabeças do MI5, acreditava que a explicação residia no fato de Snow buscar uma forma de escapar de

uma situação que havia se tornado insustentável, complicada demais até mesmo para uma mente tão criativa. Mais cedo ou mais tarde, os alemães certamente o descobririam. Se isso acontecesse – lembrando que ele também não era útil aos britânicos –, então onde se esconderia? Em Lisboa, Snow falou sobre levar Lily e a filha à Alemanha e sobre um trabalho com Rantzau na inteligência militar. Para alguém como Snow, essa teria sido uma proposta atraente – mas somente se Hitler saísse vitorioso. Em fevereiro de 1941, esse desfecho estava longe de ser provável. A Batalha da Grã-Bretanha estava vencida e a invasão alemã recuava. Talvez Snow tenha decidido que o melhor esconderijo fosse a prisão. Se os alemães saíssem vitoriosos, ele seria libertado como um herói do Terceiro Reich. Enquanto isso, esperava os acontecimentos, passando seu tempo em Dartmoor, melhorando sua reputação com o MI5 ao extrair informações de outros prisioneiros e sem jamais reclamar de sua detenção, sem retirar uma palavra de uma “confissão” que, paradoxalmente, havia se tornado seu passaporte para um esconderijo seguro.

GW voltou a trabalhar como detetive particular, mas não por muito tempo. Dezoito meses depois de deixar o trabalho como agente do Sistema Double-Cross, foi acometido por uma doença debilitante que o deixou incapaz até mesmo de assinar seu nome ou sair de casa, exceto em uma ambulância para fazer fisioterapia em um hospital próximo. Ele morreu no Royal Chelsea Hospital em 1949, aos 62 anos de idade, vítima das complicações da doença, deixando a esposa e a enteada, mas nenhuma palavra sobre sua audaciosa excursão no mundo da espionagem. Como o espião perfeito, Williams desapareceu sem deixar vestígios.

Os agentes duplos galeses eram muito valiosos de diversas formas para a Inteligência Britânica. Owens foi muito mais útil no período imediatamente antes e após o início da guerra. Membro fundador do Sistema Double-Cross, era ao mesmo tempo dúbio e nada confiável, além de extremamente difícil de controlar. Porém, mesmo com suas numerosas falhas, a aptidão de Owens para trabalhar em ambos os lados da espionagem lhe permitira entregar uma enorme quantidade de informações sobre as operações nazistas aos britânicos. O

veredito final de John Gwyer, analista de segurança do MI5, foi de que, independentemente de “quão obscuramente Snow disfarçasse suas informações, ele oferecera ao MI5 uma imensa quantidade de detalhes que, quando cruzados, provavam-se verdadeiros”.<sup>16</sup> No entanto, de que lado ele realmente estava em um ou outro momento foi um segredo que Snow levou para o túmulo – isto é, considerando que ele próprio, de fato, soubesse de que lado estava!

A contribuição de Williams para a frustração estratégica era a de um homem comum que fazia um trabalho extraordinário por seu país, um homem que poderia ter sido muito mais produtivo, mas cujas operações foram eclipsadas com a prisão de Calvo. Nem por um momento sequer Rantzau pareceu suspeitar de que Williams fosse algo além de um colaborador galês nacionalista e fanático, exatamente o que ele fingia ser. Depois da demissão de Owens, Williams passou a ser visto pela *Abwehr* como seu último homem na Grã-Bretanha. Masterman e Robertson, por sua vez, viram essa perda como um desastre capaz de colocar em risco todo o Sistema Double-Cross.

TNA, KV 2/451, folio 582a, Marriott a Major W. H. Coles, Ministério do Interior, 29 de junho de 1943.

TNA, HO 45/25690, arquivos de detentos do Regulamento de Defesa, 1939–1945.

TNA, KV 2/450, folio 1116a, Masterman ao Governador, Stafford Gaol, 24 de abril de 1941.

TNA, KV 2/450, folio 1241a, declaração de Dirk Boon, 15 de agosto de 1941.

TNA, KV 2/450, folio 1233a, entrevista de Robertson e Masterman com Boon, 14 de agosto de 1941; TNA, KV 2/450, nota de Snow sobre o plano de fuga, 18 de agosto de 1941.

TNA, HO 215/360-2, “Married couples as detainees”, 1941.

TNA, KV 2/451, carta do filho de Snow ao Secretário do Interior, Herbert Morrison, 21 de junho de 1943.

TNA, KV 2/451, folio 1730a, Marriott a Robertson, 1º de setembro de 1944, sobre a soltura de Snow de Dartmoor.

TNA, KV 2/451, Robertson a Sir David Petrie, diretor geral do MI5, recomendando o pagamento a Snow, 24 de junho de 1945.

*Ibid.*

TNA, KV 2/451, resposta de Petrie a Robertson, 3 de fevereiro de 1945.

TNA, KV 2/451, relato de Robertson confirmando compensação paga a Snow, 6 de março de 1945.

TNA, KV 2/451, certificado da Lei Oficial dos Segredos assinado por Snow, 6 de março de 1945.

TNA, KV 2/451, Robertson a Hale (SLA) confirmando que Snow nunca fizera a confissão, 13 de janeiro de 1944; para detalhes da família de Snow, ver Nigel West e Madoc Roberts, *Snow: The Double Life of a World War II Spy* (Londres: Biteback Publishing, 2011), pp. 195, 198–201.

TNA, KV 2/451, folio 1804a, relato de Gwyer sobre o interrogatório de Rantzau, 15 de maio de 1946.

TNA, KV 2/451, folio 1317b, Marriott a Robertson citando o veredito de Gwyer sobre o valor das informações de inteligência reunidas por Snow, 17 de outubro de 1941.

# CONCLUSÃO

**AO SE DISFARÇAREM DE COLABORADORES** nacionalistas galeses, Gwilym Williams e Arthur Owens ajudaram na vitória britânica da guerra de frustração estratégica. Mas estariam os outros envolvidos em um jogo mais mortal?

O nacionalismo pacifista sempre estaria aberto a ser explorado pela Alemanha Nazista, assim como pelo serviço de segurança britânico ansioso por aproveitar cada chance de penetrar a inteligência militar alemã. Mas uma oferta espúria de independência galesa persuadiu alguns nacionalistas desafetos a colaborar, acreditando, como alguns membros do IRA, que os problemas da Inglaterra eram a oportunidade de Gales? Embora limitada, a resistência dos galeses ao recrutamento para a participação em uma guerra inglesa ganhou força suficiente para transformá-los em um grupo de colaboradores nazistas?<sup>1</sup>

Relatos de possíveis colaboradores espreitando nas sobras do País de Gales eram, com base nas evidências atualmente disponíveis, invenção de um aparato de segurança sensível à necessidade de vigilância constante. A "ameaça" nacionalista percebida não era muito diferente dos avisos do Ministério do Interior de que "paredes têm ouvidos", pelos quais um descontente russo, Blaenclydach, ficara preso durante doze meses em Glamorgan Assizes após uma discussão em um bar, durante a qual ele teria dito: "Os britânicos tomaram a Palestina dos judeus e Hitler tomará a Inglaterra dos ingleses".<sup>2</sup>

Até mais segredos da Segunda Guerra Mundial caírem em domínio público e serem disponibilizados, será impossível afirmar com certeza absoluta se existiam outros ou quão proximamente alguns podem ter flertado com a ideia de colaboração. A julgar pelos

arquivos de Williams/ Owens, três dossiês intitulados “WNP”, “WW” e “The Welsh Agent” permanecem secretos – se já não foram destruídos como parte do que é eufemisticamente descrito por alguns departamentos do governo como “limpeza periódica”.

A submissão de grande parte da Europa Continental à Alemanha Nazista ofereceu a oportunidade para uma colaboração em escala sem precedentes desde as Guerras Napoleônicas. A verdadeira extensão, todavia, não foi totalmente documentada, em parte por conta da sensibilidade do assunto para historiadores expondo o que aconteceu em seus próprios países. Motivos individuais para colaborações também são complexos e nem sempre surgem como resposta direta aos conflitos ideológicos e sociais que brotam em um país derrotado a partir de sanções das potências vitoriosas.<sup>3</sup> Dos indivíduos que são parte deste trabalho, deve ser dito que a motivação principal de Owens era o dinheiro; seu nacionalismo professado era uma cortina de fumaça para o que certamente começara como uma empreitada mercenária.

Em qualquer discussão do nacionalismo galês antes e durante a Segunda Guerra Mundial, é importante distinguir entre a corrente principal, conforme representada pelo Plaid Cymru, e a minoria de nacionalistas desafetos e impacientes com a postura pacifista/cultural do partido na luta por uma maior autodeterminação. Como o partido foi fundado em 1925, seu único ato de desafio violento contra uma conquista inglesa que ocorreu 800 anos antes do surgimento da Alemanha Nazista foi o incêndio da escola da Força Aérea Real na Península de Llŷn, realizado por Saunders Lewis e outros homens em 1936. Esse protesto cultural em defesa da língua definiu o Plaid Cymru até Tryweryn, em 1966. O bombardeio de tubulações de água e de prédios do governo que veio em seguida, assim como os incêndios de casas de férias, foram trabalho daqueles em geral vistos como renegados. Até que ponto essa ação violenta e direta influenciou – se chegou a influenciar – o ritmo da retribuição a Gales de um governo que já havia começado o processo de criar um Gabinete Galês, isso jamais será admitido, muito embora as páginas da história estejam repletas de exemplos

da eficácia de ações violentas e diretas em apoio à autodeterminação.

O pacifismo sempre esteve no centro da filosofia nacionalista do Plaid Cymru, mesmo antes do período que antecedeu o início da guerra. O partido, entretanto, sempre foi acusado de ser impreciso, até mesmo indiferente, acerca do outro extremo em que o nacionalismo se reúne – o autogoverno. Mas o que era ainda mais incomum no País de Gales da década de 1940 era que nacionalismo, pacifismo e neutralidade andavam de mãos dadas. Patriotas alemães eram nacionalistas seguindo as reparações humilhantes do Tratado de Versalhes após a Primeira Guerra Mundial; na Itália, a ideia de restaurar o Império Romano era o sonho nacionalista, ao passo que, no Japão, o nacionalismo nascera de um senso de obrigação e honra. Poucos, se existiam, viam o pacifismo como meio de resolver suas supostas injustiças.

O nacionalismo galês de Saunders Lewis era produto da contínua ameaça à língua e à cultura de sua nação. Para Lewis, o Plaid Cymru buscava “afastar dos galeses seu senso de inferioridade, [...] remover de nosso adorado país a marca e a vergonha da conquista.”<sup>4</sup> Porém, quando falava em fazer uma revolução para restaurar esses fatores, Lewis nunca defendia a violência contra o Estado britânico. Ao reconhecer herança, língua e cultura comuns, o nacionalismo galês não era mais racista do que qualquer nação que acreditasse na integridade de sua etnia e a tensão criada pela rivalidade nacional jamais equiparou-se aos sentimentos racistas da Alemanha Nazista.

Nunca ficou claro como as ambições do Plaid se tornariam realidade, mas entrar em uma guerra com a Inglaterra, de qualquer forma que fosse, em momento algum figurou nas ideias do partido. Ademais, na década de 1940, a maioria dos galeses se achava etnicamente indistinguível dos ingleses. Cidadãos de segunda classe, talvez, nos contextos social e econômico, mas, mesmo assim, ainda cidadãos do Reino Unido. Até mesmo a ação direta e violenta perpetrada pelos ditos nacionalistas renegados entre as décadas de 1960 e 1980 tinha uma dimensão cultural, pois se concentrava no

papel que as construções tiveram no declínio das comunidades galesas. Mas não era um movimento racista; os incendiários eram indiferentes com relação à nacionalidade dos proprietários das casas de férias e tomaram cuidado para que nenhuma pessoa saísse ferida durante os mais de 200 ataques a propriedades.<sup>5</sup>

Em um país com uma longa tradição de pacifismo liberal, Saunders Lewis era um apoiador entusiasmado do Peace Pledge Union, que contava com 136 mil membros em 1940.<sup>6</sup> Proeminente em seu equivalente galês, o Heddychwyr Cymru, foi Gwynfor Evans, sucessor de Lewis em 1965 e um dos homens creditados por guiar o partido durante os complicados anos da guerra. A objeção consciente de Evans, assim como seu nacionalismo, tinha raízes no cristianismo. Ele era fortemente contrário ao uso da violência e buscou um País de Gales não beligerante como membro da comunidade de nações. Todavia, na atmosfera febril que girava em torno do apaziguamento na Grã-Bretanha pré-guerra, talvez fosse inevitável que a fama do pacifismo nacionalista neutro do Plaid fosse construída da forma errada, como racista, por críticos a quem o partido feria com preconceitos.

Apesar de o Plaid Cymru declarar neutralidade, acredita-se que apenas quatorze nacionalistas (de um total de 60 mil registrados para isenção no serviço militar nas Ilhas Britânicas – quatro vezes a quantidade se comparada à Primeira Guerra Mundial) tenham buscado a objeção consciente por motivos políticos, a mais clara evidência de que a maioria dos nacionalistas apoiava o esforço de guerra.<sup>7</sup> O ostracismo de concidadãos e o medo de perder o emprego pesavam muito na decisão dos objetores de consciências, assim como aparecer diante dos tribunais do governo, os quais eram, via de regra, vistos como justos e compreensivos.

Parece improvável a possibilidade de um partido guiado por Lewis e o pacifista dedicado Evans ser, de alguma forma, uma influência não intencional para a formação de um ninho de colaboradores nazistas. Porém, nem todos enxergavam dessa forma. O pacifismo, em qualquer disfarce, de acordo com o autor e jornalista George Orwell, era, por natureza, pró-fascismo:

Se obstrui o esforço de guerra de um lado, você automaticamente apoia o esforço do lado contrário. [...] Na medida em que tem efeitos, a propaganda pacifista só pode ser eficaz contra os países onde uma certa quantidade de liberdade de discurso ainda é permitida; em outras palavras, ela é útil ao totalitarismo.<sup>8</sup>

É inegável que Lewis tenha usado um linguajar extravagante ao discutir o impacto da guerra nas comunidades galesas. Até mesmo seus colegas inclinados à esquerda achavam “elitistas” suas visões e “condescendentes” suas atitudes com relação à tradição pacifista e socialista da classe trabalhadora dos vales.<sup>9</sup> Durante a agitação que cercou o incêndio da escola da Força Aérea Real na Península de Llŷn, ele elogiou Hitler por cumprir a promessa de “abolir completamente da vida econômica da Alemanha a força financeira dos judeus”, um comentário que assombra seu legado até os dias atuais, embora comentários favoráveis a líderes fascistas também tenham sido feitos por Winston Churchill e Lloyd George na década de 1930.<sup>10</sup> A liderança do Plaid tampouco se mostrou unida na adoção de uma postura neutra. Ambrose Bebb, professor do Bangor Normal College, foi direto em seu apoio à guerra, acreditando que um partido que se apoiava somente no pacifismo criava apatia.<sup>11</sup>

Ciente da guerra da Inglaterra na Irlanda, da adoção de políticas de apaziguamento por Chamberlain e da oposição inicial a uma solução militar por parte de Lloyd George e de outros políticos proeminentes, Hitler foi encorajado a acreditar que havia algo a ser ganho em um País de Gales pacifista e nacionalista. Durante a Guerra de mentiras, a Alemanha havia apoiado os movimentos regionais na França, Bélgica, Holanda e Noruega como forma de minar seus governos. Nacionalistas bretões foram persuadidos no sentido de que, com a queda da França, ganhariam a independência e sua língua e cultura seriam restabelecidas após muitos anos de repressão. Os nacionalistas bretões mais extremistas alegavam ser descendentes de uma raça de celtas puros e que tinham ligações com a Alemanha Nazista desde muito antes do início da guerra. O

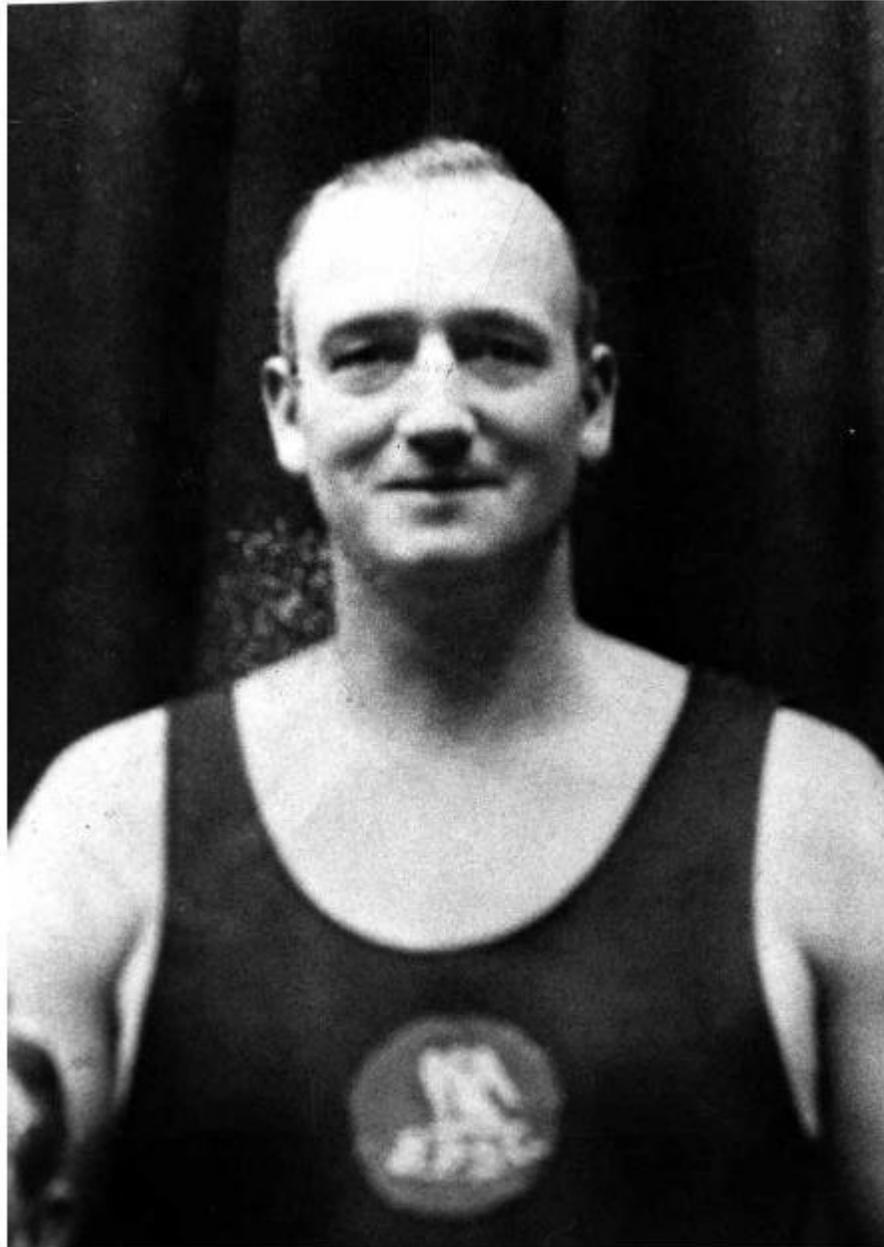
Partido Nacional Bretão também se declarava neutro, mas o nacionalismo bretão foi influenciado pelo racismo alemão e outras variedades de fascismo europeu. A facção dissidente, o Bezen Perrot, colaborou com a SS na caça e execução da resistência francesa e lutou ao lado de seus colegas alemães na Frente Oriental.<sup>12</sup>

A Alemanha Nazista viria a descobrir que o nacionalismo cultural de Gales era marcadamente diferente daquele apresentado na Bretanha e na Europa Oriental, onde as inclinações racistas de movimentos regionais podiam ser manipuladas de modo a apoiar as ambições germânicas.<sup>13</sup> Os irlandeses também destoavam do esperado – a maioria apoiava uma vitória britânica na guerra e a Garda prendia agentes alemães assim que eles tocavam o solo do país. Ocasionalmente, um submarino alemão recolhia mantimentos em alguma baía isolada na costa oeste da Irlanda, mas até mesmo isso deixou de existir quando de Valera descobriu que o Alto Comando Alemão planejava desembarcar tropas na Irlanda como uma forma de entrar na Grã-Bretanha pela porta dos fundos. Quanto ao IRA, o grupo desviava o que conseguia obter da *Abwehr* para fundar sua própria guerra contra a Alemanha, até Hitler finalmente abandonar os esforços no sentido de agrupar a Irlanda aos países do Eixo.

Depois da Primeira Guerra Mundial, os movimentos pela paz haviam ganhado força em uma Grã-Bretanha moderadamente segura, estrategicamente bem posicionada, com uma cultura tolerante, pluralista e liberal. O movimento pela paz britânico tornou-se o mais influente da Europa, atraindo apoio considerável do Partido Liberal e do recém-fundado Partido Trabalhista. Porém, depois da invasão da Tchecoslováquia, o número de objetores de consciência caiu, alguns retiraram seus pedidos enquanto outros passaram a sentir um considerável desconforto por estarem naquela posição.<sup>14</sup> Ao mesmo tempo, a implementação do Regulamento 18B e a prisão de estrangeiros, assim como a liderança da União Britânica de Fascistas, de Sir Oswald Mosley, negaram à Alemanha Nazista sua Quinta Coluna e um *pool* de colaboradores em potencial.

Na ausência de uma Quinta Coluna real, o MI5 voltou-se a Gales. Inicialmente, o serviço de segurança parecia compartilhar da convicção de Hitler sobre a existência de nacionalistas subversivos – caso contrário, por que a segurança teria instruído o misterioso “WW”, funcionário da imigração de Swansea, a se infiltrar no movimento? Quando nada foi encontrado, o MI5 convidou Gwilym Williams, ao mesmo tempo em que explorava o antagonismo de Arthur Owen para com os ingleses, a construir uma ponte que chegasse ao interior da inteligência militar alemã.

Ao concentrar a atividade da inteligência alemã em um grupo de sabotadores, Williams e Owens desviaram a ameaça da espionagem e da sabotagem de uma das partes mais vulneráveis da Grã-Bretanha. Até onde se sabe, nenhum agente da *Abwehr* pisou no País de Gales sem ser detectado; tampouco houve qualquer ato de sabotagem. Paradoxalmente, entretanto, a criação de Gwilym Williams e seu indiscutível sucesso ao convencer a Alemanha Nazista de que ele era, pelo menos por um período, um mestre da espionagem britânica – e certamente o único agente de que a organização precisava em Gales – provavelmente foram, em grande parte, fatores responsáveis pela sombra duradoura lançada no nacionalismo pós-guerra.



Gwilym Williams

John Davies, *A History of Wales* (Londres: Penguin, 1994), pp. 574, 581–2.

*Western Mail*, 20 de julho de 1940, p. 2.

John A. Armstrong, "Collaboration in World War II: The integral nationalist variant in Eastern Europe", *Journal of Modern History* (Chicago: University of Chicago Press, 1968), 40/3, 396–410.

Davies, *A History of Wales*, p. 591.

John Humphries, *Freedom Fighters: Wales's Forgotten War* (Cardiff: University of Wales Press, 2008), pp. 154–71.

Martin Ceadel, "A legitimate peace movement: the case of Britain 1918–1945", relatório da conferência *Acceptance of peace movements in national societies during the inter-war period 1919–1939: a comparative study* (Stadtschlaining, Austria, 25–29 de setembro de 1991).

Davies, *A History of Wales*, p. 599.

Sonia Orwell and Ian Angus (eds), *The Collective Essays, Journalism and Letters of George Orwell* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich: 1968), Volume 2/261.

Davies, *A History of Wales*, p. 599.

*Ibid*, p. 591.

United Kingdom Parliament: Debate sobre *Government of Wales Act 1998*, recuperado em 31 August 2006; *Western Mail*, Ambrose Bebb na Plaid Cymru Summer School, 4 de agosto 1939, p. 5.

Daniel Leach, "Bezen Perrot: The Breton nationalist unit of the SS, 1943–5", *Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*, 24; John Armstrong, "Collaboration in World War II: The integral nationalist variant in Eastern Europe", pp. 396–410.

Michel Nicolas, *Historie du Movement Breton* (Paris: Syros, 1982), p. 102; John Armstrong, "Collaboration in World War II: The integral nationalist variant in Eastern Europe", pp. 396–410.

John Armstrong, "Collaboration in World War II: The integral nationalist variant in Eastern Europe", pp. 396–410.

## BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

- ALDRICH, R. "Policing the Past: Official History, Secrecy, and British Intelligence since 1945" in *The English Historical Review* (Oxford: 2004), 119, pp. 922–53.
- ARMSTRONG, John A. "Collaboration in World War II: The Integral Nationalist Variant in Eastern Europe", *Journal of Modern History* (Chicago: University of Chicago Press, 1968).
- CHAPMAN, T. Robin. *Un Bywyd O Blith Nifer: Cofiant Saunders Lewis* (Llandysul: Gomer, 2006).
- CHARMLEY, John. *Chamberlain and the Lost Peace* (Londres: Hodder and Stoughton, 1989).
- CLARKE, Peter. *A Question of Leadership: from Gladstone to Thatcher* (Londres: Hamish Hamilton, 1991).
- DAVIES, John. *A History of Wales* (Londres: Penguin, 1994).
- DEACON, Richard. *British Secret Service: the Classic History* (Londres: Frederick Muller, 1969).
- FARAGO, Ladislav, *The Game of the Foxes* (Nova York: Bantam, 1973).
- GRAVES, Robert; HODGE, Alan. *The Long Weekend: a Social History of Great Britain* (Londres: Sphere Books, 1991).

- HESKETH, Roger. *Fortitude: The D-Day Deception Campaign* (Nova York: Overlook Press, 2000).
- HOARE, Oliver. *Camp 020: MI5 and the Nazi Spies – The Official History of MI5's Wartime Interrogation Centre* (Londres: Pen and Sword, 2001).
- KAHN, David. *Hitler's Spies: German Military Intelligence in World War II* (Nova York: First Da Capo Press, 2000).
- LONGMATE, Norman. *Island Fortress* (Londres: Hutchinson, 1991).
- MASTERMAN, J. C. *The Double-Cross System* (Yale: Yale University Press, 1972).
- MACINTYRE, Bem. *Operation Mincemeat* (Londres: Bloomsbury, 2010).
- MCLACHAN, Donald. *Room 39: Naval Intelligence in Action, 1939–45* (Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1968).
- MONTAGU, Ewen. *The Man Who Never Was* (Filadélfia: Lippincott, 1954).
- MORGAN, Kenneth O. *Rebirth of a Nation: Wales, 1880–1980* (Oxford: Oxford University Press, 1981).
- NICOLAS, Michel. *Historie du Mouvement Breton* (Paris: Syros, 1982)
- O'DONOGHUE, David. *Hitler's Irish Voices: the Story of German Radio's Wartime Irish Service* (Belfast: Beyond the Pale Publications, 1998).
- ORWELL, Sonia; ANGUS, Ian (eds). *The Collective Essays, Journalism and Letters of George Orwell* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968).

RITTER, Nikolaus. *Deckname Dr Rantzau: Die Aufzeichnungen des Nikolaus Ritter, offizer im geheimen nachrichtendienst* (Hamburgo: Hoffman und Campe, 1972).

ROWLAND, Peter. *Lloyd George* (Londres: Barrie and Jenkins, 1975).

WARK, Wesley, "In Never-Never Land? The British Archives on Intelligence", *Historical Journal*, 35, 1 (1992), 196–203.

WATT, Donald Cameron. *How War Came* (Londres: Heinemann, 1989).

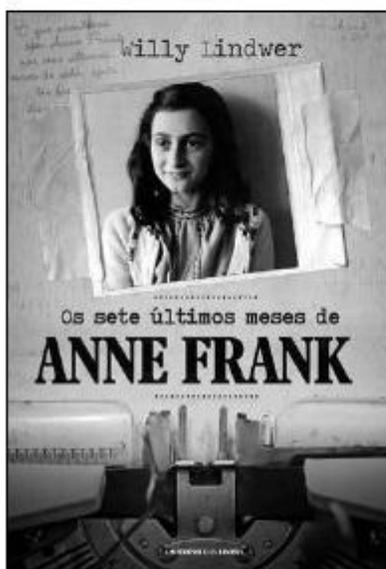
WEST, Nigel e Roberts, Madoc. *Snow: The Double Life of a World War II Spy* (Londres: Biteback Publishing, 2011).

WILMOT, Chester. *The Struggle for Europe* (Londres: Collins, 1971).

WILSON, Derek. *Rothschild: a Story of Wealth and Power* (Londres: Andre Deutsch, 1988).

## LEIA TAMBÉM

### OS SETE ÚLTIMOS MESES DE ANNE FRANK



O "não escrito" capítulo final do *Diário de Anne Frank* relata o tempo entre a prisão de Anne Frank e sua morte. A história é contada por meio dos testemunhos de seis mulheres judias que sobreviveram ao inferno do campo de concentração do qual Anne nunca mais voltou.

Inicialmente, o renomado cineasta holandês Willy Lindwer filmou o documentário "Os sete últimos meses de Anne Frank" e, depois disso, resolveu transformá-lo em livro. Para tanto, ele entrevistou mulheres que conheceram Anne Frank.

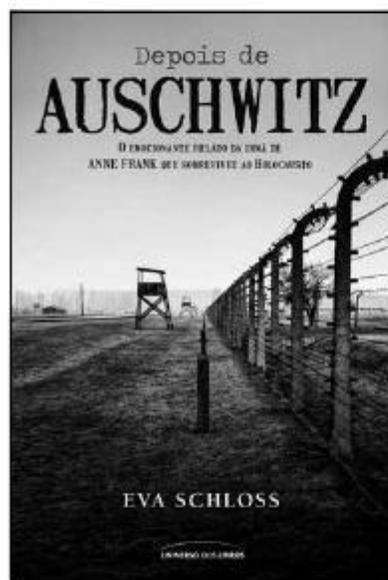
O livro é composto pelos depoimentos de seis dessas mulheres - algumas que a conheceram antes de sua deportação para o campo nazista, e todas elas durante os últimos momentos em Bergen-Belsen.

As histórias que estas mulheres têm para contar são semelhantes: o tratamento no campo, a forma como conheceram as irmãs Frank e a maneira como todas foram inexplicavelmente tocadas por sua vida. O fato de terem sobrevivido ao campo de extermínio é um milagre em si mesmo. Uma das sobreviventes, inclusive, teve a difícil missão de confirmar a Otto Frank as mortes de suas filhas, Anne e Margot.

*Os sete últimos meses de Anne Frank* é o triste e verdadeiro relato de uma crueldade inimaginável e do milagre ocorrido para os que sobreviveram poderem contá-lo com suas próprias palavras.

## LEIA TAMBÉM

### DEPOIS DE AUSCHWITZ



Em seu aniversário de quinze anos, Eva é enviada para Auschwitz. Sua sobrevivência depende da sorte, da sua própria determinação e do amor de sua mãe, Fritzi. Quando Auschwitz é extinto, mãe e filha iniciam a longa jornada de volta para casa. Elas procuram desesperadamente pelo pai e pelo irmão de Eva, de quem haviam se separado. A notícia veio alguns meses depois: tragicamente, os dois foram mortos.

Este é um depoimento honesto e doloroso de uma pessoa que sobreviveu ao Holocausto. As lembranças e descrições de Eva são sensíveis e vívidas, e seu relato traz o horror para tão perto quanto poderia estar. Mas também traz a luta de Eva para viver carregando o peso de seu terrível passado, ao mesmo tempo em que inspira e motiva pessoas com sua mensagem de perseverança e de respeito ao próximo – e ainda dá continuidade ao trabalho de seu padrasto Otto, pai de Anne Frank, garantindo que o legado de Anne nunca seja esquecido.